

Virginia Woolf

Orlando

Uma biografia



autêntica

Tradução e notas Tomaz Tadeu

Posfácio Silviano Santiago



Virginia Woolf

Orlando

Uma biografia

Virginia Woolf

Orlando *Uma biografia*

TRADUÇÃO E NOTAS

Tomaz Tadeu

POSFÁCIO

Silviano Santiago



Orlando quando menino

Para V. Sackville-West

Prefácio

Muitos amigos me ajudaram na escrita deste livro. Alguns, mortos, e tão ilustres, que mal me atrevo a nomeá-los, embora ninguém possa ler ou escrever sem ficar em perpétua dívida com Defoe, sir Thomas Browne, Sterne, sir Walter Scott, lorde Macaulay, Emily Brontë, De Quincey e Walter Pater – para nomear os primeiros que me vêm à mente. Outros estão vivos e, por isso mesmo, embora talvez, à sua própria maneira, igualmente ilustres, não pareçam tão grandes. Sinto-me especialmente em dívida para com o sr. C. P. Sanger, sem cujo conhecimento das leis sobre a propriedade imobiliária este livro jamais poderia ter sido escrito. A vasta e peculiar erudição do sr. Sydney-Turner poupou-me, assim espero, alguns lamentáveis deslizes. Aproveitei-me – o quanto, só eu posso avaliar – do conhecimento de chinês do sr. Arthur Waley. Madame Lopokova (sra. J. M. Keynes) mostrou-se sempre disposta a corrigir o meu russo. Às inigualáveis simpatia e imaginação do sr. Roger Fry devo qualquer parcela de compreensão que eu possa ter tido da arte da pintura. Em outro setor, beneficiei-me, assim espero, da crítica singularmente penetrante, ainda que severa, de meu sobrinho, o sr. Julian Bell. As infatigáveis pesquisas da srta. M. K. Snowden nos arquivos de Harrogate e de Cheltenham, embora infrutíferas, nem por isso foram menos árduas. Outros amigos me ajudaram das mais variadas formas, o que torna impossível especificá-las. Devo contentar-me em nomear o sr. Angus Davidson; a sra. Cartwright; a srta. Janet Case; lorde Berners (cujo conhecimento da música elisabetana revelou-se inestimável); o sr. Francis Birrell; meu irmão, o dr. Adrian Stephen; o sr. F. L. Lucas; o sr. e a sra. Desmond MacCarthy; o mais encorajador de meus críticos, meu cunhado, o sr. Clive Bell; o sr. G. H. Rylands; lady Colefax; a srta. Nellie Boxall; o sr. J. M. Keynes; o sr. Hugh Walpole; a srta. Violet Dickinson; o honorável Edward Sackville West; o

sr. e a sra. St. John Hutchinson; o sr. Duncan Grant; o sr. e a sra. Stephen Tomlin; lady Ottoline Morrell e o marido; minha sogra, a sra. Sidney Woolf; o sr. Osbert Sitwell; a madame Jacques Raverat; o coronel Cory Bell; a srta. Valerie Taylor; o sr. J. T. Sheppard; o sr. e a sra. T. S. Eliot; a srta. Ethel Sands; a srta. Nan Hudson; meu sobrinho, o sr. Quentin Bell (antigo e valioso colaborador em matéria de ficção); o sr. Raymond Mortimer; lady Gerald Wellesley; o sr. Lytton Strachey; a viscondessa Cecil; a srta. Hope Mirrlees; o sr. E. M. Forster; o honorável Harold Nicolson; e minha irmã, Vanessa Bell – mas a lista ameaça se tornar grande demais e já é ilustre o bastante. Pois, ao mesmo tempo que desperta em mim memórias das mais agradáveis, inevitavelmente provocará no leitor expectativas que o livro só poderá frustrar. Concluirei, pois, agradecendo aos funcionários do Museu Britânico e do Arquivo Nacional por sua habitual cortesia; à minha sobrinha, a srta. Angelica Bell, por um serviço que ninguém a não ser ela poderia ter prestado; e ao meu marido, pela paciência com a qual inevitavelmente me ajudou nas minhas pesquisas e pelo profundo conhecimento histórico ao qual devem estas páginas qualquer grau de precisão que porventura possam ter atingido. Finalmente, agradeceria, se não tivesse perdido o nome e endereço, a um cavalheiro da América, que generosa e gratuitamente corrigiu a pontuação, a botânica, a entomologia, a geografia e a cronologia de algumas de minhas obras anteriores e, assim espero, não poupará seus préstimos na presente ocasião.

V. W.

Capítulo I

ELE — POIS NÃO PODIA HAVER nenhuma dúvida sobre o sexo, embora a moda da época contribuísse para mascará-lo — estava golpeando a cabeça de um mouro que pendia das vigas. Tinha a cor — e mais ou menos a forma — de uma bola velha de futebol, a não ser pelas faces encovadas e uma mecha ou duas de um cabelo duro, encarapinhado, como o de um coco. O pai de Orlando, ou talvez o avô, a arrancara de um golpe dos ombros de um enorme pagão que surgira de repente, sob o luar, nos campos bárbaros da África; e agora balançava, suavemente, perpetuamente, sob o efeito da brisa que nunca parava de soprar pelos quartos do sótão da gigantesca mansão do nobre que o matara.

Os ancestrais de Orlando tinham cavalgado por campos de asfódelo e por campos pedregosos e por campos banhados por estranhos rios e tinham arrancado muitas cabeças, de muitas cores, de muitos ombros, trazendo-as, na volta, para pendurá-las nas vigas. Assim também faria Orlando, jurava ele. Mas como tinha só dezesseis anos e era demasiado jovem para cavalgar com eles pela África e pela França, saía, sem ser percebido pela mãe e pelos pavões do jardim, e ia para seu quarto no sótão e ali talhava e retalhava e aguilhoava o ar com sua lâmina. Às vezes cortava a corda e o crânio rolava pelo chão e tinha de pendurá-lo de novo, prendendo-o, com alguma fidalguia, quase que fora de alcance, fazendo com que o inimigo lhe lançasse, entre lábios murchos, negros, um sorriso franco e triunfante. O crânio balançava para lá e para cá, pois a mansão, no alto da qual morava, era tão vasta que o próprio vento parecia estar confinado ali, soprando de um lado, soprando do outro, fosse inverno ou verão. O pano de arrás verde com estampa de caçadores se mexia o tempo todo. Seus antepassados tinham sido nobres desde sempre. Surgiram das brumas do norte com as cabeças já coroadas. Não eram, por acaso, formadas pelo sol que caía através de um imenso brasão desenhado nos vitrais da janela as

faixas de sombra no quarto e as poças amarelas que quadriculavam o assoalho? Orlando estava agora no meio do corpo amarelo de um leopardo heráldico. Quando pôs a mão no peitoril para abrir a janela, ela instantaneamente se coloriu de vermelho, azul e amarelo, como a asa de uma borboleta. Assim, os que gostam de símbolos e têm pendor para decifrá-los, poderiam observar que embora as bem-torneadas pernas, o belo corpo e os fortes ombros estivessem todos decorados com os variados matizes da luz heráldica, o rosto de Orlando, ao escancarar a janela, era iluminado apenas pelo próprio sol. Impossível encontrar rosto mais cândido, mais circunspecto. Feliz a mãe que gera a vida de alguém assim; mais feliz ainda o biógrafo que a registra! Ela nunca precisará se atormentar; ele nunca sentirá necessidade de invocar a ajuda de romancista ou poeta. Ele deve ir, seu escriba seguindo atrás, de feito em feito, de glória em glória, de investidura em investidura, até atingirem a posição, seja lá qual for, que seja o ápice de seu desejo. Orlando, pelo visto, estava talhado precisamente para uma carreira assim. O rubro de suas faces recobria-se de uma penugem de pêssago; a penugem dos lábios era apenas um pouquinho mais espessa que a das faces. Os lábios, esses, eram finos e levemente repuxados sobre os dentes, que eram de uma alvura rara e amendoada. Nada perturbava a flecha do nariz em seu voo tenso, ligeiro; o cabelo era negro, as orelhas, pequenas, combinando bem com a cabeça. Mas é uma pena que esses catálogos de beleza juvenil não possam terminar sem mencionar fronte e olhos. É uma pena que raramente alguém nasça destituído de todos os três; pois, assim que vemos Orlando de pé junto à janela, temos de admitir que ele tinha olhos que eram como violetas encharcadas, tão grandes que a água parecia tê-los desbordado, alargando-os; e uma fronte que era como o bojo de uma abóbada de mármore espremida entre os dois medalhões lisos que eram suas têmporas. Assim que vemos os olhos e a fronte, começamos os louvores. Assim que vemos os olhos e a fronte, temos de admitir mil detalhes desagradáveis que todo bom biógrafo tem por objetivo ignorar. Certas visões perturbavam-no, como a de sua mãe, uma dama muito bonita vestida de verde, saindo para dar comida aos pavões com Twitchett, sua criada, atrás; certas visões extasiavam-no – os pássaros e as árvores; e faziam-no apaixonar-se pela morte – o céu ao anoitecer, as gralhas recolhendo-se; e assim, subindo a escada em caracol que conduzia ao seu

cérebro, que era bem espaçoso, todas essas visões, e também os sons do jardim, o martelo batendo, a lenha sendo cortada, deram início àquele tumulto e confusão de paixões e emoções que todo bom biógrafo detesta. Mas continuando – Orlando retirou devagar a cabeça da janela, sentou-se à mesa e, com o jeito semiconsciente de quem faz o que faz todos os dias de sua vida a essa hora, tirou um caderno intitulado “Æthelbert: Uma tragédia em cinco atos” e mergulhou na tinta uma pena de ganso velha e cheia de manchas.

Logo tinha enchido dez páginas ou mais com versos. Era fluente, é claro, mas abstrato. O Mal, o Crime, a Desgraça eram os personagens de seu drama; havia reis e rainhas de territórios impossíveis; sórdidas intrigas desconcertavam-nos; nobres sentimentos impregnavam-nos; não havia nunca uma palavra que fosse dita da forma que ele mesmo teria dito, mas tudo era vertido com uma fluência e uma delicadeza que, considerando sua idade – ainda não tinha chegado aos dezessete – e que o século dezesseis ainda tinha alguns anos pela frente, eram mais do que notáveis. Finalmente, entretanto, fez uma pausa. Estava descrevendo, como fazem sempre todos os jovens poetas, a natureza, e para acertar com precisão o matiz de verde olhou (e aqui revelava mais audácia que a maioria) para a própria coisa, que por acaso era um pé de louro que crescia debaixo da janela. Depois disso, é claro, não conseguiu escrever mais nada. O verde na natureza é uma coisa, o verde na literatura, outra. A natureza e as letras parecem nutrir uma mútua e instintiva antipatia; junte-as e uma destruirá a outra. O matiz de verde que Orlando via agora estragava-lhe a rima e quebrava-lhe o metro. Além disso, a natureza tem seus próprios truques. Basta observar pela janela as abelhas entre as flores, um cão bocejante, o pôr do sol, basta pensar “quantos sóis mais verei ainda se porem”, etc., etc. (o pensamento é por demais conhecido para valer a pena desenvolvê-lo), para deixar cair a pena, pegar o casaco, sair do quarto a passos largos e tropeçar, no caminho, numa arca pintada. Pois Orlando era um tantinho desajeitado.

Cuidou para não encontrar ninguém. Ali vinha Stubbs, o jardineiro, caminhando pela trilha. Escondeu-se atrás de uma árvore até ele passar. Escapuliu por uma portinhola que havia no muro do jardim. Passou ao largo de todos os estábulos, canis, cervejarias, carpintarias, lavanderias, lugares onde se fabricam velas de sebo, matam bois, forjam ferraduras,

cerzem gibões (pois a propriedade era como um vilarejo, zumbindo com homens ocupados em seus variados ofícios), chegando, sem ser visto, à trilha marcada por samambaias que passava, subindo a colina, pelo parque. Há, talvez, um parentesco entre os diferentes traços de personalidade; um carrega o outro; e o biógrafo deveria, neste ponto, chamar a atenção para o fato de que essa falta de jeito vem, com frequência, conjugada com um gosto pela solidão. Tendo tropeçado numa arca, era natural que Orlando gostasse de lugares solitários, paisagens amplas, e de se sentir, sempre e para todo o sempre, só.

Assim, após um longo silêncio, “estou só”, exalou ele, enfim, abrindo os lábios pela primeira vez neste relato. Tinha caminhado muito ligeiro colina acima, por entre samambaias e espinheiros, espantando cervos e pássaros silvestres, até chegar a um lugar encimado por um carvalho solitário. Era um lugar muito alto, tão alto, na verdade, que dezenove condados ingleses podiam ser vistos lá embaixo; e, em dias claros, trinta ou talvez quarenta, se o tempo estivesse muito bom. Às vezes, podia-se ver o Canal da Mancha, uma onda multiplicando-se sobre a outra. Podia-se ver rios nos quais deslizavam barcos de passeio; e galeões lançando-se ao mar; e, soltando baforadas de fumaça, navios de guerra, dos quais vinha o monótono matraquear do disparo de canhões; e fortes na costa; e castelos por entre as campinas; e aqui uma atalaia; e ali uma fortaleza; e, de novo, uma vasta propriedade, como a do pai de Orlando, agrupada como um vilarejo, no vale cercado por muralhas. A leste, havia as agulhas dos edifícios e igrejas de Londres e a fumaça da cidade; e, talvez, bem na linha do horizonte, quando o vento soprava na direção certa, até mesmo o escarpado cume e as serrilhadas arestas da montanha Snowdon se revelassem, imensos, entre as nuvens. Por um instante, Orlando ficou parado, contando, contemplando, reconhecendo. Aquela era a casa do pai; aquela, a do tio. A tia era dona daqueles três grandes torreões, lá entre as árvores. A charneca era deles, e a floresta; o faisão e o cervo, a raposa, o texugo e a borboleta.

Suspirou profundamente, e atirou-se – havia, em seus movimentos, uma paixão digna da palavra – à terra aos pés do carvalho. Gostava de sentir, por sob toda essa transitoriedade do verão, a espinha da terra por debaixo dele; pois era assim que via a raiz firme do carvalho; ou, pois uma imagem se sucedia à outra, era o lombo de um grande cavalo que estivesse

montando, ou o convés de um sacolejante navio – era, na verdade, qualquer coisa, desde que fosse firme, pois sentia a necessidade de algo ao qual pudesse fixar seu oscilante coração; o coração que lhe rasgava o lado do peito; o coração que parecia, todas as tardezinhas, a esta hora, quando saía para passear, ser invadido por aragens pungentes e amorosas. Ao carvalho, pois, ele o prendeu e, enquanto permanecia aí deitado, a palpação dentro dele e à sua volta pouco a pouco serenava; as pequenas folhas se imobilizavam, o cervo se detinha; as pálidas nuvens de verão estacionavam; seus membros pesavam mais no chão; e ele ficou tão imóvel que, aos poucos, o cervo chegou mais perto e as gralhas giravam à sua volta e as andorinhas mergulhavam e voavam em círculo e as libélulas passavam zunindo, como se toda a fertilidade e a atividade amorosa de uma tardezinha de verão se enredassem feito teia ao redor de seu corpo.

Após uma hora mais ou menos – o sol se punha rapidamente, as nuvens brancas tinham se tornado rubras, as colinas se vestiam de violeta, as florestas, de púrpura, os vales, de negro – uma trombeta soou. De um salto, Orlando se pôs de pé. O som estridente vinha do vale. Vinha de um ponto escuro lá embaixo; um ponto compacto e delimitado; um labirinto; um vilarejo, ainda que ladeado por muralhas; vinha do coração de sua enorme mansão no vale, a qual, antes escura, perdia, no momento mesmo em que ele olhava e a trombeta solitária se dobrava e redobrava em outros sons estridentes, seu negrume e se alfinetava de luzes. Umas eram luzinhas apressadas, como se criados estivessem se precipitando pelos corredores para atender a chamados; outras eram luzes fulgurantes em altos candelabros, como se estivessem ardendo em salões de banquete vazios, aprontados para convidados que não vieram; e outras mergulhavam e ondulavam e baixavam e se erguiam, como se carregadas pelas mãos de batalhões de serviçais que se inclinavam, se ajoelhavam, se levantavam, recebendo, protegendo, escoltando para dentro, com toda a dignidade, uma grande princesa que descia de sua carruagem. No pátio, coches manobravam e circulavam. Cavalos sacudiam seus penachos. A rainha tinha chegado.

Orlando não olhava mais. Precipitou-se colina abaixo. Entrou por uma portinhola. Subiu correndo a escada em caracol. Chegou ao quarto. Jogou as meias num lado, o gibão no outro. Banhou a cabeça. Lavou as mãos. Aparou as unhas. Tendo como ajuda não mais do que quinze centímetros

de espelho e um par de velas gastas, enfiara, em menos de dez minutos, contados pelo relógio do estábulo, bragas carmesins, gola de renda, colete de tafetá e sapatos enfeitados com rosetas tão grandes quanto dalias gigantes. Estava pronto. Estava afogueado. Estava agitado. Mas estava terrivelmente atrasado.

Por atalhos que lhe eram familiares, abria agora caminho por entre o extenso emaranhado de quartos e escadarias, em direção ao salão de banquetes situado no outro lado da mansão, a mais de dois hectares de distância. Mas a meio caminho, nos aposentos dos fundos, onde moravam os criados, parou. A porta da sala de estar da sra. Stewkley estava aberta – ela tinha saído, sem dúvida, com todas as suas chaves, para se colocar à disposição de sua senhora. Mas ali, sentado à mesa do refeitório dos criados, com uma caneca de estanho ao lado e uma folha de papel à sua frente, estava um homem bastante gordo e maltrapilho, cuja gola estava um tanto suja e cujas roupas eram de uma lã grossa de cor parda. Segurava uma pena, mas não estava escrevendo. Parecia estar revolvendo algum pensamento na mente, jogando-o para cima e para baixo e de um lado para o outro, até adquirir a forma ou a força que fosse de seu agrado. Seus olhos, globulosos e embaçados como alguma pedra verde de curiosa textura, estavam fixos. Não viu Orlando. Apesar da pressa toda, Orlando ficou ali, paralisado. Era um poeta? Estava escrevendo versos? “Conte-me”, queria dizer, “tudo sobre o mundo todo” – pois ele tinha as mais loucas, as mais absurdas, as mais extravagantes ideias sobre poetas e poesia – mas como falar a um homem que não nos vê? que vê, em vez disso, ogros, sátiros, talvez as profundezas do mar? Assim, Orlando ficou ali, observando, enquanto o homem girava a pena entre os dedos, para lá e para cá; e sonhava, com os olhos fixos; e, então, muito rapidamente, escreveu meia dúzia de linhas e ergueu os olhos. Com isso, Orlando, tomado pela timidez, saiu correndo, chegando ao salão de banquetes ainda a tempo de ajoelhar-se e, confuso, baixando a cabeça, oferecer uma bacia com água de rosas à grande rainha em pessoa.

Tão grande era a sua timidez que dela não via mais que as mãos cheias de anéis, imersas na água; mas era o bastante. Era uma mão memorável; uma mão fina, com dedos longos, sempre se arqueando, como se em volta de orbe ou cetro; uma mão nervosa, retorcida, malsã; uma mão imperiosa também; uma mão que bastava se erguer para fazer cair uma cabeça; uma

mão, adivinhava ele, presa a um corpo velho que cheirava como um armário no qual peles são conservadas em cânfora; mas um corpo que estava ataviado com toda espécie de joias e brocados; e que se mantinha muito ereto, embora, talvez, com dores, por causa da ciática; e que nunca vacilava, ainda que preso de mil temores; e os olhos da rainha eram de um amarelo-claro. Tudo isso ele sentia enquanto os imensos anéis faiscavam na água e, então, alguma coisa pressionou-lhe o cabelo – o que, talvez, explique o fato de ele não ter visto mais nada que pudesse ser útil ao historiador. E sua mente era, na verdade, uma confusão tão grande de opostos – a noite e as reluzentes velas, o poeta maltrapilho e a grande rainha, os campos silenciosos e a algazarra dos criados – que ele não conseguia ver nada; ou apenas uma mão.

Da mesma maneira, a própria rainha pode ter visto apenas uma cabeça. Mas se é possível de uma mão deduzir um corpo, conhecendo-se todos os atributos de uma grande rainha – irritabilidade, coragem, fragilidade e terror – uma cabeça, observada do alto do trono por uma dama cujos olhos estavam, a se crer nas estátuas de cera da Abadia, sempre bem abertos, pode com certeza ser igualmente fértil. Os cabelos longos, cacheados, a cabeça negra tão reverentemente, tão inocentemente inclinada à sua frente, sugeriam um par das mais belas pernas sobre as quais jamais se sustentara um jovem nobre; e olhos violeta; e um coração de ouro; e lealdade e feitiço varonil – qualidades todas que à velha senhora tanto mais encantavam quanto mais lhe iam escasseando. Pois estava ficando velha e carcomida e alquebrada antes do tempo. O som do canhão estava sempre em seus ouvidos. Via sempre a cintilante gota de veneno e o longo punhal. Quando se sentava à mesa, punha-se à escuta; ouvia os disparos no Canal; tinha medo... era aquilo uma maldição, era aquilo um murmúrio? A inocência, a simplicidade lhe eram tanto mais caras quando vistas contra o fundo negro contra o qual ela as punha. E foi nessa mesma noite, assim reza a tradição, enquanto Orlando estava em sono profundo, que ela presenteou formalmente, apondo, por fim, sua assinatura e seu sinete ao pergaminho, a imensa mansão monástica que tinha sido do arcebispo e depois do rei ao pai de Orlando.

Orlando dormiu toda a noite na mais santa ignorância. Fora, sem saber, beijado por uma rainha. E, talvez, pois os corações das mulheres são intrincados, tenha sido a ignorância dele e o sobressalto que teve quando

os lábios dela o tocaram que mantiveram viva na mente da rainha a memória do jovem primo (pois tinham o mesmo sangue). De qualquer maneira, não tinham ainda se passado dois anos dessa tranquila vida de campo, e Orlando não tinha escrito, talvez, mais do que vinte tragédias e uma dúzia de contos e uma vintena de sonetos, quando chegou uma mensagem dizendo que devia se apresentar à rainha em Whitehall.

“Aqui”, disse ela, vendo-o descer a longa galeria em sua direção, “vem o meu inocente!” (Havia nele, sempre, uma serenidade que se parecia com a inocência quando, tecnicamente, a palavra não era mais aplicável.)

“Venha!”, disse ela. Estava rigidamente sentada ao lado da lareira. E fez com que parasse a um passo de distância, examinando-o de cima a baixo. Estava cotejando suas conjecturas da outra noite com a verdade agora visível? Concluía que suas suspeitas eram justificadas? Olhos, boca, nariz, peito, quadris, mãos – ela os percorreu com minúcia; seus lábios se crispavam visivelmente enquanto observava; mas quando viu as pernas, deu uma boa risada. Ele era a exata imagem de um cavalheiro da nobreza. Mas, e no interior? Ela o dardejou com seus olhos amarelos de águia, como se lhe trespassasse a alma. O jovem cavalheiro sustentou-lhe o olhar, apenas colorindo o rosto, do jeito que lhe assentava, de um rosa adamascado. Força, graça, romantismo, desvario, poesia, juventude – lia-o como uma página. Logo tirou um anel do dedo (a articulação estava bastante inchada) e, enquanto ajustava-o ao dele, designou-o seu tesoureiro e mordomo-mor; em seguida, pendurou-lhe ao pescoço as correntes próprias da função; e intimando-o a dobrar o joelho, enlaçou-o, na sua parte mais fina, com a fita cravada de joias da Ordem da Jarreteira. Nada depois disso lhe era negado. Quando ela saía com grande pompa, ele a acompanhava a cavalo junto à porta da carruagem. Enviou-o à Escócia numa triste missão diplomática junto à desditosa rainha. Estava prestes a partir em navio para as guerras polonesas quando ela o chamou de volta. Pois como podia ela suportar o pensamento daquela tenra carne em pedaços e daquela cabeça cacheada rolando na poeira? Manteve-o junto dela. No auge de seu triunfo, quando os canhões ribombavam na Torre e o ar estava tão carregado de pólvora que provocava espirros e os hurras do povo ressoavam sob as janelas, ela o puxou para o meio das almofadas em que as criadas a tinham acomodado (estava tão decrépita e velha), fazendo com que ele enterrasse o rosto naquela espantosa composição – ela não

trocava o vestido fazia um mês – que cheirava, sem tirar nem pôr, pensou ele, puxando recordações de seu tempo de menino, como algum velho armário lá de casa, onde as peles da mãe eram guardadas. Ele se pôs de pé, meio sufocado com o abraço. “É a minha vitória!”, suspirou ela – no exato momento em que um foguete troava, tingindo-lhe as faces de escarlata.

Pois a velha senhora o amava. E a rainha, que sabia reconhecer um homem quando **via um deles**, embora, dizia-se, não da forma costumeira, traçou para ele uma carreira esplêndida e ambiciosa. Terras lhe seriam doadas, mansões, aquinhoadas. Ele seria o filho de sua velhice; o amparo na sua doença; o carvalho no qual escoraria sua degradação. Ela rouquejava essas promessas e essas estranhas e imperiosas meiguices (estavam, agora, em Richmond) rigidamente sentada, em seus duros brocados, ao lado da lareira que, por mais que a alimentassem, nunca a mantinha aquecida.

Entrementes, os longos meses de inverno se estendiam. Cada uma das árvores do parque estava coberta de geada. O rio corria morosamente. Um dia, quando a neve cobria o chão e os lúgubres quartos revestidos de lambris estavam cheios de sombras e os cervos baliavam no parque, ela viu no espelho (que mantinha, por medo de espiões, sempre junto dela), pela porta (que mantinha, por medo de assassinos, sempre aberta), um garoto (seria Orlando?) beijando uma garota (quem, com os diabos, seria a moça atrevida?). Puxando a espada de punho dourado, golpeou o espelho com violência. O cristal se fez em pedaços; algumas pessoas acudiram correndo; ela foi erguida e reacomodada na cadeira; mas ficou devastada depois disso e, à medida que seus dias se aproximavam do fim, se queixava muito da traição dos homens.

Era culpa de Orlando, talvez; mas, devemos, afinal, culpar Orlando? A época era a elisabetana; sua moral não era a nossa; nem seus poetas; nem seu clima; nem mesmo suas hortaliças. Tudo era diferente. O próprio tempo – o calor do verão e o frio do inverno – era, podemos pensar, toda uma outra coisa. O brilhante e adorável dia era tão radicalmente apartado da noite quanto a terra da água. Os poentes eram mais rubros e mais intensos; as auroras, mais alvas e mais fulgentes. De nossas meias-luzes crepusculares e de nossos demorados lusco-fuscos nada sabiam. A chuva caía com violência ou simplesmente não caía. O sol ardia ou era tudo escuridão. Transpondo isso para as regiões espirituais, como é seu

costume, os poetas cantavam com graça o modo como as rosas fenecem e as pétalas caem. O momento é breve, cantavam eles; o momento passava; todos dormirão, depois, uma longa e eterna noite. Quanto a lançar mão dos artifícios dos viveiros ou estufas para prolongar a vida desses cravos e rosas ou mantê-los frescos, essa não era sua maneira de agir. As estêreis minúcias e ambiguidades de nossa época, mais afeita às gradações e às dúvidas, eram deles desconhecidas. A violência era tudo. A flor se abria e murchava. O sol se levantava e se punha. O amante amava e partia. E o que os poetas diziam em rima, os jovens colocavam em prática. As moças eram rosas, e sua floração tão curta quanto a das flores. Era preciso colhê-las antes do anoitecer; pois o dia era breve e o dia era tudo. Assim, se Orlando seguia o exemplo do clima, dos poetas, da própria época, e colhia suas flores no banco junto à janela, apesar da neve no chão e da rainha vigilante no corredor, dificilmente podemos culpá-lo. Era jovem; era um rapazote ainda; não fez nada mais do que aquilo que a natureza lhe ditava. Quanto à garota, não sabemos, tal como a própria rainha Elizabeth, qual era seu nome. Pode ter sido Dóris, Clóris, Délia ou Diana, pois ele fazia rimas para todas, cada uma por sua vez; da mesma forma, tanto pode ter sido uma dama da corte ou alguma copeira. Pois o gosto de Orlando era amplo; não apreciava apenas as flores de jardim; as flores silvestres e as ervas daninhas também sempre exerceram fascínio sobre ele.

Neste ponto, na verdade, pomos a nu, rudemente, como é permitido a um biógrafo, um curioso traço seu, explicável, talvez, pelo fato de que uma avó sua usara avental e carregara baldes de leite. Alguns torrões da terra de Kent ou de Sussex tinham se misturado com o fino e delicado fluido que lhe veio da Normandia. Ele jurava que a mistura de terra marrom com sangue azul era boa. É certo que sempre tivera preferência pela companhia dos de baixo, especialmente de pessoas alfabetizadas, cuja sagacidade acaba, com muita frequência, contribuindo para mantê-los nessa posição, como se houvesse entre eles uma afinidade de sangue. Nesta quadra de sua vida, quando sua cabeça transbordava de rimas e nunca ia para a cama sem improvisar algum floreio, o rosto da filha de um estalajadeiro parecia mais fresco que o das damas da corte, e a presença de espírito da sobrinha de um guarda-caça mais ágil que a delas. Ele começou, assim, a ir com frequência, à noite, às Wapping Old Stairs e às cervejarias, envolto numa capa cinza para esconder a estrela pendurada no

pescoço e a jarreteira em volta do joelho. Ali, um caneco à sua frente, por entre as vielas cobertas de areia e os gramados do jogo de bola de pau e toda a arquitetura simples desses lugares, ouvia, contadas pelos marinheiros, as histórias de tribulação e horror e crueldade passadas no mar das Antilhas; de como alguns tinham perdido os dedos dos pés, outros, o nariz – pois a história falada nunca é tão torneada ou tão delicadamente colorida quanto a escrita. Gostava, especialmente, de ouvi-los soltarem a voz em suas canções dos Açores, enquanto os papagaios, que haviam trazido daqueles lados, bicavam-lhes os brincos na orelha, beliscavam-lhes, com seus duros e vorazes bicos, os rubis nos dedos, e praguejavam tão maldosamente quanto seus donos. As mulheres não eram muito menos atrevidas em suas palavras nem muito menos livres em seus modos que as aves. Encarapitavam-se em seus joelhos, jogavam os braços em volta de seu pescoço e, adivinhando que algo fora do comum se ocultava sob sua grossa capa de lã, se mostravam quase tão ansiosas quanto o próprio Orlando por conhecer o que de verdade havia nisso.

E tampouco faltavam oportunidades. O rio era agitado, de manhã e de noite, por barcas, botes e embarcações de toda espécie. Todos os dias algum magnífico navio saía ao mar, rumo às Índias; de vez em quando, algum outro, enegrecido e todo arrebetado, com homens peludos a bordo, arrastava-se penosamente tentando ancorar. Ninguém dava pela falta de um garoto ou uma garota que se demorasse um pouco nalgum barco após o pôr do sol; ninguém, tampouco, se mostrava escandalizado se corresse o boato de que um garoto e uma garota tinham sido vistos dormindo profundamente, a salvo, um nos braços do outro, entre as sacas do tesouro. Essa, de fato, foi a aventura em que se envolveram Orlando, Sukey e o conde de Cumberland. O dia estava quente; suas paixões tinham estado em ebulição; eles tinham adormecido entre os rubis. Tarde naquela noite, o conde, cuja fortuna vinha em grande parte de expedições de pilhagem à Espanha, veio, sozinho, com uma lanterna, conferir o butim. Fez a luz da lanterna recair sobre um tonel. Recuou, praguejando. Deitados juntinhos em volta do tonel, dois espíritos dormiam. Supersticioso por natureza, e com a consciência pesada por demasiados crimes, o conde tomou o casal – estavam enrolados numa capa vermelha, e os seios de Sukey eram quase tão brancos quanto as neves eternas dos versos de Orlando – por um fantasma saído das tumbas de marinheiros mortos por afogamento para

maldizê-lo. Fez o sinal da cruz. Jurou arrependimento. A fileira de asilos de caridade ainda em pé na Sheen Road é o fruto visível desse pânico repentino. Hoje doze velhas pobres da paróquia têm chá para tomar e à noite dão graças ao Senhor por terem um teto sobre suas cabeças; assim, o amor ilícito num navio cheio de tesouros... mas deixemos a moral de lado.

Logo, entretanto, Orlando se cansou, não apenas do desconforto desse tipo de vida e das confusas ruas dessa zona, mas também dos costumes primitivos das pessoas. Pois é preciso lembrar que o crime e a pobreza não tinham, para os elisabetanos, nada da atração que têm para nós. Não tinham nada de nossa vergonha moderna relativamente à aprendizagem livresca; nada de nossa crença de que ter nascido filho de um açougueiro é uma benção e ser incapaz de ler, uma virtude; nada da ilusão de que aquelas coisas que chamamos de “vida” e de “realidade” estão, de alguma forma, ligadas à ignorância e à brutalidade; nem, na verdade, qualquer equivalente para essas duas palavras. Não foi em busca da “vida” que Orlando se misturou a eles; não foi em busca da “realidade” que ele os abandonou. Mas depois de ouvir umas vinte vezes como Jakes tinha perdido o nariz e Sukey, sua honra – e contavam histórias de maneira admirável, deve-se admitir – ele começou a se cansar um pouco da repetição, pois um nariz só pode ser cortado de um modo e a virgindade, perdida de outro – era, pelo menos, o que achava – enquanto as artes e as ciências tinham uma diversidade que atiçava profundamente sua curiosidade. Assim, sempre conservando delas uma boa lembrança, deixou de frequentar as cervejarias e as canchas de boliche, pendurou a capa cinzenta no armário, deixou a estrela brilhar no pescoço e a jarreteira cintilar no joelho e se apresentou uma vez mais na corte do rei James. Era jovem, era rico, era bonito. Ninguém teria sido recebido com maior aclamação do que ele.

É mesmo certo que muitas damas estavam dispostas a lhe conceder seus favores. Os nomes de três, pelo menos, estiveram abertamente ligados ao dele pela promessa de casamento – Clorinda, Favila, Eufrosina. Era como as chamava em seus sonetos.

Para tratar delas na devida ordem: Clorinda era uma dama, nem mais nem menos, doce e gentil – na verdade, Orlando esteve encantadíssimo por ela durante seis meses e meio; mas ela tinha cílios brancos e não suportava ver sangue. Uma lebre assada, trazida à mesa do pai, fazia com que

desmaiasse. Além disso, era muito influenciada pelos padres e economizava na roupa de baixo para poder ajudar os pobres. Ela se propôs livrar Orlando de seus pecados, o que o deixou desgostado; abdicou, pois, do casamento e não lamentou muito quando ela morreu de varíola logo depois.

Favila, que vem em seguida, era de um tipo bem diferente. Era filha de um fidalgo pobre de Somersetshire; que, por pura persistência e hábil uso dos olhos, tinha ascendido na corte, onde sua destreza na equitação, seus delicados pés e sua graça na dança ganharam a admiração de todos. Uma vez, entretanto, teve a má ideia de bater, debaixo da janela de Orlando, num spaniel que rasgara uma de suas meias de seda (e deve ser dito, para fazer justiça, que Favila tinha poucas meias e elas eram, na maior parte, de lã grosseira), deixando-o à beira da morte. Orlando, que era um amante apaixonado dos animais, via agora que os dentes dela eram tortos, com os dois da frente virados para dentro, o que é, dizia ele, nas mulheres, sinal certo de uma inclinação perversa e cruel, quebrando assim para sempre o compromisso, naquela mesma noite.

A terceira, Eufrosina, foi, de longe, a mais séria de suas paixões. Ela era, de nascença, da família irlandesa dos Desmond, e tinha, pois, uma árvore genealógica tão antiga e tão profundamente enraizada quanto a do próprio Orlando. Era loira, rosada e um tantinho fleumática. Falava bem o italiano, tinha dentes perfeitos na arcada superior, mas os da inferior eram levemente descoloridos. Nunca estava sem um galgo ou um spaniel no colo; ela os alimentava com pão branco tirado do próprio prato; cantarolava docemente ao som do virginal; e nunca terminava de vestir-se antes do meio-dia em virtude do extremo cuidado que reservava à sua pessoa. Em suma, ela teria sido uma esposa perfeita para um nobre como Orlando, e as coisas estavam tão avançadas que os advogados de ambas as partes estavam ocupados com contratos, arras, acordos, direitos de propriedade, provisão de habitações e tudo o mais que se faz necessário antes que uma grande fortuna possa se unir a outra, quando, com a surpresa e o rigor que então caracterizavam o clima inglês, sobreveio a Grande Geada.

A Grande Geada foi, nos contam os historiadores, a mais rigorosa das que um dia castigaram estas ilhas. Os pássaros congelavam em pleno voo e caíam no chão como pedras. Em Norwich, uma jovem camponesa

começava a atravessar a rua, na sua robusta saúde de sempre, quando passantes a viram, ao ser surpreendida na esquina pela rajada de vento gelado, pulverizar-se diante de seus olhos e ser soprada como um filete de poeira para cima dos telhados. A mortalidade nos rebanhos de carneiros e bois era enorme. Os cadáveres viravam gelo e não podiam ser desgrudados dos lençóis. Não era uma vista incomum dar com uma fila inteira de porcos congelados, imobilizados no meio da estrada. Os campos estavam cheios de juntas de cavalos, de pastores, lavradores e meninos encarregados de espantar os passarinhos, todos parados no gesto do momento, um com a mão no nariz, outro com a garrafa na boca, um terceiro com uma pedra na mão para jogar nos corvos que estavam imóveis sobre a sebe, como que empalhados, a um metro dele. O rigor da geada era tão extraordinário que às vezes resultava numa espécie de petrificação; e era comum se acreditar que o grande aumento de rochas em algumas partes de Derbyshire devia-se não a uma erupção, pois não tinha havido nenhuma, mas à solidificação de infelizes viandantes que tinham literalmente virado pedra no lugar em que se encontravam. A Igreja pouco podia fazer quanto a isso, e embora alguns donos de terra tivessem mandado benzer essas relíquias, a maior parte preferiu usá-las como balizas, como postes para as ovelhas se coçarem ou, quando a forma da pedra permitia, como bebedouros para o gado, propósitos aos quais, em geral, se prestam admiravelmente até hoje.

Mas enquanto, no campo, as pessoas passavam por necessidades extremas e o comércio estava paralisado, Londres se divertia num carnaval dos mais brilhantes. A corte estava em Greenwich e o novo rei aproveitou a oportunidade que a coroação lhe dava para ganhar a simpatia dos cidadãos. Deu instruções para que o rio, que estava congelado a uma profundidade de mais de seis metros, ao longo de ambas as margens, fosse varrido, decorado e ganhasse todo o aspecto de um parque de diversões, com pérgolas, labirintos, aleias, quiosques com bebidas, etc., tudo à sua custa. Para si próprio e os cortesões, reservou certo espaço bem em frente aos portões do Palácio; o qual, separado do público apenas por uma corda de seda, logo se tornou o centro da mais brilhante sociedade da Inglaterra. Grandes estadistas, com suas barbas e golas de rufos, despachavam negócios de Estado sob o toldo carmesim do Pavilhão Real. Em pérgolas fechadas com panos de raias coloridas e cobertas com plumas de avestruz,

soldados planejavam a conquista dos mouros e a queda dos turcos. Almirantes caminhavam a passos largos, de um lado para o outro, pelas estreitas trilhas, esquadrinhando, luneta em punho, o horizonte e contando histórias sobre a passagem do noroeste e sobre a Invencível Armada. Amantes se divertiam em divãs cobertos de zibelina. Rosas congeladas caíam em chuviscos quando a rainha e suas damas saíam a passeio. Balões coloridos pairavam no ar. Aqui e ali ardiam enormes fogueiras de cedro e carvalho, profusamente respingadas de sal, fazendo com que **as chamas fossem** verde, laranja, violeta. Mas por mais ferozmente que ardessem, o calor não era suficiente para derreter o gelo que, embora de uma transparência singular, tinha ainda a dureza do aço. Era, na verdade, tão cristalino que se conseguia ver aqui um boto, ali um linguado, congelados a uma profundidade de muitos metros. Cardumes de enguias estavam paralisados, em transe hipnótico, mas se seu estado era de morte ou meramente de vida em suspensão que o calor reanimaria era algo que deixava os filósofos perplexos. Perto da Ponte de Londres, onde o rio congelara a uma profundidade de umas vinte braças, uma barça naufragada estava perfeitamente visível, parada no meio do rio, no lugar em que afundara, carregada de maçãs, no último outono. A velha da barça, que estava levando suas frutas para o mercado na praia de Surrey, estava ali sentada, com seus xales axadrezados e suas anquinhas, o colo cheio de maçãs, como se, para todos os efeitos, estivesse prestes a atender um freguês, embora um certo arroxeador em volta dos lábios denunciase a verdade. Era uma cena que o rei James gostava, de modo especial, de contemplar, fazendo-se acompanhar por um séquito de cortesões para ficar admirando junto com ele. Em suma, nada durante o dia era capaz de exceder o esplendor e o divertimento da cena. Mas era à noite que o carnaval atingia o máximo de sua alegria. Pois o gelo continuava inabalável; as noites eram de perfeita calma; a lua e as estrelas cintilavam com a rígida fixidez do diamante e os cortesões dançavam ao som da bela música da flauta e da trombeta.

Orlando, é verdade, não era dos que seguiam com leveza os passos do coranto e da lavolta; era desajeitado e um pouco desatento. Preferia, a esses extravagantes compassos estrangeiros, os ritmos simples de sua terra, que dançava quando criança. Ele mal tinha se endireitado, pelas seis da tarde de sete de janeiro, ao final de uma quadrilha ou minueto qualquer,

quando viu, saindo do pavilhão da Embaixada Moscovita, uma figura que, fosse de rapaz ou mulher, pois a túnica e as calças amplas da moda russa serviam para mascarar o sexo, despertou-lhe a maior curiosidade. A pessoa, qualquer que fosse o nome ou sexo, era de estatura média, esbelta de forma e estava inteiramente vestida em veludo cor de ostra, enfeitado com alguma pele esverdeada e desconhecida. Mas esses detalhes eram obscurecidos pelo extraordinário poder de sedução que emanava da pessoa como um todo. Imagens, metáforas, das mais extremas e extravagantes, se casavam e se emaranhavam em sua mente. Chamou-a melão, abacaxi, oliveira, esmeralda e raposa sobre a neve, tudo no espaço de três segundos; não sabia se a tinha ouvido, provado, visto ou as três coisas juntas. (Pois embora não devamos deter a narrativa nem por um momento, podemos, neste ponto, registrar ligeiramente que todas as suas imagens, estavam, nessa época, em correspondência com os seus sentidos, simples ao extremo, e eram, em geral, extraídas de coisas cujo gosto tinham lhe agradado quando menino. Mas se seus sentidos eram simples, eram, ao mesmo tempo, extremamente fortes. Deter-nos, portanto, para buscar as razões das coisas está fora de questão.) ...Um melão, uma esmeralda, uma raposa sobre a neve – assim ele delirava, assim ele olhava maravilhado. Quando o rapaz, pois, ai, devia ser um rapaz – nenhuma mulher conseguiria patinar com tanta rapidez e energia – passou voando por ele quase na ponta dos pés, Orlando estava prestes a arrancar os cabelos, pelo desgosto de ver que a pessoa era de seu próprio sexo, e quaisquer intimidades estavam, assim, fora de questão. Mas a pessoa que patinava chegou mais perto. As pernas, as mãos, a postura eram de rapaz, mas nunca rapaz nenhum teve boca assim; rapaz nenhum teve esses seios; rapaz nenhum teve olhos que eram como se tivessem sido pescados do fundo do mar. Por fim, parando e estendendo, com a maior graça, uma vênua ao rei, que passava, se arrastando, de braços com um camarista, a criatura sobre patins se deteve. Não estava a mais que um palmo de distância. Era uma mulher. Orlando olhou fixamente; tremeu; sentiu calor; sentiu frio; ficou desejoso de se jogar num ar de verão; desejou esmigalhar bolotas de carvalho sob os pés; agitar os braços junto com as faias e os carvalhos. Na realidade, repuxou os lábios sobre os pequenos e brancos dentes; abriu-os talvez um centímetro como se para morder; fechou-os como se tivesse mordido. Lady Eufrosina pendurava-se em seu braço.

O nome da estrangeira criatura, descobriu ele, era princesa Marousha Stanilovska Dagmar Natasha Iliana Romanovitch, e ela viera na comitiva do embaixador moscovita, que era talvez seu tio, ou talvez seu pai, para assistir à coroação. Muito pouco se sabia sobre os moscovitas. Ficavam sentados, quase mudos, com suas longas barbas e seus chapéus de pele; tomavam algum líquido escuro que, de vez em quando, cuspiam no gelo. Nenhum deles falava inglês, e o francês, que ao menos alguns conheciam, era então pouco falado na corte inglesa.

Foi por esse detalhe que Orlando e a princesa se conheceram. Estavam sentados frente a frente na grande mesa preparada, sob um enorme toldo, para a recepção dos notáveis. A princesa estava acomodada entre dois jovens nobres, um, o lorde Francis Vere, e o outro, o jovem conde de Moray. Era cômico ver o apuro em que ela logo os colocou, pois embora fossem ambos, à sua maneira, dois bons rapazes, uma criança ainda por nascer tinha tanto conhecimento da língua francesa quanto eles. Quando, no começo da ceia, a princesa se voltou para o conde e disse, com uma graça que arrebatou o coração de Orlando: “Je crois avoir fait la connaissance d’un gentilhomme qui vous était apparenté en Pologne l’été dernier.” ou “La beauté des dames de la cour d’Angleterre me met dans le ravissement. On ne peut voir une dame plus gracieuse que votre reine, ni une coiffure plus belle que la sienne.”, tanto lorde Francis quanto o conde se mostraram extremamente embaraçados. Um serviu-a de uma porção exagerada de molho de raiz-forte, o outro assobiou para o seu cachorro, obrigando-o a implorar por um pedaço de tutano. Com isso, a princesa não pôde mais conter o riso, e Orlando, atraindo-lhe os olhos por entre as cabeças de javali e os pavões recheados, também riu. Ele riu, mas o riso em seus lábios cristalizou-se em maravilhamento. Quem tinha ele amado, o que tinha ele amado até agora? perguntou-se, num tumulto de emoção. Uma velha senhora, respondeu, só pele e osso. Umas perdidas de rosto pintado, em número muito grande para serem nomeadas. Uma freira chorona. Uma aventureira de rosto duro e língua ferina. Uma aquiescente massa de renda e formalidades. O amor, para ele, não passara de cinzas e serragem. As alegrias que dele extraíra não tinham gosto nenhum. Admirava-se de como tinha passado por essas experiências sem bocejar. Pois enquanto a olhava, a densidade de seu sangue se diluía; em suas veias o gelo virava vinho; ouvia as águas escorrendo e os pássaros cantando; a

primavera tomava conta da severa paisagem invernal; sua virilidade despertava; empunhava uma espada; investia contra um inimigo mais destemido que o polonês ou o mouro; mergulhava em águas profundas; via a flor do perigo crescer numa fenda; estendia a mão – na verdade, estava repassando um de seus mais apaixonados sonetos, quando a princesa se dirigiu a ele: “Poderia fazer a gentileza de passar o sal?”



A princesa russa quando criança

Ele ficou todo vermelho.

“Com o maior prazer, madame”, replicou, falando em francês com perfeita pronúncia. Pois – os céus sejam louvados – ele falava a língua como se fosse a sua; aprendera com a criada da mãe. Mas talvez tivesse sido melhor nunca ter aprendido essa língua; nunca ter respondido a essa voz; nunca ter seguido a luz desses olhos...

A princesa continuou. Quem eram esses dois broncos, perguntou-lhe, com modos de cavaleiros, que estavam sentados ao seu lado? Que mistura repugnante era essa que eles tinham derramado no prato dela? Os

cachorros, na Inglaterra, comiam junto com os homens? Aquela figura ridícula na ponta da mesa, com o cabelo embaraçado como um pau de fita (*comme une grande perche mal fagotée*), era mesmo a rainha? E o rei sempre babava desse jeito? E qual daqueles pavões era George Villiers? Embora no começo essas perguntas perturbassem bastante Orlando, elas eram feitas de um jeito tão travesso e brincalhão que ele não podia senão rir; vendo, pelas caras apalermadas do grupo, que ninguém entendia uma palavra, respondeu-lhe da mesma e livre maneira com a qual ela lhe tinha perguntado, falando, tal como ela, num perfeito francês.

Começou, assim, entre os dois, uma intimidade que logo se tornou o escândalo da corte.

Logo se notou que Orlando dispensava à moscovita muito mais atenção do que a exigida pela simples civilidade. Raramente estava longe dela, e a conversa entre eles, embora ininteligível para os demais, era tão empolgada, provocava tantos rubores e risos que mesmo os mais estúpidos eram capazes de adivinhar qual era o assunto. Além disso, a mudança no próprio Orlando era extraordinária. Ninguém jamais o vira tão animado. Tinha, numa noite, se livrado da falta de jeito de rapazote; o mocinho acanhado que não conseguia entrar num quarto de mulher sem derrubar a metade dos bibelôs da penteadeira se transformara num aristocrata, com toda graça e cortesia de homem feito. Vê-lo ajudar a moscovita (como a chamavam) embarcar no seu trenó, ou oferecer-lhe a mão num convite à dança, ou apanhar o lenço de poás que ela deixara cair, ou cumprir qualquer outro dos múltiplos deveres que a suprema dama exige e o amante se apressa em antecipar era um espetáculo capaz de encher de brilho os embotados olhos da velhice e de fazer o impetuoso coração da juventude bater mais forte. Sobre tudo isso pairava, contudo, uma nuvem. Os homens mais velhos davam de ombros. Os jovens soltavam risinhos abafados. Todos sabiam que Orlando estava comprometido com outra. Lady Margaret O'Brien O'Dare O'Reilly Tyrconnel (pois esse era o real nome da Eufrosina dos sonetos) carregava a esplêndida safira de Orlando no anular da mão esquerda. Era ela quem tinha o direito supremo às suas atenções. Mas ela podia deixar cair todos os lenços de seu guarda-roupa (tinha dezenas deles) no gelo sem que Orlando jamais se abaixasse para apanhá-los. Podia esperar vinte minutos para que ele a ajudasse a embarcar no seu trenó para, no fim, contentar-se com os serviços de seu

criado africano. Quando patinava, o que fazia muito sem jeito, ninguém ficava ao seu lado para encorajá-la e, se caía, sempre com bastante força, ninguém a ajudava a levantar-se nem sacudia a neve de suas saias. Embora fosse naturalmente fleumática, não se ofendesse com facilidade e estivesse menos inclinada que a maioria das pessoas a acreditar que uma simples estrangeira pudesse subtraí-la às afeições de Orlando, ainda assim, a própria lady Margaret veio, por fim, a suspeitar que alguma coisa estava sendo aprontada para perturbar sua paz de espírito.

De fato, à medida que os dias se passavam, Orlando se preocupava cada vez menos em esconder seus sentimentos. Dando uma desculpa ou outra, deixava o local logo após a ceia ou se esquivava dos patinadores, que estavam formando grupos para dançar uma quadrilha. No momento seguinte notava-se que a moscovita também tinha sumido. Mas o que mais indignava a corte, ferindo-a em seu ponto mais sensível, a vaidade, era o fato de o casal ser frequentemente visto se esgueirando por sob a corda de seda que separava o perímetro real da parte pública do rio para desaparecer no meio do povo. Pois de repente a princesa batia o pé e gritava: “Tire-me daqui. Detesto essa sua ralé inglesa” – querendo com isso dizer a própria corte. Não conseguia suportá-la mais. Estava cheia de velhas bisbilhoteiras, dizia, que ficavam nos olhando no rosto e de rapazes emproados que nos pisavam os pés. Cheiravam mal. Seus cachorros se metiam entre as pernas dela. Era como estar numa jaula. Na Rússia, eles tinham rios congelados de quinze quilômetros de largura sobre os quais se podia galopar seis cavalos emparelhados o dia todo sem encontrar viva alma. Além disso, ela queria ver a Torre, os guardas, as cabeças no Temple Bar e as joalherias na cidade. Deu-se, assim, que Orlando levou-a à cidade, mostrou-lhe os guardas e as cabeças dos rebeldes e comprou-lhe tudo que ela quis no Mercado Real. Mas isso não era o bastante. Desejavam sempre mais a companhia um do outro o dia todo e a sós, onde não houvesse ninguém para ficar estranhando ou espiando. Assim, em vez de tomar a direção de Londres, davam meia-volta e logo estavam longe da multidão, no meio dos braços congelados do Tâmsa onde, exceto pelas aves marinhas e alguma velha camponesa cavando o gelo na vã tentativa de conseguir um balde de água ou de juntar quaisquer gravetos ou folhas mortas que pudesse encontrar para acender um fogo, nenhuma viva alma jamais cruzou-lhes o caminho. Os pobres não saíam de perto de seus

casebres, e os mais abastados, que podiam se dar a esse luxo, acorriam aos montes à cidade em busca de calor e diversão.

Daí que Orlando e Sasha, o apelido que lhe dera a título de abreviação, e porque era o nome de uma raposa branca russa que tivera quando criança – uma criatura fofa como neve, mas com dentes de aço, que o mordeu tão ferozmente que o pai mandou matá-la – daí que tinham o rio só para eles. Afogueados pelo passeio sobre patins e pela paixão, atiravam-se ao chão em algum braço solitário do rio, onde os salgueiros amarelos orlavam a margem, e, envolto num enorme manto de peles, Orlando a tomava nos braços e conhecia, pela primeira vez, murmurava ele, as delícias do amor. Depois, quando o êxtase acabava e eles se estendiam no gelo, serenados e num estado de torpor, ele lhe falava de seus outros amores e de como, comparados a ela, não tinham passado de lenha, pano de saco e cinzas. E, rindo de sua veemência, ela se voltava uma vez mais para ele e lhe fazia, cheia de amor, mais um afago. E, depois, surpreendidos de que o gelo não tivesse se derretido com o seu ardor, sentiam pena da pobre velha que, não dispondo do mesmo instrumento natural, tinha que se contentar com uma machadinha de aço frio. E, depois, envoltos em suas peles de zibelina, falavam de tudo que há sob o sol; de cenários e viagens; de mouros e pagãos; da barba deste homem e da pele daquela mulher; de um rato ao qual ela dava de comer à mesa; do pano de arrás que se mexia o tempo todo na sala da mansão em que morava; de um rosto; de uma pluma. Nada era pequeno demais para esse tipo de conversa; nada grande demais.

Depois, de repente, Orlando entrava num de seus estados de melancolia; a causa podia ser a visão da velha mancando sobre o gelo – ou nada; e se atirava de rosto no gelo e inspecionava as águas congeladas e pensava na morte. Pois o filósofo está certo quando diz que nada mais espesso que a lâmina de uma faca separa a felicidade da melancolia; e prossegue, opinando que uma é alma gêmea da outra; e disso extrai a conclusão de que os sentimentos extremos estão todos aliados à loucura; e nos convida, assim, a buscar refúgio na verdadeira igreja (na sua opinião, a anabatista), que é o único ancoradouro, o único porto, a única tábua de salvação, etc., dizia ele, para os que se veem atirados ao mar.

“Tudo termina em morte”, dizia Orlando, sentando-se, o rosto anuviado pela tristeza. (Pois era desse jeito que sua mente trabalhava agora, em violentos movimentos de gangorra, a vida num extremo, a

morte no outro, sem parar em nenhum ponto intermediário, de maneira que o biógrafo tampouco deve parar, empurrando tão forte quanto puder e se mantendo, assim, em sincronia com as apaixonadas e tolas ações e as abruptas e extravagantes palavras que, é impossível negar, Orlando, nessa quadra de sua vida, se permitia.)

“Tudo termina em morte”, dizia Orlando, sentando-se sobre o gelo. Mas Sasha, que, afinal, não tinha uma gota de sangue inglês, mas era da Rússia, onde os crepúsculos são mais longos, as auroras menos abruptas e as frases muitas vezes ficam inconclusas pela dúvida sobre a melhor maneira de concluí-las – mas Sasha olhou para ele, talvez com uma risadinha, pois ele devia ter-lhe parecido uma criança, e não disse nada. Mas, afinal, sentia-se o frio do gelo embaixo deles, coisa que a incomodava, de maneira que, fazendo-o erguer-se novamente, ela falou tão encantadoramente, tão espirituosamente, tão sabiamente (mas, por desgraça, sempre em francês, fazendo, como é notório, com que se perca o sabor na tradução) que ele esqueceu as águas congeladas ou a noite chegando ou a velha ou seja lá o que fosse, e tentou dizer-lhe – mergulhando e patinhando no meio de uma miríade de imagens que tinham se tornado tão gastas quanto as mulheres que as tinham inspirado – como ela era. Neve, creme, mármore, cerejas, alabastro, fio de ouro? Nada disso. Era como uma raposa ou uma oliveira; como as ondas do mar quando se as olha do alto; como uma esmeralda; como o sol sobre uma colina verdejante ainda coberta pelas nuvens – como nada que ele tenha visto ou conhecido na Inglaterra. Por mais que vasculhasse a língua, faltavam-lhe palavras. Ele queria outra paisagem, e outra língua. O inglês era uma língua demasiado franca, demasiado cândida, demasiado melíflua, para descrevê-la. Pois em tudo que Sasha dizia, por mais sem disfarce que parecesse, e voluptuosa, havia algo oculto; em tudo que fazia, por mais ousado que fosse, havia algo escondido. Tal como a verde chama parece estar escondida na esmeralda ou o sol aprisionado numa colina. A clareza era só para fora; dentro havia uma chama errante. Uma chama que vinha; que ia embora; nunca brilhava como a luz segura de uma mulher inglesa – neste ponto, entretanto, lembrando-se de lady Margaret e suas saias, Orlando delirava em seus arrebatamentos e a arrastava velozmente pelo gelo, cada vez mais velozmente, jurando que iria atrás da chama, mergulharia em busca da pérola, e assim por diante, as palavras saindo no

sopro ofegante com a paixão de um poeta cuja poesia é como que espremida dele pela dor.

Mas Sasha ficava calada. Após ter-lhe dito que ela era uma raposa, uma oliveira ou o cimo de uma colina verdejante, e contado toda a história de sua família; que a mansão deles era uma das mais antigas da Bretanha; que eles tinham o direito de transitar pela Via del Corso (que é a principal rua de Roma) debaixo de um palanquim enfeitado com borlas, que ele disse ser um privilégio reservado apenas para os de sangue imperial (pois havia nele uma mistura de orgulho e credulidade que chegava a ser simpática), ele fez uma pausa para perguntar: Onde morava? O pai, que era ele? Tinha irmãos? Por que estava aqui sozinha com o tio? Depois, de alguma maneira, embora ela respondesse bastante prontamente, criava-se um mal-estar entre os dois. Suspeitou, a princípio, que a categoria em que ela tinha nascido não era tão alta quanto desejaria; ou que estivesse envergonhada das maneiras rudes de seu povo, pois ele ouvira dizer que na Moscóvia as mulheres usavam barbas e os homens se cobriam com peles da cintura para baixo; que ambos os sexos se untavam com sebo para se protegerem do frio, partiam a carne com as mãos e viviam em choupanas nas quais um nobre inglês teria escrúpulos de abrigar seu rebanho; deixou, por isso, de pressioná-la. Mas, pensando melhor, concluiu que o silêncio dela não se devia a essa razão; ela, pelo menos, não tinha nenhum pelo no queixo; vestia-se de veludo e enfeitava-se com pérolas, e suas maneiras certamente não eram as de uma mulher criada numa choupana mais apropriada para o abrigo de animais.

O que, então, lhe escondia ela? A dúvida subjacente à tremenda força de seus sentimentos era como a areia movediça debaixo de um monumento, que de repente começa a se deslocar, abalando toda a estrutura. De repente, a agonia tomava conta dele. Irrompia, então, numa cólera tal que ela não sabia como acalmá-lo. Talvez ela não quisesse mesmo acalmá-lo; talvez gostasse de seus ataques de raiva e os provocasse de propósito – assim é a curiosa dissimulação do caráter moscovita.

Para continuar a história: patinando para mais longe que de costume, naquele dia atingiram aquela parte do rio onde os navios tinham ancorado no meio da correnteza e congelado. Entre eles estava o navio da embaixada moscovita, com sua águia negra de duas cabeças tremulando no mastro principal, do qual pendiam muitos pingentes multicoloridos de

gelo de muitos metros de comprimento. Sasha tinha deixado algumas roupas a bordo e, achando que não houvesse ninguém, eles subiram ao convés para procurá-las. Relembrando certas passagens do próprio passado, Orlando não teria estranhado se alguns bons cidadãos tivessem ali buscado refúgio antes deles; e foi o que aconteceu. Não tinham ido longe quando um belo rapaz, absorvido em algum assunto pessoal atrás de um rolo de cordas, levantou-se de um salto e dizendo, ao que parecia, pois falava em russo, que era um dos marujos e ia ajudar a princesa a encontrar o que ela queria, acendeu um toco de vela e desapareceu com ela em direção aos porões do navio.

O tempo passava e Orlando, perdido em seus próprios devaneios, pensava apenas nos prazeres da vida; em sua joia; em sua raridade; nos meios de torná-la irrevogável e indissolúvelmente sua. Havia obstáculos e dificuldades a superar. Ela estava determinada a viver na Rússia, onde havia rios congelados e cavalos selvagens e homens, disse ela, que rasgavam as gargantas uns dos outros a golpes de cutelo. É verdade que uma paisagem de pinheiro e neve, hábitos de lascívia e chacina, não o seduziam. Tampouco estava ansioso para deixar de lado seus prazerosos costumes rurais do esporte e da jardinagem; renunciar ao seu cargo; destruir a sua carreira; caçar rena em vez de lebre; beber vodka em vez de vinho das Canárias e levar uma faca escondida na manga – com qual propósito, ele não sabia. Ainda assim, tudo isso, e mais, ele faria por ela. Quanto ao casamento com lady Margaret, embora marcado para daí a sete noites, a coisa era tão palpavelmente absurda que ele mal pensava nisso. Seria reprovado pelos homens de seu clã por abandonar uma grande dama; seria ridicularizado pelos amigos por destruir a melhor carreira do mundo por uma cossaca e um deserto de neve – nada disso pesava uma palha na balança em comparação com Sasha em pessoa. Eles fugiriam na primeira noite escura. Embarcariam para a Rússia. Assim ponderava; assim conspirava, enquanto caminhava de um lado para o outro no convés.

Foi despertado, ao se voltar para o oeste, pela visão do sol, pendurado como uma laranja na cruz da Catedral de St. Paul. Era de um vermelho-sangue e se punha rapidamente. Devia ser quase noite. Fazia uma hora e pouco que Sasha desaparecera. Instantaneamente assaltado pelos sombrios pressentimentos que turvavam inclusive seus pensamentos mais otimistas a respeito dela, enveredou pelo caminho que vira os dois tomarem, em

direção aos porões do navio; e, após ter tropeçado, no escuro e em meio a arcas e barris, percebeu, por um débil brilho num canto, que eles estavam sentados ali. Por um segundo, teve uma visão dos dois; viu Sasha no colo do marinheiro; viu-a inclinando-se contra ele; viu-os se abraçarem antes de a luz ser obscurecida pela nuvem rubra de sua raiva. Ele explodiu num urro tal de sofrimento que ecoou por todo o navio. Sasha atirou-se entre os dois; não fora isso, o marinheiro teria sido estrangulado antes de conseguir alcançar o sabre. Então, um mal-estar mortal tomou conta de Orlando e eles tiveram de deitá-lo no chão e dar-lhe conhaque para beber antes de ele poder voltar à vida. E então, quando, refeito, ele se sentou num monte de sacos de aniagem no convés e Sasha se debruçou sobre ele, oscilando suavemente, sinuosamente diante de seus olhos estonteados, como a raposa que o tinha mordido, ora cortejando, ora censurando, ele ficou em dúvida sobre o que tinha visto. Não tinha a vela derretido; não tinham as sombras se mexido? A caixa era pesada, disse ela; o homem estava ajudando a mudá-la de lugar. No primeiro instante, Orlando acreditou nela – pois qual homem pode estar certo de que sua raiva não tenha tingido o que ele mais teme encontrar? No seguinte, estava ainda mais furioso de raiva com o fingimento dela. Depois, a própria Sasha ficou branca; bateu com os pés no chão; disse que ia embora naquela noite e rogou aos seus deuses que a aniquilassem se ela, uma Romanovitch, tivesse caído nos braços de um marinheiro qualquer. Na verdade, observando-os juntos (o que ele quase não conseguia fazer), Orlando se envergonhava da indignidade de sua imaginação, que fora capaz de retratar criatura tão delicada nas garras daquela peluda fera dos mares. O homem era enorme; tinha, descalço, mais de um metro e oitenta de altura; usava argolas de arame nas orelhas; e parecia um cavalo de carga sobre o qual uma cambaxirra ou um tordo tivesse pousado. Assim, rendeu-se; acreditou nela; e pediu-lhe perdão. Contudo, quando desciam pelo costado do navio, de novo em pazes, Sasha parou, com a mão na escada, e gritou, em russo, àquele tisonado monstro de cara larga, um punhado de palavras de despedida, repletas de gracejos e manifestações de afeto, das quais Orlando não entendeu uma única. Mas havia alguma coisa em seu tom (talvez fosse culpa das consoantes russas) que fez Orlando recordar uma cena de algumas noites atrás, quando a surpreendera, num canto, roendo às escondidas um toco de vela que apanhara do chão. É verdade que era rosa;

era dourado; e era da mesa do rei; mas era de sebo e ela roía. Não havia nela, pensou, conduzindo-a sobre o gelo, um cheiro de algo rançoso, um sabor de algo rústico, uma herança camponesa? E imaginava-a aos quarenta, ficando gorda, embora fosse agora esbelta como um junco, e letárgica, embora fosse agora alegre como uma calhandra. Mas, de novo, enquanto patinavam em direção a Londres essas dúvidas se desmanchavam no peito e ele se sentia como se tivesse sido fogado pelo nariz por um peixe gigante e tivesse sido vertiginosamente arrastado, sem querer, mas querendo, através das águas.

Era uma noite de impressionante beleza. À medida que o sol se despedia, todos os domos, agulhas, torreões e pináculos de Londres se erguiam, com um negro de tinta nanquim, contra as furiosas nuvens rubras do pôr do sol. Aqui, em Charing, estava a capelinha com entalhes em relevo; ali, o domo da Catedral de St. Paul; ali, o compacto bloco dos prédios da Torre; ali, expostas na ponta das ripas da paliçada de Temple Bar, como um bloco de árvores despidas de todas as folhas exceto por um caroço na ponta, estavam as cabeças decepadas. Agora as janelas da Abadia se iluminavam e ardiam como (na imaginação de Orlando) um multicolorido escudo celestial; agora todo o poente parecia (de novo, na imaginação de Orlando) uma janela dourada com hostes de anjos subindo e descendo sem parar as escadarias celestiais. Eles pareciam estar todo o tempo patinando em insondáveis profundezas de ar, de tão azul que o gelo tinha ficado; e era tão liso, como se vidro fosse, que eles corriam cada vez mais rápido para a cidade, com as gaivotas brancas dando voltas ao redor deles e riscando no ar, com as asas, as mesmas e exatas curvas que eles riscavam no gelo com os patins.

Sasha, como que para tranquilizá-lo, estava mais afetuosa que o normal e até mais encantadora. Raramente falava sobre sua vida passada, mas agora ela lhe contava como na Rússia ouvia, no inverno, os lobos uivando pelas estepes e, três vezes, para mostrar-lhe como era, ela uivou como um lobo. Em resposta, ele lhe contou sobre os cervos na neve lá onde ele morava e como eles entravam, desorientados, no salão, em busca de calor, e um velho lhes dava mingau servido em um balde. E então ela o elogiou; por seu amor pelos animais; por sua galanteria; por suas pernas. Embevecido com os elogios e envergonhado em pensar como a caluniara ao imaginá-la no colo de um marinheiro qualquer e ao retratá-la como

gorda e letárgica aos quarenta, disse-lhe que não encontrava palavras para louvá-la; mas lembrou-se, no mesmo instante, que ela era como a primavera e a verde relva e as águas correntes, e segurando-a mais estreitamente do que nunca, rodopiou com ela até o meio do rio, fazendo com que as gaivotas e os cormorões também comessem a rodopiar. E, parando, afinal, por falta de fôlego, ela disse, um pouco ofegante, que ele era como uma árvore de Natal com um milhão de velinhas (como as que eles têm na Rússia) da qual pendiam bolas amarelas; incandescente; o bastante para iluminar uma rua inteira; (assim se poderia traduzir isso) pois com suas faces candentes, seus negros cacheados, sua capa preta-e-carmesim, era como se ele irradiasse, da lâmpada que ardia dentro dele, seu próprio fulgor.

Tudo quanto era cor, exceto o rubro das faces de Orlando, logo se desvaneceu. A noite avançava. À medida que a luz laranja do pôr do sol desaparecia, ela era sucedida pelo impressionante clarão branco vindo das tochas, fogueiras, piras em chama e outros artifícios pelos quais o rio era iluminado, e se dava a mais estranha das transformações. Vários templos e palácios de nobres cujas fachadas eram de pedra branca davam a impressão de serem riscas e faixas que flutuavam no ar. Da Catedral de St. Paul, em particular, nada restava a não ser uma cruz dourada. A Abadia se mostrava como o esqueleto cinzento de uma folha. Tudo era passível de emaciação e mudança. Ao se aproximarem do lugar onde festejavam o carnaval, ouviram uma nota grave, como a tirada dum diapasão, que foi aumentando até virar uma algazarra. De vez em quando, uma gritaria acompanhava a trajetória de um foguete no ar. Aos poucos, conseguiam distinguir pontinhos que se destacavam da enorme multidão e rodopiavam para cá e para lá como mosquitos na superfície de um rio. Acima e ao redor desse círculo brilhante, pesava, como uma redoma de escuridão, o negro profundo de uma noite de inverno. E, depois, penetrando essa escuridão, começaram a subir, a intervalos, mantendo a expectativa acesa e a boca aberta, foguetes que se abriam em flores; meias-luas; serpentes; uma coroa. Numa hora, os bosques e as colinas distantes mostravam-se verdejantes como num dia de verão; na outra, tudo era de novo inverno e escuridão.

Orlando e a princesa se aproximavam agora do perímetro real, mas o caminho estava impedido por uma grande multidão de gente do povo que,

aos empurrões, tentava chegar tão perto da corda de seda quanto podia. Pouco dispostos a renunciarem à sua privacidade e ficarem expostos aos argutos olhos que estavam de vigia à sua procura, os dois ficaram por ali, acotovelados por aprendizes; alfaiates; peixeiras; negociantes de cavalos, trapaceiros; escolares famintos; criadas em suas toucas; vendedoras de laranja; cavalaria; cidadãos sóbrios; taberneiros desbocados; e uma multidão de crianças maltrapilhas como as que sempre assombram as beiras de uma aglomeração, berrando e rastejando por entre os pés das pessoas – toda a ralé das ruas de Londres, na verdade, estava ali, se esbaldando e se esbarrando, aqui jogando dados, lendo a sorte, empurrando, provocando, beliscando; aqui barulhentos, ali acabrunhados; alguns não conseguiam fechar a boca de tanta admiração; outros tão pouco reverentes quanto gralhas no telhado de uma casa; todos tão diversamente ataviados quanto lhes permitiam a bolsa ou a posição; aqui em peles e panos finos; ali em farrapos, com os pés protegidos do gelo apenas por um pano de prato. A maior aglomeração de pessoas parecia se dar em frente a um palco ou tablado no qual se desenrolava algum tipo de espetáculo teatral que se parecia um pouco com o Punch e Judy dos dias de hoje. Um negro sacudia os braços e vociferava. Havia uma mulher de branco deitada numa cama. Por mais grosseira que fosse a encenação, com os atores subindo e descendo uns poucos degraus e, às vezes, tropeçando, e a multidão batendo os pés e dando assovios ou, quando estavam entediados, jogando no gelo cascas de laranja, que um cachorro se apressava em pegar, ainda assim, a surpreendente e sinuosa melodia das palavras mexia com Orlando como se fosse música. Faladas com extrema rapidez e com uma temerária agilidade verbal que lhe lembrava os marinheiros cantando nas cervejarias das calçadas de Wapping, as palavras, ainda que sem sentido, eram como vinho para ele. Mas de vez em quando chegava-lhe, atravessando o gelo, uma frase solta que era como se tivesse sido arrancada do fundo de seu coração. A fúria do mouro parecia ser a sua própria fúria, e quando o mouro sufocou a mulher na cama foi Sasha que ele matou com as próprias mãos.

Por fim, a peça acabou. Tudo tinha ficado escuro. Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Quando se olhava para o céu, também não se enxergava nada a não ser escuridão. Ruína e morte, pensou ele, cobrem tudo. A vida do homem acaba na sepultura. Os vermes nos devoram.

Parece-me haver agora um grande eclipse
Do sol e da lua e o globo
Parece assustado...

No exato momento em que recitava isso, uma estrela um tanto pálida surgiu-lhe na memória. A noite estava escura; escura como breu; mas era por uma noite como essa que eles tinham esperado; era numa noite como essa que eles tinham planejado fugir. Lembrou-se de tudo. Chegara a hora. Num arroubo de paixão, puxou Sasha para si e sussurrou-lhe ao ouvido: “Jour de ma vie!” Era a senha. Deveriam se encontrar à meia-noite numa estalagem perto dos Blackfriars. Havia cavalos esperando. Tudo estava pronto para a fuga. Assim, se separaram, cada um para a sua tenda. Faltava ainda uma hora.

Orlando estava à espera bem antes da meia-noite. A noite era de um negro tão negro que um homem podia tocar outro antes de ser visto, o que era uma grande vantagem, mas também de um silêncio tão solene que o casco de um cavalo ou o choro de uma criança podia ser ouvido a mais de um quilômetro de distância. Mais de uma vez, Orlando, andando de um lado para o outro no pequeno pátio, ficou com o coração na mão por causa do ruído do passo firme de um cavalo nas pedras do calçamento ou do frufu da saia de uma mulher. Mas o transeunte era apenas algum mercador voltando tarde para casa; ou alguma mulher que morava por ali e cuja escapada não era nada inocente. Depois que passavam, a rua ficava mais quieta que antes. Depois, as luzes que ardiam no andar de baixo das apertadas e amontoadas habitações onde moravam os pobres da cidade subiam para os dormitórios, no andar de cima e, então, uma a uma, iam se apagando. Os lampiões de rua, nesses arrabaldes, quando havia, eram poucos; e a negligência do guarda noturno fazia, muitas vezes, com que se apagassem muito antes do amanhecer. A escuridão se tornava, então, ainda mais profunda que antes. Orlando verificou o pavio da lanterna, conferiu as cilhas da sela; carregou as pistolas; examinou os coldres; e fez todas essas coisas pelo menos uma dúzia de vezes até não encontrar nada que exigisse sua atenção. Embora ainda faltassem uns vinte minutos para a meia-noite, não conseguia decidir se entrava ou não na sala da estalagem, onde a dona ainda estava servindo vinho da Espanha e das Canárias (do tipo mais barato) para uns poucos marinheiros, que ficavam ali sentados

trauteando suas canções e contando suas histórias sobre Drake, Hawkins e Grenville, até caírem dos bancos e rolarem adormecidos pelo chão coberto de areia. A escuridão era mais compassiva com seu dilatado e violento coração. Estava atento a cada passada; fazia conjecturas sobre cada ruído. Cada grito de um bêbado e cada gemido de um pobre diabo obrigado a dormir na palha, ou com algum outro sofrimento, doía-lhe na alma, como se fosse um sinal de mau agouro para sua aventura. Mas não temia por Sasha. Sua coragem fazia pouco caso do perigo. Chegaria sozinha, em sua capa e suas calças e com botas de homem. De tão leve, sua passada dificilmente seria ouvida, mesmo neste silêncio.

Esperou, pois, na escuridão. De repente foi golpeado no rosto por uma pancada, não violenta, mas forte. Estava tão nervoso com a expectativa que deu um salto e levou a mão à espada. Foi golpeado mais uma dúzia de vezes, na testa e no rosto. A geada seca tinha durado tanto tempo que levou um minuto para se dar conta de que era a chuva caindo; os golpes eram da chuva. No começo, caíam devagar, calculadamente, gota a gota. Mas logo as seis gotas se transformaram em sessenta; depois, em seiscentas; depois, escorriam juntas numa contínua tromba d'água. Era como se a compacta e maciça abóbada celeste desaguasse num só e profuso chafariz. Em cinco minutos, Orlando estava encharcado até os ossos.

Abrigando rapidamente os cavalos, buscou refúgio sob o vão da porta, de onde ainda conseguia observar o pátio. O ar estava agora mais carregado do que nunca e o barulho da água que caía e o chiado do vapor eram tão fortes que não se conseguia ouvir qualquer som de passo, de homem ou animal. As estradas, cheias de buracos como estavam, deviam estar debaixo d'água e talvez intransitáveis. Mas que efeito isso teria sobre a fuga deles era algo sobre o qual ele quase não conseguia pensar. Todos os seus sentidos estavam concentrados em percorrer atentamente com os olhos a trilha pavimentada, que cintilava à luz da lanterna, em busca de algum sinal da chegada de Sasha. Às vezes, na escuridão, parecia vê-la envolta numa gaze de chuva. Mas a visão se desvanecia. De repente, com uma voz medonha e agourenta, uma voz cheia de horror e sobressalto, que fazia vibrar de angústia cada corda do coração de Orlando, a Catedral de St. Paul bateu a primeira badalada da meia-noite. Bateu quatro vezes mais, sem piedade. Com a superstição de um amante, Orlando imaginou que na

sexta batida ela chegaria. Mas a sexta ecoou, e vieram a sétima e a oitava, e na sua mente apreensiva elas soavam como notas que, primeiro, anunciavam e, depois, decretavam morte e desastre. Quando bateu a duodécima, soube que sua sorte estava selada. De nada adiantava seu lado racional buscar explicações; ela podia estar atrasada; ela podia ter sido proibida de vir; ela podia ter se perdido. O coração apaixonado e sentimental de Orlando sabia a verdade. Mais relógios soaram, estridentes, um após o outro. O mundo inteiro parecia ressoar com a notícia da traição dela e da vergonha dele. As velhas suspeitas que, em segredo, ferviam dentro dele saltaram à tona sem disfarce. Tinha sido mordido por uma ninhada de cobras, cada qual mais venenosa que a outra. Debaixo daquela chuvarada e sem conseguir se mover, continuou parado à porta. Com o passar do tempo, seus joelhos começaram a fraquejar. O aguaceiro não dava descanso. Poderosos canhões pareciam ribombar em meio à chuva. Ouviam-se ruídos estrondosos como se de carvalhos que estivessem sendo derrubados e rachados. Havia também gritos selvagens e gemidos inumanos terríveis. Mas Orlando ficou ali, imóvel, até o relógio da Catedral de St. Paul bater as duas horas e, então, aos gritos, com enorme ironia e todos os dentes à mostra, exclamando “Jour de ma vie!”, jogou a lanterna no chão, montou no cavalo e galopou, sem saber para onde.

Algum instinto cego, pois não raciocinava mais, deve tê-lo levado a tomar a margem do rio na direção do mar. Pois quando rompeu a aurora, mais bruscamente que o normal, com o céu ganhando um amarelo desmaiado e a chuva quase parando, ele se encontrou nas margens do Tâmisa, ao lado de Wapping. Uma visão cuja natureza era das mais extraordinárias atingia, agora, os seus olhos. Aquilo que tinha sido, por mais de três meses, gelo sólido de uma espessura tal que parecia tão permanente quanto pedra, e sobre cuja superfície toda uma cidade em festa tinha se apoiado, era agora uma corrente de águas turbulentas e tingidas de lama. O rio tinha conquistado sua liberdade durante a noite. Era como se uma nascente sulfurosa (interpretação à qual muitos filósofos se inclinavam) tivesse se erguido das regiões vulcânicas subterrâneas e explodido a superfície gelada com tal violência que **imensos pedaços de gelo maciço** se espalhavam furiosamente por todos os lados. Bastava olhar para a água para ficar tonto. Tudo era tumulto e confusão. O rio estava salpicado de blocos de gelo. Alguns eram tão largos quanto um gramado

de jogo de bolas de pau e tão altos quanto uma casa; outros, não eram maiores do que um chapéu masculino, mas, em grande parte, fantasticamente retorcidos. Ora descia toda uma fileira de blocos de gelo, afundando tudo que encontrava no caminho. Ora, revolvendo-se e contorcendo-se como uma serpente ferida, o rio parecia se arremessar por entre os pedaços de gelo, jogando-os de uma margem para a outra: podia-se, assim, ouvi-los partindo-se contra os molhes e as pilastras. Mas o que era mais pavoroso e inspirava mais terror era a visão das criaturas humanas que tinham sido surpreendidas durante a noite e agora andavam de um lado para o outro em cima de suas desgovernadas e precárias ilhas na maior das agonias. De um jeito ou outro – pulassem na correnteza ou permanecessem em cima de seu bloco de gelo – a ruína era certa. Às vezes, algumas dessas pobres criaturas desciam o rio num só grupo, algumas ajoelhadas, outras amamentando os seus bebês. Um velho parecia estar lendo em voz alta um livro sagrado. Outras vezes, e sua sorte talvez fosse a mais pavorosa, um pobre diabo sem ninguém percorria sozinho sua minúscula propriedade. Enquanto eram arrastados para o mar, podia-se ouvir alguns em vão gritando por socorro, fazendo loucas juras de melhor conduta, confessando seus pecados e prometendo erigir altares e renunciar às riquezas se Deus ouvisse suas preces. Outros estavam tão aturdidos pelo terror que ficavam sentados, imóveis e calados, olhando fixamente para a frente. Uns jovens barqueiros ou estafetas, a julgar por suas librés, um bando deles, na verdade, que entoavam aos berros, num gesto de bravata, as mais desbocadas canções de taberna, foram atirados com violência contra uma árvore, afundando com blasfêmias nos lábios. Um velho, nobre, pois era o que proclamavam seu manto de peles e sua corrente de ouro, afundou não muito longe de onde Orlando estava, jurando vingança contra os rebeldes irlandeses, os quais, gritava ele enquanto exalava o último sopro, tinham tramado essa coisa do diabo. Muitos pereceram apertando contra o peito um jarro de prata ou algum outro tesouro; e pelo menos uns vinte pobres diabos se afogaram por cobiça, jogando-se da margem na correnteza, para não deixar escapar um cálice de ouro ou ver desaparecer diante de seus olhos um manto de peles. Pois móveis, objetos de valor, posses de todo o tipo eram transportados em cima dos blocos de gelo. Entre outras cenas estranhas se via uma gata amamentando os filhotes; uma mesa suntuosamente posta para uma ceia de vinte convivas;

um casal na cama; além de um número extraordinário de utensílios de cozinha.

Aturdido e perplexo, por algum tempo Orlando não conseguiu fazer nada a não ser observar a aterradora corrida das águas à medida que passavam numa enxurrada diante dele. Por fim, parecendo se recompor, esporeou o cavalo e galopou velozmente ao longo da margem do rio, na direção do mar. Dobrando uma curva do rio, chegou ao lado oposto daquele braço onde, havia menos de dois dias, os navios dos embaixadores tinham dado a impressão de estarem fatalmente congelados. Apressadamente, contou-os todos; o francês; o espanhol; o austríaco; o turco. Todos flutuavam ainda, embora o francês tivesse se soltado das amarras e a nave turca, com uma grande avaria no costado, estivesse rapidamente fazendo água. Mas o navio russo simplesmente não estava à vista. Por um momento, Orlando pensou que tivesse afundado; mas, erguendo-se nos estribos e cobrindo os olhos, que eram de falcão, dava para adivinhar a forma de um navio no horizonte. As águias negras tremulavam no topo do mastro. O navio da embaixada moscovita navegava em direção ao mar.

Saltando do cavalo, fez, em sua fúria, o gesto de quem ia enfrentar a correnteza. Metido na água até os joelhos, proferiu contra a infiel mulher todos os insultos que tinham sido, desde sempre, a sina de seu sexo. Infel, mutável, volúvel – dizia dela; diabólica, adúltera, impostora; e as águas revoltas, recolhendo-lhe as palavras, atiraram-lhe aos pés um jarro quebrado e um fiapo de palha.

Capítulo II

O BIÓGRAFO VÊ-SE AGORA DIANTE de uma dificuldade que é melhor, talvez, confessar do que passar por cima. Até agora, ao contar a história da vida de Orlando, documentos, tanto pessoais quanto históricos, tornaram possível cumprir o primeiro dever de um biógrafo, que é seguir penosamente, sem olhar para os lados, as indeléveis pegadas da verdade; sem se deixar distrair pelas flores; sem se importar com matizes; avante, sempre, até cair de barriga no túmulo e escrever *finis* na lápide acima de sua cabeça. Mas chegamos agora a um episódio que está bem no meio de nosso caminho: não há como ignorá-lo. Mas ele é obscuro, misterioso e sem registro oficial; não há, pois, como explicá-lo. Volumes inumeráveis poderiam ser escritos para interpretá-lo; sistemas religiosos inteiros poderiam ser fundados tendo seu significado como base. Nosso único dever consiste em apresentar os fatos tal como são conhecidos e deixar, assim, o leitor fazer com eles o que quiser.

No verão daquele desastroso inverno que viu a geada, a inundação, a morte de muitos milhares de pessoas e a completa derrocada das esperanças de Orlando – pois fora exilado da corte; estava em total desgraça com os nobres mais poderosos de sua época; a Casa Irlandesa dos Desmond estava justamente enfurecida; o rei já tinha problemas demais com os irlandeses para ter de amargar mais esse – naquele verão, Orlando retirou-se para sua grande mansão no campo e vivia ali em completa solidão. Numa manhã de junho – era dia 18, um sábado – não conseguiu acordar na hora de costume, e quando o laçao foi chamá-lo encontrou-o profundamente adormecido. E não foi possível despertá-lo. Estava como que em transe, parecia não respirar; e, embora pusessem cachorros a latir debaixo da janela; batessem címbalos, tambores, castanholas o tempo todo no quarto; colocassem um ramo de junco embaixo do travesseiro; e aplicassem emplastros de mostarda aos pés, ainda assim não despertou,

não foi possível dar-lhe de comer, nem mostrou qualquer sinal de vida por sete dias seguidos. No sétimo dia, despertou à hora de costume (quinze minutos antes das oito, precisamente) e botou para fora do quarto todo o batalhão de carpideiras e curandeiros locais, o que era bastante compreensível; mas o que era estranho é que ele não mostrava qualquer consciência de ter passado por um transe, vestindo-se e mandando que trouxessem o cavalo como se tivesse despertado do sono de uma única noite. Mas alguma alteração, suspeitava-se, devia ter ocorrido nos compartimentos de seu cérebro, pois, embora se mostrasse perfeitamente racional e parecesse mais grave e mais calmo em seus modos do que antes, dava a impressão de ter uma lembrança imperfeita da vida passada. Quando as pessoas falavam da grande geada ou da patinação ou do carnaval, ele escutava, mas nunca dava qualquer sinal, exceto pelo gesto de passar a mão pela testa como se para afastar alguma nuvem, de tê-los pessoalmente testemunhado. Quando se discutiam os acontecimentos dos últimos seis meses, ele parecia não desgostoso, mas intrigado, como se estivesse perturbado por lembranças confusas de uma época há muito desaparecida ou tentando relembrar histórias contadas a ele por um outro. Observava-se que se mencionassem a Rússia, ou princesas ou navios, ele caía num daqueles estados de melancolia carregados de inquietação e se levantava e olhava pela janela ou chamava um dos cachorros para perto dele, ou pegava uma faca e entalhava um pedaço de cedro. Mas os médicos não eram nada melhores que os de hoje, e após recomendarem repouso e exercício, pouca comida e muita comida, companhia e solidão, que ficasse de cama o dia todo e cavalgasse sessenta quilômetros entre o almoço e a ceia, juntamente com os sedativos e os estimulantes de sempre, alternados, dependendo dos azares da imaginação deles, com beberagens de baba de lagartixa ao acordar e goladas de fel de pavão antes de dormir, eles o deixaram entregue à própria sorte e deram o veredito de que ele estivera dormindo durante uma semana inteira.

Mas se era mesmo sono, de que natureza – impossível não perguntar – seriam sonos como esse? Teriam propósitos curativos – seriam transe em que as lembranças mais cruciantes, eventos que ameaçam arruinar a vida para sempre, são varridas por uma asa negra que remove sua aspereza e as reveste, mesmo as mais feias e abjetas, de certo brilho, de certa incandescência? Deveria o dedo da morte ser posto, de tempos em tempos,

sobre o tumulto da vida para evitar que ela nos esfacele? Seríamos feitos de tal forma que precisamos experimentar a morte em pequenas doses diárias para poder continuar exercendo o ofício de viver? E, depois, que estranhos poderes seriam esses que se infiltram nas nossas mais secretas passagens e alteram nossos mais preciosos bens sem que o desejemos? Exaurido pela enormidade de seu sofrimento, teria Orlando morrido por uma semana e voltado depois à vida? E, se esse é o caso, de que natureza é a morte e de que natureza é a vida? Tendo esperado por mais de meia hora por uma resposta a essas questões sem que nenhuma fosse dada, continuemos com a história.

Orlando entregava-se agora a uma vida de extrema solidão. Sua desgraça perante a corte e a profundidade de sua dor eram, em parte, a razão disso, mas como não fazia qualquer esforço para se defender e raramente convidava alguém para visitá-lo (embora tivesse muitos amigos que de bom grado o teriam feito), dava a impressão de que ficar sozinho na grande mansão de seus ancestrais era algo que condizia com seu temperamento. A solidão era de sua escolha. Como passava o tempo ninguém realmente sabia. Quando, na escuridão do anoitecer, os serviçais, dos quais mantinha todo um séquito, embora grande parte de sua tarefa consistisse em espanar o pó de quartos vazios e alisar as colchas de camas em que ninguém nunca dormia, sentavam-se à mesa para comer bolo e tomar cerveja e viam uma luz passando ao longo dos corredores, atravessando os salões de banquetes, subindo as escadarias e entrando nos quartos, sabiam que seu amo estava perambulando sozinho pela casa. Nenhum deles ousava segui-lo, pois a casa era assombrada por uma grande variedade de fantasmas, e sua extensão tornava fácil perder-se nela e rolar por alguma escada invisível ou abrir uma porta que, na eventualidade de algum vento, se fecharia para sempre sobre o infeliz – acidentes nada incomuns, como bem mostrava a frequente descoberta de esqueletos de pessoas e animais em pose de grande sofrimento. Depois, a luz desaparecia de todo, e a sra. Grimsditch, a governanta, dizia para o sr. Dupper, o capelão, que esperava que seu amo não tivesse sofrido algum acidente grave. O sr. Dupper opinava que seu amo estava, sem dúvida, ajoelhado por entre as tumbas de seus ancestrais, na capela, que ficava no pavilhão da mesa de bilhar, a pouco menos de um quilômetro, na ala sul. Pois ele carregava pecados na consciência, temia o sr. Dupper; ao que a

sra. Grimsditch respondia, um tanto rispidamente, que a maioria de nós também; e a sra. Stewkley e a sra. Field e Carpenter, a velha ama, erguiam todas as suas vozes em louvor de sua senhoria; e os cavaleiros e os criados de mesa juravam que era uma imensa pena ver um nobre tão distinto perambulando triste pela casa quando podia estar caçando raposas ou perseguindo cervos; e até as criadinhas da rouparia e da copa, as Judys e as Faiths, que estavam distribuindo os bolos e as canecas de cerveja, davam seu testemunho a respeito do cavalheirismo de sua senhoria; pois nunca houve cavalheiro mais amável ou mais generoso com aquelas coisinhas de prata que servem para comprar um laço de fita ou um ramallete para o cabelo; até mesmo a negra à quem deram o nome de Grace Robinson, como forma de fazer dela uma cristã, compreendia de quê falavam e concordava, do único jeito que podia, quer dizer, mostrando todos os dentes ao mesmo tempo num amplo sorriso, que sua senhoria era um cavalheiro bonito, agradável e encantador. Em suma, todos os criados, homens ou mulheres, o tinham em alta estima e amaldiçoavam a princesa estrangeira (mas eles a chamavam por um nome mais grosseiro que esse) que o tinha deixado nesse estado.

Mas, embora tenha sido provavelmente a covardia, ou o gosto pela cerveja quente, o motivo que levou o sr. Dupper a imaginar que sua senhoria estivesse seguro por entre as tumbas e por isso não precisava sair à sua procura, é bem possível que o sr. Dupper tivesse razão. Orlando extraía agora um estranho prazer de pensamentos de morte e declínio e, após percorrer lentamente as longas galerias e salões de baile com uma vela na mão, olhando um quadro atrás do outro, como se buscasse um retrato que se parecesse com alguém que ele imaginava, mas não conseguia encontrar, entrava na capela, subia ao compartimento reservado à família e ficava horas sentado ali, vendo os estandartes tremularem e a luz da lua vacilar, com um morcego ou uma mariposa-caveira por companhia. Nem isso era suficiente para ele; tinha que descer à cripta onde jaziam seus ancestrais, um caixão empilhado em cima do outro, juntos por dez gerações. O lugar era tão raramente visitado que os ratos se divertiam com os forros de chumbo, e agora um fêmur se agarrava à sua capa enquanto passava ou então ele esmagava o crânio de um certo sir Malise de outrora, que caíra no chão. Era um sepulcro sinistro; profundamente escavado sob as fundações da casa, como se o primeiro

lorde da família, que viera da França com o Conquistador, tivesse querido deixar registrado que toda a pompa está edificada em cima da putrefação; que o esqueleto jaz sob a carne; que nós, que dançamos e cantamos em cima, devemos repousar embaixo; que o veludo carmesim vira pó; que o anel (aqui, Orlando, inclinando a lanterna, apanhou do chão um aro de ouro, ao qual faltava uma pedra, que tinha rolado, indo parar num canto) perde seu rubi e os olhos, outrora tão brilhantes, não reluzem mais. “Nada resta de todos esses príncipes”, dizia Orlando, permitindo-se algum desculpável exagero quanto ao grau de nobreza, “a não ser um dedo”, e pegava a mão de um esqueleto na sua e dobrava as articulações de um jeito, depois de outro. “De quem era essa mão?”, continuava a inquirir. “A direita ou a esquerda? Mão de homem ou mulher, de velho ou jovem? Tinha esporeado cavalo de batalha ou lidado com a agulha? Tinha colhido a rosa ou empunhado aço frio? Tinha ela...”, mas aqui, ou a imaginação o abandonava ou, o que é mais provável, fornecia-lhe tantos exemplos do que uma mão pode fazer que ele se esquivava, como era seu costume, do trabalho cardinal da composição, que consiste em cortar, e a depositava junto dos outros ossos, lembrando que havia um escritor chamado Thomas Browne, médico em Norwich, cujos escritos sobre esses assuntos era uma de suas grandes paixões.

Assim, pegando a lanterna e assegurando-se de que os ossos estavam em ordem, pois embora romântico, era singularmente metódico e não havia nada que detestasse mais do que um novelo de barbante no chão, para não falar do crânio de um antepassado, retornou àquele curioso e taciturno movimento de vai e vem pelas galerias, buscando alguma coisa nos quadros, quando foi, afinal, interrompido por um verdadeiro ataque de soluço, à vista de uma pintura, da mão de um artista desconhecido, retratando uma paisagem holandesa coberta de neve. Parecia-lhe então que a vida não valia mais a pena ser vivida. Esquecendo os ossos de seus antepassados e o pensamento de que a vida está assentada sobre um túmulo, ficou ali sacudido por soluços, tudo por causa do desejo por uma mulher em calças russas, de olhos oblíquos, lábios generosos e pérolas em volta do pescoço. Ela se fora. Ela o deixara. Nunca mais a veria. E, assim, soluçava. E, assim, encontrou o caminho de volta aos seus aposentos; e a sra. Grimsditch, vendo a luz na janela, afastou a caneca de cerveja da boca e disse Deus seja louvado, sua senhoria está de novo são e salvo em seu

quarto; pois estivera pensando esse tempo todo que ele fora perfidamente assassinado.

Orlando puxava agora a cadeira para junto da mesa; abria as obras de sir Thomas Browne e começava a examinar a delicada exposição de uma das meditações mais longas e mais maravilhosamente intrincadas do médico.

Pois embora esses não sejam assuntos sobre os quais um biógrafo possa proveitosamente se estender, fica bastante claro para aqueles que fizeram a parte do leitor, ao deduzir, de simples pistas deixadas aqui e ali, todo o limite e o contorno de uma pessoa viva; que podem ouvir, naquilo que apenas murmuramos, uma voz viva; que podem ver, quando, com frequência, nada dizemos a respeito, exatamente como ele é; que sabem, sem uma palavra para guiá-los, precisamente o que ele pensava (e é para leitores assim que escrevemos)... fica claro, pois, para um tal leitor, que Orlando era estranhamente composto de muitos humores – melancolia, indolência, paixão, gosto pela solidão, para não falar daquelas complexidades e sutilezas de temperamento que foram indicadas na primeira página, quando ele golpeava a cabeça de um negro morto; derrubava-a; nobremente pendurava-a de novo, fora de seu alcance, indo depois se sentar, com um livro, no banco junto à janela. O gosto pelos livros vinha de longe. Quando criança, era, às vezes, encontrado à meia noite ainda lendo, colado a uma página. Sequestraram-lhe a vela, mas ele passou a criar vagalumes para seguir no seu intento. Sequestraram-lhe os vagalumes, mas ele quase pôs a casa abaixo acendendo uma mecha de pano. Para dizê-lo em poucas palavras, deixando ao romancista o encargo de aparar as arestas e todas as suas implicações, ele era um nobre acometido da paixão pela literatura. Muitas pessoas de sua época, em especial as de seu grau de nobreza, escapavam da infecção e estavam, assim, livres para cavalgar ou correr ou fazer amor como bem lhes aprouvesse. Mas alguns eram bem cedo infectados por um germe produzido, dizia-se, pelo pólen do asfódelo e trazido da Grécia e da Itália pelo vento, um germe tão mortal que fazia tremer a mão no instante em que se a erguia para golpear e embaciava os olhos no instante em que espreitavam sua presa e fazia gaguejar a língua no momento em que declarava seu amor. Era da fatal natureza desse mal transmutar a realidade em fantasia, de maneira que Orlando, a quem a sorte concedera todas as

dádivas – baixelas de prata, jogos de cama e mesa de puro linho, mansões, criados, tapetes, camas em profusão – tinha apenas que abrir um livro para que toda essa vasta riqueza virasse bruma. Os quase quatro hectares de granito que era a sua casa se desvaneciam; cento e cinquenta criados domésticos desapareciam; seus oitenta cavalos de montaria se tornavam invisíveis; levaria demasiado tempo para contar os tapetes, os sofás, os ornamentos, as porcelanas, as baixelas de prata, os galheteiros, os rechôs e outros utensílios, muitos deles de ouro batido, que sob o efeito daquele miasma se evaporavam como bruma marinha. Assim era, e Orlando ficava sentado sozinho, lendo, um homem desnudo.

Em sua solidão, o mal agora tomava rapidamente conta dele. Lia, muitas vezes, seis horas noite adentro; e quando vinham até ele em busca de ordens sobre o abate de gado ou a colheita do trigo, ele afastava o livro e olhava como se não entendesse o que lhe era dito. Isso já era ruim o bastante e cortava o coração de Hall, o falcoeiro, de Giles, o cavalariaço, da sra. Grimsditch, a governanta, do sr. Dupper, o capelão. Um cavalheiro distinto como aquele, diziam, não tem nenhuma necessidade de livros. Que deixasse os livros, diziam, para os paralíticos ou os moribundos. Mas o pior ainda estava por vir. Pois, uma vez instalado no organismo, o mal da leitura debilita-o de uma tal maneira que ele se torna presa fácil daquele outro flagelo que infesta o tinteiro e se alastra pela pena. O infeliz dedicava-se a escrever. E, se isso já é ruim o bastante num homem pobre, cuja única propriedade é uma cadeira e uma mesa dispostas embaixo de um teto com goteiras – pois, afinal, ele não tem muito a perder – o drama de um homem rico, que tem casas e gado, criadas, animais de carga e jogos de cama e mesa de puro linho, e ainda assim escreve livros, é extremamente deplorável. Tudo perde a graça para ele; ele é crivado de ferros em brasa; roído por bichos. Daria cada centavo que tem (tal é a malignidade do germe) para escrever um único e pequeno livro e se tornar famoso; mas nem todo o ouro do Peru lhe permitiria adquirir o tesouro de um verso bem torneado. Assim, ele adquire uma tuberculose e fica doente, estoura os miolos, volta o rosto para a parede. Não importa em que posição será encontrado. Ele atravessou os portões da Morte e conheceu as labaredas do Inferno.

Por sorte, Orlando tinha uma saúde de ferro, e o mal (por razões a serem em seguida apresentadas), como fez com muitos de seus pares,

nunca o abateu. Mas, como se verá na sequência, ficou profundamente afetado por ele. Pois depois de ter lido sir Thomas Browne durante uma hora ou mais, e o balido do cervo e o grito do guarda noturno indicavam que era noite alta e todos estavam dormindo em paz, ele atravessou o quarto, pegou uma chave de prata no bolso e abriu as portas de um grande armário marchetado que ficava num canto. Dentro, havia como que cinquenta gavetas de cedro, todas devidamente etiquetadas na caprichada caligrafia de Orlando. Hesitou, como se não soubesse qual abrir. Num estava escrito “A morte de Ajax”; noutro, “O nascimento de Píramo”; noutro, “Efígênia em Áulis”; noutro, “A morte de Hipólito”; noutro, “Meleagro”; noutro, “A volta de Odisseu” – na verdade, praticamente não havia uma única gaveta sem o nome de uma figura mitológica num momento crítico de sua trajetória. Cada gaveta continha um documento de tamanho considerável, inteiramente coberto pela letra de Orlando. A verdade é que Orlando vinha sendo afligido pelo mal havia muitos anos. Nunca nenhum menino implorou tanto por maçãs quanto Orlando implorava por papel; nem por doces quanto ele por tinta. Esquivando-se de conversas e jogos, escondia-se atrás de cortinas, em esconderijos subterrâneos, ou no armário atrás do quarto da mãe, que tinha um enorme buraco no chão e cheirava horivelmente a excremento de passarinho, com um tinteiro de chifre numa das mãos, uma pena na outra e nos joelhos um rolo de papel. Assim, tinha escrito, antes de completar vinte e cinco anos, mais de quarenta e sete peças, histórias, romances, poemas; alguns em prosa, alguns em verso; alguns em francês, alguns em italiano; todos românticos e todos longos. Encomendou a impressão de um deles a John Ball, da tipografia Feathers & Coronet, em frente à St. Paul’s Cross, em Cheapside; mas, embora tivesse enorme prazer em contemplá-lo, nunca ousou mostrá-lo nem mesmo à mãe, pois escrever, e ainda mais publicar, era, para um nobre, sabia-o, uma desgraça imperdoável.

Agora, entretanto, como era tarde da noite e estava sozinho, dessa coleção selecionou um grosso documento chamado “Xenófila: uma tragédia” ou coisa parecida, e um fino, chamado simplesmente “O carvalho” (era o único da coleção com título prosaico) e, depois, aproximou o tinteiro, tocou a pena e fez outros gestos do tipo, como os que fazem os dependentes desse vício quando dão início aos seus rituais. Mas fez uma pausa.

Como essa pausa tem grande significado em sua história, maior ainda, na verdade, do que muitos atos que obrigam os homens a se ajoelharem e fazem correr rios de sangue, cabe-nos perguntar por que fez a pausa; e responder, após a devida reflexão, que foi por alguma razão parecida com a que segue. A natureza, que nos tem pregado tantas e estranhas peças, utilizando-se, para nos criar, de materiais tão desiguais quanto a argila e o diamante, o arco-íris e o granito, e com frequência acomodando, num mesmo receptáculo, os mais incongruentes, pois o poeta tem cara de açougueiro e o açougueiro, de poeta; a natureza, que se compraz com a mistificação e o mistério, de maneira que agora mesmo (1º de novembro de 1927) não sabemos por que subimos para o andar de cima, ou por que tornamos a descer, nossos movimentos mais corriqueiros se assemelhando à passagem de um navio por um mar desconhecido, com os marinheiros junto ao mastro principal perguntando, ao apontar suas lunetas para o horizonte: Terra à vista ou nada? ao que, se somos profetas, respondemos “Sim”; se somos honestos, dizemos “Não”; a natureza, tantas coisas pelas quais responder, pois, além do comprimento talvez incontável desta frase, complicou ainda mais sua tarefa e aumentou nossa confusão não apenas ao alojar uma perfeita mistura das mais disparatadas coisas dentro de nós – as calças de um policial lado a lado com o véu nupcial da rainha Alexandra – mas também ao providenciar para que toda essa variedade se mantivesse frouxamente unida, costurada por um único fio. A Memória é uma costureira e, não bastasse isso, das cheias de capricho. A Memória conduz sua agulha para fora e para dentro, para cima e para baixo, para cá e para lá. Não sabemos o que vem em seguida nem o que virá depois. Assim, o ato mais corriqueiro do mundo, como sentar-se a uma mesa e puxar para perto o suporte com o tinteiro e a pena, pode agitar milhares de fragmentos discrepantes, desconectados, ora acesos, ora apagados, subindo e flutuando e descendo e oscilando, tal como, surpreendidas no varal por um pé de vento, as roupas de baixo de uma família numerosa. Em vez de começar um trabalho sem maiores complicações, de maneira que resulte numa peça igual, simples, honesta, da qual nenhum homem precise se envergonhar, nossas tarefas mais corriqueiras são postas em marcha com um agitar e bater de asas, com um acender e apagar de luzes. Deu-se, pois, que Orlando, mergulhando a pena na tinta, viu o rosto zombeteiro da princesa perdida e logo se fez um milhão de perguntas, que eram como

flechas embebidas em fel. Onde estava ela; e por que o deixara? O embaixador era seu tio ou seu amante? Tinham tramado tudo? Fora forçada? Era casada? Estava morta? – perguntas todas que o envenenaram de uma tal maneira que, como se para desafogar sua agonia em algum lugar, ele mergulhou a pena tão fundo no tinteiro que a tinta esguichou sobre a mesa, ato o qual, explique-se-o como se queira (e talvez não haja explicação possível – a Memória é inexplicável), imediatamente substituiu o rosto da princesa por um rosto de todo um outro tipo. Mas de quem era? perguntou-se. E teve que esperar, talvez meio minuto, contemplando a nova imagem que recobria a outra, da mesma maneira que um diapositivo é parcialmente visto através do seguinte, antes de conseguir dizer para si mesmo: “É o rosto daquele homem bastante gordo, maltrapilho, que estava sentado na sala de Twitchett, há muitos anos já, quando a velha rainha Bess veio cear aqui; e eu o vi”, continuou Orlando, pegando outro daqueles trapinhos coloridos, “sentado à mesa, quando dei uma espiada ao descer, e ele tinha os olhos mais espantosos”, disse Orlando, “que já existiram, mas, diabos, quem era ele?” perguntou-se Orlando, pois aqui a Memória somou, à frente e aos olhos, primeiro, uma gola de folhos grosseira, ensebada, depois, um gibão pardo e, por fim, um par de botas grossas como as que usam os cidadãos de Cheapside. “Não um nobre, não um de nós”, disse Orlando (algo que ele não diria em voz alta, pois era o mais cortês dos cavalheiros; mas isso mostra que efeito o nascer em berço nobre tem sobre a mente e, incidentalmente, como é difícil para um nobre ser escritor), “um poeta, ousado dizer.” Como é de lei, a Memória, após tê-lo perturbado o bastante, deveria agora ter apagado completamente a coisa toda ou ter trazido à tona algo tão tolo ou fora de propósito – como um cachorro atrás de um gato ou uma velha assoando o nariz num lenço vermelho de algodão – que, no desespero de conseguir dar conta de seus caprichos, Orlando deveria ter desferido a pena, com vontade, contra o papel. (Pois podemos, se assim estivermos decididos, expulsar da casa a Memória, essa diabinha, com toda a sua patuleia.) Mas Orlando fez uma pausa. A Memória ainda mantinha diante dele a imagem de um homem maltrapilho com olhos grandes, acesos. Ele ainda olhava, ele ainda pausava. Essas pausas é que são a nossa desgraça. É aí que a subversão se infiltra na fortaleza e nossas tropas se erguem em revolta. Uma vez, antes, ele pausara, e o amor, com seu séquito de horrores, suas charamelas, seus címbalos e suas cabeças

cortadas, o sangue escorrendo pelos cabelos, entrara porta adentro. Das mãos do amor ele sofrera as torturas dos condenados ao inferno. Agora, de novo, ele pausava, e pela brecha assim aberta, saltaram a Ambição, a bruxa, e a Poesia, a feiticeira, e a Ânsia de Fama, a prostituta; deram-se, todas, as mãos, fazendo do coração dele a sua pista de dança. De pé na solidão de seu quarto, jurou que seria o primeiro poeta de sua raça e tornaria seu nome imortalmente ilustre. Disse (recitando os nomes e feitos de seus antepassados) que sir Boris combatera e matara os mouros; sir Gawain, os turcos; sir Miles, os poloneses; sir Andrew, os francos; sir Richard, os austríacos; sir Jordan, os franceses; e sir Herbert, os espanhóis. Mas de tudo aquilo, guerra e mortandade, bebedeiras e mulheres, gastanças e caçadas, cavalgadas e comilanças, o que restava? Um crânio; um dedo. Enquanto, disse ele, voltando à página de sir Thomas Browne aberta sobre a mesa... e, de novo, parou. Como um feitiço, erguendo-se de todos os cantos do quarto, do vento da noite e da luz da lua, ressoava a divina melodia daquelas palavras que, para não causarem vergonha à presente página, deixaremos onde jazem sepultadas, não mortas, mas embalsamadas, tão fresca é sua cor, tão sonoro seu sopro – e Orlando, comparando esse feito com os de seus antepassados, exclamou que eles e suas façanhas eram pó e cinzas, mas este homem e suas palavras eram imortais.

Logo percebeu, entretanto, que as batalhas que sir Miles e os demais tinham travado contra cavaleiros armados para conquistar um reino estavam longe de serem tão árduas quanto a que ele agora empreendia contra a língua inglesa para ganhar a imortalidade. Qualquer um minimamente familiarizado com os rigores da composição não precisará que lhe contem a história em detalhes; que escrevia e achava bom; lia e achava horrível; revisava e rasgava; cortava; acrescentava; ficava em estado de êxtase; desesperava-se; tinha noites boas e manhãs ruins; tinha ideias e as perdia; via o livro pronto à sua frente e ele se desvanecia; fazia os papéis dos personagens enquanto comia; recitava suas falas enquanto caminhava; ora chorava; ora ria; vacilava entre um estilo e outro; agora preferia o heroico e pomposo; depois o direto e simples; agora os vales de Tempe; depois os campos de Kent ou da Cornualha; e não conseguia decidir se era o mais divino dos gênios ou o maior tolo do mundo.

Foi para resolver essa última questão que decidiu, após muitos meses do mesmo trabalho febril, interromper a solidão de anos e se comunicar com o mundo exterior. Tinha um amigo em Londres, um certo Giles Isham, de Norfolk, que, embora de boa estirpe, mantinha relações com escritores e sem dúvida poderia pô-lo em contato com algum membro daquela abençoada – na verdade, sagrada – confraria. Pois, para Orlando, no estado em que agora se encontrava, um homem que tinha escrito e conseguido fazer imprimir um livro portava uma aura que eclipsava todas as glórias devidas ao sangue e ao poder político. Na sua imaginação, era como se até os corpos daqueles imbuídos por pensamentos tão divinos devessem ser transfigurados. Devem ter auréolas em vez de cabelos, incenso em vez de hálito, e rosas devem brotar-lhes por entre os lábios – coisa que certamente não acontecia com ele próprio nem com o sr. Dupper. Não podia conceber felicidade maior do que a de lhe ser permitido sentar-se atrás de uma cortina e ouvi-los conversar. Bastava imaginar conversação tão brilhante e variada para fazer com que as que lembrava ter tido com seus amigos cortesãos sobre assuntos tais como cachorros, cavalos, mulheres e jogos de cartas parecessem extremamente toscas. Recordou-se, com orgulho, de que sempre fora chamado de beletrista e ridicularizado por seu amor pela solidão e pelos livros. Nunca fora muito bom com palavras bonitas. Quando tinha de entrar numa sala cheia de mulheres, ficava paralisado, corava, caminhava como um granadeiro. Caíra duas vezes do cavalo por pura distração. Certa vez quebrara o leque de lady Winchilsea ao fazer uns versos. Ardentemente recordando esses e outros exemplos de sua inaptidão para a vida em sociedade, uma esperança inefável, de que toda a turbulência de sua juventude, sua falta de jeito, seus rubores, suas longas caminhadas e seu amor pelo campo provassem que ele próprio pertencia à raça sagrada, e não à nobre – era, de nascença, um escritor, e não um aristocrata – tomou conta dele. Pela primeira vez desde a noite da grande inundação sentia-se feliz.

Atribuiu, então, ao sr. Isham, de Norfolk, a tarefa de entregar ao sr. Nicholas Greene, de Clifford's Inn, um documento em que expressava a admiração de Orlando por suas obras (pois Nick Greene era um escritor muito famoso nessa época) e seu desejo de com ele travar conhecimento; coisa que mal e mal ousava pedir; pois não tinha nada para oferecer em troca; mas se o sr. Nicholas Greene condescendesse em visitá-lo, uma

carruagem puxada por quatro cavalos estaria na esquina de Fetter Lane na hora, qualquer que fosse ela, que o sr. Greene houvesse por bem nomear, e o conduziria são e salvo à casa de Orlando. Pode-se adivinhar as frases que então se seguiram; e imaginar a alegria de Orlando quando, não muito tempo depois, o sr. Greene sinalizou que aceitava o convite do nobre lorde; tomou seu assento na carruagem e foi deixado no salão ao sul do edifício principal pontualmente às sete horas do dia 21 de abril, uma segunda-feira.

Muitos reis, rainhas e embaixadores tinham sido recebidos ali; juízes tinham estado ali em seus arminhos. As mais adoráveis mulheres do país tinham passado por ali; e os mais implacáveis guerreiros. Ali estavam pendurados os estandartes que tinham estado em Flodden e em Agincourt. Ali estavam expostos os brasões pintados, com seus leopardos e seus leões e suas coroas. Ali estavam as longas mesas nas quais baixelas de ouro e de prata estavam postas; e ali, as imensas lareiras de mármore italiano lavrado, nas quais, toda noite, um pé inteiro de carvalho, com seus milhões de folhas e seus ninhos de gralhas e corruíras, virava cinza. Nicholas Greene, o poeta, estava ali agora, vestido de maneira simples, em seu chapéu de aba virada e seu gibão preto, carregando na mão uma pequena bolsa.

Que Orlando, enquanto se apressava em cumprimentá-lo, estivesse levemente desapontado, era inevitável. O poeta não era de estatura maior que a mediana; era de aparência miserável; era macilento e um pouco vergado e, ao entrar, tropeçou no mastim, sendo por ele mordido. Além do mais, Orlando, apesar de todo o seu conhecimento sobre a humanidade, não sabia onde situá-lo. Havia algo nele que não era do servo nem do fidalgo nem do nobre. A cabeça, com a testa arredondada e o nariz aquilino, era bonita, mas o queixo era repuxado. Os olhos eram brilhantes, mas os lábios pendiam frouxos, fazendo-o babar. A expressão do rosto como um todo, entretanto, é que era perturbadora. Não havia nada daquela imponente compostura que é tão agradável encontrar nos rostos da nobreza; nem tinha nada da orgulhosa servilidade do rosto de um criado doméstico bem treinado; era um rosto enrugado, franzido e cheio de pregas. Embora poeta, parecia estar mais acostumado a repreender do que a louvar; a chiar do que a arrulhar; a espernear do que a se deixar levar; a lutar do que a desistir; a odiar do que a amar. Isso se mostrava também na

rapidez de seus movimentos; e em algo de inflamado e esquivo no olhar. Orlando estava um tanto estupefato. Mas passaram à ceia.

Aqui, Orlando que, antes, achava isso natural, ficou, pela primeira vez, inexplicavelmente envergonhado pela quantidade de criados e pelo esplendor de sua mesa. Mais estranho ainda, recordou-se com orgulho – pois a lembrança era, em geral, desagradável – daquela bisavó, Moll, que ordenhara vacas. Estava prestes a aludir, de alguma maneira, a essa humilde mulher e seus baldes de leite, quando o poeta antecipou-se a ele ao dizer que era estranho, sabendo-se como era comum o sobrenome Greene, que a família tivesse vindo com o Conquistador e pertencesse à mais alta nobreza da França. Infelizmente, tinham entrado em decadência, fazendo pouco mais do que legar o nome ao burgo real de Greenwich. Essa conversa – sobre castelos perdidos, brasões de família, primos que eram baronetes no norte, casamentos consanguíneos com famílias nobres do oeste, como alguns dos Green grafavam o nome com “e” no final e outros, não – se estendeu até a carne de cervo ser servida. Orlando deu, então, um jeito de dizer alguma coisa sobre a bisavó Moll e suas vacas e tinha aliviado um pouco o peso no coração quando o prato de ave selvagem foi posto diante deles. Mas foi só depois que o malvasia começou a circular livremente que Orlando ousou trazer à baila o que ele não podia deixar de ver como um assunto mais importante que os Green ou as vacas; ou seja, o sagrado tema da poesia. À primeira menção da palavra, os olhos do poeta faiscaram; ele deixou de lado os ares de fino cavalheiro que tinha assumido; bateu com a taça na mesa e se pôs a contar uma das mais longas, mais intrincadas, mais apaixonadas e mais amargas histórias que Orlando jamais ouvira, exceto dos lábios de uma mulher rejeitada, sobre uma peça de sua autoria; sobre um outro poeta; e sobre um crítico. Sobre a natureza da poesia em si, Orlando apenas entendeu que era mais difícil de vender que a prosa e que, embora o tamanho das linhas fosse menor, levavam mais tempo para serem escritas. A conversa prosseguiu nessa direção, com ramificações sem fim, até que Orlando se arriscou a insinuar que tivera, ele próprio, a temeridade de se pôr a escrever – mas aqui o poeta pulou da cadeira. Um rato havia guinchado atrás dos lambris, disse. A verdade, explicou, era que seus nervos estavam em tal estado que o guincho de um rato era o suficiente para afetá-los por duas semanas. A casa estava, sem dúvida, cheia de pragas, mas Orlando não as tinha notado.

O poeta, então, brindou Orlando com a história toda de sua saúde nos últimos dez anos, mais ou menos. Tinha estado tão mal que era um milagre que ainda estivesse vivo. Tivera paralisia, gota, hidropisia e malária, com seus três tipos de febre em sequência; juntava-se a isso um coração dilatado, um baço intumescido e um fígado doente. Mas, acima de tudo, contou a Orlando, tinha sensações na espinha que desafiavam qualquer descrição. Havia um calombo na altura da terceira vértebra, contando de cima para baixo, que queimava como fogo; um outro, na altura da segunda, contando de baixo para cima, que era frio como gelo. Às vezes, acordava com a cabeça pesada como chumbo; outras vezes, era como se, dentro da cabeça, ardessem milhares de velas e estourassem baterias de fogos de artifício. Podia sentir uma pétala de rosa ainda que estivesse coberta pelo colchão, disse; e conhecia quase todas as ruas de Londres pelo jeito das pedras do calçamento. Em síntese, ele era um artefato tão bem construído e tão minuciosamente montado (neste momento, levantou a mão como que inconscientemente, e, de fato, ela era feita da mais bela forma que se podia imaginar) que ficava estupefato ao pensar que tinha vendido apenas quinhentas cópias de seu poema, mas, claro, isso se devia, em grande parte, à conspiração existente contra ele. Tudo o que podia dizer, concluiu, batendo o punho contra a mesa, era que, na Inglaterra, a arte da poesia estava morta.

Como ele podia dizer isso, com Shakespeare, Marlowe, Ben Jonson, Browne, Donne, todos escrevendo ou tendo acabado de escrever alguma coisa neste momento, era algo que Orlando, recitando os nomes de seus heróis favoritos, não conseguia compreender.

Greene riu sardonicamente. Shakespeare, ele admitia, tinha escrito algumas cenas que eram bastante boas; mas ele as tinha tomado emprestado sobretudo de Marlowe. Marlowe tinha sido um rapaz promissor, mas o que se podia dizer de um moço que morrera antes dos trinta anos? Quanto a Browne, era favorável a que se escrevesse poesia em prosa, e as pessoas logo se cansavam de presunções como essa. Donne era um charlatão que embrulhava sua falta de ideias em palavras difíceis. Os tolos se deixavam enganar; mas o estilo estaria fora de moda daí a um ano. Quanto a Ben Jonson – Ben Jonson era amigo dele e ele nunca falava mal dos amigos.

Não, concluiu, a grande época da literatura passara; a grande época da literatura fora a grega; a época elisabetana era inferior, sob todos os aspectos, à grega. Em épocas como aquela, os homens prezavam uma ambição divina que ele chamava de La Gloire (ele pronunciava Glor, razão pela qual Orlando não lhe captou, inicialmente, o significado). Agora todos os jovens escritores estavam a soldo dos livreiros e davam vazão a qualquer lixo que vendesse. Shakespeare era o grande culpado e Shakespeare já estava pagando o preço. Nossa própria época, disse, era caracterizada pelo abuso da metáfora e por inovações absurdas – coisas que os gregos nunca teriam tolerado. Por mais que lhe doesse dizê-lo – pois amava a literatura tanto quanto amava a vida – não conseguia ver nada de bom no presente e não tinha nenhuma esperança quanto ao futuro. Aqui, serviu-se de outra taça de vinho.

Orlando estava chocado com essas doutrinas; mas não podia deixar de observar que o próprio crítico não parecia nada abatido. Pelo contrário, quanto mais denunciava a própria época, mais satisfeito ficava. Podia lembrar-se, disse, de uma noite na Taverna do Galo, em Fleet Street, quando lá estava Kit Marlowe, com um grupo. Kit estava todo risonho, um pouco bêbado, estado em que facilmente ficava, e pronto para falar bobagens. Podia vê-lo agora, brandindo o copo em direção ao grupo e dizendo, com a língua enrolada: “Com seiscentos mil diabos, Bill” (dirigido a Shakespeare), “está vindo aí uma grande onda e você está na crista”, querendo dizer, explicou Greene, que estavam prestes a entrar numa grande época da literatura inglesa e que Shakespeare seria um poeta de alguma importância. Para sua sorte, foi morto duas noites depois num rixa de bêbados, não vivendo, assim, para ver em que dera sua previsão. “Pobre do imbecil”, disse Greene, “sair por aí falando uma coisa dessas. Uma grande época, de fato – a elisabetana, uma grande época!”

“Assim, meu prezado senhor”, continuou, acomodando-se confortavelmente na cadeira e rolando a taça de vinho por entre os dedos, “devemos tirar proveito do melhor que existe, valorizar o passado e honrar aqueles escritores – ainda existem alguns – que têm a Antiguidade por modelo e escrevem não por dinheiro mas pela Glor.” (Orlando teria preferido que ele tivesse uma melhor pronúncia.) “A Glor”, disse Greene, “é o aguilhão das mentes nobres. Tivesse eu uma pensão de trezentas libras por ano, paga trimestralmente, viveria apenas pela Glor. Ficaria na

cama todas as manhãs lendo Cícero. Imitaria seu estilo tão bem que não se conseguiria notar a diferença. É isso que chamo de uma bela escrita”, disse Greene, “é isso que chamo de Glor. Mas para isso é preciso ter uma pensão.”

A essa altura, Orlando tinha perdido qualquer esperança de discutir seu próprio trabalho com o poeta; mas isso era o de menos, pois a conversa agora enveredava pela vida e pela personalidade de Shakespeare, Ben Jonson e os outros, todos os quais Greene conhecera de perto e sobre os quais tinha milhares de anedotas das mais divertidas para contar. Orlando nunca tinha rido tanto em toda a sua vida. Esses, então, eram seus deuses! A metade bebia e todos tinham muitos amores. A maioria brigava com a mulher; nenhum deles estava isento de uma mentira ou de uma intriga das mais vis. A poesia deles era rascunhada nas costas do rol de roupas para lavar, apoiada na testa do ajudante do tipógrafo, na porta de fora do estabelecimento. Foi assim que *Hamlet* foi para a tipografia; *Lear*, a mesma coisa; *Otelo*, a mesma coisa. Não é de admirar, como disse Greene, que essas peças apresentem os erros que apresentam. O resto do tempo era desperdiçado em farras e bebedeiras nas tabernas e cervejarias, quando se diziam coisas que pretendiam ser inteligentes mas que não passavam de bobagens e se faziam coisas de que nem mesmo o mais burlesco dos cortesãos seria capaz. Greene falava tudo isso com uma espirituosidade que levava Orlando ao auge do prazer. Tinha uma capacidade de imitação de ressuscitar um morto e era capaz de dizer as maiores maravilhas sobre um livro, desde que tivesse sido escrito há mais de trezentos anos.

Assim, o tempo passava, e Orlando sentia pelo convidado uma estranha mistura de simpatia e desprezo, de admiração e piedade, bem como algo muito indefinido para dar-lhe algum nome, mas que tinha um quê de medo e um quê de fascínio. Falava sem parar sobre ele mesmo, mas era tão boa companhia que se podia ficar eternamente ouvindo a história de sua malária. Depois, era tão espirituoso; depois, era tão irreverente; depois, tomava tanta liberdade com os nomes de Deus e da Mulher; depois, era tão dotado de habilidades singulares e guardava saberes tão estranhos na cabeça; podia fazer salada de trezentas maneiras diferentes; sabia tudo o que se pode saber sobre mistura de vinhos; tocava meia dúzia de instrumentos e foi a primeira pessoa, e talvez a última, a tostar queijo na grande lareira italiana. Que não soubesse distinguir um gerânio de um

cravo, um carvalho de uma bétula, um mastim de um galgo, um cordeiro de um carneiro, trigo de cevada; terra lavrada de terra bruta; desconhecesse a rotação de culturas; pensasse que as laranjas dessem debaixo da terra e os nabos em árvores; preferisse qualquer paisagem rural a qualquer paisagem urbana – tudo isso e muito mais surpreendia Orlando, que jamais conhecera alguém assim. Até as criadas, que o viam com desdém, riam às escondidas de suas piadas, e os criados, que o odiavam, ficavam à volta para ouvir suas histórias. Na verdade, a casa nunca estivera tão animada como agora, com ele ali – tudo isso dava muito o que pensar a Orlando, levando-o a comparar esse modo de vida com o antigo. Lembrou-se do tipo de conversa a que fora acostumado, sobre a apoplexia do rei da Espanha ou o acasalamento de uma cadela; rememorou como o dia se passava entre os estábulos e o toucador; recordava-se de como os lordes ressonavam em cima da taça de vinho e detestavam qualquer um que os acordasse. Pensou em como eles eram fisicamente ativos e valentes; como eram mentalmente indolentes e tímidos. Preocupado com tais pensamentos e incapaz de encontrar o desejável equilíbrio, chegou à conclusão de que admitira em sua casa a peste do espírito do desassossego, que nunca mais o deixaria de novo dormir tranquilo.

No mesmo instante, Nick Greene chegava à conclusão exatamente oposta. De manhã, recostado na cama, nos mais macios dos travesseiros e entre os mais acetinados dos lençóis, e olhando pela janela envidraçada do balcão pendurado sobre um relvado que durante séculos não tinha visto nenhuma flor do campo ou erva daninha, pensou que, a menos que, de alguma maneira, conseguisse fugir, morreria sufocado. Levantando-se e ouvindo o arrulhar dos pombos, vestindo-se e ouvindo o jorrar das fontes, pensou que, a menos que pudesse ouvir a barulheira das carroças sobre as pedras da Fleet Street, nunca mais conseguiria escrever um único verso. Se isso continuar por muito mais tempo, pensou, ouvindo, na sala ao lado, o lacaio reavivar o fogo e pôr baixelas de prata na mesa, acabarei dormindo (aqui ele deu um imenso bocejo) e dormindo morrerei.

Foi, assim, ao encontro de Orlando em seu quarto e explicou que não tinha conseguido pregar o olho a noite toda por causa do silêncio. (De fato, a casa era rodeada por um parque de oito quilômetros de circunferência e um muro de três metros de altura.) O silêncio, disse, era, entre todas as coisas, a que mais lhe oprimia os nervos. Encerraria sua visita, com a

licença de Orlando, naquela mesma manhã. Orlando sentiu um certo alívio ao saber, mas também uma grande relutância em deixá-lo ir embora. A casa, pensou, ficaria muito sem graça com a ausência dele. Ao se despedir (pois ele nunca tinha, até ali, querido tocar no assunto), teve a temeridade de constranger o poeta a receber sua peça “A morte de Hércules” e pedir-lhe a opinião sobre ela. O poeta tomou-a nas mãos; murmurou alguma coisa sobre a Glor e sobre Cícero, sendo bruscamente interrompido por Orlando com a promessa de pagar trimestralmente uma pensão; ao que, Greene, com muitos protestos de afeição, pulou para dentro da carruagem e se foi.

À medida que a carruagem se afastava, crescia o sentimento de que o salão principal nunca fora tão amplo, tão esplendido, ou tão vazio. Orlando sabia que nunca mais ia ter vontade de fazer queijo tostado na lareira italiana. Nunca mais ia ter inspiração para fazer piadas sobre pinturas italianas; nunca mais ia ter a habilidade de preparar ponche como devia ser preparado; milhares de boas blagues e grandes tiradas deixariam de ter graça para ele. Mas que alívio, não podia deixar de refletir, estar livre daquela voz rabugenta, que luxo poder estar de novo a sós, enquanto soltava o mastim que tinha ficado preso essas seis semanas porque não podia ver o poeta sem mordê-lo.

Nick Greene foi deixado na esquina da Fetter Lane naquela mesma tarde, encontrando as coisas mais ou menos como as deixara. Quer dizer, a sra. Greene dava à luz um bebê num quarto; Tom Fletcher bebia gim num outro. Os livros estavam espalhados pelo chão; o almoço – se assim podia ser chamado – estava servido numa mesinha de toucador, na qual as crianças tinham estado brincando de fazer bolos de barro. Mas isso, sentia Greene, era a atmosfera certa para se escrever, aqui conseguia escrever, e escrever é o que faria. O tema fora feito para ele. Um nobre lorde em sua casa. Uma visita a um nobre no campo – seu novo poema deveria ter um título desses. Empunhando a pena com a qual o filho pequeno estava fazendo cócegas na orelha do gato e mergulhando-a na taça para ovos quentes que fazia as vezes de tinteiro, Greene, sem perder tempo, redigiu uma incisiva sátira. Era tão certa que ninguém teria dúvida de que o jovem lorde que estava na berlinda era Orlando; suas palavras e ações mais íntimas, seus entusiasmos e suas loucuras, indo até a própria cor do cabelo e o modo estrangeiro de carregar nos erres, estavam ali, sem tirar

nem pôr. E se tivesse havido alguma dúvida a respeito, Greene liquidou a questão ao inserir na sátira, quase sem nenhum disfarce, passagens daquela tragédia aristocrática, “A morte de Hércules”, que ele achou, tal como esperava, prolixa e bombástica ao extremo.

O panfleto, que logo teve várias edições, pagando as despesas do décimo parto da sra. Greene, foi em seguida enviado, por amigos que costumam se encarregar dessas coisas, ao próprio Orlando. Após tê-lo lido, o que fez, do começo ao fim, com imperturbável compostura, tocou a sineta para chamar o lacaio; entregou-lhe o documento na ponta de uma pinça; ordenou-lhe que o jogasse no buraco mais imundo do mais putrefato monte de lixo existente na propriedade. Depois, quando o homem se voltou para sair, ele o deteve: “Pegue o cavalo mais veloz do estábulo”, disse, “monte-o e corra, como se sua vida dependesse disso, até Harwich. Lá embarque num navio cujo destino seja a Noruega. Compre, para mim, dos canis do próprio rei, os melhores elkhounds, macho e fêmea, de linhagem real. Traga-os para mim sem demora. “Pois”, murmurou, em tom quase inaudível, enquanto voltava para os seus livros, “cansei-me dos homens.”

O lacaio, que era perfeitamente treinado em seus deveres, fez uma reverência e desapareceu. Cumpriu a tarefa com tanta eficiência que dali a três semanas estava de volta, trazendo pela mão um trio dos melhores elkhounds, um dos quais, uma fêmea, deu à luz naquela mesma noite, debaixo da mesa de jantar, a uma ninhada de oito lindos filhotes. Orlando deu instruções para que fossem levados ao seu quarto.

“Pois”, disse, “cansei-me dos homens.”

Não obstante, pagava a pensão a cada três meses.

ASSIM, AOS TRINTA, OU POR volta disso, esse jovem nobre não apenas tinha tido todas as experiências que a vida tem a oferecer, mas também tinha percebido a inutilidade de todas elas. Amor e ambição, mulheres e poetas, era tudo igualmente vão. A literatura era uma farsa. No dia em que lera o panfleto de Greene, “Visita a um nobre no campo”, ele queimou, à noite, numa grande fogueira, cinquenta e sete obras poéticas, salvando apenas “O carvalho”, que era seu sonho de juventude, e bastante curto. Restavam-lhe agora apenas duas coisas nas quais confiava: os cachorros e a natureza; um elkhound e uma roseira. O mundo em toda a sua variedade, a vida em toda a sua complexidade, tinham se reduzido a isso. Cachorros e

uma roseira era a soma de tudo. Assim, sentindo-se livre de uma imensa montanha de ilusão e, por consequência, muito despojado, chamou os cachorros para perto dele e saiu marchando pelo parque.

Ficara recluso por tanto tempo, lendo e escrevendo, que quase esquecera as amenidades da natureza que, em junho, podem ser fabulosas. Quando atingiu o alto da colina de onde, em dias claros, metade da Inglaterra, com uma nesga do País de Gales e da Escócia de quebra, pode ser vista, jogou-se debaixo de seu carvalho predileto e pensou que se nunca mais precisasse falar com outro homem ou outra mulher enquanto vivesse; se seus cachorros não viessem a desenvolver a capacidade da fala; se nunca mais conhecesse um poeta ou uma princesa, poderia sobreviver os anos que por acaso ainda lhe restassem num estado de razoável felicidade.

Para cá ele vinha, pois, dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano. Via as faias se tornarem douradas e o brotar das samambaias; via a lua quando estava como uma foice e depois como uma bola; via... mas provavelmente o leitor pode imaginar a passagem que viria a seguir e como cada árvore e cada planta dos arredores é descrita primeiro como verde, depois como dourada; como as luas sobem e os sóis descem; como a primavera sucede ao inverno e o outono ao verão; como a noite sucede ao dia e o dia à noite; como vem primeiro a tempestade e depois o céu claro; como as coisas permanecem mais ou menos como são por uns duzentos ou trezentos anos, exceto por alguma poeira e umas teias de aranha a mais que uma velha pode tirar em meia hora; conclusão à qual, impossível não pensar, se podia ter chegado mais depressa pela simples declaração de que “O tempo passou” (a duração exata podia ser indicada entre parênteses) e nada, absolutamente nada, aconteceu.

Mas o Tempo, infelizmente, embora faça os animais e os vegetais vicejarem e definharem com espantosa pontualidade, não tem efeito tão simples sobre a mente humana. A mente humana, além disso, age com igual estranheza sobre o corpo do tempo. Uma hora, uma vez alojada no estranho elemento do espírito humano, pode ter sua duração tal como assinalada pelo relógio aumentada cinquenta ou cem vezes; por outro lado, uma hora pode ser acuradamente representada no cronômetro da mente por um segundo. Essa extraordinária discrepância entre o tempo do relógio e o tempo da mente é menos conhecida do que deveria e merece uma

investigação mais aprofundada. Mas o biógrafo, cujos interesses são, como dissemos, altamente restritos, deve se limitar a uma simples afirmação: quando um homem atinge a idade de trinta anos, como é o caso de Orlando agora, o tempo, quando ele está pensando, torna-se excessivamente longo; quando está agindo, excessivamente curto. Orlando, então, dava ordens e conduzia os negócios de suas vastas propriedades num relâmpago; mas assim que se via sozinho na colina, debaixo do carvalho, os segundos iam se esticando e se enchendo ao ponto de parecer que nunca caíam. Eles se enchiam, além disso, com a mais estranha variedade de objetos. Pois ele não apenas se via confrontado com problemas que deixariam perplexos o mais sábio dos homens, tais como “O que é o amor?”, “A amizade?”, “A verdade?”, mas assim que começava a pensar sobre eles, todo o seu passado, que lhe parecia de extrema variedade e duração, invadia com violência o segundo em queda, dilatava-o até doze vezes o seu tamanho natural, coloria-o de mil matizes, enchendo-o com todas as quinquilharias e bugigangas do universo.

Nesse tipo de pensamento (ou qualquer outro nome que se lhe possa dar), gastou meses e anos de sua vida. Não seria exagero dizer que saía de casa, após o café da manhã, como um homem de trinta anos e voltava para o almoço como um homem de cinquenta e cinco, no mínimo. Algumas semanas acrescentavam um século à sua idade, outras, não mais que três segundos, no máximo. No final das contas, a tarefa de calcular a duração da vida humana (sobre a dos animais, melhor não falar) está além de nossa capacidade, pois, assim que dizemos que se conta em eras, somos lembrados de que é mais breve que o tempo que leva uma pétala de rosa para cair no chão. Dentre as forças que, alternadamente e, o que é ainda mais confuso, simultaneamente, dominam nossa cabeça dura – a brevidade e a diuturnidade – Orlando ficava, às vezes, sob a influência da divindade de patas de elefante, outras, da divindade de asas de mosquito. A vida parecia-lhe de uma duração prodigiosa. Ainda assim, passava como um relâmpago. Mas mesmo quando se estendia ao máximo e os instantes se inchavam ao extremo e ele parecia vagar sozinho em desertos de vasta eternidade, não havia tempo suficiente para deslindar e decifrar aqueles pergaminhos cheios de inscrições que trinta anos de vida entre homens e mulheres tinham enrolado com firmeza no seu cérebro e coração. O Amor ainda estava longe de abandonar o seu pensamento (nesse meio tempo, as

folhas do carvalho tinham brotado e caído uma dúzia de vezes), mas a Ambição já o expulsava para fora do campo apenas para ser prontamente substituída pela Amizade e pela Literatura. E como a primeira questão não fora resolvida – O que é o amor? – à menor provocação ou sem nenhum motivo, ela voltaria, empurrando para a margem Livros ou Metáforas sobre o porquê da vida, que ficariam ali à espera, até enxergarem a chance de invadir o campo de novo. O que tornava o processo ainda mais longo era o fato de ele ser profusamente ilustrado, não apenas com imagens, como a da velha rainha Elizabeth deitada em seu divã estampado num brocado rosa, com uma caixa de rapé, feita em marfim, na mão e uma espada de punho dourado ao lado, mas também com aromas – ela era intensamente perfumada – e sons; os cervos estavam, naquele dia de inverno, balindo no Richmond Park. E, assim, o pensamento do amor ficava todo colorido de âmbar pela neve e pelo inverno; por toras de lenha queimando; por mulheres russas, espadas douradas e o balido dos cervos; pela salivação do velho rei James e por fogos de artifício e por sacos de tesouro nos porões de veleiros elisabetanos. Bastava tentar desalojar de seu lugar na mente uma única coisa para vê-la logo atulhada de alguma outra matéria, tal como o caco de vidro que, após passar um ano no fundo do mar, cobre-se todo de espinhas de peixe e libélulas e moedas e madeixas de mulheres afogadas.

“Por Júpiter, outra metáfora!”, exclamou ao dizer isso (o que mostrava a maneira desordenada e tortuosa como sua mente funcionava, explicando também por que o carvalho florescia e fenecia tantas vezes sem que ele chegasse a qualquer conclusão sobre o Amor.) “E de que adianta isso?”, perguntava-se. “Por que simplesmente não dizer sem rodeios...” e então gastava meia hora – ou seriam dois anos e meio? – tentando descobrir como simplesmente dizer sem rodeios em que consistia o amor. “Uma figura como essa é claramente mentirosa”, argumentava, “pois nenhuma libélula, a não ser em circunstâncias muito excepcionais, poderia viver no fundo mar. E se a literatura não é a Noiva e a Consorte da Verdade, o que ela é? Com os diabos!”, exclamou, “por que dizer Consorte quando já se disse Noiva? Por que simplesmente não dizer o que se quer dizer e encerrar o assunto?”

E, então, ele tentou dizer que a grama é verde e o céu, azul e, assim, conquistar as boas graças do austero espírito da poesia, a qual, embora

situada a uma grande distância, ele não podia deixar de reverenciar. “O céu é azul”, disse, “a grama é verde.” Olhando para o alto, viu que, ao contrário, o céu é como os véus que milhares de madonas deixaram cair da cabeça; e a grama esquiva-se e escurece como uma revoada de mocinhas fugindo das carícias de sátiros peludos saídos de bosques encantados. “Podem acreditar”, disse (pois adquirira o mau hábito de falar sozinho), “não vejo como uma possa ser mais verdadeira que a outra. Ambas são totalmente falsas.” E perdeu a esperança de conseguir resolver o problema da natureza da poesia e da verdade, entrando em profunda depressão.

E aqui podemos nos aproveitar de uma pausa em seu solilóquio para refletir como era estranho ver Orlando ali estendido no chão, apoiado sobre os cotovelos, num dia de junho, e para observar como esse bom camarada – na plena posse de todas as suas capacidades e de corpo saudável (confirmam-no o rosto e os membros), um homem que nunca pensava duas vezes antes de encabeçar um ataque ou bater-se em duelo – estava tão sujeito à letargia do pensamento e por causa disso se tornava tão sensível que, quando se tratava da questão da poesia ou de sua competência nesse quesito, ele era tão tímido quanto uma menininha tentando se esconder atrás da saia da mãe. É nossa convicção que a ridicularização que Greene fez de sua tragédia deixou-o tão magoado quanto a que a princesa fez de seu amor. Mas voltemos ao assunto...

Orlando continuava pensando. Ainda observava a grama e o céu, tentando trazer à memória o que um verdadeiro poeta, com versos publicados em Londres, diria sobre eles. A memória (cujos hábitos já foram descritos), entretanto, mantinha firme diante de seus olhos o rosto de Nicholas Greene, como se aquele homem sardônico de lábios frouxos, traiçoeiro como se mostrara, fosse a Musa em pessoa e a ele Orlando devesse render homenagem. Assim, Orlando, naquela manhã de verão, ofereceu-lhe uma variedade de frases, algumas despojadas, outras cheias de figuras, mas Nick Greene continuava a sacudir a cabeça, fazendo pouco caso e resmungando algo sobre a Glor e Cícero e a morte da poesia em nossa época. Afinal, pondo-se de pé (agora era inverno e estava muito frio), Orlando fez um dos mais notáveis juramentos de toda a sua vida, pois ele o obrigava a uma servidão mais rigorosa que qualquer outra. “Que eu seja amaldiçoado”, disse, “se algum dia escrever outra palavra ou tentar escrever outra palavra para agradar a Nick Greene ou à Musa. Bem, mal ou

de maneira medíocre, escreverei, deste dia em diante, para agradar a mim mesmo”; e aqui fez de conta que estava rasgando um maço inteiro de papéis e atirando-o na cara daquele homem sarcástico de lábios frouxos. Ao que, tal como um vira-lata desvia a cabeça quando uma pessoa ameaça atirar-lhe uma pedra, a Memória desviou para longe da vista a efígie de Nick Greene que ela havia apresentado; e a substituiu por... nada, absolutamente nada.

Mesmo assim, Orlando continuou pensando. Tinha, de fato, muito em que pensar. Pois quando rasgou o pergaminho, rasgou, no mesmo gesto, a vultevolteante e floreada página que tinha redigido, na solidão de seu quarto, a seu próprio favor, nomeando-se, tal como o rei nomeia embaixadores, o poeta primeiro de sua raça, o escritor primeiro de sua época, conferindo imortalidade eterna à sua alma e outorgando perpetuamente ao seu corpo um túmulo entre os lauréis e os estandartes intangíveis da reverência de um povo. Por mais eloquente que fosse tudo isso, ele agora rasgou a página, jogando-a na lixeira. “A fama”, disse (e como não havia nenhum Nick Greene para detê-lo, ele continuou a se divertir com imagens das quais escolheremos apenas uma ou duas das menos retumbantes), “é como um casaco trançado que tolhe os braços e as pernas; uma jaqueta de prata que oprime o coração; um escudo pintado que cobre um espantalho”, etc., etc. No fundo, suas frases diziam que, enquanto a fama tolhe e constringe, a obscuridade envolve um homem como uma névoa; a obscuridade é cinza, larga e livre; a obscuridade deixa a mente seguir sem impedimentos o seu caminho. Sobre o homem obscuro se despeja a misericordiosa enxurrada do cinzento. Ninguém sabe aonde ele vai ou de onde vem. Ele pode **buscar a verdade e dizê-la**; só ele é livre; só ele é verdadeiro; só ele está em paz. E mergulhou, assim, sob o carvalho – cujas duras raízes, expostas acima da terra, lhe pareciam, ao contrário do que se poderia pensar, bastante confortáveis – num estado de espírito tranquilo.

Após ter estado imerso por um longo tempo em pensamentos profundos – sobre o valor da obscuridade e sobre as alegrias de não ter nenhum renome, mas de ser como uma onda que regressa ao corpo profundo do mar; sobre como a obscuridade liberta a mente do entrave da inveja e do despeito; sobre como ela faz correr nas veias as águas livres da generosidade e da magnanimidade, tornando possível dar e receber sem

necessidade de agradecimentos ou louvores; sobre como essa deve ter sido a via de todos os grandes poetas, supunha ele (embora seu conhecimento do grego não fosse suficiente para ter certeza disso), pois, refletiu, Shakespeare deve ter escrito desse jeito, e os que ergueram igrejas devem tê-las erguido desse jeito, anonimamente, sem necessidade de agradecimentos ou de reputação, bastando-lhes o seu trabalho durante o dia e talvez alguma cerveja, à noite – pensou, esticando, ainda debaixo do carvalho, os braços e as pernas: “Como é admirável a vida! E por que não desfrutá-la neste mesmo instante?” O pensamento atingiu-o como uma bala. A ambição caiu como um fio de prumo. Livre do tormento do amor não correspondido e da vergonha da vaidade espezinhada e de todas as outras feridas e **picadas que os espinheiros da vida lhe tinham infligido quando ambicionava a fama, mas que eram inócuos para** quem não se importava com a glória, ele abriu os olhos, que, na verdade, tinham estado bem abertos o tempo todo, mas tinham visto apenas pensamentos, e viu a sua casa, estendida no vale lá embaixo.

Lá estava ela, à luz do sol da manhãzinha de primavera. Mais parecia uma vila do que uma casa, mas não uma vila construída desse jeito e daquele, como queria esse homem ou aquele outro, mas circunspectamente, por um único arquiteto, com uma única ideia na cabeça. Pátios internos e prédios, cinzentos, vermelhos, cor de ameixa, se estendiam ordenada e simetricamente; os pátios eram, alguns deles, oblongos e, outros, quadrados; nesse havia um chafariz; naquele, uma estátua; os prédios eram, alguns deles, baixos e, outros, elevados; aqui ficava uma capela, ali, um campanário; pelo meio se estendiam espaços da mais verde grama e conjuntos cerrados de cedros e canteiros de flores de alegre colorido; tudo isso era cingido – mas tão bem arranjado que era como se cada uma das partes tivesse espaço para se espalhar à vontade – pelo anel de um muro maciço; e a fumaça de inumeráveis chaminés enroscava-se perpetuamente no ar. Essa vasta mas ordenada construção, que podia alojar mil homens e talvez dois mil cavalos, foi erguida, pensou Orlando, por trabalhadores cujos nomes não são conhecidos. Aqui têm vivido, por mais séculos do que posso contar, as obscuras gerações de minha própria e obscura família. Nenhum desses Richards, Johns, Annes, Elizabeths deixou atrás de si uma única marca; todos, entretanto,

trabalhando juntos com suas pás e suas agulhas, fazendo amor e filhos, deixaram isso.

Nunca a casa parecera mais nobre e humana.

Por que, então, tinha ele desejado elevar-se acima deles? Pois parecia vão e arrogante ao extremo tentar fazer coisa melhor do que aquele trabalho anônimo de criação, do que aquilo que produziram os esforços daquelas mãos desaparecidas. Melhor ir-se deste mundo sem nenhum renome, deixando atrás de si um arco, um galpão de jardim, um muro onde os pêssegos amadurecem, do que arder como um meteoro e não deixar nenhum rastro. Pois, afinal, disse, inflamando-se, ao observar a imensa casa no relvado lá embaixo, os lordes e as ladies sem renome que viveram ali nunca se esqueceram de reservar alguma coisa para os que virão depois; para o teto que gotejará; para a árvore que cairá. Havia sempre na cozinha um cantinho aquecido para o velho pastor; sempre, alguma comida para o faminto; suas taças eram sempre polidas, mesmo quando jaziam doentes na cama, e suas janelas eram sempre abertas para deixar a luz entrar, mesmo quando estavam no leito à beira da morte. Embora nobres, não viam problema em se juntarem à obscuridade do caçador de toupeiras e do pedreiro, acompanhando-os em suas tarefas. Obscuros nobres, olvidados obreiros – assim os interpelava, com uma veemência que desmentia inteiramente aqueles críticos que lhe diziam frio, indiferente, preguiçoso (a verdade é que uma característica de personalidade está, muitas vezes, justamente do outro lado do muro de onde a buscamos) – assim interpelava a sua casa e a sua linhagem, com palavras da mais comovedora eloquência; mas quando chegava à fase da peroração – e o que é a eloquência sem a peroração – ele se atrapalhava. Teria gostado de concluir com um floreio sugerindo que seguiria os seus passos e acrescentaria mais uma pedra à casa que tinham edificado. Como, entretanto, o edifício já cobria a extensão de quase quatro hectares, acrescentar uma mísera pedra parecia supérfluo. Caberia mencionar móveis numa peroração? Caberia falar de cadeiras e mesas e tapetes para o lado das camas? Se alguma coisa, não importa qual, coubesse numa peroração, era justamente disso que a casa precisava. Deixando, por enquanto, o discurso sem conclusão, marchou colina abaixo, decidido a se dedicar dali em diante a mobiliar a casa. A notícia – de que ela ficasse imediatamente à sua disposição – fez se encherem de lágrimas os olhos da

boa e velha sra. Grimsditch, agora já bem avançada em anos. Juntos percorreram a casa.

O toalheiro do quarto do rei (“e era o rei Jamie, meu senhor”, disse ela, sugerindo que fazia muito tempo que um rei não dormia sob este teto; mas os odiosos dias do Parlamento tinham chegado ao fim e de novo havia agora uma coroa na Inglaterra) estava sem um pé; não havia mesinhas para os jarros no pequeno lavatório que levava à sala de espera do pajem da duquesa; com seu horrível hábito de fumar cachimbo, o sr. Greene tinha feito uma mancha no tapete, que ela e Judy, por mais que esfregassem, nunca tinham conseguido tirar. Na verdade, quando Orlando foi fazer os cálculos do custo de mobiliar com cadeiras de jacarandá e escrivaninhas de cedro, com bacias de prata, tigelas de porcelana e tapetes persas cada um dos trezentos e sessenta e cinco quartos que tinha a casa, ele viu que não seria pouca coisa; e se ainda restassem alguns milhares de libras de sua fortuna, mal dariam para pendurar tapeçarias em algumas galerias, prover o salão de jantar de elegantes cadeiras talhadas e decorar os aposentos reais com espelhos de prata maciça e com cadeiras do mesmo metal (pelo qual nutria uma paixão fora do comum).

Pôs-se, então, a trabalhar seriamente, como podemos comprovar, sem deixar margens à dúvida, observando seus registros contábeis. Examinemos rapidamente o inventário do que ele comprou nessa época, com as despesas anotadas à margem – mas omitiremos essa parte.

“Cinquenta pares de cobertores espanhóis, o mesmo número de cortinas de tafetá carmesim e branco; sanefas para as mesmas, de cetim branco bordado com seda carmesim e branca...

“Setenta cadeiras de cetim amarelo e sessenta banquetas, combinando, todas, com seus revestimentos de entretela...

“Sessenta e sete mesas de nogueira...

“Dezessete dúzias de caixas contendo, cada uma, cinco dúzias de cálices de Veneza...

“Cento e dois tapetes, cada um com trinta metros de comprimento...

“Noventa e sete almofadas de damasco carmesim, enfeitadas com rendas de pergaminho prateado e banquinhos para os pés revestidos com tecido e cadeiras combinando...

“Cinquenta lustres com doze velas cada um...”

Já começamos a bocejar – é um dos efeitos que as listas têm sobre nós. Mas se paramos é apenas porque o catálogo é tedioso, não porque tenha terminado. Há mais noventa e nove páginas, e a soma total desembolsada chegava a muitos milhares – o que significa milhões no dinheiro de hoje. E se passava os dias assim, lorde Orlando podia ser encontrado calculando o que custaria nivelar milhões de montinhos deixados por toupeiras se os homens recebessem dez pênis por hora; e, ainda, quantas caixas de cem libras de pregos a cinco pênis e meio o quartilho eram necessárias para consertar a cerca ao redor do parque, que tinha vinte e cinco quilômetros de circunferência. E assim por diante, interminavelmente.

A história toda, dizíamos, é tediosa, pois um guarda-louças qualquer é igual a qualquer outro e um montinho qualquer não é muito diferente de um milhão de outros. Isso rendeu-lhe algumas viagens agradáveis; e algumas deliciosas aventuras. Como, por exemplo, na ocasião em que pôs uma cidade inteira de mulheres cegas perto de Bruges a bordar colgaduras para o dossel de uma cama prateada; e a história de sua aventura com um mouro em Veneza, de quem comprou (mas apenas à ponta de espada) a escrivanhinha laqueada, poderia, em outras mãos, valer a pena ser contada. Tampouco faltava variedade ao trabalho; pois aqui vinham, puxadas desde Sussex por juntas de cavalos, toras imensas, que seriam cortadas ao meio no sentido do comprimento para assoalhar a galeria; e, depois, uma arca da Pérsia, forrada com lã e serragem, da qual tiraria, por fim, uma peça de baixela de prata ou um solitário anel de topázio.

Mas no final não havia mais nenhum espaço nas galerias para outra mesa; nenhum espaço em cima da bancada para outra estante; nenhum espaço na estante para outro vaso; nenhum espaço no vaso para outro buquê de flores; nenhum espaço para mais nada em lugar nenhum; em suma, a casa estava mobiliada. No jardim, galantos, açafrões, jacintos, magnólias, rosas, lírios, ásteres, a dália em todas as suas variedades, pereiras e macieiras e cerejeiras e amoreiras, uma imensa quantidade de raros arbustos em flor e de árvores perenes e sempre verdes entrelaçavam tão cerradamente suas raízes que não havia nenhuma parcela de terra sem sua florescência e nenhuma faixa de relva sem sua sombra. Além disso, importara aves exóticas de alegre plumagem; e dois ursos malaios, cujo jeito arisco escondia, tinha certeza, corações leais.

Agora tudo estava pronto; e quando a noite chegou e as inumeráveis arandelas de prata foram acesas e a brisa que percorria eternamente as galerias fazia mexer os panos de arrás azuis e verdes de um jeito que era como se os caçadores estivessem cavalgando e Dafne voando; quando a prata reluziu e o laqueado cintilou e a lenha ardeu; quando as cadeiras talhadas estenderam os braços e os golfinhos nadaram pelas paredes com sereias nas costas; quando tudo isso e muito mais que tudo isso estava completo e como ele queria, Orlando caminhou pela casa com seus elkhounds atrás e se sentiu satisfeito. Agora, pensou, tinha assunto para recheiar sua peroração. Talvez fosse melhor começar de novo o discurso. Mas sentia, enquanto desfilava pelas galerias, que ainda faltava alguma coisa. Cadeiras e mesas, por mais ricamente douradas e talhadas que fossem, poltronas apoiadas em patas de leões ou em pescoços de cisnes, camas mesmo forradas com as mais macias plumas não são, por si sós, suficientes. Ficam espantosamente melhores quando as vemos ocupadas por pessoas – sentadas, recostadas, deitadas. Orlando deu início, assim, a uma série de esplêndidas festas para a alta e a pequena nobreza dos arredores. Os trezentos e sessenta e cinco quartos ficaram todos ocupados ao mesmo tempo durante um mês. Os convidados se esbarravam nas cinquenta e duas escadarias. Trezentos criados se esbarravam nas copas. Havia banquetes quase todas as noites. Assim, em pouquíssimos anos, Orlando tinha visto tudo o que era de veludo se tornar surrado e consumido a metade de sua fortuna; mas tinha conquistado a boa graça dos vizinhos, exercido uma vintena de cargos no condado e era presenteado todos os anos com talvez uma dúzia de livros dedicados, em termos um tanto pomposos, ao nobre senhor, por poetas agradecidos. Pois embora nessa época cuidasse para não se juntar a escritores e sempre se mantivesse distante de damas de sangue estrangeiro, era, ainda assim, excessivamente generoso tanto com mulheres quanto com poetas, sendo adorado por ambos os grupos.

Mas quando a festança estava no auge e os convidados envolvidos na folia, ele era capaz de retirar-se para seus aposentos privados e ficar a sós. Ali, quando a porta se fechava e estava seguro de que não seria incomodado, ele pegava um velho caderno, costurado com seda roubada do estojo de costura da mãe e **marcado** numa letra redonda de estudante, com a inscrição “O carvalho. Um poema”. Escrevia nele até soar a meia-

noite e nisso ficava noite adentro. Mas como riscava versos na mesma proporção em que os acrescentava, o resultado era, muitas vezes, no final do ano, bem menor que no começo, e era como se, enquanto escrevia, o poema fosse todo se apagando. Pois cabe ao historiador das letras observar que ele tinha mudado espantosamente o estilo. Sua tendência aos floreios tinha sido abrandada; sua abundância, contida; a era da prosa estava congelando essas cálidas fontes. Até a paisagem lá fora estava menos cravada de guirlandas e as sarças menos espinhosas e emaranhadas. Talvez os sentidos estivessem um pouco mais entorpecidos e o mel e o creme menos atraentes ao paladar. Que o fato de as ruas estarem mais bem drenadas e as casas mais bem iluminadas também tinha algum efeito sobre o estilo não é coisa de se duvidar.

Um dia estava, com enorme esforço, juntando um verso ou dois a “O carvalho. Um poema”, quando viu, pelo rabo do olho, uma sombra passando. Não era nenhuma sombra, ele logo viu, mas o perfil de uma dama muito alta, de capa e capuz, cruzando o quadrângulo para o qual o seu quarto tinha vista. Como esse era o mais privado dos pátios e a dama lhe era estranha, Orlando perguntou-se como ela tinha ido parar lá. Três dias depois a mesma aparição apresentou-se; e, ao meio dia da quarta-feira, de novo. Desta vez, Orlando estava decidido a segui-la, mas aparentemente ela, por sua vez, não temia ser flagrada, pois afrouxou os passos quando ele se aproximou e o olhou diretamente nos olhos. Qualquer outra mulher assim surpreendida nos domínios privativos de um lorde teria ficado com medo; qualquer outra mulher com aquele penteado e aspecto e com aquele rosto teria jogado a mantilha que trazia sobre os ombros para cobri-lo. Pois não havia nada a que ela mais se assemelhasse do que a uma lebre; uma lebre assustada, mas obstinada; uma lebre cuja timidez é superada por uma imensa e insensata audácia; uma lebre que se ergue sobre as patas e encara desafiadoramente seu perseguidor, com olhos imensos, saltados; com orelhas em pé mas tremendo, com o nariz empinado mas contraído. Essa lebre, de quebra, tinha um metro e oitenta de altura e, como se não bastasse, usava um penteado um tanto fora de moda que a fazia parecer ainda mais alta. Assim confrontada, ela olhou fixamente para Orlando com um olhar no qual timidez e audácia se combinavam da maneira mais estranha.

Primeiro, ela lhe pediu, com uma reverência apropriada, mas um tanto desajeitada, que desculpasse sua intromissão. Depois, erguendo-se de novo à sua plena altura, que devia ser algo acima de um metro e oitenta, disse – mas com uma risadinha nervosa tão cacarejante, tão entremeada por ih-ih-ihs e ah-ah-ahs que Orlando pensou que ela devia ter fugido de um manicômio – que era a arquiduquesa Harriet Griselda, de Finster-Aarhorn e Scand-op-Boom, no território romeno. Desejava, acima de tudo, conhecê-lo, disse ela. Estava hospedada no andar de cima de uma padaria em Park Gates. Tinha visto o retrato dele e parecia uma irmã sua que tinha – aqui, ela deu uma gargalhada – morrido havia muito tempo. Estava em visita à corte inglesa. A rainha era sua prima. O rei era um bom sujeito, mas raramente ia dormir sóbrio. Aqui, ela começou de novo com seus ih-ih-ihs e ah-ah-ahs. Em suma, não havia outro remédio a não ser convidá-la a entrar e oferecer-lhe um cálice de vinho. Dentro de casa, sua conduta recobrou a altivez própria de uma arquiduquesa romena; e se ela não tivesse demonstrado conhecimento de vinhos, coisa rara numa dama, e feito algumas observações bastante sensatas sobre armas de fogo e os costumes de esportistas em seu país, teria faltado espontaneidade à conversa. Por fim, pondo-se de pé, anunciou visita no dia seguinte, curvou-se em mais uma prodigiosa reverência e foi embora. No dia seguinte, Orlando saiu de casa a cavalo. No outro, voltou as costas para a janela; no terceiro, fechou as cortinas. No quarto, choveu, e como não podia deixar uma dama na chuva e tampouco era avesso a ter companhia, convidou-a a entrar e pediu sua opinião a respeito de uma armadura que pertencia a um antepassado dele: se era obra de Jacobi ou de Topp. Ele se inclinava por Topp. Ela era de opinião diferente – pouco importa qual. Mas tem alguma importância para o rumo de nossa história o fato de que, ao ilustrar seu argumento, que tinha a ver com a maneira de lidar com os apetrechos que mantinham juntas as diferentes partes, a arquiduquesa Harriet tirou a caneleira de ouro da armadura, prendendo-a à perna de Orlando.



A arquiduquesa Harriet

Que ele tinha um par das mais bem torneadas pernas sobre as quais já se sustentara qualquer nobre é algo que já foi dito.

Talvez algo no jeito como ela apertava a fivela do tornozelo; ou na maneira como se inclinava; ou a prolongada reclusão de Orlando; ou a natural simpatia que existe entre os sexos; ou o Borgonha; ou o fogo – qualquer uma dessas causas pode ter sido a culpada; pois certamente há culpa, de uma parte ou de outra, quando um nobre da estirpe de Orlando, ao receber uma dama em sua casa, e ela era muitos anos mais velha, com um rosto de tristeza e olhos esbugalhados, que também se vestia de modo um tanto ridículo, de capa e capuz apesar do tempo quente – há culpa quando um nobre como ele é tão repentina e violentamente tomado por alguma espécie de paixão que é obrigado a sair da sala.

Mas, pode-se muito bem perguntar, de que espécie seria? E a resposta, como o próprio Amor, tem duas caras. Pois o Amor... mas deixando o Amor de lado por enquanto, o que realmente aconteceu foi isto:

Quando a arquiduquesa Harriet Griselda se inclinou para apertar a fivela, Orlando ouviu, repentina e inexplicavelmente, muito longe, o bater

de asas do Amor. A distante agitação daquela macia plumagem despertou nele mil recordações de águas revoltas, de encantamento na neve e traição na enchente; e o som ficou mais próximo; e ele corou e tremeu; e comoveu-se como nunca imaginara se comover de novo; e estava prestes a erguer as mãos e deixar a ave da beleza pousar nos seus ombros, quando – horror! – um som rascante como o que fazem os corvos quando se precipitam sobre as árvores começou a reverberar; a atmosfera parecia ter escurecido com o negro de rudes asas; vozes crocitavam; fragmentos de palha, gravetos e penas se precipitavam em direção ao chão; e ali, cravada em seus ombros estava a mais pesada e repugnante das aves, o abutre. Saiu, assim, da sala às correrias, instruindo o lacaio a acompanhar a duquesa Harriet até sua carruagem.

Pois o Amor, ao qual podemos agora retornar, tem duas caras – uma branca, a outra negra; dois corpos – um liso, o outro peludo. Tem duas mãos, dois pés, duas garras, um par, na verdade, de cada membro e cada um é o oposto exato do outro. Mas estão tão estreitamente unidos que não se consegue separá-los. Nesse caso, o amor de Orlando começou o voo em sua direção mostrando a cara branca e revelando o corpo liso e encantador. Chegava cada vez mais perto, fazendo soprar à sua frente aragens de puro deleite. De repente (à vista da arquiduquesa, supõe-se) girou, mostrando o outro lado; mostrando seu lado negro, peludo, monstruoso; e foi a Luxúria, o abutre, não o Amor, a Ave do Paraíso, que se precipitou, asquerosa e malvadamente, sobre seus ombros. Por isso, correu; por isso, convocou o lacaio.

Mas a harpia não se deixa expulsar assim tão facilmente. Além de a arquiduquesa continuar hospedada em cima da padaria, Orlando era assombrado dia e noite pelos mais horríveis fantasmas. Aparentemente, fora em vão que decorara a casa com objetos de prata e cobrira as paredes com panos de arrás, pois a qualquer momento uma ave coberta de esterco podia se estabelecer em sua escrivaninha. Ali estava ela, se debatendo por entre as cadeiras; ele a via caminhando torta e sem graça pelas galerias. Agora se empoleirou com todo o peso em cima da grade da lareira. Quando a enxotou, ela veio de volta e bicou a vidraça até quebrá-la.

Dando-se conta, assim, de que sua casa era inabitável e que providências para encerrar o assunto deviam ser imediatamente tomadas, ele fez o que outro jovem teria feito em seu lugar, e pediu ao rei Charles

que o fizesse embaixador extraordinário em Constantinopla. O rei passeava por Whitehall. Estava de braços dados com Nell Gwyn. Ela atirava-lhe avelãs. Era uma grande pena, suspirou a dama de muitos amores, que um par de pernas como esse tivesse que deixar o país.

Seja como for, as Parcas eram cruéis; ela não podia fazer mais nada a não ser jogar-lhe um beijo por cima dos ombros antes que Orlando partisse.



Orlando quando embaixador

Capítulo III

É REALMENTE UMA GRANDE DESGRAÇA e muito lamentável que, nessa fase da carreira de Orlando, quando desempenhou um papel muito importante na vida pública de seu país, tenhamos pouquíssima informação em que confiar. Sabemos que cumpriu suas obrigações de modo a causar admiração – prova-o o fato de ter sido agraciado com a Ordem Militar do Banho e o título de duque. Sabemos que havia um dedo dele em algumas das mais delicadas negociações entre o rei Charles e os turcos – disso dão testemunho tratados guardados no Arquivo Real. Mas a revolução que estalou durante o período em que permaneceu no cargo e o incêndio que se seguiu danificaram tanto – quando não os destruíram inteiramente – todos aqueles documentos dos quais se poderia extrair alguma informação confiável que o que podemos oferecer é, lamentavelmente, incompleto. Muitas vezes o documento estava chamuscado no meio da frase mais importante, restando apenas uma mancha marrom. Bem na hora em que pensávamos elucidar um segredo que tinha deixado perplexos os historiadores por uns bons cem anos, havia, no manuscrito, um buraco grande o suficiente para se poder enfiar o dedo. Fizemos o melhor que podíamos para redigir, juntando informações parciais extraídas dos fragmentos chamuscados que restam, um minguido sumário; mas muitas vezes foi preciso especular, tentar adivinhar e até mesmo fazer uso da imaginação.

O dia de Orlando era passado, ao que parece, mais ou menos da seguinte maneira. Levantava-se perto das sete, se enrolava num longo manto turco, acendia um charuto e se apoiava com os cotovelos no parapeito da janela. Assim ficava, contemplando a cidade aos seus pés, aparentemente extasiado. A essa hora, a névoa era tão cerrada que os domos de Santa Sofia e tudo o mais parecia flutuar; aos poucos, a névoa se dissipava, deixando-os a descoberto; agora os globos pareciam estar

firmemente fixados; ali estava o rio; ali a ponte Gálata; ali, com seu turbante verde, os peregrinos, com olhos furados ou orelhas decepadas, pedindo esmolas; ali, os vira-latas pegando restos de comida; ali, as mulheres com o xale cobrindo-lhes a cabeça; ali, as inumeráveis mulas; ali, homens a cavalo carregando longas varas. Logo a cidade inteira estaria em alvoroço, com o estalar de chicotes, o bater de gongos, os gritos chamando à oração, o açoitar das mulas e o chacoalhar das rodas de madeira com seus aros de metal, enquanto acres odores, vindos de pães em fermentação e incenso e especiarias e parecendo o próprio hálito da estridente, multicolorida e bárbara população, se ergueriam no ar, chegando até mesmo às colinas de Pera.

Nada, refletia ele, contemplando a cena que agora cintilava ao sol, poderia ser menos parecido com os condados de Surrey e Kent ou as cidades de Londres e Tunbridge Wells. À direita e à esquerda erguiam-se, em desnudo e pétreo destaque, as inóspitas montanhas asiáticas, das quais pendia o rústico castelo de um ou dois dos grandes chefes de quadrilhas; mas presbitério não havia nenhum, nem casa senhorial, nem moradias de serviçais, nem tampouco carvalho, olmo, violeta, hera ou madressilva-dos-bosques. Não havia nenhuma sebe onde crescessem samambaias e nenhum campo onde pastassem ovelhas. As casas eram brancas e peladas como casca de ovo. Que ele, inglês de raiz e de fibra, exultasse, contudo, até o fundo do coração, diante desse agreste panorama e contemplasse sem parar aquelas estreitas passagens e longínquas alturas, planejando passeios, sozinho e a pé, ali, onde apenas a cabra e o pastor tinham antes pisado; tivesse forte sentimento de afeição pelas vivas e extemporâneas flores, gostasse dos sarnentos vira-latas mais ainda que dos elkhounds que tinha em casa e aspirasse com avidez o acre e penetrante cheiro das ruas era algo que o surpreendia. Tinha curiosidade de saber se algum de seus ancestrais tinha se envolvido, no tempo das cruzadas, com alguma camponesa circassiana; pensou que era possível; entreteve a fantasia de um quê de moreno em sua tez; e, voltando para dentro, recolheu-se para o banho.

Uma hora mais tarde, devidamente perfumado, com os cabelos enrolados e o corpo ungido por óleos aromáticos, recebia a visita de secretários e de outros altos funcionários que carregavam, um após o outro, caixas vermelhas que só podiam ser abertas com sua própria chave

de ouro. No interior, havia documentos da maior importância, dos quais restam agora apenas fragmentos: aqui uma vinheta, ali um laque de cera firmemente grudado a um pedaço de seda chamuscada. Do conteúdo não podemos, pois, falar, mas apenas certificar que Orlando, por causa da cera e dos lacres, das diferentes fitas coloridas que tinham que ser diferentemente atadas, dos títulos que precisavam de uma letra maior e das maiúsculas que precisavam ser rodeadas de floreios, se manteve ocupado até a hora do almoço – uma esplêndida refeição de trinta pratos, talvez.

Após o almoço, os lacaios avisaram que sua carruagem de seis cavalos estava à porta, e ele saiu em visita aos outros embaixadores e dignitários de Estado, precedido por janízaros trajados de roxo, correndo a pé e abanando grandes leques de pena de avestruz por sobre as cabeças. A cerimônia era sempre a mesma. Chegando ao pátio, os janízaros batiam com seus leques na porta de entrada central, que imediatamente se abria de par em par, revelando um imenso salão esplendidamente mobiliado. Aqui se sentavam dois personagens, geralmente um de cada sexo. Eram trocadas vênias e reverências que quase tocavam o chão. Na primeira sala, só era permitido falar do tempo. Após dizer que estava bom ou chuvoso, quente ou frio, o embaixador passava, então, à sala seguinte, onde, de novo, dois personagens se levantavam para saudá-lo. Aqui só era permitido comparar Constantinopla, como local de residência, com Londres; e o embaixador naturalmente disse que preferia Constantinopla, e seus anfitriões naturalmente disseram, embora nunca a tivessem visto, que preferiam Londres. Na sala seguinte, a saúde do rei Charles e do sultão deviam ser discutidas com algum detalhe. Na seguinte, eram discutidas a saúde do embaixador e a da esposa de seu anfitrião, mas com mais brevidade. Na seguinte, o embaixador felicitava o anfitrião por sua mobília e o anfitrião felicitava o embaixador por seu traje. Na seguinte, eram servidos doces, o anfitrião deplorando-lhes a pobreza, o embaixador exaltando-lhes a excelência. A cerimônia terminou, afinal, com todos fumando narguilé e bebendo café; mas, embora os gestos de fumar e beber tivessem sido metodicamente executados, não havia tabaco no forninho nem café na xícara, pois se realmente houvesse, a quantidade teria sido tal que nenhum corpo humano resistiria. Pois nem bem o embaixador tinha despachado uma visita e já havia outra a ser atendida. As mesmas cerimônias eram

repetidas precisamente na mesma ordem seis ou sete vezes na casa dos outros altos funcionários, de maneira que, muitas vezes, quando o embaixador chegava em casa já era tarde da noite. Embora Orlando executasse admiravelmente essas tarefas e nunca negasse que elas constituem, talvez, a parte mais importante dos deveres de um diplomata, elas, sem dúvida, cansavam-no e, muitas vezes, deprimiam-no, deixando-o numa tristeza tão grande que ele preferia cear sozinho, tendo seus cachorros como única companhia. Com eles, na verdade, podia-se ouvi-lo falando na língua de seu país. E, às vezes, dizia-se, ele passava pelos portões, tarde da noite, tão bem disfarçado que nem as sentinelas o reconheciam. Depois, misturava-se com a multidão na ponte Gálata; ou passeava pelos bazares; ou tirava os sapatos e se juntava aos devotos nas mesquitas. Uma vez, quando foi revelado que ele estava doente e febril, uns pastores que traziam suas cabras para o mercado contaram ter encontrado, no alto da montanha, um lorde inglês que, conforme tinham ouvido, dirigia preces ao seu Deus. Julgou-se ser o próprio Orlando, e sua prece era, sem dúvida, um poema recitado em voz alta, pois era sabido que ele ainda carregava, no bolso mais escondido do casaco, um manuscrito bastante riscado; e alguns criados, colando o ouvido à porta, escutaram o embaixador declamando, a sós no quarto, numa voz estranha, algo que soava como uma cantilena.

É com fragmentos desse tipo que devemos fazer o melhor possível para compor um quadro da vida e da personalidade de Orlando nessa época. Existem, ainda hoje, rumores, lendas, anedotas de natureza oscilante e não comprovada sobre a vida de Orlando em Constantinopla (não citamos senão algumas delas) que servem para provar que ele possuía, agora que estava na flor da idade, aquele poder de atizar a imaginação e prender o olhar que manterá acesa uma lembrança muito tempo depois que tiver sido esquecido tudo aquilo que atributos mais duráveis podem fazer para mantê-la viva. Trata-se de um poder misterioso, composto de beleza, berço e de algum dom mais raro, que podemos chamar de glamour e dar o assunto por encerrado. “Um milhão de velinhas”, como dissera Sasha, ardiam dentro dele sem que ele precisasse se dar ao trabalho de acender uma única. Movia-se como um cervo, sem nenhuma necessidade de pensar em suas pernas. Falava em sua voz normal e o eco devolvia a vibração de um gongo de prata. Daí que rumores cresciam à sua volta. Tornou-se o

querido de muitas mulheres e de alguns homens. Não era preciso que falassem com ele ou mesmo que o vissem; eles faziam surgir à sua frente como que por encanto, especialmente quando o ambiente era romântico ou o sol se punha, o personagem de um nobre cavaleiro em meias de seda. Tinha, sobre os pobres e pouco instruídos, o mesmo poder que tinha sobre os ricos. Pastores, ciganos, condutores de mulas ainda cantam canções sobre o lorde inglês “que atirou no poço suas esmeraldas”, referindo-se, sem dúvida, a Orlando, que, uma vez, ao que parece, arrancou suas joias, num momento de raiva ou bebedeira, jogando-as dentro de uma fonte, de onde foram físgadas por um pajem. Mas esse poder romântico, como é bem sabido, está, com frequência, associado a uma natureza de reserva extrema. Orlando parece não ter feito amigos. Tanto quanto se sabe, não criou qualquer laço. Uma importante dama fez toda a longa viagem desde a Inglaterra para estar perto dele e importunou-o com suas atenções, mas ele continuou a cumprir suas obrigações tão incansavelmente que não fazia ainda dois anos que tinha sido nomeado embaixador em Constantinopla quando o rei Charles manifestou sua intenção de elevá-lo ao mais alto grau na escala de pares do reino. Os invejosos diziam que era o tributo de Nell Gwyn à memória de um par de pernas. Mas como ela o tinha visto apenas uma vez e estava, na época, altamente ocupada em atirar avelãs em sua alteza real, é provável que tenha obtido o título de duque por seus méritos, e não por suas panturrilhas.

Aqui devemos fazer uma pausa, pois atingimos um momento de grande significado em sua carreira. Pois a atribuição do título de duque ocasionou um incidente muito famoso e, na verdade, muito discutível, que vamos agora descrever, avançando com cuidado e da melhor maneira possível por entre papéis queimados e pedacinhos de fita. Foi no final do grande jejum do ramadã que a Ordem do Banho e a carta patente que conferia o título de duque chegaram numa fragata comandada por sir Adrian Scrope; e Orlando aproveitou a ocasião para dar uma festa mais esplêndida que qualquer outra de que se tenha notícia, antes ou depois, em Constantinopla. A noite estava linda; a multidão era enorme, e as janelas da embaixada estavam brilhantemente iluminadas. De novo, há escassez de detalhes, pois o fogo agiu à vontade, restando, de todos esses registros, apenas frustrantes fragmentos, que não esclarecem os pontos mais importantes. Do diário de John Fenner Brigge, um oficial da marinha

inglesa que estava entre os convidados, concluímos, entretanto, que pessoas de todas as nacionalidades “se amontoavam como arenques num barril” no pátio da embaixada. A multidão estava tão apinhada que Brigge logo subiu numa árvore-de-judas para melhor observar os eventos. Tinha corrido entre as pessoas da terra o rumor (e aqui temos uma prova a mais do misterioso poder de Orlando sobre a imaginação) de que algum tipo de milagre estava para acontecer. “Assim”, escreve Brigge (mas seu manuscrito está tão chamuscado e cheio de buracos que algumas frases são totalmente ilegíveis), “quando os foguetes começaram a disparar, surgiu, entre nós, uma considerável preocupação de que a população local se deixasse arrebatara... muitas consequências desagradáveis para todos... as damas inglesas presentes na festa, confesso que levei a mão ao alfanje.” “Felizmente”, continua ele, em seu estilo um tanto prolixo, “esses temores pareciam, no momento, infundados e, observando o comportamento das pessoas da terra... cheguei à conclusão de que essa demonstração de nossa excelência na arte da pirotecnia era valiosa, quando menos porque incutia neles... a superioridade dos britânicos... Na verdade, o espetáculo era de uma magnificência indescritível. Vi-me, alternadamente, louvando o Senhor por ter permitido... e desejando que minha pobre e querida mãe... Conforme as ordens do embaixador, as imensas janelas, que são uma característica tão imponente da arquitetura oriental, pois embora ignorantes sob muitos aspectos... foram abertas de par em par; e no interior, podíamos ver um quadro vivo ou uma exibição teatral em que damas e cavalheiros ingleses... representavam uma mascarada, de autoria de um... As palavras eram inaudíveis, mas o espetáculo de tantos de nossos compatriotas, homens e mulheres, vestidos com a maior elegância e distinção... causou-me emoções das quais certamente não me envergonho, embora incapaz... Ocupava-me em observar a surpreendente conduta de lady... que era de natureza a atrair para si todos os olhares e trazer descrédito a seu sexo e a seu país, quando” – infelizmente, um galho da árvore-de-judas quebrou, o tenente Brigge precipitou-se ao chão e o resto do fragmento registra apenas sua gratidão à Providência (que exerce um papel muito importante em seu diário) e a exata natureza de seus ferimentos.

Felizmente, a srta. Penelope Hartopp, filha do general de mesmo sobrenome, viu a cena de dentro de casa e retoma o relato numa carta,

também muito deteriorada, que acabou chegando às mãos de uma amiga, em Tunbridge Wells. A srta. Penelope não foi, em seu entusiasmo, menos copiosa que o galante oficial. “Arrebatador”, exclama dez vezes numa mesma página, “maravilhoso... não há nada que possa descrevê-lo... baixelas de ouro... candelabros... negros em calções de pelúcia... pirâmides de gelo... fontes jorrando sangria... figuras de gelatina representando os navios de sua majestade... cisnes representando nenúfares... pássaros em gaiolas douradas... cavalheiros em trajes de veludo carmesim trabalhado... penteados femininos com, *no mínimo*, um metro e meio de altura... caixas de música... o sr. Peregrine disse que eu estava *simplesmente* linda, coisa que repito apenas para você, minha querida, porque sei que... Ah! como senti falta de todos vocês! ... superando qualquer coisa que vimos em Pantiles... oceanos de bebidas... alguns cavalheiros alterados... lady Betty extasiante... A pobre lady Bonham cometeu o infeliz engano de sentar-se sem uma cadeira por debaixo... Os cavalheiros todos muito galantes... desejei mil vezes que você e a querida Betsy estivessem aqui... Mas o que todos os outros olhavam, o ponto de atração de todos os olhares... como todo mundo admitia, pois ninguém seria tão desavergonhado a ponto de negá-lo, era o próprio embaixador. Que pernas! Que semblante!! Que modos principescos!!! Vê-lo chegando no salão! Vê-lo saindo do salão! E um quê de interessante na expressão que nos faz adivinhar, difícil sabermos por quê, que ele tem *sofrido*! Dizem que uma dama foi a causa disso. Criatura monstruosa e sem coração!!! Como pode alguém de nosso *reconhecidamente delicado sexo* ter tido essa petulância!!! Ele é solteiro, e metade das damas presentes está perdidamente apaixonada por ele... Milhões e milhões de beijos para Tom, Gerry, Peter e meu querido Miau [supostamente seu gato].”

Da leitura da gazeta da época, se depreende que “ao soar da meia-noite, o embaixador apareceu no balcão central, do qual pendiam tapetes de valor inestimável. Seis turcos da Guarda Imperial, nenhum com menos de um metro e oitenta de altura, carregavam, à sua direita e à sua esquerda, tochas erguidas. À sua aparição, foguetes dispararam no ar e da multidão se elevou um grande clamor, que o embaixador sinalizou ter ouvido, fazendo uma profunda vênica e falando umas poucas palavras de agradecimento em turco, que ele, como parte de seus dotes, falava fluentemente. Em seguida, sir Adrian Scrope, em seu uniforme de gala de

almirante britânico, adiantou-se; o embaixador dobrou um joelho; o almirante pôs-lhe o colar da nobilíssima Ordem do Banho no pescoço, prendendo-lhe, depois, a Estrela no peito; em seguida, um outro cavaleiro do corpo diplomático, adiantando-se com toda a solenidade, pôs-lhe sobre os ombros o manto ducal, entregando-lhe, numa almofada carmesim, a coroa de duque.”

Por fim, com um gesto de extraordinária majestade e graça, primeiro, fazendo uma profunda vênia, depois, endireitando-se, altivo, Orlando pegou a pequena coroa de ouro rematada por folhas de morango no mesmo material, colocando-a, com um gesto que ninguém que o tenha visto jamais esqueceria, sobre a fronte. Foi nesse momento que começou o primeiro tumulto. Ou as pessoas esperavam um milagre – alguns dizem que havia sido profetizado que uma chuva de ouro cairia do céu – que não aconteceu ou esse era o sinal combinado para o ataque começar; ninguém parecia saber; mas, nem bem a coroa se assentara na fronte de Orlando, um grande alarido ergueu-se da multidão. Os sinos começaram a tocar; os roucos gritos dos profetas se superpunham aos clamores do povo; muitos turcos caíram em cheio no chão, batendo com a cabeça na terra. Uma porta foi aberta com violência. As pessoas da terra se espremiavam para conseguir entrar nas salas de banquete. Mulheres gritavam. Uma certa dama, que diziam estar morta de paixão por Orlando, pegou um candelabro e atirou-o ao chão. O que poderia ter acontecido, não fosse a presença de sir Adrian Scrope e um pelotão de marinheiros britânicos, não dá para dizer. Mas o almirante mandou que fizessem soar as cornetas; uma centena de marinheiros se colocou instantaneamente de prontidão; o tumulto foi debelado e a paz, ao menos momentaneamente, baixou sobre a cena.

Até agora permanecemos no terreno firme, ainda que um tanto estreito, da verdade certificada. Mas ninguém jamais veio a saber exatamente o que aconteceu mais tarde naquela noite. O testemunho das sentinelas e de outras pessoas parece, entretanto, demonstrar que, por volta das duas horas da madrugada, não havia mais ninguém na embaixada depois que, como de costume, as portas foram cerradas. O embaixador foi visto, ainda com as insígnias de seu título de nobreza, entrando no seu quarto e fechando a porta. Alguns dizem que a trancou, coisa que não era de seu costume. Outros sustentam terem ouvido, mais tarde, no pátio, sob a janela do embaixador, alguma música singela, do tipo da tocada por pastores. Uma

lavadeira, que não conseguia dormir por causa de uma dor de dente, disse que viu o vulto de um homem, enrolado num casaco ou num roupão, ir até o balcão. Depois, disse ela, uma mulher, toda enroupada, mas com aspecto de camponesa, foi içada até o balcão por uma corda atirada pelo homem. Ali, disse a lavadeira, eles se abraçaram apaixonadamente, “como amantes”, entrando juntos no quarto e baixando as cortinas, de maneira que não deu para ver mais nada.

Na manhã seguinte, o duque, como agora devemos chamá-lo, foi encontrado, por seus secretários, mergulhado, em meio a roupas de cama bastante reviradas, em sono profundo. O quarto estava bastante desarrumado, com a coroa caída no chão e a capa e as jarreteiras amontoadas numa cadeira. A mesa estava atulhada de papéis. De início, em vista do cansaço provocado pelas agitações da noite, não se suspeitou de nada. Mas quando a tarde chegou e ele ainda dormia, um médico foi chamado. Ele aplicou remédios que tinham sido utilizados na ocasião anterior, tais como emplastros, urtigas, vomitórios, etc., mas sem nenhum resultado. Orlando continuava dormindo. Seus secretários acharam, então, que era de seu dever examinar os papéis sobre a mesa. Muitos estavam rabiscados com versos em que se fazia frequente menção a um carvalho. Havia também vários documentos oficiais, bem como outros de natureza pessoal, referentes à administração de suas propriedades na Inglaterra. Mas deram, por fim, com um documento muito mais importante. Não era nada menos, na verdade, do que um contrato de casamento, celebrado, assinado e testemunhado, entre sua senhoria, Orlando, Cavaleiro da Ordem da Jarreteira, etc., etc., etc., e Rosina Pepita, dançarina, pai desconhecido, mas tido como cigano, mãe também desconhecida, mas tida como vendedora de ferro velho no mercado em frente à ponte Gálata. Os secretários se entreolharam consternados. E Orlando continuava dormindo. Continuaram a observá-lo, manhã e tarde, mas, a não ser pela respiração regular e pelo habitual rosa vivo das faces, não dava qualquer sinal de vida. Tudo o que a ciência ou o engenho podiam fazer para acordá-lo, eles fizeram. Mas ele continuava dormindo.

No sétimo dia de seu transe (quinta-feira, 10 de maio), foi disparado o primeiro tiro daquela terrível e sangrenta insurreição da qual o tenente Brigge detectara os primeiros sintomas. Os turcos se insurgiram contra o sultão, atearam fogo à cidade e passaram à espada todos os estrangeiros

que conseguiram encontrar ou castigaram-nos com golpes de bastão. Uns poucos ingleses conseguiram fugir; mas, como seria de esperar, os cavalheiros da embaixada britânica preferiram morrer em defesa de suas caixas vermelhas ou, em casos extremos, engolir molhos de chaves a deixá-las cair nas mãos dos infiéis. Os revoltosos arrombaram o quarto de Orlando, mas vendo-o estirado e, conforme todas as aparências, morto, deixaram-no como estava, limitando-se a roubarem a coroa e os trajes da Ordem da Jarreteira.

E, agora, de novo a obscuridade se impõe e, oxalá, fosse mais profunda! Oxalá, quase temos vontade de exclamar, fosse tão profunda que não conseguíssemos enxergar nada através de sua opacidade! Oxalá pudéssemos, neste ponto, empunhar a pena e escrever a palavra *Finis* em nosso trabalho! Oxalá pudéssemos poupar o leitor do que está por vir e dizer-lhe, sem meias palavras: Orlando morreu e foi sepultado. Mas aqui, ai de nós, a Verdade, a Candura e a Honestidade, as austeras deusas que fazem guarda ao lado do tinteiro do biógrafo, gritam Não! Levando aos lábios suas trombetas de prata, elas exigem em uníssono: a Verdade! E de novo gritam: a Verdade! e fazendo-se ouvir por uma terceira vez ressoam em coro: a Verdade, nada mais que a Verdade!

Ao que – os céus sejam louvados! pois isso nos dá espaço para respirar – as portas se abrem suavemente, como se um sopro do mais delicado e sagrado dos zéfiros as tivesse apartado, deixando passar três personagens. Primeiro, vem a Nossa Senhora da Pureza; cuja cabeça está cingida com fitas de lã do mais alvo dos cordeiros; cujo cabelo é como uma avalanche de flocos de neve; e em cujas mãos repousa a alva pluma de uma virginal gansa. Logo atrás, mas com o passo mais imponente, vem a Nossa Senhora da Castidade; em cuja fronte está posto, como uma pequena torre de fogo abrasador mas inextinguível, um diadema de pingentes de gelo; os olhos são puras estrelas e os dedos, se nos tocam, nos enregelam até os ossos. Colada atrás dela, buscando, na verdade, abrigo na sombra das irmãs mais imponentes, vem a Nossa Senhora da Modéstia, a mais frágil e formosa das três; cuja face só se mostra como se mostra a lua nova quando está fininha e como uma foice e meio escondida entre as nuvens. Cada uma delas se adianta até o meio do quarto, onde Orlando jaz, adormecido; e, com gestos suplicantes e ao mesmo tempo imperiosos, *Nossa Senhora da Pureza* fala primeiro:

“Sou a guardiã do cervo adormecido; a neve me é preciosa; e a lua nascente; e o mar prateado. Com meu manto, cubro os ovos da galinha pintada e a concha marinha raiada; cubro o vício e a pobreza. Sobre todas as coisas frágeis ou obscuras ou escusas, meu véu se estende. Por conseguinte, não fale, não revele. Tenha dó, oh, tenha dó!”

Aqui, ressoam as trombetas.

“Pureza, vai-te embora! Fora daqui, Pureza!”

Depois, *Nossa Senhora da Castidade* fala:

“Sou aquela cujo toque congela e cujo olhar petrifica. Fiz parar a estrela em sua dança e a onda em sua queda. No ponto mais alto dos Alpes é onde moro; e quando caminho, os relâmpagos reluzem em meus cabelos; onde os meus olhos caem, é a morte. Em vez de deixar que Orlando acorde, eu o farei gelar até os ossos. Tenha dó, oh, tenha dó!”

Aqui, ressoam as trombetas.

“Castidade, vai-te embora! Fora daqui, Castidade!”

Depois, *Nossa Senhora da Modéstia* fala, tão baixo que mal se pode ouvir:

“Sou aquela a quem os homens chamam Modéstia. Virgem sou e sempre serei. Não foram feitos para mim os campos fecundos e as férteis vinhas. O crescer me é odioso; e quando as maçãs brotam ou os rebanhos dão cria, eu fujo, eu fujo; deixo meu manto cair. Os cabelos me cobrem os olhos. Não enxergo. Tenha dó, oh, tenha dó!”

Aqui, de novo ressoam as trombetas.

“Modéstia, vai-te embora! Fora daqui, Modéstia!”

Com gestos de dor e lamento, as três irmãs agora se dão as mãos e dançam lentamente, sacudindo seus véus e cantando enquanto volteiam:

“Verdade, não saias de teu horrível antro. Esconde-te mais fundo, terrível Verdade. Pois expões à brutal luz do sol coisas que seria melhor não saber e não fazer; desvelas o vergonhoso; tornas claro o que é escuro. Esconde-te! Esconde-te! Esconde-te!”

Aqui, fazem o gesto de cobrir Orlando com suas roupagens. As trombetas, enquanto isso, ainda retumbam:

“A Verdade, nada mais que a Verdade.”

Ao que, as Irmãs tentam jogar seus véus na boca das trombetas para abafar-lhes o som, mas em vão, pois agora as trombetas retumbam juntas:

“Sumam, horrorosas irmãs!”

As irmãs ficam enlouquecidas e se lamentam em uníssono, ainda volteando e jogando seus véus para cima e para baixo.

“Nem sempre foi assim! Mas os homens não nos querem mais; as mulheres nos odeiam. Retiramo-nos; retiramo-nos. Eu (*diz a Pureza*) ao poleiro das galinhas. Eu (*diz a Castidade*) às ainda invioláveis alturas de Surrey. Eu (*diz a Modéstia*) a qualquer cantinho acolhedor onde haja hera e cortinas em abundância.”

“Pois lá, não aqui (falam todas juntas, dando-se as mãos e fazendo gestos de adeus e desespero em direção à cama onde Orlando jaz adormecido) abrigam-se ainda em refúgio e *boudoir*, escritório e tribunal, os que gostam de nós; os que nos veneram, virgens e homens de negócio; advogados e médicos; os que proíbem; os que renegam; os que reverenciam sem saber por quê; os que louvam sem compreender; a ainda muito numerosa (os céus sejam louvados) tribo dos respeitáveis; que preferem não ver; desejam não saber; amam a escuridão; os que nos adoram, e com razão; pois lhes demos Riqueza, Prosperidade, Conforto, Sossego. Em direção a eles nós vamos, a ti abandonamos. Venham, irmãs, venham! Aqui não é o nosso lugar.”

Retiram-se às pressas, sacudindo os véus por sobre a cabeça, como se para evitar algo que não ousam contemplar, e fechando a porta atrás de si.

Agora ficamos, portanto, inteiramente sós no quarto, com Orlando adormecido e os trombeteiros, que, alinhados, fazem soar uma única e horrível clarinada:

“A VERDADE!”

fazendo Orlando despertar.

Espreguiçou-se. Saltou da cama. Ergueu-se em toda a nudez diante de nossos olhos, não nos restando outra escolha, enquanto as trombetas ressoavam Verdade! Verdade! Verdade!, que a de admitir... ele era uma mulher.

* * * * *

O SOM DAS TROMBETAS SE extinguiu e Orlando ficou ali em pé, na mais completa nudez. Nunca, desde que o mundo é mundo, nenhum outro ser humano pareceu mais extasiante. Combinavam-se, numa única forma, a força do homem e a graça da mulher. Com ele ali em pé, as trombetas de prata prolongavam sua nota, como se relutando em abandonar a adorável

visão que seu estrondoso som tinha feito surgir; e a Castidade, a Pureza, a Modéstia, inspiradas, sem dúvida, pela Curiosidade, espiaram pela porta, jogando sobre a despida forma, como se fosse uma toalha, uma roupa qualquer, que, desafortunadamente, tivesse errado o alvo por mais de uma dezena de centímetros. Orlando, sem dar qualquer mostra de transtorno, olhou-se de cima a baixo num imenso espelho e foi, supostamente, banhar-se.

Podemos aproveitar esta pausa na narrativa para fazer algumas afirmações. Orlando tornara-se uma mulher – não há como negá-lo. Mas, em tudo mais, continuava exatamente como ele fora. A mudança de sexo, embora lhe alterasse o futuro, em nada contribuiu para lhe alterar a identidade. O rosto, como provam seus retratos, continuava praticamente o mesmo. A memória dele – mas no futuro diremos, conforme a convenção, “dela”, e não “dele”, e “ela”, e não “ele” – a memória dela, então, voltava a todos os acontecimentos da vida passada sem encontrar qualquer obstáculo. Pode ter havido algum leve embaciamento, como se algumas poucas gotas escuras tivessem caído no cristalino poço da memória; certas coisas tinham se tornado um pouco turvas; mas não passava disso. A mudança parecia ter se dado de forma tão indolor e cabal que nem mesmo Orlando demonstrava qualquer surpresa com ela. Muitas pessoas, levando isso em conta e sustentando que essa mudança de sexo é contra a natureza, faziam enormes esforços para provar (1) que Orlando sempre fora mulher e (2) que Orlando é, neste momento, homem. Deixemos que os biólogos e os psicólogos decidam. Basta-nos estabelecer o simples fato de que Orlando foi homem até os trinta anos, ocasião em que se tornou mulher, assim permanecendo desde então.

Mas deixemos que outras penas tratem de sexo e sexualidade; nós nos afastamos desses detestáveis assuntos o mais rápido possível. Orlando agora tinha se lavado e vestia aqueles casacos e calças turcos que podem ser usados indiferentemente por ambos os sexos; e foi obrigada a considerar sua situação. Que era precária e embaraçosa ao extremo deve ser o primeiro pensamento de todo leitor que tenha seguido sua história com simpatia. Jovem, nobre, de grande beleza, viu-se, ao despertar, na situação mais delicada que possamos imaginar para uma jovem dama de estirpe nobre. Não deveríamos culpá-la se tivesse tocado a sineta, gritado ou desmaiado. Mas Orlando não mostrou nenhum desses sinais de

perturbação. Todas as suas ações foram extremamente deliberadas e podiam, na verdade, ter sido pensadas para mostrar sinais de premeditação. Primeiro, examinou cuidadosamente os papéis sobre a mesa; pegou os que pareciam estar escritos em versos, escondendo-os junto ao peito; depois, chamou seu cão de caça de raça árabe, que nunca saíra nesses dias todos, apesar de um tanto faminto, do lado de sua cama, dando-lhe de comer e penteando-o; depois, enfiou um par de pistolas no cinto; por fim, enrolou-se em vários colares feito de esmeraldas e das mais finas pérolas, que tinham vindo com seu enxoval de embaixador. Feito isso, debruçou-se sobre a janela, deu um leve assobio e desceu as escadarias que tinham sido destroçadas e manchadas de sangue e que agora estavam cobertas com o lixo das cestas de papel – tratados, despachos, timbres, lacre, etc. – alcançando, então, o pátio. Ali, à sombra de uma figueira gigantesca, estava à sua espera um velho cigano, montado num burro e trazendo outro pela rédea. Orlando passou a perna por cima deste; e, assim, escoltada por um cão esguio, montando um burrico e tendo um cigano por companhia, o Embaixador da Grã-Bretanha junto à Corte do Sultão deixou Constantinopla.

Cavalgaram por dias e noites e viveram uma série de aventuras, algumas pelas mãos dos homens, outras pelas mãos da natureza, todas enfrentadas por Orlando com grande coragem. Em uma semana, atingiram o terreno elevado ao largo de Bursa, que era então o principal acampamento da tribo cigana à qual Orlando se aliara. Ela tinha, muitas vezes, contemplado, de seu balcão na embaixada, essas montanhas; muitas vezes, tinha desejado estar ali; e, para quem tem uma mente reflexiva, ver-se de repente onde sempre desejou estar é algo que alimenta a meditação. Por certo tempo, entretanto, ela se sentiu feliz demais com a mudança de cenário para se pôr a pensar e estragar tudo. O prazer de não ter documentos a timbrar ou assinar, floreios caligráficos a traçar, visitas a fazer era o bastante. Os ciganos seguiam o pasto; quando o pasto acabava, mudavam-se de novo. Ela se banhava, se é que se banhava, em cascatas; não lhe apresentavam nenhuma caixa – vermelha, azul ou verde; não havia nenhuma chave, muito menos de ouro, em todo o acampamento; quanto a “fazer visitas”, desconhecia-se a expressão. Ordenhava as cabras; recolhia gravetos; roubava, vez ou outra, um ovo de galinha, mas sempre deixando uma moeda ou uma pérola no lugar; pastoreava o gado; podava as vinhas;

esmagava a uva com os pés; enchia de água o odre feito de pele de cabra e bebia dali; e quando se lembrava que, nesta hora do dia, ela estaria fazendo os gestos de beber de uma xícara de café vazia e de fumar um cachimbo sem tabaco, dava gargalhadas, partia outro naco de pão e pedia para dar uma tragada no cachimbo do velho Rustum, embora só contivesse bosta seca de vaca.

Os ciganos, com os quais, é óbvio, ela devia ter estado secretamente em contato antes da revolução, parecem tê-la considerado como um dos seus (o que é sempre a maior homenagem que um povo pode prestar), e o cabelo preto e a tez morena confirmavam a crença de que ela nascera cigana, tendo sido arrancada de uma nogueira por um duque inglês, ainda bebê, e levada para aquela terra de bárbaros onde as pessoas moram em casas porque são muito fracas e doentes para suportar a vida ao ar livre. Assim, embora inferior a eles em muitos aspectos, estavam dispostos a ajudá-la a tornar-se mais parecida com eles; ensinaram-lhe as suas artes de fazer queijo e de tecer cestos, as suas ciências de roubar e de pegar pássaros com armadilha, e estavam preparados inclusive para a possibilidade de deixá-la casar-se com um deles.

Mas Orlando tinha contraído, na Inglaterra, algumas das práticas ou doenças (seja lá como se queira considerá-las) que não podem, ao que parece, ser debeladas. Num fim de tarde, quando estavam todos sentados ao redor do fogo e o sol poente ardia sobre os morros de Tessália, Orlando exclamou:

“Que coisa boa de comer!”

(Os ciganos não têm nenhuma palavra para “bonito”. A expressão acima é a que chega mais perto disso.)

Os moços e as moças caíram todos na gargalhada. O céu era bom de comer, quem diria! Os mais velhos, entretanto, que tinham conhecido mais estrangeiros do que eles, ficaram desconfiados. Viam que Orlando, muitas vezes, ficava sentada horas seguidas sem fazer absolutamente nada a não ser olhar para um lado e outro; davam com ela em cima de algum monte, olhando fixamente à sua frente, não se preocupando em saber se as cabras estavam pastando ou se desgarrando. Começaram a desconfiar que ela tinha crenças diferentes das deles, e os homens e as mulheres mais velhas achavam provável que ela tivesse caído nas garras do mais vil e cruel de todos os deuses, que é a Natureza. Não estavam muito longe da verdade. A

doença inglesa, o amor à Natureza, era algo inato nela, e aqui, onde a Natureza era tão mais ampla e tão mais vigorosa do que na Inglaterra, ela caíra em suas mãos como nunca acontecera antes. A moléstia é bem conhecida e tem sido descrita – ai de mim! – com tanta frequência que não é preciso descrevê-la outra vez, a não ser muito brevemente. Havia montanhas; havia vales; havia regatos. Ela escalava as montanhas; vagava pelos vales; sentava-se à margem dos regatos. Associava os montes a fortalezas, aos peitos das pombas e aos lombos dos bois. Comparava as flores a esmalte e o relvado a tapetes persas desgastados. As árvores eram bruxas raquíticas e os carneiros, pedra rolada. Tudo, na verdade, era alguma outra coisa. Deu com um laguinho no alto da montanha e quase se jogou dentro para buscar a sabedoria que julgava estar escondida ali; e quando avistou, do alto da montanha, bem longe, do outro lado do mar de Mármara, as campinas da Grécia e conseguiu distinguir (seus olhos eram admiráveis) a Acrópole, com uma risca branca ou duas, que deviam ser, pensou ela, o Partenon, sua alma, tal como seus olhos, expandiu-se, e ela rezou, como fazem todos os crentes desse tipo, para que lhe fosse concedida a graça de poder partilhar a majestade dos montes, conhecer a serenidade das campinas, etc., etc. Depois, baixando os olhos, o jacinto verde, a íris roxa fizeram-na soltar um grito, extasiada diante da excelência, da beleza da natureza; erguendo de novo os olhos, viu a águia planar no céu e imaginou seus arrebatamentos, experimentando-os como se fossem seus. Ao voltar para casa, saudou cada estrela, cada cume e cada fogueira como se fizessem sinais só para ela; e, por fim, quando se jogou na sua esteira na tenda dos ciganos, não pôde deixar de exclamar de novo: Que coisa boa de comer! Que coisa boa de comer! (Pois não deixa de ser curioso que, apesar de os seres humanos terem meios de comunicação tão imperfeitos que só consigam dizer “coisa boa de comer” quando querem dizer “bonito” e vice-versa, ainda assim, em vez de guardar para si toda experiência vivida, prefiram se expor ao ridículo e ao mal-entendido.) Todos os ciganos mais moços riram. Mas Rustum el Sadi, o velho que tirara Orlando de Constantinopla em seu burro, ficou calado, sentado num canto. O nariz era como uma cimitarra; o rosto era atravessado por sulcos que pareciam ter sido abertos por uma chuva ancestral de limalhas de ferro; tinha pele escura e olhos penetrantes e, sentado em seu canto, tirando baforadas do narguilé, observava Orlando com muita atenção. Ele

nutria a forte suspeita de que o deus dela era a Natureza. Um dia, encontrou-a em lágrimas. Entendendo que era por algum castigo infligido por seu deus, disse-lhe que não se surpreendia. Mostrou-lhe os dedos da mão esquerda, crestados pela geada; mostrou-lhe o pé direito, esmagado por uma rocha. Isso, disse, era o que o deus dela fazia com os homens. Quando ela disse: “Mas é tão bonito”, usando a palavra da língua dela, ele sacudiu a cabeça; e quando ela a repetiu, ele ficou irritado. Viu que ela não acreditava no que ele acreditava e isso era o bastante, por mais experimentado e vivido que fosse, para deixá-lo enfurecido.

Essa diferença de opinião perturbava Orlando, que até agora tinha sido perfeitamente feliz. Ela começou a indagar se a Natureza seria bela ou cruel; e, depois, perguntou-se como seria essa beleza; se estava nas coisas em si ou apenas nela mesma; e assim chegou à questão da natureza da realidade, o que a levou à verdade, que, por sua vez, a levou ao Amor, à Amizade, à Poesia (como nos tempos em que ficava no alto do monte, lá na sua terra); meditações que, por não poder partilhar nenhuma de suas palavras, a fizeram desejar, como nunca desejara antes, ter pena e tinta à sua disposição.

“Ah! se ao menos eu pudesse escrever!”, exclamou (pois tinha a estranha presunção, daqueles que escrevem, de que palavras escritas são palavras partilhadas). Não tinha nenhuma tinta; e quase nenhum papel. Mas fabricou tinta com amoras e vinho; e encontrando umas poucas margens e alguns espaços em branco no manuscrito de “O carvalho”, conseguiu, por meio de uma espécie de taquigrafia, descrever o cenário em longos versos brancos e compor, com suficiente concisão, um diálogo consigo mesma sobre essa Beleza e essa Verdade. Isso a manteve extremamente feliz por horas a fio. Mas os ciganos se tornaram desconfiados. Primeiro, notaram que ela não era tão boa como antes nas tarefas da ordenha e da fabricação de queijo; depois que, com frequência, hesitava muito antes de dar qualquer resposta; e, certa vez, um ciganinho, que tinha caído no sono, acordou aterrorizado ao senti-la observando-o. Às vezes, a tribo inteira, composta de algumas dezenas de homens e mulheres adultos, sentia esse constrangimento. Isso porque tinham a sensação (e seus sentidos são muito apurados e muito mais desenvolvidos que seu vocabulário) de que qualquer coisa em que estivessem trabalhando se desmanchava como cinza em suas mãos. Uma velha fazendo um cesto, um

menino tosquiando uma ovelha estavam cantando ou assobiando, felizes com seu trabalho, quando Orlando chegava ao acampamento, atirava-se no chão, ao lado do fogo e ficava olhando fixamente para as chamas. Ela nem precisava olhar para eles para sentirem isso: eis aqui alguém que duvida; (fazemos uma tradução tosca e ligeira do que diziam na língua cigana) eis aqui alguém que não faz a coisa pelo prazer da coisa; nem olha pelo prazer de olhar; eis aqui alguém que não põe fé em peles de ovelha nem em cestos; mas que vê (aqui, eles lançavam o olhar, apreensivamente, por toda a tenda) alguma outra coisa. Então, uma sensação vaga, mas das mais desagradáveis, começava a se desenvolver no menino e na velha. Quebravam o vime do cesto; cortavam o dedo. Eram assaltados por uma enorme raiva. Queriam que Orlando deixasse a tenda e nunca mais chegasse perto deles. Mas ela era tão alegre e solícita, admitiam eles; e uma única pérola sua era suficiente para comprar o melhor plantel de cabras em Bursa.

Aos poucos, ela começou a sentir que havia alguma diferença entre ela e os ciganos, o que a fazia, às vezes, hesitar em casar-se com um deles e ficar vivendo em seu meio para sempre. No início, a explicação que tentou dar para isso era que ela vinha de uma raça antiga e civilizada, enquanto os ciganos eram um povo ignorante, não muito acima dos selvagens. Uma noite, quando lhe faziam perguntas sobre a Inglaterra, não pôde deixar de descrever, com algum orgulho, a casa onde nascera, que ela tinha trezentos e sessenta e cinco quartos e tinha estado nas mãos da família dela por quatrocentos ou quinhentos anos. Seus antepassados eram condes ou até mesmo duques, acrescentou. Ela notou, ao dizer isso, que os ciganos ficaram incomodados; mas não irritados como antes, quando ela dissera que a natureza era bonita. Agora eles se mostraram gentis, mas perturbados, tal como acontece com pessoas de fina estirpe quando um estranho vê-se obrigado a revelar sua origem plebeia ou sua pobreza. Rustum seguiu-a sozinho quando ela saiu da tenda, dizendo-lhe que não precisava se preocupar por seu pai ser um duque e dono de todos os quartos e móveis que ela descrevera. Nenhum deles ia pensar mal dela por causa disso. Uma vergonha que nunca sentira antes tomou, então, conta dela. Estava claro que Rustum e os outros ciganos consideravam uma ascendência de apenas quatrocentos ou quinhentos anos a mais modesta possível. Suas próprias famílias remontavam a, pelo menos, dois ou três

mil anos. Para os ciganos, cujos ancestrais tinham erguido as pirâmides séculos antes de Cristo nascer, a genealogia dos Howards e dos Plantagenetas não era melhor nem pior que a dos Smith e Jones: eram ambas insignificantes. Além disso, numa terra em que o menino do pastoreio tinha uma linhagem que vinha de longe, não havia nada de especialmente memorável ou desejável em ter nascido numa família antiga; vagabundos e mendigos, podiam, todos, reivindicar a mesma coisa. E, depois, embora fosse muito gentil para falar abertamente, estava claro que o cigano pensava não haver ambição mais vulgar do que a de ter quartos às centenas (eles estavam no alto de um monte enquanto conversavam; era noite; as montanhas se erguiam ao redor deles) quando a terra inteira era nossa. Do ponto de vista dos ciganos, um duque, entendeu Orlando, não passava de um aproveitador ou ladrão, que tirava terras e dinheiro das pessoas que davam pouco valor a essas coisas e que não conseguia pensar em nada melhor para fazer do que construir trezentos e sessenta e cinco quartos quando um só era o suficiente e o melhor mesmo era não ter nenhum. Não podia negar que seus antepassados tinham acumulado campos e mais campos; casas e mais casas; títulos e mais títulos; embora nenhum deles tenha sido santo ou herói ou grande benfeitor da humanidade. Tampouco podia rebater o argumento (Rustum era cavalheiro demais para insistir nisso, mas ela entendeu) de que qualquer homem que fizesse agora o que os antepassados dela tinham feito trezentos ou quatrocentos anos atrás seria denunciado – e, da maneira mais veemente, pela própria família dela – como um arrivista vulgar, um aventureiro, um *nouveau riche*.

Ela tentou contrapor-se a esses argumentos pelo conhecido – ainda que oblíquo – método de julgar a vida dos ciganos também como bárbara e rude; e, assim, em pouco tempo, se desenvolveu uma forte animosidade entre eles. Na verdade, diferenças de opinião como essa é o que basta para causar derramamento de sangue e conflagrações. Cidades foram saqueadas por muito menos, e milhares de mártires preferiram enfrentar a morte na fogueira a ceder um palmo em qualquer dos pontos aqui discutidos. Nenhuma paixão é mais forte, no coração do homem, do que o desejo de obrigar os outros a acreditarem no que ele acredita. Nada perturba tanto a sua felicidade e o deixa tão furioso quanto a ideia de que um outro dá pouco valor àquilo que ele muito valoriza. Os reformistas e os

conservadores, o partido liberal e o partido trabalhista – por qual causa lutam a não ser a de seu próprio prestígio? Não é o amor à verdade mas o desejo de levar a melhor que faz uma cidade ficar contra outra e uma paróquia querer a ruína de outra. Estão todos atrás de sossego e conformação, e não do triunfo da verdade e da exaltação da virtude – mas essas lições de moral são matéria para historiadores e a eles devem ser deixadas, pois são tão desinteressantes quanto água de poço.

“Quatrocentos e setenta e seis quartos não significam nada para eles”, suspirava Orlando.

“Ela prefere um pôr de sol a um rebanho de cabras”, diziam os ciganos.

Orlando não conseguia imaginar o que poderia ser feito. Deixar os ciganos e voltar ao cargo na Embaixada parecia-lhe intolerável. Mas era igualmente impossível ficar para sempre onde não havia tinta nem papel para escrever, onde não havia reverência pelos Talbots nem respeito por uma multiplicidade de quartos. Era nisso que pensava, numa bela manhã, nas encostas do Monte Atos, enquanto cuidava das cabras. E, depois, a Natureza, na qual ela confiava, pregou-lhe uma peça, ou então operou um milagre – de novo, as opiniões são muito divergentes para poder dizer ao certo. Orlando fitava, muito desconsoladamente, a íngreme encosta à sua frente. Eram meados do verão e, se tivéssemos que comparar a paisagem a alguma coisa, seria a um osso seco; a um esqueleto de carneiro; a um crânio gigantesco, descarnado por mil abutres. O calor era intenso e a mirrada figueira sob a qual se abrigava Orlando servia apenas para marcar seu albornoz branco com o desenho das manchas negras projetadas por suas folhas.

De repente, uma sombra, embora não houvesse nada que pudesse produzi-la, apareceu na encosta pelada do outro lado da montanha. A sombra rapidamente se adensou, e onde antes havia rocha pura logo apareceu um buraco verde. Enquanto observava, o buraco se tornou mais profundo e mais largo, e um espaço imenso, como de um parque, se estendeu pelo flanco da montanha. Dentro, ela podia ver um gramado denso e ondulante; podia ver carvalhos salpicados aqui e ali; podia ver tordos pulando de ramo em ramo. Podia ver o cervo dando delicados saltinhos de uma sombra para a outra e até mesmo ouvir o zumbido dos insetos e os suaves frêmitos e suspiros de um dia de verão na Inglaterra. Após ter contemplado tudo isso, em êxtase, por algum tempo, a neve

começou a cair; logo, em vez da luz amarela do sol, toda a paisagem estava coberta e marcada por tons de roxo. Agora via pesadas carretas vindo pelas estradas, carregadas de troncos de árvores, que eles estavam levando, sabia muito bem, para serem cortados como lenha; e depois apareceram os telhados e os campanários e as torres e os pátios de sua própria casa. A neve caía o tempo todo, e ela podia ouvir agora o som que fazia ao bater com força no telhado antes de deslizar e acabar no chão. Saía fumaça de mil chaminés. Tudo era tão claro e preciso que ela podia ver uma gralha catando bichinhos na neve. Depois, aos poucos, as sombras roxas se adensaram e cobriram as carretas e os gramados e a própria mansão. Tudo foi engolido. Agora não tinha sobrado nada do buraco coberto de grama e, em vez dos relvados verdes, havia apenas a encosta reluzente que mil abutres pareciam ter pelado. Com isso, ela irrompeu em lágrimas e voltando ligeiro para o acampamento dos ciganos, disse-lhes que tomaria um navio para a Inglaterra já no dia seguinte.

Foi sorte dela ter feito isso. Os rapazes já tinham tramado matá-la. A honra, diziam eles, o exigia, pois ela não pensava como eles. Mas lhes teria custado cortar-lhe a garganta; e receberam com alívio a notícia de sua partida. Por acaso, um navio mercante inglês já estava no porto com as velas desfraldadas, pronto para voltar à Inglaterra; e Orlando, como resultado de ter arrancado mais uma pérola do colar, não apenas tinha dinheiro para pagar a passagem, como ainda ficou com algumas notas sobrando na carteira. Teria gostado de deixá-las como presente aos ciganos. Mas eles desprezavam a riqueza, ela bem sabia; e teve que se contentar com abraços, que, de sua parte, eram sinceros.

Capítulo IV

COM ALGUNS DOS GUINÉUS QUE sobraram da venda da décima pérola do colar, Orlando comprou um conjunto completo de roupas do tipo então usado pelas mulheres, e era com um vestido de moça inglesa de alta linhagem que agora se sentava no convés do Enamoured Lady. É um fato estranho, mas verdadeiro, que até esse momento ela quase não tivesse tido consciência de seu sexo. É possível que as calças turcas que tinha usado até então tivessem contribuído um pouco para distrair seus pensamentos; e as mulheres ciganas, exceto por um ou dois detalhes importantes, diferem muito pouco dos homens ciganos. De qualquer modo, não foi senão quando sentiu a saia enredando-se nas pernas e o capitão, com a maior gentileza, se ofereceu para mandar instalarem um toldo para ela no convés, que se deu conta, com um sobressalto, das penalidades e dos privilégios de sua posição. Mas esse sobressalto não era do tipo esperado.

Quer dizer, não era causado simples e exclusivamente pela preocupação com sua castidade e como ela poderia mantê-la. Sob circunstâncias normais, uma moça bonita e desacompanhada não teria pensado em outra coisa; o edifício todo do governo feminino assenta-se sobre essa pedra fundamental; a castidade é sua joia, sua gema, levando-a às raias da loucura para protegê-la e à morte quando ela é violada. Mas quando se foi homem por cerca de trinta anos e, de quebra, embaixador, quando se teve uma rainha nos braços e, a se crer nos rumores, uma ou duas outras damas de condição menos elevada, quando se foi casado com uma certa Rosina Pepita, e assim por diante, não é o caso, talvez, de tamanho sobressalto. O sobressalto de Orlando era de um tipo muito complicado, não podendo ser resumido assim de improviso. Ninguém, na verdade, jamais a acusou de ser uma dessas pessoas de raciocínio apressado que vai direto às conclusões. Precisou de todo o tempo da

viagem para extrair o significado moral de seu sobressalto e, assim, no mesmo ritmo dela, nós a acompanharemos.

“Meu Deus”, pensou, recobrando-se do sobressalto e estendendo-se, finalmente, no divã sob o toldo, “essa é, com certeza, uma maneira agradável e sem pressa de se viver a vida.” “Mas”, pensou, esticando as pernas, “é uma coisa horrorosa ter essas saias enroscadas nos tornozelos. Embora este tecido (um estampado de seda) seja o mais adorável do mundo. Nunca tinha visto minha própria pele (aqui ela passou a mão nos joelhos) de um jeito tão favorável quanto agora. Mas conseguiria saltar na água e nadar com essas roupas? Não! Portanto, teria que me entregar à proteção de um marinheiro. Tenho objeções a isso? Tenho ou não?”, perguntou-se, deparando-se aqui com o primeiro nó na meada fácil de sua argumentação.

O almoço chegou antes que ela pudesse desatá-lo e, então, foi o próprio capitão – Nicholas Benedict Bartolus, um comandante naval de aspecto distinto – quem, ao servir-lhe uma fatia de bife em conserva, o desatou para ela.

“Um pouco de gordura, minha senhora?”, perguntou. “Permita-me cortar-lhe uma fatia bem fininha, tão fina quanto suas unhas.” A essas palavras, um delicioso arrepio percorreu-lhe o corpo. Pássaros cantavam; as correntezas passavam de roldão. Lembrava a sensação de indescritível prazer que tivera quando, há centenas de anos, viu Sasha pela primeira vez. Então ela perseguira, agora fugia. Qual êxtase é maior? O do homem ou o da mulher? E não são, por acaso, o mesmo? Não, pensou, esta é a maior delícia (agradecendo o capitão, mas declinando), recusar e vê-lo franzir o cenho. Bom, ela poderia, se ele assim o desejasse, ter mesmo a fatia mais fina, mais delicada do mundo. Essa era a coisa mais deliciosa do mundo, ceder e vê-lo sorrir. “Pois nada”, pensou, voltando à sua cadeira no convés e continuando sua argumentação, “é mais divino do que resistir e ceder; ceder e resistir. Com certeza, nenhuma outra coisa é capaz de fazer o espírito gozar de tal arrebatamento. Assim, não estou certa”, continuou, “de que não me atirarei, afinal, ao mar, pelo simples prazer de ser socorrida por um marinheiro.”

(É preciso lembrar que ela era como uma criança tomando posse de um jardim com balanços e gangorras e escorregas ou de um armário cheio de

brinquedos; seu raciocínio não faria sentido no caso de mulheres maduras, que gozaram disso a vida toda.)

“Mas o que nós, jovens, na cabine do *Marie Rose*, costumávamos dizer de uma mulher que se atirasse ao mar pelo prazer de ser socorrida por um marinheiro?”, perguntou-se. “Tínhamos uma palavra para designá-las. Ah! Tenho-a na ponta da língua...” (Mas devemos omitir essa palavra; era extremamente desrespeitosa e muitíssimo estranha nos lábios de uma dama.) “Meu Deus! Meu Deus!” exclamou de novo ao chegar à conclusão de suas reflexões, “devo, pois, começar a respeitar a opinião do outro sexo por mais monstruosa que a julgue? Se uso saia, se não posso me atirar na água, se tenho de ser socorrida por um marinheiro, por amor de Deus!”, exclamou, “sim, devo!” Ao que, uma tristeza a invadiu. Franca por natureza e avessa a qualquer tipo de ambiguidade, mentir a deixava incomodada. Parecia-lhe uma forma tortuosa de agir. Contudo, refletiu, o estampado de seda, o prazer de ser socorrida por um marinheiro – se essas coisas só podiam ser conseguidas por vias tortuosas, concluiu, por elas é que seguiremos. Lembrava-se de como, quando era um jovem homem, ela tinha insistido que as mulheres deviam ser obedientes, castas, perfumadas e lindamente apresentáveis. “Agora, sinto na própria pele o quanto custam esses desejos”, refletiu; “pois as mulheres não são (a julgar por minha própria e breve experiência neste sexo) obedientes, castas, perfumadas e lindamente apresentáveis por natureza. Elas só adquirem essas graças, sem as quais não podem gozar de nenhum dos prazeres desta vida, à custa da mais tediosa disciplina. Há a lida do penteado”, pensou, “que toma, sozinha, uma hora da minha manhã; olhar-se no espelho, outra hora; há a trabalhadeira de pôr e amarrar o espartilho; lavar-se e empoar-se; trocar a seda pela renda e a renda pelo estampado; há a obrigação de manter-se casta ano após ano...” Aqui ela mexeu o pé com impaciência, deixando à mostra dois ou quatro centímetros da perna. Um marinheiro no alto do mastro, que por acaso olhou para baixo nesse instante, teve um sobressalto tão violento que perdeu o equilíbrio, salvando-se por um triz. “Se a visão de meus tornozelos pode significar a morte de um sujeito honesto que, sem dúvida, tem esposa e família para sustentar, devo, por uma questão de humanidade, mantê-los cobertos”, pensou Orlando. Mas as pernas se contavam entre os seus principais predicados. E se pôs a pensar na estranha situação a que se chegou quando toda a beleza de uma mulher

precisa ser escondida para evitar que um marinheiro caia do topo de um mastro. “Que vão para o inferno!”, exclamou, tornando-se consciente, pela primeira vez, daquilo que, em outras circunstâncias, lhe teria sido ensinado quando criança, ou seja, as sagradas obrigações da feminilidade.

“E assim que pisar em solo inglês”, pensou, “nunca mais vou poder praguejar. E nunca mais vou poder golpear a cabeça de um homem ou dizer-lhe que ele é um mentiroso descarado ou puxar da espada e cravá-la no peito ou sentar-me entre os meus pares ou portar uma coroa ou desfilar num cortejo ou condenar um homem à morte ou comandar um exército ou exhibir-me em redor de Whitehall num cavalo de batalha ou levar setenta e duas diferentes medalhas no peito. Tudo o que vou poder fazer assim que pisar em solo inglês é servir chá e perguntar a suas senhorias como eles o preferem. Aceita açúcar? Aceita creme?” E, medindo as palavras, estava horrorizada em se dar conta da baixa opinião que estava formando do outro sexo, o masculino, ao qual uma vez se orgulhara de pertencer – “Cair de um mastro”, pensou, “por veres os tornozelos de uma mulher; fantasiar-se de Guy Fawkes e desfilar pelas ruas para seres elogiado pelas mulheres; não deixar que uma mulher se instrua para não seres ridicularizado por ela; ser escravo de um rabo de saia qualquer, mas andar por aí como se fosses o rei da criação.” “Oh, céus!”, exclamou, “como eles nos fazem de tolas - que tolas que somos!” E aqui podia parecer, por certa ambiguidade na escolha do fraseado, que estivesse censurando ambos os sexos por igual, como se não pertencesse a nenhum deles; e, de fato, momentaneamente, ela parecia vacilar; ela era homem; ela era mulher; ela conhecia os segredos, compartilhava as fraquezas dos dois. Era uma experiência das mais desconcertantes e vertiginosas viver em tal estado de espírito. Era como se os confortos da ignorância lhe tivessem sido terminantemente negados. Ela era uma pluma ao vento. Assim, não é de surpreender que, enquanto opunha um sexo ao outro e descobria que ora um, ora outro estava repleto de fraquezas as mais deploráveis, não estando ela segura a qual pertencia – não é de surpreender que estivesse a ponto de gritar que voltaria para a Turquia, tornando-se de novo cigana, quando a âncora mergulhou ruidosamente no mar; as velas caíram, empilhadas, no convés, e ela percebeu (estivera tão mergulhada em seus pensamentos que havia dias não tinha visto nada) que o navio estava ancorado ao largo da

costa da Itália. O comandante logo mandou perguntar se ela lhe daria a honra de acompanhá-lo no escaler que o levaria à terra.

Quando voltou na manhã seguinte, estendeu-se no divã sob o toldo e ajeitou, com todo o decoro, as dobras da saia em volta dos tornozelos.

“Ignorantes e pobres como somos em comparação com o outro sexo”, pensou, continuando a frase que deixara inacabada no outro dia, “munidos de todas as armas como são, enquanto nos proíbem de aprender até o alfabeto” (e, a julgar por essas palavras iniciais, é óbvio que algo acontecera durante a noite para dispô-la a favor do sexo feminino, pois falava mais como fala uma mulher do que como fala um homem, embora, no final das contas, com uma espécie de satisfação), “ainda assim... eles caem do topo do mastro.” Aqui, soltou um enorme bocejo e adormeceu. Quando acordou, o navio estava passando, com as velas enfunadas por uma leve brisa, tão próximo da praia que se tinha a impressão de que as vilas penduradas na beira dos penhascos só não vinham abaixo graças à proteção de alguma grande rocha ou das raízes retorcidas de alguma oliveira antiga. De um milhão de árvores carregadas de laranjas saía um perfume que chegava até ela no convés. Uma dezena de golfinhos azuis saltavam no ar de quando em quando, balançando a cauda. Estendendo os braços (os braços, isso ela já tinha aprendido, não tinham os efeitos fatais das pernas), agradeceu aos céus por não estar se exibindo por Whitehall em cima de um cavalo de batalha, nem tampouco condenando um homem à morte. “Melhor”, pensou, “estar coberta de pobreza e ignorância, que são as sombrias vestes do sexo feminino; melhor deixar o governo e a disciplina do mundo a cargo de outros; melhor estar livre da ambição marcial, do gosto pelo poder e de todos os outros desejos masculinos, podendo, assim, tirar o melhor proveito dos êxtases mais elevados que o espírito humano conhece, quais sejam”, disse em voz alta, como era seu hábito quando estava muito emocionada, “a contemplação, a solidão, o amor.”

“Graças a Deus que sou mulher!”, exclamou, e estava prestes a chegar à extrema extravagância – nenhuma outra é tão funesta, seja no homem, seja na mulher – de ter orgulho de seu sexo, quando se deteve diante da singular palavra que, apesar de nossos esforços para mantê-la no seu devido lugar, insinuara-se no final da última frase: Amor. “Amor”, disse Orlando. Instantaneamente (tal é sua impetuosidade) o amor adquiriu

forma humana (tal é o seu orgulho). Pois, enquanto outros pensamentos se contentam em permanecer abstratos, esse em particular não ficará satisfeito a não ser revestido de carne e osso, mantilha e saia, calças e casaco. E, como todos os amores de Orlando tinham sido mulheres, agora, em virtude da condenável morosidade do corpo humano em se adaptar às convenções, embora ela própria fosse mulher, era ainda de mulher que ela gostava; e se a consciência de ser do mesmo sexo do objeto dessa preferência tinha qualquer efeito era o de reavivar e aprofundar aqueles sentimentos que tivera quando homem. Pois mil sinais e mistérios que lhe eram então obscuros agora se tornavam claros. Agora, a obscuridade, que divide os sexos e deixa pairar inumeráveis impurezas em suas trevas, fora afastada, e se há algo de certo naquilo que o poeta diz sobre a verdade e a beleza, essa afeição ganhava em beleza o que perdia em falsidade. Enfim, exclamou, conhecia Sasha tal como era e, no arrebatamento dessa descoberta e à cata de todos esses tesouros que eram agora revelados, estava tão extasiada e encantada que foi como se uma bala de canhão tivesse estourado em seus ouvidos quando uma voz de homem disse: “Permita-me, senhora” e a mão de um homem ajudou-a a se pôr de pé e os dedos de um homem, com um veleiro de três mastros tatuado no dedo médio, indicaram o horizonte.

“Os penhascos da Inglaterra, senhora”, disse o comandante, erguendo, ao anúncio, a mão que indicara o céu. Orlando teve agora um segundo sobressalto, mais violento ainda que o primeiro.

“Jesus Cristo!”, exclamou.

Por sorte, a vista de sua terra natal após a longa ausência desculpava tanto o sobressalto quanto a exclamação, pois do contrário lhe teria sido difícil explicar ao capitão Bartolus as violentas e conflitantes emoções que agora ferviam dentro dela. Como contar-lhe que aquela que agora tremia em seus braços tinha sido duque e embaixador? Como explicar-lhe que ela, envolvida agora como um lírio em folhos de seda, cortara cabeças e se deitara com mulheres fáceis entre sacas de tesouro nos porões de navios piratas, em noites de verão, quando as tulipas floresciam e as abelhas zumbiam ao longo das Wapping Old Stairs? Nem para si mesma conseguia explicar o enorme sobressalto que teve quando a resoluta mão direita do capitão naval indicou os penhascos das Ilhas Britânicas.

“Resistir e ceder”, murmurou, “como isso é gostoso; perseguir e conquistar, como isso é divino; entender e argumentar, como isso é sublime.” Nenhuma dessas palavras, assim reunidas, parecia-lhe errada; não obstante, à medida que os penhascos calcários ficavam mais próximos, ela se sentia culpada; desonrada; impura, o que era estranho, para alguém que nunca se preocupara com a questão. Aproximavam-se rapidamente da costa e estavam agora tão perto que os catadores de perrexil, pendurados a meia altura do penhasco, podiam ser vistos a olho nu. E observando-os, sentiu, correndo para cima e para baixo dentro dela, como algum fantasma feminino e brincalhão que a qualquer momento, erguendo provocadoramente as saias, sairia de cena, Sasha, a perdida, Sasha, a lembrança, cuja realidade acabara, nesse exato momento, de experimentar de modo tão surpreendente – Sasha, sentiu, fazendo caras e bocas e todo tipo de gestos irreverentes em direção aos penhascos e aos catadores de perrexil; e quando os marinheiros começaram a cantar “Pois até logo e *adieu* a vocês, Damas da Espanha”, as palavras ecoaram no magoado coração de Orlando e ela sentiu que, por mais que o desembarque significasse conforto, significasse opulência, significasse importância e grandeza (pois, sem dúvida, encontraria algum importante príncipe e reinaria, como sua consorte, sobre a metade de Yorkshire), se significasse também convencionalismo, significasse escravidão, significasse falsidade, significasse renegar seu amor, acorrentar pernas e braços, contrair os lábios e conter a língua, então, ela daria meia-volta com o navio e retornaria aos ciganos.

Mas, em meio ao atropelo desses pensamentos, erguia-se agora, como um domo de mármore branco e liso, alguma coisa que, fato ou fantasia, pouco importa, impressionava tanto sua febril imaginação que nele se assentou, da mesma forma que, como às vezes presenciamos, um enxame de vibrantes libélulas pousa, com evidente satisfação, na redoma de vidro que protege alguma planta sensível. A forma dessa coisa, graças aos caprichos da fantasia, evocava a mais remota e persistente das lembranças – o homem de testa grande na sala da criada Twitchett, o homem que, sentado, escrevia, ou melhor, olhava, mas certamente não para ela, pois ele nunca parecia enxergá-la, ali postada em toda a sua glória, moço bonito que, não obstante, devia ter sido, não podia negá-lo – e sempre que pensava nele, o pensamento se estendia ao redor dessa coisa, como a lua

que, lençol de prateada calma, faz sua aparição sobre águas turbulentas. Agora levou a mão ao peito (a outra ainda estava aos cuidados do capitão), onde as folhas de seu poema estavam seguramente escondidas. Era como um talismã que guardava ali. A perturbação do sexo, de que o seu era acometido, e o que isso significava, dava uma trégua; pensava agora apenas na glória da poesia, e os grandes versos de Marlowe, Shakespeare, Ben Jonson, Milton começaram a ressoar e a reverberar, como se um badalo de ouro martelasse contra um sino também de ouro na torre da catedral que era sua mente. A verdade era que a imagem do domo de mármore que seus olhos tinham, no começo, desvelado tão vagamente que sugeria a testa de um poeta, provocando, assim, uma revoada de ideias irrelevantes, não era nenhuma ficção, mas uma realidade; e, à medida que o navio avançava Tâmis abaixo sob um forte vento a favor, a imagem, com todas as suas associações, dava lugar à verdade, revelando-se como nada mais e nada menos do que o domo de uma imensa catedral que se erguia em meio a um emaranhado de agulhas brancas.



Orlando quando do regresso à Inglaterra

“A Catedral de St. Paul”, disse o capitão Bartolus, que permanecia ao seu lado. “A Torre de Londres”, continuou. “O Hospital de Greenwich,

erigido em memória da rainha Mary, pelo marido, sua falecida majestade, William, o Terceiro. A Abadia de Westminster. As Casas do Parlamento.” Enquanto falava, cada uma dessas famosas construções tornava-se visível. Era uma linda manhã de setembro. Uma miríade de pequenas embarcações fazia o percurso de uma margem à outra. Poucas vezes espetáculo mais alegre ou mais interessante se exibiu ao olhar de um viajante no regresso à sua terra. Orlando, maravilhada, debruçava-se sobre a proa. Seus olhos tinham se acostumado por tempo demasiado aos selvagens e à natureza para não se encantarem com essas glórias urbanas. Aquele, então, era o domo da Catedral de St. Paul, que o sr. Wren tinha erguido durante sua ausência. Perto dali, um tufo de cabelo dourado irrompia de uma coluna – o capitão Bartolus estava a seu lado para informar que se tratava do Monumento; tinha havido uma peste e um incêndio durante sua ausência, disse. Mesmo fazendo tudo que podia para contê-las, lágrimas vieram-lhe aos olhos, até que, lembrando-se de que o choro assentava bem numa mulher, deixou que escorressem. Aqui, pensou, se dera o grande carnaval. Aqui, onde as ondas golpeavam com violência, estivera o Pavilhão Real. Aqui, encontrara Sasha pela primeira vez. Mais ou menos aqui (voltando os olhos para as águas que espumavam), as pessoas vinham olhar a mulher da barça que, com suas maçãs no colo, virara gelo. Todo aquele esplendor e deterioração ficara no passado. No passado, também, estavam a noite negra, a monstruosa tromba d’água, a violenta avalanche da enxurrada. Aqui, onde *icebergs* amarelos disparavam num redemoinho rio abaixo, com uma apavorada tripulação de pobres coitados a bordo, flutuava uma procissão de cisnes, imponentes, ondulantes, esplêndidos. A própria Londres tinha mudado por completo desde que a vira pela última vez. Era, então, lembrava-se, um amontoado de casinhas de aspecto sombrio, carregado. As cabeças dos rebeldes arreganhavam os dentes do alto de suas estacas no Temple Bar. As pedras do calçamento cheiravam a lixo e esterco. Agora, enquanto o navio passava por Wapping, ela tinha vislumbres de ruas largas e em boa ordem. Imponentes carruagens, puxadas por juntas de cavalos bem nutridos, ficavam à espera à frente de casas cujas belas sacadas, cujas límpidas vidraças, cujas aldrabas polidas davam testemunho da riqueza e da sóbria dignidade dos que nela residiam. Damas em seda florida (ela levou a luneta do capitão aos olhos) caminhavam sobre passeios pavimentados. Cidadãos em casacos bordados

cheiravam rapé nas esquinas, debaixo de postes de luz. Vislumbrou, balançando ao vento, uma variedade de tabuletas de lojas e conseguiu formar uma vaga ideia do que nelas estava pintado, informando o que era vendido no seu interior – tabaco, tecidos, seda, ouro, prataria, luvas, perfumes e mil outros artigos. Da mesma forma, enquanto o navio se aproximava do ancoradouro perto da Ponte de Londres, foi apenas de relance que conseguiu ver as janelas dos cafés em cujas varandas, pois fazia tempo bom, cidadãos decentes, em grande número, sentavam-se preguiçosamente, com pratos de porcelana à sua frente, cachimbos de barro ao seu lado, enquanto um deles lia, em voz alta, uma folha noticiosa, sendo frequentemente interrompido pela risada ou pelos comentários dos outros. Aquelas eram tavernas? aquelas eram pessoas de espírito? aqueles eram poetas? perguntou ao capitão Bartolus, que, amavelmente, informou-a de que agora mesmo, se ela voltasse a cabeça um pouco para a esquerda e olhasse ao longo da linha de seu indicador (“assim”), dava para enxergar o Cocoa Tree, onde (“sim, ali estava ele”) se podia ver o sr. Addison tomando o seu café; os dois outros cavalheiros – “ali, senhora, um pouco à direita do poste de luz, um deles corcunda, o outro quase como a senhora ou eu” – eram o sr. Dryden e o sr. Pope.¹ “Pobres coitados”, falou o capitão, querendo dizer que eram papistas, “mas, não obstante, homens de talento”, acrescentou, correndo em direção à popa para supervisionar os procedimentos de desembarque.

“Addison, Dryden, Pope”, repetia Orlando, como se as palavras tivessem algum poder mágico. Por um segundo viu as altas montanhas por sobre Bursa; no seguinte tinha assentado os pés em sua terra natal.

MAS AGORA ORLANDO DEVERIA APRENDER como de pouco vale o mais tempestuoso frêmito de euforia diante da férrea indiferença da lei; como ela é mais dura que as pedras da Ponte de Londres e mais severa que a boca de um canhão. Nem bem tinha voltado à sua casa em Blackfriars quando tomou conhecimento, por uma sucessão de agentes do tribunal da Bow Street e de solenes oficiais de justiça de outros tribunais, que era ré em três grandes processos que tinham sido movidos contra ela em sua ausência, bem como de inumeráveis demandas menores, algumas derivadas, outras dependentes daqueles. As principais acusações contra ela eram: (1) que estava morta e, portanto, simplesmente não podia ter

nenhuma propriedade; (2) que era mulher, o que dá no mesmo; (3) que ela era um duque inglês que tinha desposado uma certa Rosina Pepita, uma dançarina; e que com ela tivera três filhos-homens, os quais, declarando agora que o pai era falecido, sustentavam que toda a sua propriedade lhes pertencia por direito de herança. Livrar-se de acusações tão graves assim exige, é claro, tempo e dinheiro. Todos os seus bens foram colocados sob a guarda da justiça e seus títulos foram suspensos até o final do processo. Foi, assim, numa posição extremamente ambígua, sem saber ao certo se estava viva ou morta, se era homem ou mulher, duque ou uma nulidade qualquer, que viajou para sua casa de campo, onde, enquanto durasse o julgamento, tinha a permissão da justiça para residir na condição de incógnito ou de incógnita, dependendo do resultado.

Era um belo fim de tarde de dezembro quando chegou e a neve caía e as sombras, com seu tom de púrpura, tinham a mesma inclinação das que vira do alto da colina em Bursa. A imensa casa se estendia, sob a neve, mais como uma vila do que como uma casa, marrom e azul, rosa e púrpura, com todas as suas chaminés soltando fumaça sem parar como se animadas por vida própria. Não pôde conter um grito ao vê-la ali, tranquila e maciça, deitada no imenso relvado. Quando o coche amarelo entrou no parque, deslizando por entre as árvores ao longo da alameda, os cervos rubros ergueram as orelhas como se em atitude de expectativa e notou-se que, em vez da timidez natural à sua espécie, seguiram o coche e ficaram por perto quando ele parou. Enquanto o estribo era baixado e Orlando descia, alguns agitavam os chifres, outros escarvavam o chão. Um deles, dizem, chegou a se ajoelhar na neve diante dela. Antes que ela tivesse tempo de levar a mão à aldraba, as folhas da porta se abriram de par em par e, ali, com luzes e tochas erguidas sobre suas cabeças, estavam a sra. Grimsditch, o sr. Dupper e um séquito inteiro de criados que tinham vindo para saudá-la. Mas a ordenada procissão foi interrompida, primeiro, pela impetuosidade de Canute, o elkhound, que se atirou com tal ardor sobre sua dona que quase a derrubou no chão; e, depois, pela agitação da sra. Grimsditch que, parecendo querer fazer uma vênia, foi tomada pela emoção e só conseguia dizer, arquejante, meu senhor! minha senhora! minha senhora! minha senhora! até Orlando confortá-la com um carinhoso beijo em cada face. Depois disso, o sr. Dupper começou a ler um pergaminho em voz alta, mas com os cães latindo, os caçadores soprando

suas trompas e os cervos, que, na confusão, tinham entrado no pátio, balindo para a lua, ele não foi muito adiante, e o grupo, após ter se juntado ao redor de sua senhora e dado provas, de todas as formas, da grande alegria por seu retorno, se dispersou.

Ninguém demonstrou a menor suspeita de que Orlando não fosse a mesma pessoa que tinham conhecido. Se alguma questão houvesse na mente dos humanos, a ação dos cervos e dos cães teria sido suficiente para dissipá-la, pois as criaturas mudas, como é bem sabido, são muito melhores juízes do que nós, tanto da identidade quanto da personalidade. Ademais, disse a sra. Grimsditch, por sobre sua xícara de chá da china, ao sr. Dupper, naquela noite, se seu senhor era agora uma senhora, ela nunca tinha visto nenhuma mais bonita e também não havia escolha possível entre um e outra; um era tão bem-favorecido quanto a outra; eram tão parecidos quanto dois pêssegos de um mesmo ramo; o que, disse a sra. Grimsditch num tom confidencial, ela sempre suspeitara (aqui, ela sacudiu a cabeça muito misteriosamente), o que não era nenhuma surpresa para ela (aqui, ela sacudiu a cabeça muito assertivamente), e, no que lhe tocava, era um grande alívio; pois, com as toalhas precisando de remendo e as cortinas do gabinete do capelão com as franjas roídas por traças, era mais do que hora de terem uma senhora no mando da casa.

“E alguns patrõesinhos e patroazinhas para sucedê-la”, acrescentou o sr. Dupper, que tinha a liberdade, em virtude de seu sagrado ofício, de poder falar francamente a respeito de questões tão delicadas.

Assim, enquanto os velhos criados tagarelavam na sala da criadagem, Orlando passou a mão numa candeia de prata e vagou mais uma vez pelos salões, pelas galerias, pelos pátios, pelos quartos; viu de novo se esboçarem à sua frente, entre seus ancestrais, o rosto sombrio deste lorde-guardião, daquele lorde-camareiro; sentou-se agora na cadeira das autoridades e das cerimônias, reclinou-se agora sob o dossel desse leito de prazeres; observou o pano de arrás, a maneira como balançava; contemplou os caçadores a cavalo e Dafne fugindo; banhou as mãos, tal como gostava de fazer quando criança, na poça amarela inundada da luz que o luar deixava cair através do leopardo heráldico do vitral da janela; deslizou pelos tabuões encerados da galeria, cujo lado inferior era madeira em estado bruto; tocou esta seda, aquele cetim; fantasiou que os golfinhos talhados nadavam; penteou os cabelos com a escova de prata do rei James;

enterrou o rosto no buquê de pétalas secas, feito da maneira como o Conquistador lhes ensinara muitos séculos atrás e com as mesmas rosas; olhou para o jardim e imaginou os dormentes açafrões, as adormecidas dalias; viu as frágeis ninfas luzindo brancas na neve e, atrás delas, negras, as grandes sebes de teixo, volumosas como uma casa; viu os pés de laranja e as imensas nespereiras; ela via tudo isso, e cada vista e cada som, ainda que apenas toscamente postos no papel, inundava-lhe o coração com tal volúpia e com tal bálsamo de júbilo que, por fim, extenuada, entrou na capela e afundou na velha poltrona vermelha na qual seus ancestrais costumavam assistir ao ofício religioso. Ali acendeu um charuto (era um hábito trazido do Oriente) e abriu o livro de orações.

Era um livrinho encadernado em veludo e costurado com fios de ouro, que Mary, rainha da Escócia, carregara na mão a caminho do cadafalso, e no qual o olho da fé conseguia ver uma mancha marrom, feita, diziam, de uma gota do sangue real. Mas quem ousaria dizer quais pensamentos piedosos despertou em Orlando, quais paixões diabólicas fez adormecer, sabendo que, de todas as comunhões, essa com a divindade é a mais inescrutável? Romancista, poeta, historiador, todos vacilam antes de enveredar por esse caminho; o próprio crente tampouco nos esclarece muita coisa, pois está ele mais disposto a morrer que os outros ou mais desejoso de distribuir seus bens? Não mantém ele tantas criadas e tantos cavalos de tração quanto os demais? E ainda assim sustenta, apesar de tudo, uma fé que, segundo ele, torna os bens uma vaidade e a morte, desejável. No livro de orações da rainha, além da mancha de sangue, havia também uma mecha de cabelos e uma migalha de bolo; Orlando somou agora a essas recordações uma raspa de tabaco e, assim, lendo e fumando, foi levada pelo humano embaralhamento de todas elas – o cabelo, a migalha, a mancha de sangue, o tabaco – a um estado contemplativo tão intenso que chegava ao ponto de emprestar-lhe um ar de reverência, naturalmente adequado às circunstâncias, embora ela não tivesse, dizia-se, nenhum negócio com o Deus de costume. Nada, entretanto, pode ser mais arrogante, embora nada seja mais comum, do que supor que, em matéria de deuses, exista apenas um e que, em matéria de religiões, não exista nenhuma outra a não ser a do declarante. Orlando, ao que parece, tinha uma fé própria. Com todo o ardor religioso do mundo, ela agora refletia sobre seus pecados e as imperfeições que tinham se insinuado em sua

disposição espiritual. A letra S, refletiu, é a serpente do Éden do poeta. Por mais que fizesse, restava ainda um número grande demais desses pecaminosos répteis nas primeiras estrofes de “O carvalho”. Mas o “S”, em sua opinião, não era nada, comparado à terminação “ndo”. O gerúndio é o demônio em pessoa, pensou, já que estamos no local certo para se acreditar em demônios. Fugir dessas tentações é a primeira obrigação do poeta, concluiu, pois como o ouvido é a antecâmara da alma, a poesia pode corromper e destruir mais seguramente que a luxúria ou a pólvora. O ofício do poeta é, pois, o mais elevado de todos, continuou. Suas palavras chegam aonde outras não conseguem. Uma tola canção de Shakespeare toca mais os pobres e os perversos do que todos os pregadores e filantropos do mundo. Nenhum tempo, nenhuma dedicação é demais, portanto, quando se trata de tornar o veículo de nossa mensagem menos desvirtuante. Devemos moldar nossas palavras de modo a se tornarem o invólucro mais diáfano possível para nossos pensamentos. Os pensamentos são divinos, etc. É óbvio, pois, que ela estava de volta aos confins de sua própria religião, a qual, com o tempo de sua ausência, só tinha se fortalecido e rapidamente adquiria a intolerância da crença.

“Estou crescendo”, pensou, pegando, afinal, a vela. “Estou perdendo algumas ilusões”, disse, fechando o livro da rainha Mary, “talvez para adquirir outras”, e desceu até as tumbas onde descansavam os ossos de seus ancestrais.

Mas até mesmo os ossos de seus ancestrais, sir Miles, sir Gervase, e os outros, tinham perdido algo de sua santidade desde que Rustum el Sadi abanara as mãos naquela noite nas montanhas asiáticas. De algum modo, o fato de que apenas três ou quatro séculos antes esses esqueletos tinham sido homens dispostos a subir na vida, como qualquer arrivista moderno, e de que tinham subido, como faz qualquer outro arrivista, obtendo casas e cargos, honrarias e condecorações, enquanto os poetas, talvez, e homens de grande talento e boa educação tinham preferido a calma do interior, escolha que pagaram ao custo da extrema pobreza, resignando-se agora a vender panfletos na Strand ou a cuidar de ovelhas nos campos, encheu-a de remorso. Pensou, ainda ali na cripta, nas pirâmides do Egito e nos ossos que jaziam sob elas; e as vastas e ermas colinas que se erguem por sobre o Mar de Mármara pareceram, naquele instante, uma moradia mais agradável do que esta mansão de tantos quartos na qual nenhuma cama

deixava de ter a sua colcha e nenhuma terrina de prata, combinando com ela, sua tampa.

“Estou crescendo”, pensou, pegando sua vela. “Estou perdendo minhas ilusões, talvez para adquirir novas”, e caminhou devagar pela longa galeria, em direção ao seu quarto. Era um processo desagradável – e perturbador. Mas era interessante, muitíssimo, pensou, esticando as pernas para deixá-las perto da lareira (pois não havia nenhum marinhaeiro presente), e passou em revista, como se fosse uma avenida de grandes edifícios, o progresso de seu próprio eu ao longo de seu próprio passado.

Como gostava de ficar escutando os sons quando menino, julgando ouvir nas tumultuosas sílabas que saíam dos lábios o mais belo de todos os poemas. Então, nesse violento frenesi introduziu-se – como efeito, talvez, de Sasha e sua desilusão – alguma gota negra, tornando sua rapsódia letárgica. Lentamente, abriu-se dentro dela alguma coisa intrincada e cheia de compartimentos, exigindo que usemos uma tocha para explorá-la, em prosa, e não em verso; e se lembrou de como estudara apaixonadamente aquele médico de Norwich, Browne, cujo livro estava ali à mão. Ela desenvolvera, aqui, em solidão, após o incidente com Greene, ou tentara desenvolver, pois só os céus sabem como esses processos são demorados, um espírito capaz de resistência. “Escreverei”, dissera, “o que me agrada escrever”; e eliminara, então, vinte e seis volumes. Ainda assim, apesar de todas as viagens e aventuras e profundas reflexões e mudanças de rumo, ela estava apenas em processo de elaboração. O que o futuro poderia trazer, só os céus sabiam. A mudança não dava trégua; talvez jamais desse trégua. Antigas muralhas de pensamento, hábitos que pareciam duráveis como pedra, desabavam como sombras ao toque de outra mente, deixando no lugar um céu limpo, todo salpicado de novas e cintilantes estrelas. Aqui, ela foi até a janela e, apesar do frio, não pôde deixar de abri-la. Inclinou-se sobre o peitoril, mergulhando no ar úmido da noite. Ouviu uma raposa regougar na floresta e o ruflar de um faisão arrastando-se por entre os galhos. Ouviu a neve deslizar pelo telhado e cair pesadamente no chão. “Por minha vida”, exclamou, “isso é mil vezes melhor que a Turquia. Rustum”, falou alto, como se estivesse discutindo com o cigano (e, com essa nova capacidade de criar uma discussão na mente e levá-la adiante com alguém que não estava ali para contradizê-la, ela de novo dava mostras do desenvolvimento de seu espírito), “você

estava errado. Isso é melhor que a Turquia. Cabelo, migalha de bolo, tabaco – de que retalhos somos compostos”, disse (pensando no livro de orações da rainha Mary). “Que fantasmagoria é a mente e que ponto de encontro de coisas disparatadas! Num certo momento, deploramos nosso nascimento e nossa sorte, almejando uma exaltação ascética; no seguinte, somos arrebatados pelo perfume da trilha de algum antigo jardim e choramos ao ouvir os tordos cantando.” E, assim, perplexa, como de costume, pela infinidade de coisas que exigem explicação e imprimem sua mensagem sem deixar nenhuma pista de seu significado, jogou o charuto pela janela e foi para a cama.

Na manhã seguinte, transformando o pensamento em ato, pegou pena e papel e recomeçou “O carvalho” do zero, pois ter tinta e papel em abundância, para quem teve de se contentar com o sumo de frutas vermelhas e as margens de páginas já preenchidas, constitui um prazer inimaginável. Assim, estava ora nas profundezas do desespero, riscando uma frase, ora nos pináculos do êxtase, pondo uma frase no papel, quando uma sombra escureceu a página. Apressadamente, escondeu o manuscrito.

Como sua janela dava para o pátio mais central, como tinha deixado claro que não queria ver ninguém, como não conhecia ninguém e ela própria era legalmente desconhecida, primeiro ficou surpresa com a sombra, depois indignada, depois (quando ergueu os olhos e viu o que a tinha originado) cheia de alegria. Pois era uma sombra familiar, uma sombra grotesca, a sombra de ninguém menos que a arquiduquesa Harriet Griselda de Finster-Aarhorn e Scand-op-Boom, do território romeno. Ela caminhava pelo pátio, tal como antes, em passadas largas, em seu antigo traje preto de montaria e sua capa. Não tinha mudado nem um fio de cabelo. Essa era, pois, a mulher que a tinha feito ir embora da Inglaterra! Esse era o ninho daquele abutre obscuro – essa, a ave fatal em pessoa! Ao pensamento de que tinha fugido para um lugar tão distante quanto a Turquia para evitar seus poderes de sedução (agora muitíssimo enfraquecidos), Orlando deu uma boa risada. Havia, na visão, algo inexprimivelmente cômico. Ela se parecia, como Orlando pensara antes, com nada mais nada menos do que uma lebre monstruosa. Tinha os olhos parados, as bochechas flácidas, o toucado alto desse animal. Agora, tal como uma lebre senta-se ereta no trigal quando pensa não estar sendo observada, ela fez uma parada e encarou Orlando, que, por sua vez,

também a encarou da janela. Após terem se encarado assim por algum tempo, não havia nada a fazer senão convidá-la a entrar, e logo as duas damas, enquanto a arquiduquesa sacudia a neve de sua capa, estavam trocando cumprimentos.

“Malditas mulheres”, disse Orlando para si mesma, indo até o guarda-louça para pegar uma taça de vinho, “nunca nos deixam um instante em paz. Não existe gente mais bisbilhoteira, inquisitiva, intrometida. Foi para fugir desse varapau que fui embora da Inglaterra, e agora...” – aqui ela se voltou para apresentar à arquiduquesa a salva de prata, e eis que em seu lugar estava um cavalheiro alto, vestido de preto. Uma pilha de roupas pendia da grade de proteção da lareira. Ela estava a sós com um homem.

Assim, trazida de súbito à consciência de seu próprio sexo, que tinha esquecido por completo, e do dele, do qual estava agora distanciada o bastante para deixá-la igualmente perturbada, Orlando sentiu-se desfalecer.

“Puxa vida”, exclamou, pondo as mãos na cintura, “como você me assustou!”

“Gentil criatura”, exclamou a arquiduquesa, dobrando um dos joelhos e encostando, ao mesmo tempo, a taça de cordial nos lábios de Orlando, “perdoe-me pela peça que lhe preguei!”

Orlando sorveu o vinho e o arquiduque ajoelhou-se, beijando-lhe a mão.

Em suma, por dez minutos representaram com veemência os papéis respectivos de homem e mulher, entrando, depois, no rumo da conversa natural. A arquiduquesa (mas doravante ela será referida como “o arquiduque”) contou sua história – que era homem e sempre tinha sido; que tinha visto um retrato de Orlando, apaixonando-se perdidamente por ele; que, para atingir seus objetivos, se vestira de mulher, hospedando-se na padaria; que ficara desolado quando ela fora embora para a Turquia; que soubera de sua mudança e apressara-se em oferecer seus serviços (aqui, teve um ataque insuportável de risadas e risadinhas). Pois para ele, disse o arquiduque Harry, ela era e sempre seria a Pétala, a Pérola, a Perfeição de seu sexo. Os três Ps teriam sido mais persuasivos se não tivessem sido entremeados das mais estranhas risadas e risadinhas. “Se isso é amor”, disse Orlando para si mesma, olhando para o arquiduque no

outro lado da grade da lareira, e agora do ponto de vista da mulher, “ele tem algo de profundamente ridículo.”

Pondo-se de joelhos, o arquiduque Harry fez o mais apaixonado dos pedidos de casamento. Disse-lhe que tinha algo como vinte milhões de ducados numa caixa-forte em seu castelo. Possuía mais hectares que qualquer nobre da Inglaterra. A caça era excelente: podia prometer-lhe uma seleção variada de ptármigas e tetrazes com a qual nenhum pântano inglês – ou escocês – podia rivalizar. Verdade que os faisões tinham sido atacados de singamose em sua ausência e as fêmeas tinham perdido suas crias, mas isso podia ser consertado, e o seria, com a ajuda dela, quando vivessem juntos na Romênia.

Enquanto falava, enormes lágrimas formavam-se-lhe nos olhos um tanto saltados, escorrendo pelas arenosas superfícies de suas longas e afiladas faces.

Que os homens choram tão frequente e descabidamente quanto as mulheres, Orlando sabia de sua própria experiência como homem; mas estava começando a se dar conta de que as mulheres deviam ficar chocadas quando os homens mostrassem emoção em sua presença e, assim, chocada ela ficou.

O arquiduque se desculpou. Controlou-se o suficiente para dizer que a deixaria agora, mas voltaria no dia seguinte para saber a resposta.

Era uma terça-feira. Veio na quarta; na quinta; na sexta; e veio no sábado. É verdade que cada visita começava, continuava ou terminava com uma declaração de amor, mas no meio havia muito lugar para o silêncio. Sentavam-se um em cada lado da lareira e às vezes o arquiduque derrubava os atizadores e as tenazes, obrigando Orlando a colocá-los de volta no lugar. Depois, o arquiduque lembrava-se de ter abatido um alce na Suécia e Orlando perguntava se era muito grande e o arquiduque dizia não tão grande como a rena que tinha abatido na Noruega; e Orlando perguntava se tinha ele alguma vez abatido um tigre e o arquiduque dizia ter abatido um albatroz e Orlando perguntava (meio que disfarçando um bocejo) se era um albatroz tão grande quanto um elefante e o arquiduque dizia... alguma coisa muito sensata, sem dúvida, mas Orlando não ouvia, pois estava olhando para a escrivadinha, para fora da janela, para a porta. Ao que o arquiduque dizia “Eu a amo” no mesmo e exato momento em que Orlando dizia “Olha, está começando a chover”, diante do que ambos,

enrubescendo, ficaram muito constrangidos, nenhum dos dois sabendo o que dizer depois disso. Na verdade, Orlando não sabia mais sobre o que falar e, não fora ter se lembrado do jogo da mosca, no qual grandes somas de dinheiro podiam ser perdidas com muito pouco de inteligência, teria tido que desposá-lo, supunha, pois não sabia de que outro jeito poderia se livrar dele. Entretanto, graças a esse expediente, simples, por sinal, bastando apenas três torrões de açúcar e uma quantidade suficiente de moscas, escapava-se do constrangimento da conversa e evitava-se a pressão do casamento. Pois agora o arquiduque apostaria duzentas libras contra o meio xelim dela que uma mosca pousaria neste torrão e não naquele. Assim, ficariam ocupados pela manhã inteira observando as moscas (que estavam um tanto lentas nessa época do ano e às vezes ficavam cerca de uma hora dando voltas pelo teto), até uma bela varejeira fazer, afinal, sua escolha, fechando uma rodada. Muitas centenas de libras trocaram de mãos entre eles nesse jogo, que o arquiduque, que era um jogador nato, jurava ser, sob todos os aspectos, tão bom quanto uma corrida de cavalos, afirmando que poderia ficar jogando isso para sempre. Mas Orlando logo começou a se cansar.

“De que adianta ser uma bela e jovem mulher na flor da idade”, perguntou-se, “se tenho de passar todas as minhas manhãs observando varejeiras com um arquiduque?”

Não podia mais nem ver açúcar; moscas deixavam-na tonta. Devia haver uma maneira de sair da dificuldade, supunha, mas era ainda um tanto desajeitada na arte de seu sexo e, como não podia mais golpear um homem na cabeça nem atravessar-lhe o corpo com um florete, não conseguiu pensar em nenhum outro método melhor que o seguinte. Pegava uma varejeira, apertava-a delicadamente até deixá-la sem vida (já estava meio morta; do contrário, sua bondade para com os irracionais não lhe teria deixado fazer isso), grudando-a com uma gota de goma arábica num torrão de açúcar. Enquanto o arquiduque olhava para o teto, ela habilmente trocava o torrão no qual apostara por esse outro e, gritando “olha só! olha só!”, declarava ter ganhado a aposta. Sua conjectura era de que o arquiduque, com todo o seu conhecimento do esporte e do hipismo, perceberia a fraude e, como trapacear no jogo da mosca é o mais hediondo dos crimes, sendo que, por causa disso, homens tinham sido para sempre banidos da sociedade humana e despachados para a dos macacos nos

trópicos, ela estimava que ele seria viril o bastante para se recusar a continuar tendo com ela qualquer tipo de relação. Mas calculou mal a ingenuidade do amável e nobre cavalheiro. Ele não era nenhum conhecedor de moscas. Uma mosca morta tinha para ele o mesmo aspecto de uma mosca viva. Ela lhe aplicou o truque vinte vezes, e ele lhe pagou 17.250 libras (mais ou menos 40.885 libras, 6 xelins e 8 pênis no dinheiro de hoje), até Orlando trapacear tão descaradamente que nem mesmo ele podia mais ser enganado. Quando, afinal, se deu conta da verdade, seguiu-se uma dolorosa cena. O arquiduque se pôs de pé, em toda a plenitude de sua enorme altura. Ficou vermelho. Lágrimas rolavam-lhe pelas faces, uma a uma. Que ela tivesse lhe extraído uma fortuna não era nada – que a desfrutasse; que o tivesse enganado era algo – magoava-o pensá-la capaz disso; mas que tivesse trapaceado no jogo da mosca era tudo. Amar uma mulher que trapaceava no jogo era, disse ele, impossível. Aqui ele se decompôs completamente. Por sorte, disse, recobrando-se um pouco, não havia nenhuma testemunha. Ela era, afinal, apenas uma mulher, disse. Em suma, ele estava se preparando, na fidalguia de seu coração, para perdoá-la, inclinando-se para lhe pedir perdão pela violência de sua linguagem, quando ela o interrompeu abruptamente, enquanto ele baixava sua altiva cabeça, deixando cair um sapinho por dentro de sua camisa.

Para fazer-lhe justiça, deve-se dizer que ela teria, de longe, preferido um florete. Sapos são coisas pegajosas, difíceis de serem mantidos ocultos junto ao próprio corpo durante uma manhã inteira. Mas se floretes estão interditados, deve-se recorrer aos sapos. Além disso, em combinação, sapos e risadas às vezes fazem o que o aço frio não consegue. Ela riu. O arquiduque enrubesceu. Ela riu. O arquiduque praguejou. Ela riu. O arquiduque bateu a porta.

“Os céus sejam louvados!”, exclamou Orlando, ainda rindo. Ouvia o ruído das rodas do coche que corria a uma velocidade furiosa pátio afora. Ouvia-as trepidando ao longo da estrada. O ruído se tornava cada vez mais fraco. Agora se apagara inteiramente.

“Estou só”, disse Orlando, em voz alta, pois não havia ninguém para ouvir.

Que o silêncio é mais profundo após o ruído é algo que ainda exige confirmação da ciência. Mas que a solidão é mais óbvia imediatamente após terem sido cortejadas é algo que muitas mulheres jurariam ser

verdade. Enquanto o ruído das rodas do coche do arquiduque se apagava, Orlando sentia se afastando mais e mais dela um arquiduque (isso não lhe importava), um título (isso não lhe importava), a segurança e a circunstância da vida de casada (isso não lhe importava), mas também a vida e um amante. “A vida e um amante”, murmurou; e indo até à escrivaninha, mergulhou a pena no tinteiro e escreveu:

“A vida e um amante” – um verso que não soava bem e não enquadrava com o que vinha antes – algo sobre o modo adequado de mergulhar carneiros em desinfetante para prevenir a sarna. Lendo-o novamente, enrubesceu, repetindo:

“A vida e um amante.” Depois, pondo a pena de lado, foi para o quarto e se pôs na frente do espelho, ajeitando o colar de pérolas em volta do pescoço. Em seguida, como o colar não se destacava contra um vestido matinal de algodão estampado, trocou por um de tafetá cinza-pombo; depois, por um outro, no tom da flor de pessegueiro; depois ainda, por um outro, de brocado cor de vinho. Talvez fosse preciso um nadinha de pó de arroz e se o cabelo fosse ajeitado... assim... por sobre a testa, podia assentar-lhe bem. Depois, enfiou os pés numas sapatilhas afiladas e pôs um anel de esmeralda no dedo. “Feito”, disse, quando tudo estava pronto, acendendo os dois castiçais de prata, um em cada lado do espelho. Que mulher não teria ansiado ver o que Orlando viu então ardendo na neve – pois à volta de todo o espelho havia relvados cobertos de neve e ela era como um fogo, uma sarça ardente, e as chamas das velas em torno da cabeça eram folhas de prata; ou, ainda, o espelho era um mar de água verde e ela uma sereia enrolada em pérolas, uma sereia numa gruta, cantando de um jeito que fazia remadores se debruçarem à beira dos barcos, caindo na água, caindo para abraçá-la; tão negra, tão clara, tão dura, tão macia era ela, tão assombrosamente sedutora que era uma enorme pena não ter ninguém ali para pôr isso em bom inglês e dizer sem rodeios “Com os diabos, senhora, sois a encarnação da beleza”, o que era verdade. Até mesmo Orlando (que não tinha nenhum orgulho próprio) sabia disso, pois sorriu o sorriso involuntário que sorriem as mulheres quando sua própria beleza, que não parece lhes pertencer, se forma como uma gota caindo ou uma fonte se erguendo e de repente as confronta no espelho – sorriu esse sorriso e então pôs-se à escuta por um momento, ouvindo apenas as folhas soprando e os pardais chilreando, e então

suspirou “A vida, um amante” – e então girou sobre os calcanhares com uma rapidez extraordinária; arrancou as pérolas do pescoço, livrou-se dos cetins das costas, aprumou-se nas elegantes calças de golfe de seda negra de um nobre qualquer e tocou a sineta. Quando o criado chegou, disse-lhe que mandasse aprontar imediatamente um coche de seis cavalos. Negócios urgentes exigiam sua presença em Londres. Menos de uma hora depois da partida do arquiduque, ela estava na estrada.

E ENQUANTO ELA PERCORRE A estrada, podemos aproveitar a oportunidade, uma vez que se trata da típica paisagem inglesa que não exige qualquer descrição, para chamar a atenção do leitor, com mais detalhes do que conseguimos no momento, para uma ou duas observações que podem ter ficado de fora aqui e ali no curso da narrativa. Por exemplo, é possível observar que Orlando, ao ser interrompida, escondeu seus manuscritos. Depois, contemplou o espelho longa e deliberadamente; e agora, enquanto se dirige a Londres, pode-se observá-la se assustando e abafando um gritinho quando os cavalos galopavam mais ligeiro do que ela gostaria. A modéstia em relação aos seus escritos, a vaidade em relação à sua pessoa, os temores por sua segurança, tudo isso parece sugerir que aquilo que há pouco foi dito a respeito de não ter havido nenhuma mudança de Orlando homem para Orlando mulher estava deixando de ser inteiramente verdadeiro. Ela estava se tornando um pouco mais modesta, no que à mente se refere, como são as mulheres, e um pouco mais vaidosa, no que à aparência se refere, como são as mulheres. Algumas suscetibilidades se acentuavam, enquanto outras diminuía. A mudança de roupa, diriam alguns filósofos, tinha muito a ver com isso. Por mais que pareçam vãs ninharias, as roupas têm, dizem eles, funções mais importantes do que a de simplesmente nos manter aquecidos. Elas mudam nossa visão do mundo e a visão que o mundo tem de nós. Por exemplo, quando o capitão Bartolus viu a saia de Orlando, logo providenciou um toldo para ela, insistiu para que aceitasse mais um pedaço de carne e convidou-a para descer à terra com ele no escaler. Essas cortesias com certeza não lhes teriam sido prestadas se suas saias, em vez de balançarem desimpedidas, fossem estreitamente amarradas ao meio das pernas à maneira das calças curtas masculinas. E quando recebemos cortesias, cabe a nós alguma retribuição. Orlando balançou a cabeça em sinal de agradecimento; curvou-se às gentilezas; enalteceu a amabilidade

do bom homem de uma maneira que não faria se as suas elegantes calças fossem uma saia e seu galonado casaco um corpete de cetim. Há, assim, muitos argumentos em apoio da opinião de que são as roupas que nos vestem, e não nós a elas; podemos moldá-las ao nosso braço ou ao nosso peito, mas elas moldam nossos corações, nossas mentes, nossas línguas ao seu bel-prazer. Assim, tendo agora vestido saias por um bom tempo, uma certa mudança, até mesmo no rosto, era visível em Orlando, que será observada se o leitor examinar a estampa da página 110. Se comparamos o retrato de Orlando como homem com o de Orlando como mulher, veremos que, embora se trate, sem dúvida, de uma só e mesma pessoa, há certas mudanças. O homem tem as mãos livres para empunhar a espada, a mulher deve usar as suas para não deixar que os panos de cetim lhe escorreguem dos ombros. O homem olha o mundo diretamente no rosto, como se ele tivesse sido feito para seu uso e moldado segundo seu gosto. A mulher lança-lhe um olhar longo e oblíquo, cheio de sutileza, até mesmo de desconfiança. Se tivessem usado as mesmas roupas, é possível que a perspectiva fosse a mesma.

Essa é a opinião de alguns filósofos e sábios, mas, no geral, nos inclinamos por outra. A diferença entre os sexos é, felizmente, uma diferença de grande profundidade. As roupas não passam de um símbolo de algo escondido bem lá no fundo. Foi uma mudança na própria pessoa de Orlando que ditou sua escolha de um vestido de mulher e de um sexo de mulher. E nisso, talvez, ela estivesse apenas expressando bem mais abertamente do que é costume – a tendência a ser franca estava, de fato, no âmago de sua natureza – algo que ocorre com a maioria das pessoas sem que elas o expressem com clareza. Pois aqui, de novo, chegamos a um dilema. Por diferentes que sejam, os sexos se entremesclam. Há, em todo ser humano, uma vacilação entre um sexo e outro e, com muita frequência, são apenas as roupas que mantêm a aparência de homem ou de mulher, enquanto por debaixo o sexo é exatamente o oposto do que está em cima. Sobre as complicações e confusões que daí resultam é algo de que todo mundo tem experiência; mas aqui deixamos de lado a questão geral e apenas observamos o estranho efeito que teve no caso particular de Orlando.

Pois era essa mistura nela de homem e mulher, predominando ora um sexo ora outro, que com frequência dava à sua conduta uma reviravolta

inesperada. Uma pessoa curiosa, e do mesmo sexo que ela, perguntaria, por exemplo: se Orlando era mulher, como é que nunca levava mais de dez minutos para se vestir? E não eram suas roupas escolhidas um pouco ao acaso e, às vezes, vestidas já um tanto surradas? E, depois, ainda assim diriam: ela não tem nada da formalidade de um homem ou o gosto pelo poder de um homem. Tem o coração mole demais. Não suportava ver um burro sendo espancado ou um gatinho sendo afogado. E, contudo, de novo, viam que detestava as tarefas domésticas; mal amanhecia já estava de pé, saindo, no verão, antes de o sol raiar, rumo aos campos. Nenhum agricultor sabia tanto sobre plantio quanto ela. Podia beber na companhia dos melhores e gostava de jogos de azar. Montava bem e era capaz de conduzir seis cavalos a galope sobre a Ponte de Londres. Contudo, de novo, embora intrépida e ativa como um homem, falava-se que a vista de alguém em perigo suscitava-lhe as mais femininas palpitações. Rompia em lágrimas à menor provocação. Era pouco versada em geografia, achava a matemática intolerável e tinha manias que são mais comuns em mulheres que em homens, como, por exemplo, a de que ir para o sul é ir para baixo. Se, pois, Orlando era mais homem ou mulher, é difícil de responder, não podendo ser decidido agora. Porque agora seu coche reboava sobre as pedras do calçamento. Tinha chegado à sua casa na cidade. Os estribos do coche estavam sendo baixados; os portões de ferro estavam sendo abertos. Estava entrando na casa do pai em Blackfriars, que, embora a alta sociedade estivesse rapidamente abandonando aquele extremo da cidade, ainda era uma mansão espaçosa e agradável, com jardins que iam até o rio e um aprazível pomar de nogueiras onde se podia passear.

AQUI SE INSTALOU, PONDO-SE LOGO à espreita daquilo que viera buscar, ou seja, a vida e um amante. Sobre a primeira, podia haver alguma dúvida; o segundo, encontrou sem a menor dificuldade dois dias após a chegada. Chegou à cidade numa terça-feira. Na quinta, saiu para um passeio pela Mall, como era então hábito das pessoas da alta sociedade. Não tinha dado mais que uma ou duas voltas pela avenida quando foi notada por uma pequena aglomeração de pessoas simples que vão ali para espiar os de melhor condição. Ao passar por elas, uma mulher com uma criança no colo deu um passo à frente, examinou o rosto de Orlando como que a reconhecendo e gritou “Valha-nos Deus se não é lady Orlando!” Seus

companheiros se amontoaram ao redor e Orlando viu-se instantaneamente transformado no centro das atenções de uma multidão de admirados cidadãos e mulheres de comerciantes, todos desejosos de dar uma espiada na heroína do famoso processo judicial, tal era o interesse que o caso despertava na mente das pessoas do povo. Ela poderia, na verdade, ter se sentido seriamente incomodada pela pressão da massa de gente – esquecera-se de que mulheres de sua posição não devem passear sozinhas por lugares públicos – não fora um cavalheiro alto ter rapidamente se adiantado, oferecendo-lhe a proteção de seu braço. Era o arquiduque. Encheu-se de aflição ao vê-lo aparecer, mas também achou a circunstância um tanto divertida. Não apenas esse magnânimo cavalheiro a perdoara, mas, para mostrar que não levara a mal sua leviandade com o sapo, adquirira uma joia na forma desse réptil, insistindo, enquanto conduzia-a ao seu coche, que a aceitasse e repetindo o pedido de casamento.

Fosse pela multidão, pelo duque ou pela joia, voltou para casa no pior estado de humor que se possa imaginar. Era impossível sair para um passeio sem ser quase sufocada, presenteada com um sapo engastado em esmeraldas e pedida em casamento por um arquiduque? Assumiu, no dia seguinte, uma atitude mais benevolente sobre o caso, quando encontrou, na mesa do café da manhã, meia dúzia de bilhetes de algumas das grandes damas da terra – lady Suffolk, lady Salisbury, lady Chesterfield, lady Tavistock e outras, lembrando-a, muito polidamente, de antigas alianças entre as suas famílias e a dela e manifestando o desejo de terem a honra de conhecê-la. No dia seguinte, um sábado, muitas dessas grandes damas foram visitá-la. Na terça, perto do meio-dia, seus lacaios trouxeram convites para várias recepções, ceias e reuniões no futuro próximo; de modo que Orlando foi sem demora, e com algum alarde e alvoroço, lançada nas águas da sociedade londrina.

Fornecer um relato verdadeiro da sociedade londrina da época ou, na realidade, de qualquer outra época está acima da capacidade do biógrafo ou do historiador. Apenas os que têm pouca necessidade da verdade e nenhum respeito por ela – os poetas e os romancistas – podem se incumbir disso, pois se trata de um daqueles casos em que a verdade não existe. Não existe nada. A coisa toda é um miasma – uma miragem. Para deixar claro o que queremos dizer: Orlando voltava de uma dessas recepções para casa às três ou quatro da manhã com as faces como uma árvore de Natal e os

olhos como estrelas. Desfazia um laço, dava umas vinte voltas pelo quarto, desfazia outro laço, parava, dava mais voltas. Com frequência, o sol resplandecia por sobre as chaminés de Southwark antes que ela conseguisse se decidir a ir para a cama, e ali ficava, virando-se e revirando-se, rindo e suspirando por uma hora ou mais até, finalmente, cair no sono. E a causa de toda essa agitação, qual era? A sociedade. E que dissera ou fizera a sociedade para deixar uma dama sensata tão agitada? Numa palavra, nada. Por mais que torturasse a memória, no dia seguinte Orlando nunca conseguia lembrar uma só palavra com a qual nomear uma coisa qualquer. Lorde O. fora galante. Lorde A., cortês. O marquês de C., encantador. O sr. M., gracioso. Mas quando tentava rememorar em que consistiam essa galanteria, essa cortesia, esse encanto ou essa graça, era obrigada a admitir que a memória lhe falhava, pois não conseguia encontrar nenhuma palavra para isso. Era sempre assim. Nada restava no dia seguinte, embora o entusiasmo do momento tivesse sido intenso. Somos, assim, forçados a concluir que a sociedade é uma daquelas infusões que governantas habilidosas servem quente na época de Natal e cujo sabor depende da precisa mistura e agitação de uma dúzia de diferentes ingredientes. Pegue um deles: sozinho é insípido. Destaque lorde O., lorde A, lorde C. ou o sr. M.: separadamente, cada um deles não é nada. Agite-os juntos e eles se combinam para exalar o mais inebriante dos sabores, o mais sedutor dos aromas. Mas essa capacidade de inebriar, esse poder de seduzir escapa inteiramente à nossa análise. A um só e mesmo tempo, portanto, a sociedade é tudo e a sociedade é nada. A sociedade é o preparado mais potente do mundo e a sociedade simplesmente não existe. Os poetas e os romancistas, só eles conseguem lidar com esses monstros; suas obras são infladas, chegando a atingir proporções prodigiosas com esse tipo de ente feito de alguma-coisa-e-coisa-nenhuma; e ficamos felizes, com a melhor boa vontade do mundo, em deixar isso a seu encargo.

Seguindo o exemplo de nossos predecessores, apenas diremos, portanto, que a sociedade, no reinado da rainha Anne, era de um brilho inigualável. Ingressar nela era o objetivo de toda pessoa bem-nascida. A graça social era de máxima importância. Os pais instruíam os filhos; as mães, as filhas. Nenhuma educação era, para qualquer dos sexos, considerada completa se não incluísse a ciência da postura, a arte das

medidas e reverências, o manejo da espada e do leque, o cuidado dos dentes, a posição das pernas, a flexibilidade dos joelhos, os modos apropriados de entrar e sair de uma sala, com milhares de etcéteras, coisas todas que imediatamente se insinuariam a qualquer um que tivesse estado em sociedade. Como Orlando tinha recebido, quando menino, o elogio da rainha Elizabeth pelo jeito como segurara uma bacia de água de rosas, deve-se supor que ela fosse hábil o suficiente para estar à altura das exigências. Mas é verdade que havia nela uma certa tendência a se distrair que às vezes a tornava desajeitada; estava sujeita a pensar em poesia quando deveria estar pensando em tafetá; as passadas eram, talvez, demasiadamente largas para uma mulher, e seus gestos, por serem abruptos, podiam ocasionalmente pôr em risco uma xícara de chá.

Fosse por ser essa leve inaptidão o bastante para desmerecer o esplendor de seu porte, fosse por ter herdado uma gota a mais daquele humor negro que corria nas veias de toda a sua raça, o certo é que não tinha frequentado a sociedade mais que uma dúzia de vezes quando se viu perguntando, como se ali houvesse alguém, além de seu spaniel Pippin, para escutá-la: “Que diabos está se passando comigo?” A data era 16 de junho de 1712, uma terça-feira; acabara de voltar de um grande baile em Arlington House; o sol despontava no céu e ela tirava as meias. “Não me importo se nunca mais na vida encontrar outra pessoa”, exclamou Orlando, irrompendo em lágrimas. Amantes tinha muitos, mas a vida, que, à sua maneira, tem, afinal, alguma importância, escapava-lhe. “É a isso”, começou a perguntar, mas não havia ninguém para responder, “é a isso”, terminando a frase assim mesmo, “que as pessoas chamam vida?” O spaniel ergueu a pata em sinal de simpatia. O spaniel lambeu Orlando com a língua. Orlando tocou o focinho do spaniel com os lábios. Em suma, havia entre eles a mais verdadeira das simpatias que pode haver entre um cão e sua dona, mas não se pode negar que a mudez dos animais é um grande empecilho aos refinamentos próprios da comunicação. Abanam o rabo; inclinam a parte dianteira do corpo e erguem o traseiro; rolam no chão, saltam, dão a pata, ganem, latem, babam, têm todo um conjunto próprio de manhas e cerimônias, mas tudo isso de pouco adianta, pois falar é que não podem. Essa era sua queixa, pensou, pondo delicadamente o cachorro no chão, contra as pessoas da alta sociedade de Arlington House. Também abanam o rabo, inclinam-se, rolam no chão, saltam, dão a pata e

babam, mas conversar é que não podem. “Durante todos esses meses em que frequento a sociedade”, disse Orlando, atirando uma meia para o outro lado do quarto, “não ouvi nada que Pippin não pudesse ter dito. Estou com frio. Estou contente. Tenho fome. Peguei um rato. Enterrei um osso. Por favor, beije-me o focinho.” E isso não satisfazia.

Como ela passou, em tão pouco tempo, do entusiasmo ao desgosto, só pode ser precariamente explicado se partirmos da premissa de que essa misteriosa composição que chamamos sociedade não é nenhuma coisa que seja absolutamente boa ou má em si, mas algo que contém uma essência, volátil mas potente, que, ou nos deixa inebriados se a julgamos, tal como fez Orlando, deliciosa, ou com dor de cabeça se a julgamos, tal como fez Orlando, repugnante. Que a capacidade da fala tenha, de um jeito outro, muito a ver com isso é algo sobre o qual nos reservamos o direito de duvidar. Por vezes um momento de silêncio é o que existe de mais arrebatador; uma tirada brilhante pode ser indescritivelmente tediosa. Mas deixemos isso aos poetas e prossigamos com nossa história.

Orlando atirou a segunda meia para junto da primeira e foi para a cama bastante desanimada, decidida a repudiar a sociedade para sempre. Mas, de novo, suas conclusões se revelaram, afinal, um tanto apressadas. Pois já na manhã seguinte, ao se levantar, encontrou em cima da mesa, entre os cartões de sempre, o convite de uma certa dama de grande importância, a condessa de R. Após ter decidido, de uma hora para a outra, que nunca mais frequentaria a sociedade, Orlando enviou um estafeta urgente à casa da condessa para dizer que era com muito prazer que aceitava o convite de sua senhoria, comportamento que só pode ser explicado pelo fato de que ainda sofria o efeito das três melífluas palavras que lhe foram sopradas ao ouvido pelo capitão Nicholas Benedict Bartolus, no convés do Enamoured Lady, enquanto desciam o Tâmis. Addison, Dryden, Pope, dissera ele, apontando para o Cocoa Tree, e Addison, Dryden, Pope ressoavam na sua cabeça, desde então, como um sortilégio. Quem pode dar crédito a tal loucura? Mas assim era. Toda sua experiência com Nick Greene não lhe ensinara nada. Nomes como esses ainda exerciam sobre ela o maior fascínio. Em alguma coisa, talvez, precisemos acreditar, e como Orlando, conforme já dissemos, não acreditava em nenhuma das divindades vigentes, depositava sua fé nos grandes homens – mas com uma diferença. Almirantes, soldados, estadistas não lhe causavam a mínima impressão.

Mas bastava pensar num grande escritor para sua crença chegar ao ponto de quase acreditá-lo invisível. Seu instinto não era sem fundamento. Talvez só possamos acreditar plenamente naquilo que não podemos ver. O ligeiro vislumbre que, do convés do navio, tivera desses grandes homens era da natureza de uma visão. Que a xícara fosse de porcelana ou o jornal de papel era coisa de que duvidava. Quando lorde O. disse um dia que ceara com Dryden na noite anterior, ela simplesmente não acreditou nele. Ora, o salão de recepções de lady R. tinha a fama de ser a antecâmara da sala de audiências do gênio; era o lugar em que homens e mulheres se encontravam para agitar turíbulo e entoar cânticos diante do busto do gênio entronizado num nicho encavado na parede. Às vezes, o próprio Deus se dignava a aparecer por um instante. O intelecto, nada mais, dava direito à admissão do suplicante, e nada que não fosse espirituoso (era o que diziam os relatos) era dito lá dentro.

Assim, foi com grande apreensão que Orlando entrou na sala. Encontrou um séquito já reunido num semicírculo em volta da lareira. No centro, lady R., uma senhora de certa idade, de tez morena, com uma mantilha de renda preta na cabeça, estava acomodada numa grande poltrona. Desse modo, como era um pouco surda, podia controlar as falas dos dois lados, onde se sentavam homens e mulheres da mais alta distinção. Cada um dos homens fora, dizia-se, primeiro ministro, e cada uma das mulheres, murmurava-se, amante de algum rei. O certo é que eram todos brilhantes; e todos famosos. Orlando, com uma profunda vênia, acomodou-se, em silêncio, no seu assento... Após três horas, curvou-se numa profunda mesura e saiu.

Mas, pode perguntar o leitor, um tanto exasperado, o que se passou nesse intervalo? Em três horas, um séquito desses deve ter dito as coisas mais espirituosas, mais profundas, mais interessantes do mundo. É realmente o que seria de se esperar. Mas o fato, ao que parece, é que não disseram nada. Trata-se de uma característica curiosa, que eles têm em comum com todas as agremiações mais brilhantes que o mundo já viu. A velha madame du Deffand e seus amigos falaram sem parar por cinquenta anos. E de tudo isso, o que resta? Talvez três ditos espirituosos. Sentimo-nos, assim, à vontade para aventar uma destas hipóteses: ou nada foi dito, ou não foi dito nada espirituoso, ou porque, dado que no espaço de dezoito

mil, duzentas e cinquenta noites houve apenas três ditos espirituosos, não sobra mesmo muita espirituosidade para nenhum deles.

A verdade, aparentemente, é que – se ousarmos usar tal palavra num caso desses – todos esses grupos de pessoas se mantêm sob o efeito de um sortilégio. A anfitriã é a Sibila moderna. É uma feiticeira, pondo os convidados sob seu poder encantatório. Nesta casa, eles se sentem felizes; naquela, espirituosos; naquela outra, profundos. É tudo uma ilusão (o que não é nenhum demérito, pois as ilusões são as mais necessárias e valiosas de todas as coisas e a mulher que cria uma delas está entre os grandes benfeitores do mundo), mas é notório que as ilusões se quebram no confronto com a realidade, de modo que nenhuma felicidade verdadeira, nenhuma espirituosidade verdadeira, nenhuma profundidade verdadeira é tolerada onde predomina a ilusão. Isso serve para explicar por que madame du Deffand não disse mais do que três coisas espirituosas no decurso de cinquenta anos. Tivesse dito mais, seu círculo teria sido destruído. Como uma bala de canhão destroçando violetas e margaridas, a tirada, ao deixar seus lábios, punha por terra a conversa em curso. Quando soltou sua famosa “tirada de São Dionísio”, até a grama saiu chamuscada. O que veio depois disso foi desencanto e desolação. Ninguém disse uma palavra. “Poupe-nos, madame, por amor de Deus, de outra desse tipo!”, exclamaram os amigos a uma só voz. E ela obedeceu. Por quase dezessete anos não disse nada memorável, e tudo correu bem. A bela colcha da ilusão continuava intacta no seu círculo assim como continuava intacta no círculo de lady R. Os convidados se achavam felizes, se achavam espirituosos, se achavam profundos e, por assim acharem, outras pessoas achavam o mesmo ainda mais fortemente; e, então, espalhou-se a ideia de que nada era mais divertido que uma das reuniões de lady R.; todo mundo invejava os que eram aí admitidos; os que eram admitidos invejavam a si próprios porque outras pessoas os invejavam; e, desse modo, isso parecia não ter fim – exceto por aquilo que agora temos que relatar.

Por volta da terceira vez em que Orlando ali esteve, ocorreu um incidente. Ela ainda estava sob o domínio da ilusão de que estava ouvindo as epigramas mais brilhantes do mundo – embora, na verdade, o velho general C. estivesse apenas contando, sem nenhuma pressa, como a gota deixara sua perna esquerda e fora para a direita, enquanto o sr. L. interrompia a conversa tão logo algum nome próprio era mencionado: “R.?”

Ah, conheço Billy R. tão bem quanto a mim mesmo. S.? Meu amigo mais querido. T.? Fiquei quinze dias em sua casa em Yorkshire”, o que, tal é a força da ilusão, soava como a mais espirituosa das réplicas, o mais penetrante dos comentários sobre a vida humana, fazendo o séquito cair em gargalhadas – quando a porta se abriu, deixando entrar um cavalheiro de baixa estatura, cujo nome Orlando não conseguiu captar. Foi imediatamente assaltada por uma sensação curiosamente desagradável. A julgar pelos rostos, os outros começavam a sentir o mesmo. Um cavalheiro disse que era uma corrente de ar. A marquesa de C. desconfiava que houvesse um gato debaixo do sofá. Era como se os olhos deles estivessem se abrindo devagarinho após um sonho agradável e não houvesse nada à sua espera a não ser uma pia barata e uma colcha suja. Era como se os vapores de algum delicioso vinho que tivessem tomado estivessem se dissipando devagarinho. Ainda assim o general falava e ainda assim o sr. L. evocava suas lembranças. Mas ficava cada vez mais evidente que o pescoço do general era vermelho, que a cabeça do sr. L. era calva. Quanto ao que diziam, não se podia imaginar nada mais banal e sem graça. Todos se remexiam nas cadeiras, e os que tinham leque usavam-no para disfarçar os bocejos. Finalmente, lady R. bateu com o dela no braço de sua enorme poltrona. Os dois pararam de falar.

Então, o cavalheiro de baixa estatura disse:

Em seguida, disse:

Finalmente, disse:²

Aqui, é inegável, havia espirituosidade verdadeira, sabedoria verdadeira, profundidade verdadeira. A consternação do séquito era total. Uma só frase dessas já era ruim o bastante; mas três, uma atrás da outra, na mesma noite! Nenhuma agremiação poderia sobreviver a isso.

“Sr. Pope”, disse a velha lady R., numa voz que tremia de fúria sarcástica, “o senhor se compraz em ser espirituoso.” O sr. Pope ficou todo vermelho. Ninguém falou uma palavra. Ficaram sentados num silêncio mortal por vinte minutos. Então, um a um, foram se levantando e saindo furtivamente da sala. Que algum dia voltassem após uma experiência dessas é um tanto duvidoso. Podia-se ouvir, ao longo de toda a South Audley Street, lacaios, com archotes na mão, chamando as suas carruagens. Portas eram batidas e as carruagens partiam. Nas escadarias,

Orlando deu-se conta de que estava perto do sr. Pope. Seu corpo, magro e disforme, tremia sob o efeito de uma variedade de emoções. Os olhos disparavam dardos de maldade, raiva, triunfo, ironia e terror (ele tremia como uma folha ao vento). Dava a impressão de um réptil achatado, com um topázio flamejante incrustado na testa. Ao mesmo tempo, a mais estranha das tempestades de emoção tomava agora conta da infortunada Orlando. Uma desilusão tão completa quanto a sofrida há menos de uma hora deixa a mente desequilibrada. Tudo parece dez vezes mais despido e desolado do que antes. É um momento carregado do maior dos perigos para o espírito humano. É o momento em que mulheres viram freiras e homens, padres. É o momento em que homens ricos renunciam à sua riqueza e homens felizes cortam a garganta com facas de trinchar. Orlando de bom grado faria tudo isso, mas havia, para ela, uma coisa mais temerária ainda a ser feita, e foi o que fez. Convidou o sr. Pope a acompanhá-la à casa.

Pois se é temerário entrar sem armas na toca do leão, temerário cruzar o Atlântico num barco a remo, temerário se equilibrar num pé só no alto da Catedral de St. Paul, é ainda mais temerário ir para casa sozinha com um poeta. Um poeta é o Atlântico e o leão reunidos num único ente. Enquanto um nos faz afundar, o outro nos abocanha. Se sobrevivemos aos dentes, sucumbimos às ondas. Um homem que pode destruir ilusões é as duas coisas, fera e preamar. As ilusões são para a alma o que atmosfera é para a terra. Recolham essa tênue camada de ar e a planta morre, a cor se desbota. A terra sobre a qual caminhamos é cinza estéril. É cascalho o que pisamos e carvões em brasa o que nos queima os pés. Pela verdade nos perdemos. A vida é um sonho. É o despertar que nos mata. Quem nos tira os sonhos nos tira a vida... (e assim por diante, por seis páginas se quiserem, mas o estilo é maçante e pode facilmente ser dispensado.)

Por esse raciocínio, entretanto, Orlando deveria ter virado um monte de cinzas quando a carruagem parou diante de sua casa em Blackfriars. Que ela ainda fosse de carne e osso, embora estivesse certamente exausta, deve-se inteiramente a um fato para o qual já chamamos a atenção nesta narrativa. Quanto menos vemos, mais cremos. Ora, as ruas que ficam entre Mayfair e Blackfriars eram, à época, muito mal iluminadas. É verdade que, comparada com a da era elisabetana, a iluminação tinha avançado muito. Naquele tempo, o viajante surpreendido pela noite tinha que confiar

nas estrelas ou na tocha rubra de algum guarda-noturno para salvá-lo dos buracos pedregosos de Park Lane ou dos bosques de carvalho da Tottenham Court Road, onde varas de porcos se divertiam fuçando a terra. Mas mesmo assim, em comparação com nossa eficiência moderna, ficava muito a desejar. Postes com lampiões a óleo estavam posicionados a cada duzentos metros, mais ou menos, mas entre eles restava um bom pedaço que era escuro como breu. Assim, por dez minutos, Orlando e o sr. Pope ficavam na escuridão; depois, por cerca de meio minuto, outra vez sob a luz. Produzia-se, então, em Orlando, um estado mental muito estranho. Assim que a luz enfraquecia, ela começava a se sentir acariciada pelo mais delicioso dos bálsamos. “É realmente uma grande honra para uma jovem mulher estar num carro com o sr. Pope”, começou a pensar, olhando para o perfil de seu nariz. “Sou a mais abençoada das pessoas de meu sexo. A poucos centímetros de mim – sinto, na verdade, o nó da fita de sua liga contra as minhas coxas – está o homem mais inspirado dos domínios de sua majestade. As eras futuras pensarão em nós com curiosidade e me invejarão furiosamente.” Aqui vinha mais um poste de luz. “Como sou idiota! Não existe isso de fama e glória. As eras vindouras jamais dedicarão um único pensamento a mim ou ao sr. Pope. O que é realmente uma ‘era’? E ‘nós’, o que é isso?” E a marcha deles pela Berkeley Square parecia o avanço vacilante de duas formigas cegas – momentaneamente postas juntas, sem qualquer interesse ou inquietação em comum – por um deserto enegrecido. Ela sentiu um tremor. Mas aqui estava a escuridão outra vez. Sua ilusão renascia. “Como é nobre sua frente”, pensou (confundindo, no escuro, um calombo numa almofada com a testa do sr. Pope). “Que tamanho gênio não mora ali! Que espirituosidade, sabedoria e verdade – que abundância, aliás, de todas aquelas joias pelas quais as pessoas estão dispostas a dar a sua vida em troca! É tua a única chama que arde para sempre. Não fora por ti a peregrinação humana seria realizada na mais absoluta escuridão”; (aqui o carro deu um grande solavanco ao passar por uma valeta em Park Lane) “sem o gênio, estaríamos transtornados e perdidos. Oh, tu, o mais augusto, o mais lúcido dos fachos” – estava desse jeito apostrofando a corcova na almofada quando passaram por sob um dos lampiões da Berkeley Square e ela se deu conta do engano. O sr. Pope tinha uma testa que não era maior do que a de qualquer outro homem. “Desgraçado”, pensou, “como me iludiste! Tomei aquele calombo por tua

testa. Quando te vemos claramente, quão ignóbil, quão desprezível és! Disforme e debilitado, não há nada a venerar em ti, mas muito a deplorar e, sobretudo, a desprezar.”

Estavam outra vez na escuridão e sua raiva diminuiu assim que passou a não ver mais nada a não ser os joelhos do poeta.

“Mas sou eu que sou uma desgraçada”, refletiu, quando ficaram de novo na completa escuridão, “pois, por mais ignóbil que possas ser, não serei eu mais ignóbil ainda? És tu quem me alimenta e protege, quem espanta a fera, atemoriza o selvagem, quem do fio do bicho-da-seda me talha roupas e do pelo do carneiro me tece tapetes. Se o que quero é um ídolo, não me ofereceste uma imagem tua e a puseste no céu? Não há mostras de teu cuidado por toda parte? Não devo ser, então, por demais humilde, por demais grata, por demais dócil? Que todo meu prazer consista em servir-te, honrar-te e obedecer-te.”

Chegavam agora ao grande poste de luz da esquina do que é hoje o Piccadilly Circus. Numa área completamente deserta, ela viu, sob a luz que lhe resplandecia nos olhos, além de duas decaídas criaturas de seu próprio sexo, dois miseráveis pigmeus. Estavam ambos nus, solitários e indefesos. Um era incapaz de ajudar o outro. Já era muito o que cada um tinha a fazer apenas para dar conta de si próprio. “É vão”, pensou, olhando o sr. Pope diretamente nos olhos, “pensares que podes me proteger, assim como é vão eu pensar que eu possa te idolatrar. A luz da verdade nos atinge sem nenhuma sombra e é terrivelmente desfavorável a nós dois.”

Durante todo esse tempo, continuaram, é claro, conversando agradavelmente, como é próprio de pessoas de estirpe e boa educação, sobre o mau gênio da rainha e a gota do primeiro ministro, enquanto o carro passava da luz à escuridão, descendo a Haymarket, tomando a Strand, subindo a Fleet Street e alcançando, finalmente, sua casa, em Blackfriars. Desde algum tempo, os espaços escuros entre os lampiões vinham se tornando mais claros e os lampiões, menos brilhantes – quer dizer, o sol estava nascendo, e foi sob a luz uniforme porém difusa de uma manhã de verão em que se vê tudo, mas nada é visto distintamente, que eles desembarcaram, o sr. Pope oferecendo a mão para Orlando descer do carro e Orlando fazendo com a cabeça um sinal ao sr. Pope, com a mais escrupulosa obediência aos ritos das Graças, para que a precedesse na entrada de sua mansão.

Não se deve supor, entretanto, da passagem anterior, que o gênio (mas a enfermidade está agora erradicada nas Ilhas Britânicas, o finado lorde Tennyson, diz-se, sendo a última pessoa a padecer dela) esteja sempre iluminado, pois, nesse caso, deveríamos ver tudo claro, sendo com isso, talvez, mortalmente queimados. Em vez disso, o gênio se assemelha, em seu funcionamento, ao farol, que emite um raio e, depois, por um tempo, nenhum outro; exceto que o gênio é muito mais caprichoso em suas manifestações, podendo disparar seis ou sete feixes de luz em rápida sucessão (tal como fez o sr. Pope naquela noite) e depois entrar numa fase de escuridão por um ano ou para sempre. Guiar-se por suas luzes é, pois, impossível, e, quando estão no seu período sombrio, os homens de gênio são, dizem, mais ou menos iguais a outras pessoas.

Era bom para Orlando, embora a princípio decepcionante, que assim fosse, pois ela começava agora a viver mais na companhia de homens de gênio. Nem eram tão diferentes do resto de nós como se poderia supor. Addison, Pope, Swift mostraram-se, descobriu ela, adeptos do chá. Gostavam de pérgolas. Colecionavam cacos de vidro colorido. Eram apaixonados por grutas. Não eram imunes aos encantos da nobreza. O elogio lhes agradava. Vestiam ternos cor de ameixa num dia e cinza no outro. O sr. Swift tinha uma bela bengala de junco de ratã. O sr. Addison perfumava seus lenços. O sr. Pope sofria de dor de cabeça. Uma pitada de maledicência não lhes caía mal. Tampouco deixavam de ter seus ciúmes. (Estamos colocando no papel, desordenadamente, algumas das reflexões que ocorreram a Orlando.) No início, sentia-se incomodada por reparar nessas ninharias e mantinha um caderno para anotar os ditos memoráveis desses gênios, mas as páginas continuaram vazias. Não obstante, com o ânimo recobrado, dedicou-se a rasgar os convites para grandes festas; manteve suas noites livres; começou a aguardar ansiosamente a visita do sr. Pope, do sr. Addison, do sr. Swift – e de muitíssimos outros. Se o leitor se der ao trabalho de consultar *O rapto da madeixa*, *The Spectator*, *Viagens de Gulliver*, entenderá precisamente o que significam essas misteriosas palavras. Na verdade, os biógrafos e os críticos poderiam ser poupados de todo o seu trabalho se os leitores pelo menos ouvissem esse conselho. Pois quando lemos:

Quer a Ninfa tenha violado a Lei de Diana,

Ou rachado um frágil vaso de porcelana,
Ou manchado a honra, ou o novo brocado,
Esquecido sua prece ou faltado ao bailado,
Ou, numa festa, perdido o Coração, ou o Colar.

– sabemos, como se o estivéssemos ouvindo, que a língua do sr. Pope tremulava como a de um lagarto, que seus olhos faiscavam, que sua mão tremia, que ele amava, que ele mentia, que ele sofria. Em suma, cada segredo da alma de um escritor, cada experiência de sua vida, cada atributo de sua mente está todo inscrito em sua obra; apesar disso, ainda convocamos críticos para comentar-lhe a obra e biógrafos para contar-lhe a vida. O fato de que as pessoas precisam se distrair diante de um tempo que parece não passar nunca é a única explicação para o crescimento monstruoso desse material todo.

Assim, agora que lemos uma página ou duas de *O rapto da madeixa*, sabemos exatamente por que Orlando estava tão risonha e tão amedrontada e com as faces e os olhos tão brilhantes naquela noite.

A srta. Nelly bateu, então, na porta para anunciar que o sr. Addison a esperava. Com isso, o sr. Pope levantou-se com um sorriso irônico, despediu-se com uma reverência e saiu mancando. O sr. Addison entrou. Leiamos, enquanto ele se senta, a seguinte passagem de *The Spectator*:

Considero a mulher um belo, romântico animal, que pode se enfeitar de peles e plumas, pérolas e diamantes, ouros e sedas. O lince lhe lançará a pele aos pés para fazer-lhe uma estola, o pavão, o papagaio e o cisne darão sua quota para a confecção de seu regalo; o mar será vasculhado para encontrar-lhe conchas, e as rochas para encontrar-lhe joias, e cada elemento da natureza dará sua contribuição para o embelezamento de uma criatura que é a mais bem rematada de suas obras. A tudo isso me rendo, mas quanto ao referido saíote, não posso nem quero aceitá-lo.

Temos esse cavalheiro, com chapéu de três bicos e tudo, na palma da mão. Examinemo-lo, uma vez mais, através da lente. A nitidez com que ele aparece à nossa vista não é tanta que chegamos a perceber até a prega de suas meias? Não é verdade que cada vibração e cada curva de sua espirotuosidade se expõe aos nossos olhos, assim como sua bondade e sua timidez e sua urbanidade e o fato de que ele desposará uma condessa,

morrendo, afinal, respeitosamente? Está tudo claro. E quando o sr. Addison conclui o que tinha a dizer, ouve-se uma tremenda batida na porta, e o sr. Swift, que cultivava esses modos arbitrários, entra sem ser anunciado. Um momento! Onde está *Viagens de Gulliver*? Aqui está ele! Leiamos uma passagem da viagem ao país dos Houyhnhnms:

Gozava de perfeita Saúde do Corpo e Tranquilidade da Mente; não experimentei Traição nem Infidelidade de Amigo, nem Injúrias de Inimigo oculto ou declarado. Não tive a tentação de subornar, adular ou alcovitar, de obter o Favor de algum grande Homem ou de seu Lacaio. Não precisei de Barreira contra a Fraude ou a Opressão; não havia aqui nem Médico para destruir meu Corpo, nem Advogado para arruinar minha Fortuna; nem Espião para vigiar minhas Palavras e Ações, ou forjar, por Encomenda, Acusações contra mim: não havia aqui Zombadores, Censores, Detratores, Punguistas, Salteadores, Arrombadores, Promotores, Cafetões, Bufões, Jogadores, Políticos, Engraçadinhos, Ranhetas, Falastrões enfadonhos...

Mas interrompe, interrompe tua férrea saraivada de palavras antes que sejamos esfolados vivos e tu também! Nada pode ser mais transparente do que esse homem violento. Ele é tão grosseiro e no entanto tão puro; tão brutal e no entanto tão amável; despreza o mundo inteiro e no entanto conversa com uma menina numa linguagem infantil, e morrerá – podemos duvidar disso? – num manicômio.

Assim, Orlando servia chá para todos eles; e, às vezes, quando fazia bom tempo, levava-os para o campo com ela, proporcionando-lhes régios banquetes no Salão Redondo, no qual pendurara os retratos de todos num círculo, de modo que o sr. Pope não pudesse dizer que o sr. Addison vinha antes dele ou vice-versa. Eram também espirituosos (mas a espirituosidade está toda em seus livros) e lhe ensinaram o elemento mais importante do estilo, que consiste no fluxo natural da voz ao falar – qualidade que quem não a tenha ouvido não consegue imitar, nem mesmo Greene, com toda a sua habilidade; pois nasce do ar e quebra como uma onda sobre a mobília e rola e se esvai para jamais ser recapturada, e muito menos pelos que, num esforço vão, esticam as orelhas para ouvi-la meio século mais tarde. Ensinaram-lhe isso apenas pela cadência de suas vozes

ao falarem; de modo que seu estilo mudou um pouco, permitindo-lhe, na poesia, escrever alguns versos inspirados e deliciosos e esboçar, na prosa, alguns bons personagens. E, assim, ela lhes era generosa com seu vinho, deixava-lhes, sob seus pratos na mesa da ceia, cédulas de dinheiro (que eles pegavam muito agradecidos), aceitava suas dedicatórias e sentia-se altamente honrada com a troca.

Assim, o tempo passava, e com frequência se podia ouvir Orlando dizendo para si mesma, com uma ênfase que podia, talvez, deixar o ouvinte um pouco desconfiado: “Céus, que vida, esta!” (Pois ela ainda estava em busca dessa mercadoria.) Mas as circunstâncias logo forçaram-na a considerar a questão mais de perto.

Um dia estava servindo chá para o sr. Pope enquanto ele, como qualquer um pode adivinhar pelos versos acima citados, estava sentado, todo encolhido, os olhos muito brilhantes, observadores, numa cadeira ao seu lado.

“Meu Deus”, pensou, ao erguer a pinça do açúcar, “como, nos séculos vindouros, as mulheres me invejarão! E no entanto...”; e parou, pois o sr. Pope exigia sua atenção. E no entanto – concluamos o pensamento por ela – quando alguma pessoa diz “Como as eras futuras me invejarão”, podemos dizer com segurança que ela se sente extremamente mal no momento presente. **Era esta vida mesmo tão maravilhosa, tão satisfatória, tão gloriosa quanto parecerá quando** o memorialista tiver colocado um ponto final no seu trabalho sobre ela? Para começar, Orlando tinha ódio mortal de chá; depois, o intelecto, divino como é e verdadeiramente digno de veneração, tem o hábito de se alojar na mais horrível das carcaças e, com frequência, aí de nós, faz o papel de canibal relativamente às outras faculdades, de modo que, amiúde, quando a Mente é grande demais, o Coração, os Sentidos, a Generosidade, a Caridade, a Tolerância, a Bondade e todo o resto mal têm espaço para respirar. Daí a opinião favorável que os poetas têm de si mesmos; daí a opinião desfavorável que têm dos outros; daí as hostilidades, as injúrias, as invejas e as respostas na ponta da língua em que estão constantemente empenhados; daí a volubilidade com que as infligem; daí a rapacidade com que exigem que os outros sejam compreensivos com eles; tudo isso – falemos baixinho para que eles não nos ouçam – faz da tarefa de servir chá uma ocupação mais precária e, na verdade, mais árdua, do que geralmente se admite. Acrescente-se a isso

(de novo, falemos baixinho para que as mulheres não nos ouçam) um segredinho que os homens partilham entre eles; lorde Chesterfield sussurrou-o ao filho, com ordens estritas para que o mantivesse em sigilo: “As mulheres não passam de crianças grandes... Um homem sensato apenas as diverte, brinca com elas, lhes faz agrados e elogios”, mas, uma vez que as crianças sempre ouvem o que não devem e às vezes até acabam ficando grandes, o segredinho pode, de algum modo, ter vazado, de maneira que toda a cerimônia de servir o chá é uma cerimônia curiosa. Uma mulher sabe muito bem que, embora um homem de espírito lhe envie seus poemas, elogie seu julgamento, peça a sua crítica e beba o seu chá, isso não significa, de maneira alguma, que respeite suas opiniões, admire sua compreensão ou se abstenha, já que não lhe é permitido usar o florete, de transpassá-la com sua pena. Tudo isso, afirmamos, embora sussurrado tão baixo quanto possível, pode, a esta altura, ter sido vazado; de maneira que, mesmo com a cremeira suspensa sobre a xícara e a pinça do açúcar firme na mão, as damas são capazes de se remexerem um pouco, olhar um pouco para fora da janela, bocejar um pouco e, assim, deixar o açúcar cair com um grande ploque no chá – tal como fez Orlando agora com o sr. Pope. Nunca mortal algum foi tão ágil em farejar um insulto ou tão rápido em revidá-lo quanto o sr. Pope. Ele se voltou para Orlando, presenteando-a, no mesmo instante, com o primeiro rascunho de um famoso verso de “Sobre as características das mulheres”. Ele foi, posteriormente, submetido a um árduo trabalho de polimento, mas já era, mesmo em sua forma original, mais do que contundente. Orlando recebeu-o com uma vênica. O sr. Pope deixou-a com uma reverência. Orlando, para refrescar as faces, pois realmente sentia como se o homenzinho a tivesse golpeado, foi dar uma volta pela plantação de nogueiras do jardim. A brisa fresca logo fez surtir os seus efeitos. Para sua surpresa, descobriu-se imensamente aliviada por poder ficar sozinha. Contemplou os barcos a remo, cheios de pessoas alegres, subindo o rio. A vista, sem dúvida, a fez evocar um ou dois incidentes de sua vida passada. Sentou-se, em profunda meditação, sob um lindo salgueiro. Ficou ali sentada até as estrelas surgirem no céu. Depois, ergueu-se, deu meia volta e entrou em casa, indo em direção ao seu quarto e fechando a porta. Agora abriu um armário onde ainda estavam penduradas muitas das roupas que vestira como um jovem homem por dentro da moda, escolhendo, dentre elas, um terno de veludo negro

ricamente enfeitado com renda veneziana. Estava, na verdade, um pouco fora de moda, mas caía-lhe à perfeição e, vestido com ele, parecia a própria figura de um nobre lorde. Deu uma ou duas voltas diante do espelho para se assegurar de que as saias não lhe tinham tirado a liberdade das pernas, saindo depois furtivamente de casa.

Era uma linda noite de princípios de abril. Uma miríade de estrelas, misturando-se à luz da lua crescente, que, por sua vez, era reforçada pelas luzes da rua, resultava numa luz infinitamente lisonjeira à figura humana e à arquitetura do sr. Wren. Todas as coisas mostravam-se em sua forma mais suave, mas, justo quando pareciam prestes a se dissolverem, alguma gota de prata lhes dava nova vida. Assim é como deveria ser a conversação, pensou Orlando (permitindo-se um tolo devaneio); como deveria ser a sociedade, como deveria ser a amizade, como deveria ser o amor. Pois só os céus sabem por qual motivo, no momento mesmo em que acabamos de perder a fé no convívio humano, a combinação casual de celeiros com árvores ou de um monte de feno com uma carroça nos surge como um símbolo tão perfeito do inatingível que reiniciamos a busca.

Estava envolvida nessas reflexões quando entrou na Leicester Square. Os prédios apresentavam uma simetria etérea, embora formal, que não tinham à luz do dia. A abóbada celeste exibia um tom lavado que parecia ter sido produzido de maneira especialmente caprichada para preencher o contorno de telhados e chaminés. Uma jovem mulher que estava sentada, tristonha, com um dos braços caído ao lado e o outro pousado no colo, num banco debaixo de um plátano no meio da praça, parecia a própria figura da graça, da simplicidade... e da desolação. Orlando tirou-lhe o chapéu à maneira de um galanteador que corteja, num espaço público, uma dama elegante. A jovem ergueu a cabeça. Tinha a mais perfeita das formas. A jovem ergueu os olhos. Orlando percebeu que eram de um brilho às vezes visto em bules de chá, mas raramente num rosto humano. Foi através desse brilho cor de prata que a jovem olhou para ele (pois, para ela, era um homem), suplicando, ansiando, tremendo, temendo. Levantou-se, aceitou o braço dele. Pois ela era – precisamos enfatizar este ponto? – da tribo que toda noite lustra as suas mercadorias, ordenando-as em cima do balcão público, à espera de quem ofereça o lance mais alto. Ela conduziu Orlando ao quarto onde morava, na Gerrard Street. Senti-la apoiada levemente em seu braço, ainda que na posição de suplicante,

despertou nela todos os sentimentos próprios de um homem. Ela parecia um homem, sentia como um homem, falava como um homem. Mas, tendo ela própria se tornado mulher há pouco tempo, suspeitava que a timidez da moça e suas hesitantes respostas e a falta de jeito com a chave na fechadura e a dobra no casaco e o gesto de abandono da mão, era tudo encenado para satisfazer a masculinidade dela. Subiram as escadas, e o trabalho a que se dera a pobre criatura para decorar o quarto e ocultar o fato de que era o único não enganou Orlando nem um pouquinho. A decepção suscitou seu desprezo; a verdade, sua compaixão. Uma coisa se deixando ver através da outra produziu o mais estranho sortimento de sensações, de maneira que não sabia se ria ou chorava. Enquanto isso, Nell, o nome que a moça se dava, desabotoou as luvas; cuidadosamente escondeu o polegar da mão esquerda, que precisava de remendo; depois desapareceu atrás de um biombo, onde, talvez, tenha passado ruge no rosto, ajeitado a roupa, posto um lenço diferente em volta do pescoço – o tempo todo tagarelando, como fazem as mulheres, para entreter o amante, embora Orlando pudesse jurar, pelo tom da voz, que tinha os pensamentos noutro lugar. Quando tudo estava pronto, ela saiu, preparada – mas agora Orlando não conseguiu aguentar mais. No mais estranho dos tormentos, feito de raiva, júbilo e compaixão, deixou todo o disfarce de lado e confessou ser, também ela, mulher.

Ao que Nell explodiu numa gargalhada tamanha que podia ser ouvida do outro lado da rua.

“Bom, minha querida”, disse ela, recobrando-se um pouco, “não fico nem um pouquinho triste em ouvir isso. Pois, a verdade nua e crua é” (e foi notável a rapidez, ao descobrir que eram do mesmo sexo, com que sua atitude mudou, deixando de lado suas táticas queixosas e súplicas), “a verdade nua e crua é que não estou, esta noite, com nenhuma disposição para me entreter com a companhia do outro sexo. Estou mesmo é numa enrascada dos diabos.” Após o que, reavivando o fogo e misturando o ponche, contou a Orlando toda a história de sua vida. Como é a história de Orlando o que nos ocupa no momento, não precisamos relatar as aventuras da outra dama, mas é certo que Orlando nunca vira as horas passar tão depressa ou divertidamente, embora a srta. Nell não fosse dotada da mínima parcela de agilidade mental e, quando o nome do sr. Pope veio à baila na conversa, inocentemente perguntou se ele tinha alguma relação

com o peruqueiro de mesmo sobrenome estabelecido na Jermyn Street. Todavia, tamanho era o atrativo da naturalidade e a sedução da beleza para Orlando, que a conversa dessa pobre moça, embora recheada pelas expressões mais vulgares das esquinas das ruas, tinha, após as belas frases a que se acostumara, sabor a vinho, forçando-a à conclusão de que havia algo no sarcasmo do sr. Pope, na condescendência do sr. Addison e no mistério de lorde Chesterfield que lhe tirava o gosto pela companhia dos homens de espírito, ainda que devesse continuar respeitando profundamente suas obras.

Ficou sabendo que essas pobres criaturas – pois Nell trouxe Prue; e Prue, Kitty; e Kitty, Rose – tinham uma associação própria da qual agora a faziam membro. Cada uma contava a história das aventuras que a tinham levado a parar no atual modo de vida. Várias eram filhas bastardas de condes e uma delas estava muito mais próxima da pessoa do rei do que deveria. Nenhuma era tão destituída ou tão pobre que não tivesse um anel no dedo ou um lenço no bolso que lhes servisse de consolo para a falta de linhagem. Assim, passavam de mão em mão a jarra de ponche que Orlando se encarregava de reabastecer generosamente, e muitas foram as belas histórias que contaram e muitos os divertidos comentários que fizeram, pois não se pode negar que quando as mulheres se juntam – mas psiu! – sempre têm o cuidado de garantir que as portas estejam trancadas e que nenhuma palavra acabe aparecendo em letra de fôrma. Tudo o que elas desejam é... mas, de novo, psiu! – não é um passo de homem o que se ouve nas escadas? Tudo o que elas desejam... dizíamos quando o cavalheiro nos tirou as palavras da boca. As mulheres não têm desejos, diz esse cavalheiro, entrando na saleta de Nell; apenas afetações. Sem desejos (ela o servira e ele se fora), suas conversas não podem ter o menor interesse para ninguém. “É bem sabido”, disse o sr. S. W., “que, quando lhes falta o estímulo do outro sexo, as mulheres não encontram o que dizer umas às outras. Quando estão sozinhas, elas não conversam, elas se coçam.” E, como não conseguem conversar quando juntas e o ato de se coçar não pode continuar indefinidamente e é bem sabido (o sr. T. R. o comprovou) “que as mulheres são incapazes de qualquer sentimento de afeição pelo seu próprio sexo e se detestam mutuamente”, o que podemos supor que fazem as mulheres quando buscam a companhia de outras?

E como essa não é uma questão que possa merecer a atenção de um homem sensato, que nos seja permitido, a nós que gozamos da imunidade de todos os biógrafos e historiadores relativamente a não importa qual dos sexos, ignorá-la e simplesmente afirmar que Orlando tirava grande prazer da companhia de seu próprio sexo, deixando a cargo dos cavalheiros provar, como é de seu gosto, que isso é impossível.

Mas fornecer um relato exato e circunstanciado da vida de Orlando nessa época torna-se cada vez mais impraticável. Espreitando e esquadrinhando os terrenos mal iluminados, mal pavimentados, mal ventilados que ficavam em torno da Gerrard Street e da Drury Lane à época, temos a impressão de vislumbrar sua figura apenas para perdê-la de vista em seguida. A tarefa se torna ainda mais difícil pelo fato de ela ter achado conveniente, então, trocar com frequência um conjunto de roupas por outro. Assim, muitas vezes ela figura nas memórias da época como “lorde” Fulano de Tal, que era, na verdade, seu primo; sua generosidade é atribuída a ele e diz-se que foi ele quem escreveu os poemas que, na verdade, eram de autoria dela. Ela não tinha, ao que parece, nenhuma dificuldade em representar os diferentes papéis, pois mudava de sexo com muito mais frequência do que conseguem imaginar as pessoas que usavam apenas um tipo de roupa; tampouco pode haver qualquer dúvida de que por esse artifício ela obtinha um duplo proveito; as experiências de vida se multiplicavam e os prazeres que dela extraía se ampliavam. Ela trocava a probidade das calças pela sedução das saias e desfrutava por igual do amor de ambos os sexos.

Podemos, pois, descrevê-la passando a manhã, entre seus livros, num penhoar chinês de gênero ambíguo; depois, recebendo, com a mesma roupa, um ou dois de seus favorecidos (pois se contavam às dezenas as pessoas que pediam sua ajuda); mais tarde, dava uma volta pelo jardim e podava as nogueiras – tarefa para a qual as calças curtas masculinas eram convenientes; mudava, depois, para um vestido de tafetá estampado, que se prestava mais à ida em carruagem a Richmond e à proposta de casamento de algum grande nobre; voltava, depois, à cidade, onde vestia uma toga cor de rapé, como a de um advogado, e fazia a ronda pelos tribunais para verificar como andavam suas causas – pois sua fortuna se esvaía hora a hora e os processos pareciam estar na mesma situação de cem anos atrás; e, então, finalmente, quando caía a noite, quase sempre se

transformava, da cabeça aos pés, num cavalheiro da nobreza e caminhava pelas ruas em busca de aventura.

Voltando de algumas dessas excursões – sobre as quais se contavam, à época, muitas histórias: que se batera num duelo, servira como comandante num dos navios do rei, fora vista dançando nua numa varanda e fugira com uma certa dama para os Países Baixos, onde o marido foi buscá-las (mas, se eram verdadeiras ou não é algo sobre o qual preferimos não expressar qualquer opinião) – voltando de seja lá o que fosse, fazia questão, às vezes, de passar por sob as janelas de um café, onde, sem ser vista, conseguia ver os homens de espírito, podendo, assim, imaginar, apenas por seus gestos, sem ouvir uma única palavra – o que, talvez, fosse uma vantagem – que coisas sábias, inteligentes ou maldosas estavam dizendo; e certa vez ficou uma hora e meia espiando três sombras, projetadas na cortina, tomando chá juntas numa casa na Bolt Court.

Nunca nenhum espetáculo foi tão absorvente. Tinha vontade de gritar: Bravo! Bravo! Pois, é preciso admitir, que belo drama era aquele! Que página extraordinária, arrancada do mais grosso dos volumes do livro da vida humana, era aquela! Ali estava a pequena sombra, esticando os beijos, se mexendo de um lado para o outro na cadeira, inquieta, petulante, serviçal; ali estava, vergada, a sombra feminina, enfiando um dedo curvo na xícara para conferir o chá que restava, pois era cega; e ali estava, numa imensa poltrona, perfil de romano, a sombra balançante – retorcendo os dedos de maneira muito estranha e jogando a cabeça de um lado para o outro e sorvendo o chá às goladas. O dr. Johnson, o sr. Boswell e a sra. Williams – esses eram os nomes das sombras. Tão absorta estava no espetáculo que esqueceu de imaginar como outras épocas a teriam invejado, embora pareça provável que, sim, a teriam invejado por viver esse momento. Comprazia-se em contemplar e continuar contemplando. Por fim, o sr. Boswell se levantou. Saudou a velha senhora com amarga aspereza. Mas não foi com pouca humildade que se apequenou diante da grande sombra romana, que agora se punha inteiramente de pé, proferindo, desse jeito, as mais esplendorosas frases já saídas de lábios humanos; foi assim que Orlando as imaginou, embora não tivesse, um só momento, ouvido uma única palavra dita por qualquer das três sombras enquanto ali estiveram tomando chá.

Finalmente, voltou para casa uma noite, após uma dessas excursões, e subiu para o quarto. Tirou o casaco rendado e ficou ali, em pé, de camisa e calças, olhando pela janela. Havia no ar uma vibração que a impedia de ir para a cama. Uma névoa prateada cobria a cidade, pois era uma noite gelada de pleno inverno, e uma vista esplendorosa se estendia à sua volta. Podia ver a Catedral de St. Paul, a Torre, a Abadia de Westminster, juntamente com todas as agulhas e domos das igrejas da cidade, a massa lisa de suas margens, as opulentas e amplas curvas de suas grandiosas casas de espetáculo e locais de encontro e diversão. Ao norte, erguiam-se as suaves e despidas colinas de Hampstead, enquanto, a oeste, as ruas e praças de Mayfair brilhavam num único e claro feixe de luz. Do alto de um céu limpo, as estrelas contemplavam, cintilantes, resolutas, firmes, esse sereno e ordenado panorama. Percebia-se, sob a extrema claridade da atmosfera, o contorno de cada telhado, o cata-vento de cada chaminé; até mesmo as pedras do calçamento se distinguiam umas das outras, e Orlando não podia deixar de comparar essa ordenada cena com os irregulares e amontoados arrabaldes que eram a cidade de Londres no reino da rainha Elizabeth. Naquele tempo, lembrava-se, vista de suas janelas em Blackfriars, a cidade, se é que se podia chamá-la assim, um simples conglomerado e ajuntamento de casas, mostrava-se confusa e apinhada. As estrelas refletiam-se nas fundas poças de água estagnada que cobriam as ruas. Uma sombra negra na esquina onde antes ficava a taberna era, quase sempre, o cadáver de um homem assassinado. Lembrava-se de ter ouvido, quando menininho, pendurado nos braços da ama junto à janela com vidraças em losango, os gritos de mais de um ferido nessas rixas noturnas. Bandos de rufiões, homens e mulheres, indescritivelmente entrelaçados, joias brilhando nas orelhas e facas faiscando nos punhos, cambaleavam pelas ruas, berrando canções licenciosas. Numa noite como essa, o impermeável emaranhado das florestas de Highgate e Hampstead, enroscando-se num contorcido cipoal, delineava-se contra o céu. Aqui e ali, numa das colinas que se erguiam sobre Londres, havia um cadáver pregado à sua cruz de madeira, apodrecendo ou secando ao sabor dos elementos; pois o perigo e a insegurança, a cobiça e a violência, a poesia e a sujeira infestavam as tortuosas estradas elisabetanas, fazendo com que o burburinho e o fedor – Orlando era capaz, ainda agora, de lembrar o mau cheiro que exalava numa noite quente – chegassem aos apertados quartos e

às estreitas vielas da cidade. Agora – ela se debruçou para fora da janela – tudo era luz, ordem e serenidade. Havia o leve ruído de uma carruagem sobre as pedras do calçamento. Ouvia o longínquo grito do guarda noturno: “É meia-noite em ponto e está tudo gelado”. A frase mal tinha deixado os seus lábios quando soou a primeira badalada da meia-noite. Orlando notou então, pela primeira vez, uma pequena nuvem se formando atrás do domo da Catedral de St. Paul. À medida que as badaladas soavam, a nuvem crescia, e ela a viu escurecer e se espalhar com uma velocidade extraordinária. Começava, ao mesmo tempo, a soprar uma leve brisa, e, quando soou a sexta badalada, o lado leste do céu estava todo encoberto por uma escuridão móvel e irregular, embora os lados oeste e norte continuassem claros como sempre. Então, a nuvem se espalhou para o norte. Uma após a outra, as colinas que se erguiam sobre a cidade foram todas engolfadas por ela. Apenas Mayfair, em contraste, com todas as suas luzes cintilando, ardia com mais brilho do que nunca. À oitava badalada, alguns farrapos apressados de nuvem se estenderam sobre Piccadilly. Pareciam se juntar e avançar com extraordinária rapidez em direção ao extremo ocidental. Ao soar da nona, da décima e da undécima badaladas, uma imensa escuridão estendia-se sobre Londres inteira. À duodécima badalada, a escuridão era completa. Um revoltado emaranhado de nuvens cobria a cidade. Tudo era escuridão; tudo era dúvida; tudo era confusão. O século dezoito chegara ao fim; o dezenove começava.

1 O capitão deve ter se enganado, como provará a consulta a qualquer livro didático de literatura; mas o engano era compreensível, e podemos, assim, deixá-lo passar.

2 Essas frases são por demais conhecidas, não exigindo que sejam repetidas e, além disso, todas podem ser encontradas em suas obras publicadas.

Capítulo V

A GRANDE NUVEM QUE SE estendia não apenas sobre Londres, mas também sobre a totalidade das Ilhas Britânicas no primeiro dia do século dezenove permaneceu – ou melhor, na verdade não permaneceu, pois era constantemente jogada de um lado para o outro por violentas ventanias – o tempo suficiente para ter consequências extraordinárias sobre os que viviam sob sua sombra. O clima da Inglaterra, ao que parecia, tinha sofrido uma transformação. A chuva caía com frequência, mas sempre em pancadas intermitentes, que nem bem tinham acabado e já recomeçavam. O sol, sem dúvida, brilhava, mas estava tão rodeado de nuvens e o ar, tão saturado de água, que seus raios pareciam descorados, e matizes desmaiados de púrpuras, laranjas e rubros tomavam o lugar das paisagens mais intensas do século dezoito. Sob essa lívida e lúgubre abóbada, o verde das couves era menos forte e o branco da neve parecia barrento. Mas, o que era pior, a umidade agora começava a se infiltrar em todas as casas – a umidade, que é o mais insidioso dos inimigos, pois se o sol pode ser contido por persianas e a geada derretida por um bom fogo, a umidade se insinua enquanto dormimos; a umidade é silenciosa, imperceptível, penetrante. A umidade incha a madeira, incrusta a panela, oxida o ferro, corrói a pedra. Tão gradual é o processo que é só quando levantamos alguma cômoda ou o balde do carvão e a coisa toda se esboroa em nossas mãos que chegamos a suspeitar de que a doença esteja fazendo seu trabalho.

Assim, furtiva e imperceptivelmente, sem que pessoa alguma pudesse assinalar a hora ou o dia exato da mudança, a constituição da Inglaterra foi alterada e ninguém se deu conta disso. Os efeitos se fizeram sentir por toda parte. O calejado cavaleiro do campo que se sentara alegremente para uma refeição nutrida a carne e cerveja numa sala projetada, talvez, com dignidade clássica, pelos irmãos Adam, sentia-se agora enregelado.

As mantas de lã tornavam-se visíveis; as barbas não eram mais aparadas; as calças eram puxadas para debaixo dos pés e estreitamente amarradas. O frio que sentia nas pernas, o cavalheiro rural logo transferiu para a casa; os móveis foram envolvidos em panos; as paredes e as mesas foram forradas; nada era deixado a descoberto. Uma mudança na dieta tornava-se, então, obrigatória. O *muffin* foi inventado – e o *crumpet*. O café suplantou o vinho do porto como bebida a ser servida depois da ceia e, como o café levava a uma sala de estar onde bebê-lo, e a sala de estar a viveiros de plantas exibidos em redomas de vidro, e os viveiros de planta a flores artificiais, e as flores artificiais a consolos de lareira, e os consolos de lareira a pianos-fortes, e os pianos-fortes à música de salão, e a música de salão (pulando um ou dois estágios) a toalhinhas de mesa e bichinhos e outros bibelôs de porcelana, a casa – que se tornara extremamente importante – fora completamente alterada.

No lado de fora – era um outro efeito da umidade – a hera crescia numa profusão nunca vista. As casas que antes eram de pedra nua estavam soterradas sob as folhagens. Não faltava, em nenhum jardim, por mais geométrico que tivesse sido o projeto primitivo, uma mata, um matarêu, um cipoal. O pouco de luz que penetrava nos quartos onde as crianças nasciam era, naturalmente, de um verde ofuscado, e o pouco de luz que penetrava nas salas de estar onde viviam homens e mulheres adultos chegava através de cortinas de pelúcia nas cores marrom e roxa. Mas a mudança não se limitava a coisas exteriores. A umidade atacava o interior. As pessoas sentiam o frio no coração; a umidade, no cérebro. Num esforço desesperado para confortar seus sentimentos com algum tipo de calor, tentava-se um subterfúgio atrás do outro. Amor, nascimento e morte eram todos enroupados numa variedade de belas frases. Os sexos se distanciavam cada vez mais. Não se suportava nenhum tipo de conversa franca. Evasivas e dissimulações eram diligentemente utilizadas por ambos os lados. E da mesma forma que lá fora, na terra úmida, a hera e a sempre-viva proliferavam, dentro de casa reinava a fertilidade. A vida da mulher era, em geral, uma sucessão de partos. Ela casava aos dezenove anos e quando chegava aos trinta já tinha quinze ou dezoito filhos; pois os gêmeos vinham em quantidade. Assim nasceu o Império Britânico; e assim – pois não há como deter a umidade; da mesma forma que penetra no madeiramento, ela penetra no tinteiro – as frases se inflaram, os

adjetivos se multiplicaram, os poemas líricos se tornaram épicos e assuntos sem importância que cabiam em artigos de uma coluna enchiam agora enciclopédias de dez ou vinte volumes. Mas Eusebius Chubb nos servirá de prova do efeito que tudo isso tinha sobre a mente de um homem sensível que não podia fazer nada para detê-lo. Há uma passagem perto do fim de suas memórias em que descreve como, após encher, numa manhã, trinta e cinco folhas em torno de “tudo sobre nada”, tampou o tinteiro e foi dar uma volta pelo jardim. Em seguida viu-se envolvido pelo matagal. Folhas sem conta farfalhavam e cintilavam sobre sua cabeça. Parecia-lhe “estar esmagando o húmus de um milhão mais sob os pés”. Uma fumaça espessa evaporava de uma fogueira úmida no fundo do jardim. Pensou que nenhum fogo do mundo jamais conseguiria dar conta de tão vasta quantidade de entulho vegetal. Para onde quer que olhasse, a vegetação era exuberante. Os pepinos “chegavam, volutevolteando pela grama, aos meus pés”. Couves-flores gigantes se elevavam a patamares cada vez mais altos, chegando a rivalizar, em sua perturbada imaginação, com os próprios olmos. As galinhas punham, sem parar, ovos de cor indefinida. Então, lembrando-se, com um suspiro, de sua própria fecundidade e de sua pobre esposa, Jane, agora nas dores de seu décimo quinto parto, como, perguntou-se, podia ele culpar as aves? Ergueu os olhos em direção ao firmamento. Não tinha o próprio céu, ou aquele grande frontispício do céu que é o firmamento, indicado a aprovação, na verdade, o incentivo, da hierarquia celestial? Pois lá, inverno ou verão, entra ano sai ano, as nuvens se viravam e reviravam, como baleias, ponderou, ou melhor, como elefantes; mas não, não havia como fugir do símile que o pressionava da altura de quatrocentos hectares de ar: o próprio firmamento inteiro, assim espreado sobre as Ilhas Britânicas, não passava de um vasto colchão de plumas; e a mesma fecundidade do jardim, do quarto e do galinheiro era lá reproduzida. Foi para dentro, escreveu a passagem antes citada, deitou a cabeça num forno a gás e, quando o encontraram mais tarde, já não era possível reanimá-lo.

Não havia nada de errado no fato de que, enquanto isso se passava em todas as regiões da Inglaterra, Orlando se trancasse em sua casa em Blackfriars e fizesse de conta que o clima continuava o mesmo; que ainda se podia dizer quais eram as preferências pessoais e usar calças ou saias de acordo com o que ditasse o capricho de cada um. Mas até ela, por fim, foi

obrigada a reconhecer que os tempos haviam mudado. Uma tarde, na primeira quadra do século, estava passando por St. James's Park, em sua antiga carruagem envidraçada, quando um daqueles raios de sol, que ocasionalmente, mas sem muita frequência, conseguiam chegar à terra, a muito custo atingiu o seu intento, marmorizando as nuvens com estranhas cores prismáticas à medida que passava. Uma tal vista era, após os céus claros e uniformes do século dezoito, estranha o bastante para fazê-la baixar a janela para contemplá-la. As nuvens castanho-avermelhadas e cor de flamingo fizeram-na pensar, com uma angústia tingida de prazer, o que prova que ela já tinha, sem saber, sido afetada pela umidade, nos golfinhos morrendo no mar Jônico. Mas qual não foi sua surpresa quando percebeu que o raio de sol, ao atingir a terra, parecia trazer à tona, ou pôr em relevo, uma pirâmide, uma hecatombe, ou um troféu (pois tinha algo que lembrava uma mesa de banquete) – um conglomerado, em todo o caso, dos objetos mais heterogêneos e incongruentes, empilhados, sem ordem nem nexos, num enorme monte, onde fica hoje a estátua da rainha Vitória! Havia, envoltos em uma enorme cruz enfeitada com gregas e florões dourados, roupas de luto de viúva e véus de noiva; havia, pendurados em outras excrescências, palácios de cristal, berços, capacetes militares, coroas fúnebres, calças de homem, umas suíças, bolos de casamento, canhões, árvores de Natal, telescópios, monstros extintos, globos, mapas, elefantes e instrumentos matemáticos – tudo isso sustentado, à direita, como um gigantesco brasão de armas, por uma figura feminina numa esvoaçante túnica branca; à esquerda, por um corpulento cavaleiro de sobrecasaca e calças em casimira listrada. A incongruência dos objetos, a reunião dos inteiramente vestidos com os parcialmente cobertos, a extravagância das diferentes cores e sua justaposição enxadrezada causavam em Orlando a mais profunda consternação. Nunca, em toda a sua vida, vira nada ao mesmo tempo tão indecente, tão horrível e tão monumental. Podia – e, na verdade, devia – ser o efeito do sol sobre o ar encharcado pela umidade; se esvaneceria com a primeira brisa que soprasse; mas ainda assim teve a impressão, ao passar, de que aquilo estava destinado a durar para sempre. Nada, sentia ela, deixando-se afundar de novo num canto da carruagem, fosse vento, chuva, sol ou raio, jamais conseguiria demolir aquela extravagante edificação. Os narizes apenas ganhariam umas manchas e as cornetas, uma camada de ferrugem;

mas ali permaneceriam, apontando eternamente para o leste, o oeste, o sul e norte. Ela olhou para trás, enquanto sua carruagem subia a toda a velocidade a Constitution Hill. Sim, lá estava aquilo, ainda reluzindo placidamente sob uma luz que – ela puxou o relógio do bolsilho – era, obviamente, a luz do meio-dia. Nenhuma outra coisa poderia ser tão prosaica, tão banal, tão impermeável a qualquer sugestão de aurora ou crepúsculo, tão visivelmente calculada para durar para sempre. Estava determinada a não olhar de novo. Já sentia as ondas de seu sangue fluírem mais devagar. O mais curioso, entretanto, é que, ao passar pelo Palácio de Buckingham, um rubor vívido e singular tomou conta de seu rosto, e seus olhos foram forçados, como se impelidos por um poder superior, a focalizar os joelhos. De repente percebeu, sobressaltada, que estava usando calças pretas. O rubor só arrefeceu quando chegou à sua casa de campo, circunstância que, considerando o tempo que quatro cavalos levam para percorrer, a trote, cinquenta quilômetros, será tomada, esperamos, como prova marcante de sua castidade.

Uma vez lá, rendendo-se ao que se tornara agora a necessidade mais imperiosa de sua natureza, enrolou-se o melhor que podia numa colcha de damasco que puxou de sua cama. Explicou à viúva Bartholomew (que sucedera à velha e boa Grimsditch como governanta) que estava enregelada.

“Estamos todos assim, minha senhora”, disse a viúva, soltando um profundo suspiro. “As paredes estão suando”, disse, com uma complacência curiosa, lúgubre, e, de fato, ela só tinha de encostar as mãos nos lambris de carvalho das paredes para deixar ali as marcas dos dedos. A hera crescera tão profusamente que era agora impossível abrir muitas das janelas. A cozinha era tão escura que mal conseguiam distinguir uma chaleira de um coador. Um pobre gato negro fora confundido com carvão, tendo sido, numa pazada, atirado ao fogo. Muitas das criadas já estavam usando três ou quatro anáguas de flanela vermelha, embora fosse o mês de agosto.

“Mas é verdade, minha senhora”, perguntou a boa mulher, abraçando-se, o crucifixo dourado tremendo no peito, “que a rainha, abençoada seja, está usando uma... como se chama isso...” – a boa mulher, enrubescendo, hesitava.

“Uma crinolina”, ajudou Orlando (pois a palavra tinha chegado a Blackfriars). A sra. Bartholomew assentiu com a cabeça. As lágrimas já estavam lhe correndo pelas faces, mas, em meio ao choro, sorriu. Pois era bom chorar. Não eram, todas elas, frágeis mulheres, vestindo crinolinas para melhor esconder o fato; o grande fato; o único fato; mas, não obstante, o deplorável fato; que toda mulher recatada fazia tudo para negar até não ser mais possível; o fato de que estava para ter um filho; quinze ou vinte, na verdade, de maneira que a vida de uma mulher recatada era consumida, no fim de tudo, em negar aquilo que, em pelo menos um dia todo ano, se tornava evidente?

“Os *muffins* ainda estão quentinhos na biblioteca”, disse a sra. Bartholomew, no seu melhor sotaque *cockney*, enquanto enxugava as lágrimas.

E, enrolada numa colcha de damasco, Orlando sentava-se agora em frente a uma travessa de *muffins*.

“Os *muffins* ainda estão quentinhos na biblioteca”, repetia Orlando, escandindo as sílabas e imitando o atroz sotaque *cockney* da sra. Bartholomew, enquanto tomava o seu chá... ou melhor, não tomava; ela detestava o aguado líquido. Foi nessa mesma sala, lembrou-se, que a rainha Elizabeth se postara de pernas abertas diante da lareira, tendo na mão um caneco de cerveja, que ela, de repente, atirou com violência sobre a mesa quando lorde Burghley usou, com total falta de tato, um verbo imperativo. “Mocinho, mocinho” – Orlando podia ouvi-la dizer – “desde quando é permitido dirigir-se a soberanos empregando-se o verbo ‘dever’?” E o caneco voou para cima da mesa: a marca ainda estava ali.

Mas quando Orlando tentou se pôr de pé num salto, tal como ordenava o simples pensamento daquela grande rainha, tropeçou na colcha e, soltando uma praga, foi parar de novo na poltrona. Amanhã teria de comprar vinte metros ou mais de bombazina preta, conjecturou, para fazer uma saia. E depois uma crinolina (aqui enrubesceu), e depois um berço (aqui enrubesceu), e depois outra crinolina, e assim por diante... Os rubores chegavam e iam embora, na mais rara alternância de recato e vergonha que se possa imaginar. Podia-se ver o espírito da época soprando, ora quente, ora frio, em suas faces. E se o espírito da época soprava um tanto desigualmente, fazendo-a ruborizar-se pela crinolina sem antes ter

um marido, sua posição ambígua (até mesmo seu sexo estava em disputa) e a vida irregular que levava antes deveriam servir-lhe de desculpa.

Afinal, a cor de suas faces recobrou a estabilidade e era como se o espírito da época – se é que era mesmo isso – tivesse adormecido por um tempo. Então Orlando apalpou o peito por debaixo da camisa, como que em busca de algum medalhão ou relíquia de um amor perdido, e não encontrou nada disso, mas um rolo de papel, com marcas de mar, de sangue, de viagem – o manuscrito de seu poema, “O carvalho”. Ela o tinha carregado com ela por tantos lugares e por tantos anos e sob circunstâncias tão perigosas que muitas de suas páginas estavam manchadas e outras rasgadas, enquanto os apertos pelos quais passara por falta de papel quando estivera com os ciganos tinham-na forçado a ultrapassar as margens e a escrever por cima das linhas, de modo que o manuscrito ficou parecendo um cerzido que tivesse sido executado da maneira mais minuciosa possível. Voltou à primeira página e leu a data, 1586, escrita em sua letra de menino. Fazia agora perto de trezentos anos que trabalhava nele. Era hora de dar um fim. Entrementes, começou a folhear as páginas e a pulá-las e a mergulhar na leitura e a pensar, enquanto lia, em como tinha mudado pouco durante todos esses anos. Ela tinha sido, como todos, um menino sombrio, enamorado pela morte; e, depois, tinha sido ardente e exuberante; e, depois, tinha sido alegre e mordaz; e, às vezes, tinha tentado a prosa, às vezes, o drama. Mas, pensou, ela tinha permanecido, ao longo de todas essas mudanças, fundamentalmente a mesma pessoa. Tinha o mesmo temperamento reflexivo e meditativo, o mesmo amor pelos animais e pela natureza, a mesma paixão pelo campo e pelas estações.

“Afinal”, pensou, levantando-se e indo até a janela, “nada mudou. A casa, o jardim continuam tal como eram. Nenhuma cadeira mudara de lugar, nenhum bibelô fora vendido. As trilhas são as mesmas; mesmos, os gramados; mesmas, as árvores, e mesmo, o lago, que, ousou dizer, abriga a mesma carpa. Sim, é verdade, a rainha Vitória, e não a rainha Elizabeth, está no trono, mas que diferença...”

Nem bem tinha o pensamento tomado forma quando, como se para reprová-lo, a porta foi aberta de par em par e por ela entrou, em passo de marcha, Basket, o mordomo, seguido pela sra. Bartholomew, a governanta, para limpar a mesa do chá. Orlando, que acabara de mergulhar a pena na tinta e estava prestes a pôr no papel alguma reflexão sobre a eternidade de

todas as coisas, sentiu-se muito aborrecida ao ser retardada por um borrão, que se espalhava e se ramificava ao redor de sua pena. Era algum defeito da pena, supôs; estava partida ou suja. Mergulhou-a de novo na tinta. O borrão ficou maior. Tentou continuar o que estava dizendo; não saiu uma palavra. Depois, começou a decorar o borrão com asas e bigodes até chegar a um monstro de cabeça redonda, algo entre um morcego e um vombate. Já quanto a escrever poesia, com Basket e Bartholomew na sala, era impossível. Nem bem tinha dito “impossível” quando, para seu espanto e alarme, a pena começou a fazer curvas e ziguezagues com a fluência mais suave possível. Sua página estava preenchida, numa caligrafia itálica das mais límpidas, com o verso mais insípido que já lera em sua vida:

Sou apenas um elo de nada
Na gasta corrente do universo,
Oh, não diga que foram vãos,
Mas cantei venerados versos.

Quem sabe a jovem criada,
Chorando, à luz da lua, sozinha,
Por entes queridos e ausentes,
Não murmurará...

escreveu ela, de um só fôlego, enquanto Bartholomew e Basket resmungavam e reclamavam ao redor da sala, atijando o fogo e recolhendo os *muffins*.

De novo mergulhou a pena na tinta e foi adiante:

Estava tão mudada; a suave nuvem carmesim
Que outrora lhe cobria as faces, como essa
Que, ao crepúsculo, pinta o céu de rosa,
Desfazia-se em palidez, permeada aqui e ali
Por ardentes rubores – tochas da tumba,

mas aqui, com um movimento abrupto, derramou a tinta sobre a página, subtraindo-a para sempre, esperava, aos olhares humanos. Ela era toda nervos e tremores. Não era possível imaginar nada mais repulsivo do que sentir a tinta correndo assim, em cascatas de inspiração involuntária. O que lhe acontecera? Era a umidade, era Bartholomew, era Basket? O que

seria? perguntou-se. Mas a sala estava vazia. Ninguém respondeu, a menos que o gotejar da chuva sobre a hera pudesse ser tomado como uma resposta.

Enquanto isso, em pé à janela, como se fosse feita de mil fios de arame nos quais a brisa ou dedos errantes estivessem praticando escalas, ela se tornava consciente de um extraordinário frêmito e formigamento por todo o corpo. Ora eram os dedos do pé que formigavam; ora, a medula dos ossos. Experimentava as mais estranhas sensações ao redor das coxas. Os cabelos pareciam se eriçar sozinhos. Os braços soavam e ressoavam como estariam soando e ressoando os fios do telégrafo dali a uns vinte anos. Mas toda essa agitação parecia, no final, concentrar-se nas mãos; e, depois, numa única mão e, depois, num único dedo daquela mão e, depois, finalmente, a se contrair, formando, assim, em torno do anular da mão esquerda, um aro em que se concentrava toda a sensação de frêmito de que fora tomada. E, ao erguê-lo, para ver o que causava essa agitação, não viu nada – nada, a não ser a enorme esmeralda solitária que lhe fora ofertada pela rainha Elizabeth. E, perguntou-se, não era isso o bastante? Era da mais fina água. Valia no mínimo dez mil libras. O frêmito parecia dizer, da maneira mais bizarra (mas, lembrem-se, estamos lidando com algumas das manifestações mais soturnas da alma humana): não, não é o bastante; assumindo, além disso, um ar de interrogação, como se estivesse perguntando: o que isso quer dizer, esse hiato, esse estranho lapso? até a pobre Orlando sentir-se claramente envergonhada do anular de sua mão esquerda sem ao menos saber por quê. Nesse momento, Bartholomew entrou para perguntar que vestido ela devia aprontar para o jantar, e Orlando, cujos sentidos estavam muito aguçados, instantaneamente olhou para a mão esquerda dela e instantaneamente percebeu o que nunca notara antes – um grosso anel de um amarelo vivo ao redor do dedo médio, quando antes não havia nada.

“Deixe-me ver seu anel, Bartholomew”, disse, estendendo a mão para pegá-lo.

Diante disso, Bartholomew reagiu como se tivesse sido golpeada no peito por um malfeitor. Recuou um ou dois passos, cerrou o punho, afastando-o dela com um gesto de grande nobreza. “Não”, disse, com resoluta dignidade, sua senhoria podia olhar se assim quisesse, mas quanto a tirar a aliança de casamento, nem o arcebispo, nem o Papa, nem a rainha

Vitória em seu trono podiam forçá-la a fazê-lo. O seu Thomas a tinha posto em seu dedo fazia vinte e cinco anos, seis meses e três semanas; tinha dormido com ela; trabalhado com ela; se lavado com ela; rezado com ela; e pretendia ser enterrada com ela. Na verdade, Orlando pensou tê-la entendido dizer, mas sua voz estava muito entrecortada pela emoção, que seria pelo brilho de sua aliança que ela ganharia seu lugar no céu entre os anjos e que perderia seu lustre para sempre se ela a tirasse por um só segundo.

“Que os céus nos acudam”, disse Orlando, de pé à janela, observando os pombos em suas brincadeiras, “em que mundo vivemos! Realmente, que mundo!” Suas complexidades a assombravam. Tinha agora a sensação de que o mundo era todo um anel de ouro. Saía para um jantar. As alianças abundavam. Ia à igreja. As alianças estavam por todo lado. Saía a passeio na carruagem. De ouro ou ouropel, finas, grossas, simples, lisas, elas brilhavam monotonamente em todas as mãos. Os anéis abarrotavam as joalherias, não os vistosos, de diamante ou gema de imitação, de que Orlando se lembrava, mas aros simples, sem nenhuma pedra. Ao mesmo tempo, começou a notar um novo hábito entre as pessoas da vila. Antigamente, era bastante corriqueiro encontrar um garoto se divertindo com uma mocinha debaixo de uma sebe de espinheiro. Orlando tinha cutucado mais de um casalzinho com a ponta do chicote, dando risadas e seguindo em frente. Agora, tudo isso tinha mudado. Os casaizinhos, indissolivelmente enlaçados, ficavam andando à toa e sem pressa pelo meio da estrada. A mão direita da mulher invariavelmente entrelaçava-se com a mão esquerda do homem, os dedos dela firmemente presos pelos dele. Muitas vezes só se mexiam quando os focinhos dos cavalos já estavam em cima deles e, mesmo assim, era em bloco que se jogavam vagarosamente para o lado da estrada. Orlando só podia supor que alguma nova descoberta fora feita sobre a espécie; que, de algum modo, eles tinham sido colados uns aos outros, aos pares, casais e mais casais, mas quem tinha feito isso e quando, não podia adivinhar. Não parecia ser a Natureza. Observava os pombos e os coelhos e os elkhounds sem conseguir chegar à conclusão de que a Natureza tivesse mudado ou retificado seus procedimentos, pelo menos desde os tempos de Elizabeth. Tanto quanto podia observar, não havia nenhuma aliança indissolúvel entre os animais. Teria sido, então, a rainha Vitória? Ou lorde Melbourne?

Teriam sido eles os responsáveis pela grande descoberta que era o casamento? Mas a rainha, ponderou, era conhecida por gostar muito de cães, e lorde Melbourne, ouvira dizer, era conhecido por gostar muito de mulheres. Era estranho – era repulsivo; na verdade, havia algo nessa indissolubilidade dos corpos que era repugnante ao seu senso de decoro e higiene. Suas rumações, entretanto, vinham acompanhadas de um tal frêmito e formigamento do dedo afligido que ela mal conseguia manter em ordem as ideias, que, tal como as fantasias de uma criada, estavam cheias de suspiros de desejo e de olhares insinuantes. Elas a deixavam enrubescida. Não havia mais nada a fazer senão comprar um desses aros horríveis e usá-lo como as outras. Foi o que fez, cheia de vergonha, enfiando-o no dedo, protegida por uma cortina; mas de nada adiantou. O frêmito continuava, mais violentamente, mais furiosamente que nunca. Não pregou o olho nessa noite. Na manhã seguinte, quando pegou a pena para escrever, ou não conseguia pensar em nada, com a pena fazendo um borrão enorme e lacrimoso atrás do outro, ou se demorava, de modo ainda mais alarmante, em melífluas efusões sobre morte precoce e degradação física, o que era pior que não ter pensamento nenhum. Pois, ao que parece, escrevemos não com os dedos, mas, como seu caso demonstrava, com a pessoa inteira. O nervo que controla a pena enreda-se em cada fibra de nosso ser, enfia-se pelo coração, perfura o fígado. Embora o centro de seu distúrbio parecesse ser a mão esquerda, sentia-se envenenada de cima a baixo, vendo-se forçada, por fim, a considerar o mais desesperado dos remédios, o de se render completa e resignadamente, arranjando um marido, ao espírito da época.



Orlando por volta de 1840

Que isso não combinava muito com seu temperamento natural já foi deixado suficientemente claro. Quando o ruído das rodas do coche se extinguiu, o grito que lhe viera aos lábios fora “A Vida! Um Amante!”, não “A Vida! Um Marido!”, e tinha sido em busca desse objetivo que fora para a cidade e circulara pela sociedade, como se demonstrou no capítulo anterior. Mas a indomável natureza do espírito da época é de tal ordem que deita ao chão muito mais facilmente os que tentam resisti-lo do que os que se dobram na sua direção. Orlando se inclinara naturalmente ao espírito elisabetano, ao espírito da Restauração, ao espírito do século dezoito e, em consequência, quase não se dera conta da mudança de uma época para a outra. Mas o espírito do século dezenove lhe era adverso ao extremo e tomou-a, assim, de assalto e a subjugou, fazendo com que ela se desse conta, como nunca antes, da derrota em suas mãos. Pois é provável que o espírito humano tenha sua existência na época que lhe foi atribuída; alguns são desta época, outros, daquela; e agora que Orlando era uma mulher

madura, um ou dois anos, na verdade, acima dos trinta, as linhas de seu caráter estavam fixadas e dobrá-las na direção errada era algo intolerável.

Ficou, assim, desoladamente, junto à janela da sala de estar (Bartholomew batizara assim a biblioteca), arriada sob o peso da crinolina que tinha resignadamente adotado. Era mais pesada e mais sem graça que qualquer vestido que algum dia usara. Nenhum deles jamais dificultara tanto seus movimentos. Não podia mais caminhar a passos largos pelo jardim com seus cachorros nem subir correndo livremente a íngreme colina e se atirar debaixo do carvalho. Suas saias juntavam palha e folhas molhadas. O chapéu de plumas esvoaçava sob o efeito da brisa. Os sapatos finos logo ficavam encharcados e cobertos de lama. Os músculos tinham perdido sua elasticidade. Tornou-se nervosa, achando que pudesse haver ladrões por trás dos forros das paredes, e começou a ter medo, pela primeira vez na vida, de fantasmas nos corredores. Todas essas coisas dispunham-na a se submeter, gradativamente, à nova descoberta, fosse ela da rainha Vitória ou de qualquer outra pessoa, de que todo homem tem uma mulher e toda mulher tem um homem a si destinado por toda a vida e a quem ampara e por quem é amparada, até que a morte os separe. Seria um consolo, sentia, amparar-se; sentar-se; sim, deitar-se; para nunca, nunca mais se levantar de novo. Assim, apesar de todo o seu orgulho antigo, o espírito da época teve, realmente, efeito sobre ela, e, à medida que descia a pique pela escala da emoção, rumo a essa modesta pousada a que não estava acostumada, aqueles frêmitos e formigamentos, que tinham sido tão capciosos e tão interrogativos, transformavam-se nas mais doces melodias e era como se os anjos estivessem tangendo com dedos brancos as cordas de uma harpa e todo o seu ser tivesse sido impregnado por uma seráfica harmonia.

Mas em quem podia se amparar? Fez essa pergunta aos furiosos ventos do outono. Pois era outubro agora, e úmido, como sempre. Não no arquiduque; casara-se com uma grande dama e estivera caçando lebres na Romênia por todos esses anos; nem no sr. M.; ele se convertera ao catolicismo; nem no marquês de C.; ele confeccionava sacos de aniagem em Botany Bay; nem em lorde O.; fazia tempo que fizera a festa dos peixes. De um jeito ou outro, todos os antigos camaradas tinham agora sumido, e, por mais que simpatizasse com elas, as Nells e as Kits de Drury Lane dificilmente lhe podiam servir de amparo.

“Em quem”, perguntava, lançando olhares às revoltas nuvens, entrelaçando as mãos ao se ajoelhar no parapeito da janela e parecendo, assim, a própria imagem da feminilidade suplicante, “posso me amparar?” Da mesma forma que sua pena tinha escrito por vontade própria, suas palavras se formavam sozinhas, suas mãos se entrelaçavam sozinhas – involuntariamente. Não era Orlando que falava, mas o espírito da época. Mas seja lá o que fosse, ninguém respondia. As gralhas, alvoroçadas, davam cambalhotas em meio às nuvens violetas do outono. A chuva tinha finalmente parado e havia uma iridescência no céu que tornava difícil resistir à tentação de pôr o chapéu de plumas e os sapatinhos de amarrar e dar um passeio antes do jantar.

“Todo mundo tem um par, menos eu”, devaneou, enquanto atravessava desconsoladamente o pátio. Ali estavam as gralhas; até mesmo Canute e Pippin – por mais transitórias que fossem suas alianças, ainda assim todos, nesta tarde, pareciam ter um companheiro. “Enquanto eu, que sou a dona de tudo isto”, pensou ela, contemplando, ao passar, os inumeráveis vitrais do salão de entrada, com seus brasões coloridos, “estou sem ninguém, estou sem um par, estou sozinha.”

Nunca, antes, tais pensamentos lhe tinham passado pela cabeça. Agora, eles se abatiam sobre ela sem dó nem piedade. Em vez de simplesmente empurrar o portão, deu umas batidinhas com a mão enluvada para que o porteiro o abrisse para ela. É preciso amparar-se em alguém, pensou, nem que seja apenas em um porteiro; e meio que pensou em se atrasar para ajudá-lo a assar sua costeleta de carneiro num balde de carvão em brasa, mas era tímida demais para se oferecer. Vagou, assim, pelo parque sozinha, hesitante a princípio, e receosa de que pudesse haver caçadores clandestinos ou guarda-caças ou mesmo estafetas, que certamente se espantariam ao ver uma grande dama passeando sem companhia.

A cada passo, olhava nervosamente para todos os lados, buscando se assegurar de que não havia um vulto de homem se escondendo atrás de uma moita de tojo ou uma vaca brava abaixando os chifres para atirá-la para o ar. Mas havia apenas as gralhas se exibindo no céu. Uma pluma de uma delas, de um tom azul metálico, caiu no meio das urzes. Adorava plumas de aves silvestres. Costumava colecioná-las quando menino. Juntou-a, prendendo-a no chapéu. De alguma maneira, o ar sacudiu seu espírito, reanimando-o. À medida que as gralhas rodopiavam e

revoluteavam acima de sua cabeça e as penas caíam pelo ar purpúreo, cintilando, uma atrás da outra, ela as seguia, o longo casaco ondulando às suas costas, por cima do urzal, colina acima. Havia anos não caminhava tanto. Tinha juntado seis penas da grama, passava-as entre os dedos e pressionava-as contra os lábios, para sentir sua plumagem macia, brilhante, quando viu, cintilando na encosta da colina, um laguinho prateado, misterioso como o lago no qual sir Bedivere atirara a espada de Artur. Uma pena solitária tremulou no ar e caiu no meio dele. Então, algum estranho êxtase tomou conta dela. Passou-lhe pela cabeça a louca ideia de seguir os pássaros até o fim do mundo e se atirar no relvado fofo e ali se embriagar de olvido, enquanto a risada rouca das gralhas ressoava acima dela. Apressou o passo; correu; tropeçou; as raízes duras das urzes jogaram-na ao chão. Torceu o tornozelo. Não conseguia se levantar. Mas ficou ali estendida, feliz. O perfume da murta-do-pântano e da rainha-dos-prados estava em suas narinas. A risada rouca das gralhas estava em seus ouvidos. “Encontrei meu par”, murmurou. “É o urzal. Sou a noiva da natureza”, sussurrou, se entregando, em êxtase, aos frios abraços da vegetação e se deitando, enrolada no casaco, no buraco ao lado do laguinho. “Aqui ficarei. (Uma pena caiu em sua testa.) Encontrei uma coroa mais viva que a feita de ramos de louro. Minha testa estará sempre fresca. Essas são penas de aves silvestres – da coruja, do noitibó. Sonharei sonhos loucos. Minhas mãos não carregarão alianças de casamento”, continuou, deixando a sua cair do dedo. “As raízes se enroscarão nelas. Ah!”, suspirou, pressionando voluptuosamente a cabeça contra seu fofo travesseiro, “busquei a felicidade ao longo de muitas épocas e não a encontrei; a fama e falhei; o amor e não o conheci; a vida... e eis que a morte é melhor. Conheci muitos homens e muitas mulheres”, continuou; “não entendi nenhum deles. É melhor ficar aqui em paz com apenas o céu sobre mim – como me disse o cigano muitos anos atrás. Foi na Turquia.” E, olhando para o alto, viu a maravilhosa espuma dourada em que as nuvens, de tanto se agitarem, tinham se transformado, e depois, atravessando-a, uma trilha, e camelos que cruzavam, em fila indiana e em meio a nuvens de poeira vermelha, o pedregoso deserto; e, depois, sumidos os camelos, restavam apenas montanhas, altíssimas e cheias de rachaduras e picos rochosos, e imaginou ouvir sinos de cabras ressoando por seus desfiladeiros, e em suas ondulações via campos de íris e

gencianas. O céu ia, assim, mudando, e seus olhos foram baixando lentamente até chegarem à terra escurecida pela chuva e, então, ela viu a grande corcova das South Downs, correndo, numa onda só, ao longo da costa; e onde a terra acabava, havia o mar, o mar com navios passando; e imaginou ter ouvido um canhão ao longe, mar adentro, pensando, no começo, “É a Armada”, e, depois, “Não, é Nelson”, e então se lembrou de que essas guerras tinham acabado e os navios eram navios mercantes em plena atividade; e as velas no sinuoso rio eram de barcos de passeio. Também viu, espalhadas pelos campos escurecidos, manadas de vacas e ovelhas, e as luzes se acendendo aqui e ali nas janelas das casas de fazenda, e lanternas se mexendo em meio às manadas enquanto pastores e vaqueiros faziam sua ronda; e, depois, as luzes se apagaram e as estrelas surgiram, se enredando pelo céu. Na verdade, estava caindo no sono, com as penas molhadas sobre o rosto e o ouvido contra o chão, quando ouviu, vindo-lhe do âmagô, um malho martelando numa bigorna, ou era um coração batendo? Blem-blem, tum-tum, assim martelava, assim batia, a bigorna, ou o coração no meio da terra; até mudar, pensou ela, continuando a ouvir, para o trotar dos cascos de um cavalo; um, dois, três, quatro, contou; depois, ouviu um tropeção; depois, à medida que os sons ficavam mais próximos, conseguiu ouvir o estalido de um graveto e o ruído de cascos atolando no terreno encharcado. O cavalo estava quase em cima dela. Levantou as costas. Viu, destacando-se em negro contra o céu estriado de amarelo da aurora, com as tarambolas subindo e descendo à sua volta, um homem montado num cavalo. Ele teve um sobressalto. O cavalo estancou.

“Minha senhora”, exclamou o homem, saltando ao chão, “veja que está ferida!”

“Estou morta, senhor!”, replicou ela.

ALGUNS MINUTOS DEPOIS ESTAVAM NOIVOS.

Na manhã seguinte, ao se sentarem para o café da manhã, ele lhe disse o nome. Era Marmaduke Bonthrop Shelmerdine, *Esquire*.

“Eu sabia”, disse ela, pois havia nele algo de romântico e fidalgal, de apaixonado e melancólico, mas também de decidido, o que ia de par com o nome silvestre, de plumagem negra – um nome que tinha, em sua mente, a cintilação azul metálica das asas das gralhas, a risada rouca de seus

grasnidos, a serpenteante e sinuosa queda de suas penas num lago prateado e mil outras coisas que serão descritas em breve.

“O meu é Orlando”, disse ela. Ele o tinha adivinhado. Pois, explicou, se vemos um navio singrando orgulhosamente o Mediterrâneo, vindo, a todo pano e banhado pelo sol, dos Mares do Sul, imediatamente dizemos: “Orlando”.

De fato, embora tivessem se conhecido havia muito pouco tempo, tinham adivinhado, como sempre acontece entre amantes, tudo que havia de mais importante sobre o outro em, no máximo, dois segundos, e agora só restava preencher detalhes menos importantes: como se chamavam, onde moravam, se eram mendigos ou gente de posses. Ele tinha um castelo nas ilhas Hébridas, contou-lhe, mas estava em ruínas. Gansos-patolas refestelavam-se no salão de banquetes. Fora soldado e marinheiro e tivera negócios no Oriente. Estava agora indo se juntar ao seu brigue em Falmouth, mas o vento abrandara e só poderia pôr-se ao mar quando, vindo do sudoeste, soprasse mais forte. Mais do que depressa, Orlando olhou, pela janela do refeitório, para o leopardo dourado do cata-vento. Misericordiosamente, a cauda apontava para o leste e estava firme como uma pedra. “Oh! Shel, não me deixe!”, exclamou. “Estou loucamente apaixonada por você”, disse. Nem bem as palavras tinham-lhe saído da boca quando uma terrível suspeita passou ao mesmo tempo pela cabeça de ambos.



Marmaduke Bonthrop Shelmerdine, Esquire

“Você é mulher, Shel!”, exclamou ela.

“Você é homem, Orlando!”, exclamou ele.

Nunca houve, desde que o mundo é mundo, cena igual de protestos e manifestações. Quando acabou e estavam de novo sentados, ela lhe perguntou que conversa era aquela de vento sudoeste. Para onde ele estava indo?

“Para o cabo Horn”, disse ele laconicamente, ruborizando. (Pois o homem, tal como a mulher, está sujeito a se ruborizar, só que por coisas bem diferentes.) Foi apenas à custa de grande insistência da parte dela e graças ao uso de muita intuição que ela concluiu que a vida dele tinha sido consumida na mais desesperada e esplêndida das aventuras – navegar em torno do cabo Horn a contrapelo de uma ventania. Os mastros se soltavam; as velas eram reduzidas a trapos (teve que arrancar dele a confissão). Às vezes, o navio afundava e ele era o único sobrevivente, equilibrando-se em cima de um bote salva-vidas e tendo uma bolacha por alimento.

“É tudo que um homem pode fazer hoje em dia”, disse, acanhado, servindo-se de grandes colheradas de geleia de morango. A visão que teve, então, desse menino (pois não passava muito disso) chupando pastilhas de

hortelã, pelas quais tinha paixão, enquanto os mastros se soltavam e as estrelas rodopiavam e ele berrava ordens secas para deixar isto à deriva, içar aquilo para bordo, trouxeram-lhe lágrimas aos olhos, lágrimas, notou ela, de um sabor mais suave do que quaisquer outras que tivesse chorado antes: “Sou, enfim, uma mulher”, pensou, “uma mulher de verdade”. Agradeceu a Bonthrop do fundo do coração por lhe ter dado esse inesperado e raro prazer. Não tivesse ele a perna esquerda defeituosa, teria sentado em seus joelhos.

“Shel, meu querido”, recomeçou ela, “conte-me...”, e assim conversaram por duas horas ou mais, talvez sobre o cabo Horn, talvez não, e realmente de pouco adiantaria pôr no papel o que disseram, pois se conheciam tão bem que podiam dizer qualquer coisa, o que é o mesmo que não dizer nada ou dizer coisas tão bobas, tão prosaicas, tais como a melhor maneira de fazer uma omelete ou onde comprar as melhores botas em Londres, coisas que não têm nenhum brilho quando extraídas de seu contexto mas que no lugar que lhes pertence são, sem dúvida alguma, de uma beleza extraordinária. Pois dá-se o caso de que, por uma sábia economia da natureza, nosso espírito moderno pode quase passar sem a linguagem; as expressões mais comuns dão conta do recado, já que nenhuma dá; daí que a conversação mais ordinária é, com frequência, a mais poética, e a mais poética é precisamente a que não pode ser posta no papel. Por essas razões, deixamos aqui um grande espaço em branco, o que deve ser entendido como indicação de que o espaço está cheio até a borda.

Após mais alguns dias desse tipo de conversa,

“Orlando, meu querido”, Shel estava começando a dizer, quando houve uma agitação lá fora e Basket, o mordomo, entrou com a informação de que havia uma dupla de policiais no andar de baixo com um mandado da rainha.

“Traga-os”, disse Shelmerdine laconicamente, como se estivesse no tombadilho de seu navio, adotando, por instinto, em frente à lareira, uma postura formal, com as mãos cruzadas atrás das costas. Dois policiais, em uniformes verde-garrafa, com cassetetes nos quadris, entraram, então, na sala, tomando posição de sentido. Encerradas as formalidades, entregaram nas próprias mãos de Orlando, como era sua incumbência, um documento legal dos mais impressionantes, considerando-se a quantidade de pingos de cera do lacre, as fitas, os juramentos e as assinaturas, que eram todas da mais alta importância.

Orlando correu os olhos pelo documento e, então, usando o polegar da mão direita como guia, leu em voz alta os seguintes trechos, por serem os mais pertinentes à questão.

“Os processos legais foram resolvidos”, leu em voz alta... “alguns em meu favor, como, por exemplo... outros, não. Casamento turco anulado (fui embaixador em Constantinopla, Shel”, explicou) “Filhos declarados ilegítimos (disseram que tive três, com Pepita, uma dançarina espanhola). Assim, não têm direito à herança, o que não está mal... Sexo? Ah! o que diz sobre sexo? Meu sexo”, leu, um tanto solenemente, “é declarado, inquestionavelmente e sem a menor sombra de dúvida (o que lhe dizia eu há pouco, Shel?), como sendo feminino. O direito às propriedades, que são agora perpetuamente restituídas, fica limitado aos meus herdeiros diretos do sexo masculino ou, na ausência de matrimônio” – mas aqui ela se irritou com o palavreado legal e disse: “mas não haverá ausência de matrimônio nem de herdeiros, de maneira que o resto pode ser dado como lido.” Após o que, após sua própria assinatura à de lorde Palmerston, entrando, a partir desse momento, na posse segura de seus títulos, sua casa e seus bens – que estavam agora tão reduzidos, pois os custos dos processos legais tinham sido prodigiosos, que, embora ela fosse de novo infinitamente nobre, estava também excessivamente pobre.

Quando o resultado do processo se tornou conhecido (e o rumor fez a notícia se espalhar muito mais rapidamente do que o telégrafo que o suplantou), a vila inteira comemorou.

[Cavalos foram atrelados a carruagens com o único propósito de levá-las às ruas. Caleches e landaus vazios rodavam sem parar, subindo e descendo a High Street. Discursos eram lidos da Taverna do Touro. Réplicas eram feitas da Taverna do Cervo. A vila ganhou iluminação.

Estojos de ouro eram seguramente trancados em armários envidraçados. Moedas eram cuidadosa e devidamente depositadas sob pedras. Fundaram-se hospitais. Criaram-se associações de combate aos ratos e pardais. Mulheres turcas em efígie foram queimadas às dúzias na praça do mercado, juntamente com dezenas de estampas de rapazes do campo levando pendurado na boca o letrero “So3u um vil Impostor”. Os pôneis de cor creme da rainha logo foram vistos trotando pela alameda de entrada da casa, com uma ordem para Orlando ir jantar e dormir no castelo naquela mesma noite. Sua mesa, tal como numa ocasião anterior, estava soterrada sob uma montanha de convites, da condessa de R., de lady Q., de lady Palmerston, da marquesa de P., da sra. W. E. Gladstone e de outras damas, implorando pelo prazer de sua companhia e lembrando-a de antigas alianças entre as famílias delas e a sua, etc.] – tudo isso apropriadamente colocado entre colchetes, tal como acima, pela boa razão de que se tratava de um intervalo sem nenhuma importância na vida de Orlando. Ela pulou essa parte, para seguir com o texto. Pois enquanto as fogueiras ardiam na praça do mercado, ela estava sozinha com Shelmerdine nos bosques escuros da propriedade. Tão lindo estava o tempo que os ramos das árvores se estendiam sobre eles sem nenhum movimento, e se uma folha caía, ela caía, sarapintada de vermelho e dourado, tão devagar que se podia observá-la por meia hora rodopiando e descendo até repousar, por fim, nos pés de Orlando.

“Conte-me, Mar”, dizia (e aqui se deve explicar que quando o chamava pela primeira sílaba do nome é porque estava num estado de espírito sonhador, amoroso, aquiescente, um pouco doméstico, lânguido, como se alguma espécie de lenha aromática estivesse sendo queimada e fosse finzinho de tarde, embora não fosse ainda hora de se vestir, e talvez um pouquinho úmido lá fora, o bastante para fazer as folhas cintilarem, mas um rouxinol podia, mesmo assim, estar cantando em meio às azaleias, dois ou três cães latindo em fazendas distantes, um galo cocoricando – o leitor deve imaginar tudo isso dito na voz dela) – “Conte-me, Mar”, dizia, “sobre o cabo Horn.” Então, Shelmerdine fazia no chão, com gravetos e folhas mortas e uma ou duas conchas de caracol vazias, um pequeno modelo do cabo.

“Aqui é o norte”, dizia. “Ali, o sul. O vento está vindo deste lado. Agora o brigue está velejando em direção ao oeste; acabamos de baixar a

mezena alta: e, assim, como vê, aqui, onde está este fiapo de grama, ele entra na corrente que você encontra assinalada – onde colocar o mapa e as bússolas, contramestre? Ah! obrigado, assim fica bem, ali onde está a concha. A corrente o pega pelo estibordo, de modo que devemos armar a verga da bujarrona, do contrário seremos arrastados para bombordo, que fica onde está aquela folha de faia, pois precisa entender, minha querida...”, e assim ele continuaria, enquanto ela prestava atenção a cada palavra dele; interpretando-as corretamente, a ponto de perceber, sem que ele precisasse dizer-lhe, a fosforescência sobre as ondas; os pingentes de gelo repicando nos cabos; como ele subira até o topo do mastro durante uma ventania e ficara lá refletindo sobre o destino do homem, descera de novo, tomara um uísque com soda, baixara à terra firme e fora iludido por uma negra, se arrependera, se justificara para si mesmo, lera Pascal, decidira escrever sobre filosofia, comprara um macaco, meditara sobre o verdadeiro propósito da vida, decidira-se pelo cabo Horn, e assim por diante. Enquanto ele falava tudo isso e mil outras coisas, ela o entendia, e, assim, quando, após ele lhe ter contado que o suprimento de bolachas agora terminara, ela retrucou: Sim, as negras são sedutoras, não são?, ele se mostrou surpreso e muito contente por ela ter captado tão bem o que ele queria dizer.

“Tem certeza de que você não é homem?” perguntou ele ansiosamente, e ela ecoou:

“Você não é mesmo mulher?”, e então tinham de pôr isso à prova sem mais delongas. Pois cada um estava tão surpreso com a instantaneidade da compreensão do outro, e era para cada um uma revelação tamanha a possibilidade de que uma mulher pudesse ser tão tolerante e tão franca quanto um homem, e um homem tão estranho e tão sutil quanto uma mulher, que tinham de pôr a questão à prova imediatamente.

E, assim, continuaram conversando, ou melhor, entendendo-se, algo que se tornara a principal arte da fala numa época em que as palavras, em comparação com as ideias, estavam se tornando progressivamente tão precárias que éramos obrigados a usar a frase “as bolachas terminaram” para dizer que, após termos acabado de ler a filosofia do bispo Berkeley pela décima vez, tínhamos beijado uma negra na escuridão. (E disso se segue que apenas os mais profundos mestres do estilo podem dizer a verdade, e quando se encontra um escritor singelo e monossilábico pode-

se concluir, sem nenhuma sombra de dúvida, que o pobre homem está mentindo.)

Assim conversavam; e então, quando seus pés estavam todo cobertos pelas sarapintadas folhas de outono, Orlando se ergueu e se embrenhou sozinha no meio do mato, deixando Bonthrop sentado ali, em meio às conchas de caracol, envolvido na montagem de modelos do cabo Horn. “Bonthrop”, dizia, “vou dar uma volta”, e quando o chamava pelo nome do meio, o leitor deve entender isso como sinal de que ela se achava num estado de espírito que a fazia preferir a solidão, que os via, a ambos, como grãos de areia num deserto, que estava desejosa apenas de encontrar a morte sozinha, pois as pessoas morrem todos os dias, morrem à mesa de jantar, ou assim, ao ar livre, em meio a árvores de outono; e com as fogueiras ardendo e lady Palmerston ou lady Derby convidando-a toda noite para jantar, o desejo de morte a arrebatava e, assim, ao dizer “Bonthrop”, ela dizia, com efeito, “Estou morta”, e se arremessava, como faria um espírito, através das faias espectralmente pálidas, mergulhando com largas braçadas na mais profunda solidão, como se a fraca centelha de ruído e movimento tivesse se extinguido e ela estivesse agora livre para seguir seu caminho – tudo isso o leitor deve ler em sua voz quando ela pronunciava o nome “Bonthrop”, devendo também acrescentar, para melhor esclarecê-lo, que também para ele esse nome significava, misticamente, separação e solitude e seres incorpóreos andando incansavelmente de um lado para o outro pelo convés de seu brigue, em mares insondáveis.

Após algumas horas de morte, de repente um gaio gorjeou “Shelmerdine” e, curvando-se, ela pegou uma daquelas flores de açafão que, para alguns, significa a própria estação, pondo-a no peito junto à pena que caíra, revirando-se, toda azul, por entre as faias. Então chamou “Shelmerdine” e o nome saiu em disparada como uma bala, indo, pelo meio do mato, por aqui e por ali até atingi-lo na grama onde ele estava sentado, armando modelos com conchas de caracol. Ele a viu e a ouviu aproximando-se dele com a flor de açafão e a pena do gaio no peito, e gritou “Orlando”, o que significava (e convém lembrar que quando cores vivas como o azul e o amarelo se misturam em nossos olhos, algo delas se transmite aos nossos pensamentos), primeiro, que samambaias se dobravam e se agitavam como se estivessem sendo atravessadas por

alguma coisa; a qual se mostrou ser um navio a todo pano, corcoveando e jogando um tanto distraidamente, como se, de alguma forma, tivesse um ano inteiro só de dias de verão para completar sua travessia; e assim o navio se aproxima com vento a favor, corcoveando para um lado, para o outro, com nobreza e indolência, montando na crista desta onda e afundando no oco daquela outra e, assim, de repente ele está em cima da pessoa (que, num barco do tamanho de uma casca de noz, o vê de baixo para cima) com todas as velas tremulando, e, então, eis que elas desabam todas numa pilha sobre o convés – da mesma forma que Orlando desabava agora na grama ao lado dele.

Oito ou nove dias tinham se passado dessa forma, mas no décimo, que caía num 26 de outubro, Orlando estava deitada no meio das samambaias, enquanto Shelmerdine declamava Shelley (cuja obra inteira sabia de cor), quando uma folha que começara a cair muito lentamente da copa de uma árvore golpeou com força o pé de Orlando. Uma segunda se seguiu e depois uma terceira. Orlando tremeu, empalidecendo. Era o vento. Shelmerdine – mas seria mais apropriado chamá-lo agora Bonthrop – se pôs de pé de um salto.

“O vento!”, gritou.

Juntos correram pelo mato, o vento colando-lhes as folhas ao corpo enquanto corriam em direção ao pátio maior e dali aos pátios menores, criadas assustadas largando vassouras e panelas para segui-los até a capela, e ali, com uma tropeçando neste banco, outra apagando sem querer aquele pavio, umas poucas e esparsas luzes foram acesas o mais rápido possível. Os sinos tocaram. As pessoas foram convocadas. Por fim, ali estava o sr. Dupper esticando a ponta de sua gravata branca e perguntando pelo livro de orações. E lhe enfiaram nas mãos o livro da rainha Mary, que ele começou a folhear a esmo em busca de alguma passagem, acabando por dizer: “Marmaduke Bonthrop Shelmerdine e lady Orlando, ajoelhem-se”; e eles se ajoelharam, e – à mercê da luz que, caprichosamente, entrava ou deixava de entrar pelos vitrais – ora estavam iluminados, ora obscurecidos; e em meio ao ruído de inumeráveis portas batendo e de um som como o de panelas de cobre retinindo, o órgão ressoou, num rugido ora alto, ora baixo, e o sr. Dupper, que tinha envelhecido muito, tentava agora, sem conseguir se fazer ouvir, erguer a voz acima da gritaria, e então tudo se acalmou por um instante, e uma única expressão – talvez “as

mandíbulas da morte” – soou bastante clara, enquanto todos os criados da propriedade se esticavam, com ancinhos e chicotes ainda nas mãos, para escutar o que era dito, alguns cantando em voz alta e outros rezando, e ora um pássaro se chocava contra a vidraça, ora um trovão estalava, de modo que ninguém ouviu a palavra “obedecer” ser pronunciada nem viu, a não ser como um lampejo dourado, a aliança passar de uma mão para a outra. Tudo era movimento e confusão. E se levantaram todos, com o órgão ressoando e os relâmpagos reluzindo e a chuva caindo, e lady Orlando, com a aliança no dedo, saiu para o pátio em seu vaporoso vestido e segurou o estribo que balançava – pois tinham acabado de colocar o freio e as rédeas no cavalo e a baba ainda escorria por sua ilharga – para o marido montar, o que ele fez de um salto, e o cavalo se jogou para a frente, e Orlando, ali de pé, gritou “Marmaduke Bonthrop Shelmerdine!” e ele replicou “Orlando!”, e as palavras saíram, como falcões silvestres em revoada, arremetendo e rodopiando pelo meio dos campanários, e rodopiavam cada vez mais alto, cada vez mais longe, cada vez mais rápido, até explodirem e caírem no chão numa chuva de fragmentos; e então ela entrou.

Capítulo VI

ORLANDO ENTROU EM CASA. REINAVA a mais completa calma. Estava tudo no maior silêncio. Ali estava o tinteiro; ali estava a pena; ali estava, interrompido no meio de um tributo à eternidade, o manuscrito de seu poema. Quando Basket e Bartholomew entraram com as coisas do chá, estava prestes a dizer: nada muda. E, então, no espaço de três segundos e meio, tudo mudara – quebrara o tornozelo, se apaixonara, casara-se com Shelmerdine.

Ali estava a aliança no dedo para prová-lo. É verdade que ela mesma a pusera ali antes de conhecer Shelmerdine, mas isso se mostrara mais do que inútil. Agora virava e revirava a aliança com supersticiosa reverência, cuidando para que não passasse do nó do dedo.

“Para ter utilidade, se é que tem alguma”, disse, como uma criança repetindo aplicadamente a lição, “a aliança de casamento deve ser usada no dedo médio da mão esquerda.”

Falava assim, em voz alta e um tanto mais pomposamente do que era seu costume, como se desejasse ser ouvida por alguém cuja boa opinião fosse importante para ela. Na verdade, tinha em mente, agora que, por fim, estava em condições de pôr em ordem seus pensamentos, o efeito que seu comportamento tivera sobre o espírito da época. Estava extremamente ansiosa para saber se as medidas que tomara sobre a questão do noivado e do casamento com Shelmerdine tinham a aprovação do tal espírito. Com certeza estava se sentindo bem melhor. O dedo não formigara mais nenhuma vez desde aquela noite no pântano, pelo menos não a ponto de ser levado em conta. Mas não podia negar que tinha suas dúvidas. Estava casada, é verdade; mas quando o marido da gente estava sempre velejando em torno do cabo Horn, era isso casamento? Se a gente gostasse dele, era isso casamento? Se a gente gostasse de outras pessoas, era isso casamento? E, finalmente, se a gente ainda desejasse, mais que qualquer outra coisa no mundo inteiro, escrever poesia, era isso casamento? Tinha suas dúvidas.

Mas poria a questão à prova. Olhou para a aliança. Olhou para o tinteiro. Ousaria? Não, não ousaria. Mas devia. Não, não podia. O que deveria então fazer? Desmaiar, se possível. Mas nunca se sentira tão bem em toda a sua vida.

“Que se danem!”, exclamou, com um toque de sua antiga veia. “Vamos lá!”

E mergulhou a caneta fundo no tinteiro. Para sua enorme surpresa, não houve nenhuma explosão. Retirou a pena. Estava molhada, mas não pingando. Começou a escrever. As palavras custavam um pouco a chegar, mas acabavam chegando. Ah! mas faziam sentido?, perguntava-se, tomada pelo pânico de que sua caneta pudesse estar lhe pregando mais uma de suas involuntárias peças. Leu:

E então cheguei a um campo onde a viçosa relva
Era ofuscada pelas pendentes corolas de fritilária,
A flor com véu roxo escuro na cabeça de serpente,
Desoladas e com ar de forasteiras, parecendo garotas egípcias...

Enquanto escrevia, sentiu alguma força (lembrem, estamos lidando com as mais obscuras manifestações do espírito humano) lendo por cima de seus ombros, e quando escreveu “garotas egípcias”, a força lhe disse que parasse. Relva, parecia dizer a força, voltando ao começo com uma régua, como fazem as preceptoras, está bem; as corolas pendentes de fritilária, admirável; a flor com cabeça de serpente – uma ideia forte, talvez, para a pena de uma dama, mas Wordsworth sem dúvida a aprovaria; mas... garotas? São necessárias as garotas? Você tem um marido no cabo, não foi o que disse? Ah, está bem, é o suficiente.

E assim o espírito seguiu o seu caminho.

Orlando fazia agora, em espírito (pois tudo isso se passava no espírito), uma profunda reverência ao espírito da época, como – para comparar grandes coisas com pequenas – a que faz um viajante, consciente de que tem um pacote de charutos no canto da mala, ao fiscal da alfândega que, obsequiosamente, rabiscou na tampa com giz branco o sinal de passe livre. Pois não tinha muita certeza de que o espírito, se tivesse examinado cuidadosamente o conteúdo de sua mente, não teria encontrado alguma coisa de alto contrabando pela qual ela teria sido obrigada a pagar a penalidade máxima. Escapara por muito pouco. Só por uma astuciosa

deferência ao espírito da época, por usar uma aliança e ter conhecido um homem num pântano, por amar a natureza e não se mostrar sarcástica, cínica ou psicologista (uma única dessas mercadorias a teria imediatamente denunciado), conseguira passar sem problemas pela inspeção. E soltou um profundo suspiro de alívio, como, na verdade, ela bem merecia, pois o processo de negociação entre um escritor e o espírito da época é de infinita delicadeza, e toda a sorte de suas obras depende de um bom acordo entre os dois. Orlando tinha de tal maneira arranjado as coisas que estava numa posição extremamente feliz; não tinha nem de combater sua época, nem de se submeter a ela; a ela pertencia, mas continuava ela mesma. Agora, portanto, podia escrever, e era o que fazia. Escrevia. Escrevia. Escrevia.

AGORA ERA NOVEMBRO. DEPOIS DE novembro, vem dezembro. Depois janeiro, fevereiro, março e abril. Depois de abril vem maio. Junho, julho, agosto vêm em seguida. Depois é setembro. Depois, outubro e, assim, eis que estamos de volta a novembro, com um ano inteiro concluído.

Este método de se escrever biografia, embora tenha seus méritos, é, talvez, um tanto singelo, e o leitor, se continuássemos nessa linha, poderia alegar que é capaz de recitar o calendário sozinho, economizando assim a quantia que a Hogarth Press houver por bem cobrar por este livro. Mas o que pode o biógrafo fazer quando o tema de sua biografia o põe na situação em que Orlando agora nos põe? A vida, concordam todos cuja opinião vale a pena consultar, é o único tema apropriado para o romancista ou o biógrafo; a vida, decidiram as mesmas autoridades, não tem nada a ver com ficar sentado sem se mexer numa cadeira, apenas pensando. O pensamento e a vida são como polos opostos. Portanto, como ficar sentada numa cadeira apenas pensando é precisamente o que Orlando está fazendo agora, não nos resta outro recurso senão o de recitar o calendário, desfiar as contas do rosário, assoar o nariz, atizar o fogo, olhar pela janela, até que ela termine com isso. Orlando se mexia tão pouco que se podia ouvir um alfinete caindo. Quem dera, na verdade, que um alfinete caísse! Já seria alguma vida, por ínfima que fosse. Ou se uma borboleta entrasse voando pela janela e pousasse na sua cadeira, aí se teria algo sobre o qual escrever. Ou suponhamos que ela tivesse se levantado e matado uma vespa. Então poderíamos imediatamente tirar nossas canetas e começar a escrever. Pois haveria sangue derramado, ainda que apenas o sangue de uma vespa. Onde

há sangue, há vida. E se matar uma vespa é, em comparação com matar um homem, uma coisa de nada, ainda assim é um tema mais adequado para um romancista ou biógrafo do que isso de ficar com a cabeça nas nuvens; de ficar cismando; de ficar sentada numa cadeira dia após dia, com um cigarro e uma folha de papel e uma caneta e um tinteiro. Se ao menos os biografados, podemos nos queixar (pois nossa paciência está se esgotando), tivessem mais consideração para com seus biógrafos! O que pode haver de mais irritante do que ver o objeto de nossa biografia, no qual esbanjamos tanto tempo e esforço, escorregando-nos inteiramente das mãos e entregando-se a seus desejos – vejam seus suspiros e arquejos, seu rubor ou sua palidez, seus olhos ora brilhantes como lâmpadas, ora desmaiados como o raiar do dia; o que pode haver de mais humilhante do que ver todo esse espetáculo mudo de emoção e arrebatamento se desenrolar diante de nossos olhos quando sabemos que aquilo que o causa – pensamento e imaginação – não tem a menor importância?

Mas Orlando era uma mulher – lorde Palmerston acabara de prová-lo. E quando estamos escrevendo a vida de uma mulher, podemos, de acordo com o consenso, renunciar à nossa exigência de ação, substituindo-a pela do amor. O amor, disse o poeta, é toda a existência de uma mulher. E se observarmos por um momento Orlando escrevendo à sua mesa, devemos admitir que nunca houve mulher mais talhada para tal vocação. Como é mulher, e mulher bonita, e mulher na flor da vida, ela, sem dúvida, logo renunciará à pretensão de escrever e pensar e começará ao menos a pensar num guarda-caça (e desde que se limite a pensar num homem, ninguém objetará que uma mulher pense). E então ela lhe escreverá um bilhetinho (e desde que se limite a escrever bilhetinhos, ninguém tampouco objetará que uma mulher escreva) e marcará um encontro para o anoitecer de domingo, e o anoitecer de domingo chegará; e o guarda-caça assobiará debaixo de sua janela – tudo isso, é claro, faz parte da própria substância da vida, constituindo o único objeto possível da ficção. É certo que Orlando tenha feito alguma dessas coisas? Desgraça, mil vezes desgraça, Orlando não fez nenhuma delas. Deve-se então admitir que Orlando era um daqueles monstros de iniquidade que não amam? Era boa com os animais, fiel aos amigos, a pura generosidade para com uma dúzia de poetas famintos, tinha paixão pela poesia. Mas o amor, tal como os romancistas do sexo masculino o definem – e quem, afinal, fala com

maior autoridade? – não tem nada a ver com bondade, fidelidade, generosidade ou poesia. O amor consiste em deixar cair a saia e... Mas todos sabemos em que consiste o amor. Orlando fazia isso? A verdade nos obriga a dizer não, ela não fazia. Se, portanto, o objeto de nossa biografia não ama nem mata, mas apenas pensa e imagina, podemos concluir que ele ou ela não passa de um cadáver, sendo melhor, pois, no nosso caso, deixá-la de lado.

Apenas nos resta agora o recurso de olhar pela janela. Havia pardais; havia estorninhos; havia uma certa quantidade de pombos e uma ou duas gralhas, todos ocupados ao seu modo. Um acha uma minhoca; outro, uma lesma. Um bate asas até pousar num galho; outro dá uma corridinha pelo gramado. Então um criado atravessa o pátio, vestindo um avental de pano verde. Supõe-se que esteja envolvido nalguma intriga com alguma das criadas, na dispensa, mas como não se nos oferece nenhuma prova visível ali no pátio, não nos resta senão esperar pelo melhor e deixar isso de lado. Cerradas ou ralas, as nuvens passam, com alguma alteração, na grama embaixo. O relógio de sol registra a hora no seu modo cifrado de sempre. Nossa mente começa a jogar, sem pressa nem propósito, cara ou coroa com uma ou duas questões sobre essa mesma vida. A vida, ela canta ou, em vez disso, cantarola, como uma chaleira na chapa? Vida, vida, que és tu? Luz ou escuridão, o avental de pano do lacaio ou a sombra do estorninho sobre a grama?

Partamos, pois, em exploração, nesta manhã de domingo, quando todos estão admirando a flor da ameixeira e a abelha. E sussurrando e murmurando, perguntemos ao estorninho (que é um pássaro mais sociável do que a cotovia) o que ele, pousado na borda da lata de lixo, de onde cata, dentre os gravetos, fios de cabelo do ajudante de cozinha, pensa disso. O que é a vida, perguntamos, apoiando-nos no portão do pátio; Vida, Vida, Vida! grita o pássaro, como se tivesse nos ouvido e soubesse precisamente o que pretendíamos com esse nosso hábito irritante e intrometido de fazer perguntas dentro e fora de casa e de ficar olhando para as margaridas e beliscando-as, como é costume dos escritores quando não sabem o que dizer a seguir. Então vêm até aqui, diz o pássaro, e me perguntam o que é a vida; Vida, Vida, Vida!

Caminhamos, pois, em marcha lenta, pela trilha do matagal, até o topo da colina sarapintada de azul-vinho e roxo-escuro e aí nos atiramos ao

chão e aí sonhamos e aí vemos um gafanhoto arrastando uma palha para sua casa num buraco. E ele diz (se é que se pode usar um verbo tão sagrado e suave para exprimir um som de serra como esse): a Vida é labuta, ou assim interpretamos o zumbido que sai de sua goela entupida de serragem. E a formiga concorda, e as abelhas também, mas se ficamos aqui deitados o tempo suficiente para fazer a mesma pergunta às mariposas, quando elas chegam à noite, insinuando-se por entre as mais pálidas urzes, elas sopram em nossos ouvidos sons tão incríveis e incoerentes quanto os que ouvimos saindo das linhas telegráficas em meio a tempestades de neve: ri-ri-ri, rá-rá-rá. Gargalhada, Gargalhada! dizem as mariposas.

Tendo, assim, perguntado ao homem e ao pássaro e aos insetos, pois o peixe, nos asseguram homens que viveram solitários durante anos em cavernas cobertas de musgos para ouvi-lo falar, nunca, nunca diz – e por isso talvez saiba – o que é a vida... tendo perguntado a todos eles, sem termos ficado mais sábios, mas apenas mais velhos e friorentos (pois não desejamos, vez ou outra, guardar no meio das páginas de um livro algo tão difícil, tão raro, que pudéssemos jurar que do sentido da vida se tratava?), precisamos recuar e dizer francamente ao leitor que espera, na ponta dos pés, para nos ouvir dizer o que é a vida: é uma pena, não sabemos.

NESTE MOMENTO, MAS, POR POUCO, ainda a tempo de salvar o livro da extinção, Orlando afastou a cadeira, esticou os braços, largou a caneta, veio até a janela e exclamou: “Feito!”

Ela quase caiu no chão em virtude da extraordinária vista que agora lhe enchia os olhos. Ali estava o jardim e alguns pássaros. O mundo continuava como sempre. Durante todo o tempo em que estivera escrevendo o mundo continuara.

“E, se eu estivesse morta, ele seria exatamente o mesmo!” exclamou.

Tal era a intensidade de seus sentimentos que podia inclusive imaginar que deixara de existir e talvez estivesse realmente sendo vítima de certo desfalecimento. Por um momento ficou olhando com olhos de espanto o belo e indiferente espetáculo. Por fim, reanimou-se de forma singular. O manuscrito, que repousava sobre o seu coração, começou a se mexer e a pular como se fosse uma coisa viva, e, o que era ainda mais estranho, mostrando como havia uma perfeita afinidade entre eles, Orlando podia, inclinando a cabeça, compreender o que ele estava dizendo. Ele queria ser

lido. Devia ser lido. Morreria em seu peito se não fosse lido. Pela primeira vez na vida, ela se voltou com violência contra a natureza. Estava rodeada, em profusão, por elkhounds e roseiras. Mas nem os elkhounds nem as roseiras sabem ler. Trata-se, de parte da Providência, de um lamentável descuido, que antes nunca tinha chamado sua atenção. Apenas os seres humanos têm esse dom. A presença de seres humanos tornava-se necessária. Tocou a campainha. Deu ordens para que fosse, sem mais delongas, levada de carruagem a Londres.

“Minha senhora, ainda há tempo de pegar o das onze e quarenta e cinco”, disse Basket. Orlando ainda não tinha se inteirado da invenção da máquina a vapor, mas era tal sua absorção nos sofrimentos de um ser, o qual, embora não fosse ela própria, dependia, entretanto, inteiramente dela, que, vendo um trem pela primeira vez, tomou seu assento num vagão e deixou que lhe ajeitassem a manta sobre os joelhos sem dedicar um único pensamento àquela “estupenda invenção, que (dizem os historiadores) tinha mudado por completo a face da Europa nos últimos vinte anos” (como, na verdade, acontece com muito mais frequência do que supõem os historiadores). Notou apenas que era extremamente fuliginoso; chacoalhava horrivelmente; e as janelas emperravam. Perdida em pensamentos, ela foi transportada, como que num turbilhão, até Londres em pouco menos de uma hora, e estava agora parada na plataforma da estação de Charing Cross, não sabendo para onde ir.

A antiga casa de Blackfriars, onde passara dias tão agradáveis no século dezoito, fora vendida, parte para o Exército da Salvação, parte para uma fábrica de guarda-chuvas. Comprara outra em Mayfair, que era bem ventilada, cômoda, e ficava no coração do mundo da última moda, mas seria em Mayfair que seu poema seria mitigado do desejo de que padecia? Queira Deus, pensou, lembrando-se do brilho dos olhos das veneráveis damas e da simetria das pernas dos nobres cavalheiros, que eles não tenham ali se entregado ao hábito da leitura. Pois isso seria profundamente lamentável. Depois, havia o salão de lady R. Ainda continuavam tendo o mesmo tipo de conversa por lá, não tinha a menor dúvida. A gota do general poderia talvez ter mudado da perna esquerda para a direita. O sr. L. poderia ter passado dez dias com R. e não com T. Então, o sr. Pope entrava. Ah! mas o sr. Pope morrera. Quem eram os espirituosos agora, tinha curiosidade em saber – mas essa não era pergunta que se fizesse a um

carregador e, assim, seguiu em frente. Seus ouvidos eram agora distraídos por inumeráveis sininhos a tilintar na cabeça de inumeráveis cavalos. Frotas compostas dos mais estranhos caixotes estavam estacionadas junto à calçada. Caminhou até chegar à Strand. Ali o alarido era ainda pior. Veículos de todos os tamanhos, puxados por cavalos puro-sangue ou por cavalos de tiro, transportando uma viúva solitária ou lotados até o andar superior por homens de suíças, e de cartola na cabeça, se misturavam num grande emaranhado. A seus olhos, há tanto tempo acostumados à visão de uma simples folha de papel almaço, carruagens, carroças e ônibus pareciam estar, de forma alarmante, em total desarmonia; e a seus ouvidos, habituados ao ruído do arranhar da pena, o alarido da rua soava, violenta e horivelmente, cacofônico. Não havia nenhum pedaço do passeio que não estivesse apinhado de gente. Correntes de pessoas, costurando sua passagem por entre as outras e por entre os veículos, que se moviam lentamente e aos solavancos, jorravam sem parar rumo ao leste e ao oeste. Ao longo da calçada, homens, com mostruários de brinquedos à mão, anunciavam, aos gritos, suas mercadorias. Nas esquinas, mulheres, sentadas ao lado de grandes cestas de flores da estação, gritavam, tentando atrair fregueses. Meninos, se aproximando e se afastando dos narizes dos cavalos e apertando junto ao corpo folhas impressas, também gritavam: Desastre! Desastre! No começo, Orlando pensou que tinha chegado num momento de crise nacional; mas se era algo feliz ou trágico, não saberia dizer. Olhava ansiosamente para os rostos das pessoas. Mas isso a deixava ainda mais confusa. Aqui vinha um homem afundado no desespero, murmurando algo para si mesmo como se soubesse de alguma terrível desgraça. Ele foi empurrado por um sujeito gordo e de cara alegre que, com os ombros, abria caminho por entre a multidão como se fosse uma grande festa popular. Na verdade, ela chegou à conclusão de que não havia lógica nem conluio em nada disso. Cada homem e cada mulher estava envolvido em seus próprios interesses. E ela, para onde iria?

Foi adiante sem pensar, subindo uma rua e descendo outra, passando por imensas vitrines empilhadas de bolsas, e espelhos, e roupões, e flores, e varas de pescar, e cestas de piquenique; de um lado a outro das vitrines viam-se tecidos de todas as cores e padrões, grossos ou finos, em arranjos que os mostravam folhados ou festonados ou enfunados. Às vezes andava por avenidas de mansões tranquilas, sobriamente numeradas “um”, “dois”,

“três”, e assim por diante, até duzentos ou trezentos, uma a cópia da outra, com duas pilastras e seis degraus e um par de cortinas cuidadosamente puxadas e almoços familiares em mesas postas, e um papagaio olhando por uma janela e um criado por outra, até ficar com a cabeça girando de tanta monotonia. Chegou, depois, a imensas praças que exibiam, no centro, estátuas negras e reluzentes de homens gordos, em casacos com os botões fortemente apertados, e cavalos de batalha empinados, e colunas se erguendo e repuxos esguichando e pombos revoando. Assim, andou e andou ao longo das calçadas entre uma casa e outra até que sentiu muita fome, momento em que alguma coisa, tremulando acima do seu coração, a repreendeu por ter sido completamente esquecida por ela. Era o manuscrito. “O carvalho”.

Ficou surpresa por sua própria desatenção. Parou imediatamente onde estava. Não havia nenhuma carruagem à vista. A rua, larga e bonita, estava singularmente vazia. Apenas um cavalheiro idoso se aproximava. Havia, no seu andar, algo que lhe parecia vagamente familiar. Quando ele chegou mais perto, teve certeza de que o tinha encontrado em algum momento ou outro. Mas onde? Era possível que esse cavalheiro, tão alinhado, tão garboso, tão próspero, com uma bengala na mão e uma flor na lapela, de rosto rosado, redondo, e bigodes brancos bem cuidados, era possível, sim, por Júpiter, era! – seu amigo de antigamente, de muito antigamente, Nick Greene!

Ele a viu no mesmo instante; lembrava-se dela; reconhecia-a. “Lady Orlando!”, exclamou, quase varrendo o chão ao fazer-lhe uma reverência com a cartola.

“Sir Nicholas!”, exclamou ela. Pois ela foi intuitivamente alertada, por algo em sua postura, de que a infame pena de aluguel, que escrevera em pasquins contra ela e muitos outros no tempo da rainha Elizabeth, ascendera socialmente e certamente adquirira direito ao título de *sir* e, sem dúvida, a uma dúzia de outras boas coisas como parte da negociata.

Com outra reverência, ele confessou que sua conclusão era correta; fora nomeado Sir; era Dr. em Lit.; era professor universitário. Era autor de mais de vinte livros. Era, em suma, o crítico mais influente da era vitoriana.

O encontro com o homem que anos atrás lhe causara tanto sofrimento desencadeou nela um violento tumulto de emoções. Seria esse o mesmo

sujeito impertinente e irrequieto que queimara os seus tapetes com a cinza do cachimbo e tostava queijo na lareira italiana e contava histórias tão divertidas sobre Marlowe e o resto do grupo que na maioria das vezes eles ficavam acordados até o nascer do sol? Ele estava agora elegantemente vestido num fraque cinza, trazia uma flor rosada na lapela e calçava luvas de camurça, com tudo combinando. Mas Orlando nem bem tinha se recuperado da surpresa, quando ele fez outra reverência, perguntando-lhe se ela lhe concederia a honra de almoçar com ele? A reverência era talvez um tanto exagerada, mas a imitação dos modos aristocráticos era admirável. Seguiu-o, intrigada, até um magnífico restaurante, todo em veludo vermelho, toalhas brancas nas mesas e galheteiros de prata, não podendo ser mais diferente das tabernas ou cafés de outrora, com seu assoalho coberto de areia, seus bancos de madeira, suas tigelas de ponche e de chocolate, e seus jornalecos e escarradeiras. Ele estendeu esmeradamente as luvas em cima da mesa, perto dele. Ainda assim, quase não podia acreditar que era o mesmo homem. As unhas, que outrora tinham quase três centímetros de comprimento, estavam agora bem aparadas. No queixo, onde outrora brotava uma barba negra, havia agora um cavanhaque bem cuidado. Os punhos da camisa, que outrora, todo puídos, mergulhavam fundo na sopa, ostentavam agora abotoaduras de ouro. Na verdade, não foi senão quando ele escolheu o vinho, o que fez com um apuro que a fez lembrar-se de sua antiga predileção pelo malvasia, que ela se convenceu de que era o mesmo homem. “Ah!”, disse ele, soltando um leve suspiro, que era, contudo, bastante reconfortante, “ah! minha cara senhora, os grandes dias da literatura chegaram ao fim. Marlowe, Shakespeare, Ben Jonson – esses foram os gigantes. Dryden, Pope, Addison – esses foram os heróis. Estão todos mortos agora, todos. E quem eles nos legaram? Tennyson, Browning, Carlyle!”, disse ele, imprimindo uma boa dose de escárnio na voz. “A verdade”, disse, servindo-se de vinho, “é que todos os nossos escritores jovens estão no bolso dos editores. Vomitam qualquer bobagem que lhes ajude a pagar a conta do alfaiate. É uma época”, disse, servindo-se de *hors-d’oeuvres*, “marcada por concepções especiosas e experiências estranhas, nenhuma das quais os elisabetanos teriam tolerado por um só instante.”

“Não, minha cara senhora”, continuou, aprovando o linguado *au gratin* que o garçom submetia à sua apreciação, “os grandes dias chegaram ao

fim. Vivemos numa época de decadência. Devemos valorizar o passado; honrar aqueles escritores – restam ainda uns poucos deles – que adotam a Antiguidade por modelo e escrevem, não por dinheiro, mas...” Aqui Orlando quase gritou “Glor!”. Na verdade, podia jurar que o ouvira dizer exatamente as mesmas coisas trezentos anos atrás. Os nomes eram diferentes, é claro, mas o espírito era o mesmo. Nick Greene, a despeito do título com que fora agraciado, não mudara. Mas alguma mudança houvera. Pois enquanto ele falava sem parar sobre a necessidade de se adotar Addison como modelo (outrora fora Cícero, pensou ela) e de se ficar uma manhã inteira na cama (coisa que, orgulhava-se ao pensar, a pensão que ela lhe pagava trimestralmente lhe permitia dar-se ao luxo de fazê-lo), recitando as melhores obras dos melhores autores durante uma hora, pelo menos, antes de levar a pena ao papel, de maneira que a vulgaridade da época atual e a deplorável condição de nossa língua materna (ele morara por muito tempo na América, acreditava ela) pudessem ser purificadas – enquanto Greene falava sem parar, quase do mesmo modo que o fizera trezentos anos antes, ela tinha tempo para se perguntar: de que forma, então, ele mudara? Tornara-se mais balofo; mas era um homem que beirava os setenta. Tornara-se mais elegante: a literatura fora, evidentemente, um próspero empreendimento; mas, de algum modo, a inquieta, insatisfeita vivacidade de antigamente se fora. Suas histórias, por mais brilhantes que fossem, não eram mais tão leves e soltas. Mencionava, é verdade, “meu querido amigo Pope” ou “meu ilustre amigo Addison” a todo instante, mas carregava um ar de respeitabilidade que era deprimente, preferindo, aparentemente, ilustrá-la sobre os feitos e os ditos de pessoas da família dela a lhe contar, como fazia antigamente, escândalos sobre os poetas.

Orlando estava inexplicavelmente decepcionada. Tinha pensado na literatura todos esses anos (sua reclusão, sua condição social, seu sexo devem ser sua desculpa) como algo selvagem como o vento, quente como o fogo, rápido como o relâmpago; algo errante, incalculável, abrupto, e eis que a literatura era um cavalheiro idoso num traje cinza falando sobre duquesas. A violência de sua desilusão era tal que um dos ganchos ou colchetes que fechavam a parte superior do vestido rebentou, deixando cair sobre a mesa “O carvalho”, um poema.

“Um manuscrito!”, disse sir Nicholas, pondo o pincenê de ouro. “Que interessante, interessantíssimo! Permita-me olhá-lo.” E, uma vez mais, após um intervalo de trezentos anos, Nicholas Greene pegou o poema de Orlando e, estendendo-o no meio das xícaras de café e dos cálices de licor, começou a lê-lo. Mas agora o veredito era muito diferente do que dera em outros tempos. Lembrava-lhe, disse, enquanto virava as páginas, *Catão*, de Addison. Comparava-se favoravelmente com *As estações*, de Thomson. Não havia nele qualquer traço, comprazia-lhe dizê-lo, do espírito moderno. Estava composto tendo em vista a verdade, a natureza, os ditames do coração humano, o que era, na verdade, raro, nestes dias de excentricidade inescrupulosa. Deve, é claro, ser imediatamente publicado.

Na verdade, Orlando não entendia o que ele queria dizer. Sempre carregara o manuscrito com ela, no peitilho do vestido. Sir Nicholas achou a ideia muitíssimo divertida.

“E a questão a respeito de royalties?”, perguntou ele.

À menção dessa palavra, a mente de Orlando voou até o Real Palácio de Buckingham e a algumas obscuras realezas que por acaso estavam hospedadas lá.

Sir Nicholas achou aquilo muito engraçado. Explicou que aludia ao fato de que os senhores... (aqui ele citou os nomes dos donos de uma famosa editora) ficariam encantados, se ele lhes escrevesse uma linha, em poder incluir o livro em seu catálogo. Provavelmente poderia conseguir com que lhe pagassem dez por cento de royalties para os primeiros dois mil exemplares; acima disso, seria quinze por cento. Quanto aos críticos, ele mesmo escreveria uma linha para o sr..., que era o mais influente de todos; depois, um galanteio dirigido à esposa de um dos diretores da revista... – digamos, um breve comentário elogioso aos seus próprios poemas – não faria nenhum mal. Ele visitaria... E, assim, falava sem parar. Orlando não entendia nada do que ele dizia e, com base na experiência de antigamente, não acreditava, de jeito nenhum, em sua bondade, mas não havia outra saída senão a de se submeter àquilo que era evidentemente o desejo dele e o ardente desejo do próprio poema. Assim, sir Nicholas fez um belo pacote do maço manchado de sangue, enfiando-o, devidamente achatado, para não amarrotar o casaco, no bolso da lapela; e com muitos e mútuos elogios, se despediram.

Orlando caminhou rua acima. Agora que o poema se fora, deixando uma sensação de vazio no peito, onde costumava carregá-lo, não lhe restava senão refletir sobre qualquer coisa que quisesse – os extraordinários acidentes, talvez, da sina humana. Aqui estava ela na St. James's Street, uma mulher casada, com uma aliança no dedo; onde antes havia um café havia agora um restaurante; eram três e meia, mais ou menos; o sol brilhava; ali estavam três pombos; um cão terrier mestiço; dois cabriolés de aluguel e uma caleche. O que era, então, a Vida? O pensamento eclodiu-lhe na cabeça violentamente, sem motivo (a menos que o velho Greene fosse, de algum modo, a causa). E se pode tomar como um comentário, favorável ou desfavorável, dependendo de como o leitor escolher considerá-lo, sobre suas relações com o marido (que estava no cabo Horn), o fato de que, sempre que algo lhe eclodia violentamente na cabeça, ela ia imediatamente à agência postal mais próxima e lhe passava um telegrama. Por acaso, havia uma ali perto. “Meu Deus Shel”, telegrafou; “vida literatura Greene bajulador...”, aqui ela mudou para uma linguagem cifrada que tinham inventado para usar entre eles, de modo que todo um estado espiritual de extrema complexidade podia ser transmitido em uma ou duas palavras sem que o telegrafista nada compreendesse, e acrescentou as palavras “Ratigã Glunfobu”, que resumiam tudo de maneira precisa. Pois não se tratava apenas do fato de que os eventos daquela manhã tinham-lhe causado uma forte impressão, mas também, como não deve ter escapado à atenção do leitor, de que Orlando estava amadurecendo – o que não significa necessariamente tornando-se melhor – e “Ratigã Glunfobu” descrevia um estado espiritual muito complexo, o qual, se puser toda sua inteligência a nosso serviço, o leitor pode descobrir sozinho.

Por algumas horas, o telegrama não teria qualquer resposta; na verdade, era muito possível, pensou, olhando para o céu, onde as nuvens mais altas passavam velozes, que houvesse uma ventania no cabo Horn, de modo que muito provavelmente seu marido estaria no alto do mastro principal, ou se livrando de alguma parte avariada, ou até mesmo sozinho num bote, com uma única bolacha por ração. E assim, deixando a agência postal, procurou se distrair na loja ao lado, uma loja hoje tão comum que dispensa descrição, mas, a seus olhos, muitíssimo estranha; uma loja onde se vendiam livros. Durante toda a sua vida, Orlando conhecera

manuscritos; tivera nas mãos as folhas pardas e ásperas nas quais Spenser escrevera, em sua miúda e indecifrável caligrafia; vira a letra de Shakespeare e a de Milton. Possuía, na verdade, um bom número de in-quartos e in-fólios, vários deles com um soneto em sua homenagem no meio e, às vezes, uma mecha de cabelo. Mas esses inumeráveis e minúsculos volumes, brilhosos, idênticos, efêmeros, pois pareciam encadernados em papelão e impressos em papel de seda, a deixavam imensamente surpresa. O volume com as obras completas de Shakespeare custava meia coroa e cabia no bolso do casaco. As letras, na verdade, eram tão minúsculas que mal se conseguia ler, mas era, não obstante, uma maravilha. “Obras completas” – as obras de todos os autores que conhecera ou de que ouvira falar, e de muitos outros, se estendiam de uma ponta a outra das enormes estantes. Em cima de mesas e cadeiras, mais “obras” se empilhavam, espalhando-se pelo chão, e essas com frequência eram, percebeu ela, folheando uma ou duas páginas, obras sobre outras obras de sir Nicholas e de uma vintena de outros autores que ela supunha, em sua ignorância, serem também grandes escritores, uma vez que tinham sido impressas e encadernadas. Assim, deu ao livreiro a espantosa instrução de que lhe enviasse tudo de importante que havia na loja e saiu.

Dobrando a rua, entrou no Hyde Park, que conhecia de antigamente (debaixo daquela árvore rachada, lembrava-se, o duque de Hamilton tombara, o corpo atravessado pelo espadachim de lorde Mohun), e seus lábios, aos quais com frequência se deve atribuir a culpa no que diz respeito a esse pormenor, começaram a dar às palavras de seu telegrama a forma de uma toada sem sentido: vida literatura Greene bajulador Ratigã Glunfobu, o que fez com que vários guardas a olhassem com desconfiança, só mudando de opinião quanto à sua sanidade mental ao perceberem o colar de pérolas que ela usava. Trouxera da livraria um maço de panfletos e jornais de crítica literária e, por fim, jogando-se ao chão debaixo de uma árvore, apoiou-se nos cotovelos, espalhou essas páginas ao seu redor e fez o que pôde para deslindar a nobre arte da composição em prosa tal como praticada por esses mestres. Pois a antiga credulidade ainda estava viva nela; até mesmo a letra borrada de um semanário tinha, aos seus olhos, algo de sagrado. Leu, assim, apoiada nos cotovelos, um artigo de autoria de sir Nicholas sobre as obras reunidas de um homem que outrora conhecera – John Donne. Mas tinha, sem se dar conta, se deitado perto do

lago Serpentine. O latido de mil cães ressoava em seus ouvidos. As rodas das carruagens se precipitavam em círculo, incessantemente. Lá em cima, as folhas sussurravam. De vez em quando, a poucos passos dela, uma saia entrançada e umas calças vermelhas bem justas atravessavam o gramado. Em certo momento, uma gigantesca bola de borracha repicou no jornal. Estrias de roxo, rubro, laranja e azul irrompiam pelos interstícios das folhas e cintilavam na esmeralda que levava no dedo. Lia uma frase e olhava para o céu; olhava para o céu e baixava os olhos para o jornal. Vida? Literatura? Uma devia se converter na outra? Mas como era incrivelmente difícil! Pois – aqui vinham umas calças vermelhas bem justas – como Addison poria isso em palavras? Aqui vinham dois cães dançando sobre as patas traseiras. Como Lamb o teria descrito? Pois, ao ler sir Nicholas e seus amigos (como fazia quando não estava olhando à sua volta), ela tinha, de algum modo, a impressão (aqui se levantou e começou a andar) de que eles nos fazem crer (era uma sensação extremamente desconfortável) que nunca, nunca, devemos dizer o que pensamos. (Ficou parada nas margens do lago. Era cor de bronze; barcos esguios como aranha deslizavam de um lado para o outro.) Eles nos fazem crer, continuou ela, que devemos sempre, sempre, escrever como algum outro escritor. (Lágrimas se formavam nos seus olhos.) Pois, realmente, pensou, empurrando um barquinho com a ponta do pé, não creio que conseguiria (aqui o artigo inteiro de sir Nicholas surgiu diante dela, como costumam fazer os artigos dez minutos após terem sido lidos, juntamente com o aspecto do quarto, da cabeça, do gato, da escrivainha dele e, de quebra, a hora em que foi escrito), não creio que conseguiria, continuou, considerando o artigo desse ponto de vista, sentar-me num gabinete, não, não é um gabinete, é uma sala de estar, das bolorentas, o dia inteiro, e ficar falando para belos moços, contando-lhes pequenas intrigas, que eles não devem repetir, sobre o que Tupper disse sobre Smiles; e, depois, continuou, chorando amargamente, são todos tão viris; e, depois, realmente detesto duquesas; e não gosto de bolo; e, embora seja bastante maldosa, nunca aprenderia a ser tão maldosa assim; como posso, então, ser crítica literária e escrever a melhor prosa inglesa de minha época? Que se danem! exclamou, lançando com tanta força à água um barco a vapor que o pobre barquinho quase afundou sob as ondas cor de bronze.

Agora, a verdade é que quando mergulhamos num estado de nervos (como dizem as enfermeiras) – aqui os olhos de Orlando ainda estavam cheios de lágrimas – a coisa para a qual estamos olhando não é o que é, mas torna-se uma outra coisa, que é maior e muito mais importante e, contudo, continua a mesma coisa. Se olhamos para o lago Serpentine nesse estado de nervos, as ondas logo se tornam tão grandes quanto as ondas do Atlântico; os barcos de brinquedo se tornam indistinguíveis dos transatlânticos. Orlando confundia, assim, o barco de brinquedo com o brigue do marido; e as ondinhas que fazia com a ponta do pé com uma montanha d'água ao largo do cabo Horn; e ao observar o barco de brinquedo montar uma ondinha, julgou estar vendo o navio de Bonthrop escalando uma muralha de água transparente; e o brigue subia cada vez mais alto, até que uma crista de espuma branca que guardava mil mortes fechou-se sobre ele; e ele atravessou as mil mortes, desaparecendo (“Afundou!”, gritou ela, em profunda agonia), e, então, eis que ali estava o brigue de novo, do outro lado do Atlântico, singrando são e salvo por entre os patos.

“Êxtase!”, exclamou. “Êxtase! Onde é a agência postal?”, perguntou-se. “Pois preciso mandar logo um telegrama a Shel, contando-lhe...” E, repetindo “Um barco de brinquedo no lago Serpentine” e “Êxtase”, alternadamente, pois os dois pensamentos eram intercambiáveis e queriam dizer exatamente a mesma coisa, precipitou-se em direção à Park Lane.

“Um barco de brinquedo, um barco de brinquedo, um barco de brinquedo”, repetia, inculcando em si mesma a ideia de que não são artigos de autoria de Nick Greene ou de John Donne, nem leis sobre oito horas de trabalho diário, nem tratados internacionais, nem leis fabris que importam; mas sim algo sem valor, repentino, violento; algo que custa uma vida; estrias de rubro, azul, roxo; um jorro; uma chapinhada na água; como aqueles jacintos (estava passando por um belo canteiro deles); algo livre de mácula, dependência, nódoa de humanidade ou de preocupação pela nossa espécie; algo temerário, ridículo, como meu jacinto, quer dizer, marido, Bonthrop: é isso – um barco de brinquedo no Serpentine, o êxtase – é o êxtase que importa. Falava, assim, sozinha enquanto esperava as carruagens passarem pela Stanhope Gate, pois é nisto que dá não morar com o marido a não ser quando o vento amainava: ficar falando bobagens em voz alta na Park Lane. Teria sem dúvida sido diferente se, tal como

recomendava a rainha Vitória, ela morasse o ano todo com ele. Mas do jeito como eram as coisas, a lembrança dele lhe chegava como um relâmpago. Ela achava absolutamente necessário falar com ele no mesmo instante. Não dava a mínima importância que pudesse parecer bobagem ou que pudesse desconcertar a narrativa. O artigo de Nick Greene a lançara nas profundezas do desespero; o barco de brinquedo a elevara aos píncaros do júbilo. Assim, repetia: “Êxtase, êxtase”, enquanto esperava para atravessar a rua.

Mas o tráfego estava pesado naquela tarde de primavera, obrigando-a a ficar ali de pé, esperando e repetindo “êxtase, êxtase” ou “um barco de brinquedo no Serpentine”, enquanto a riqueza e o poder da Inglaterra passavam, como que esculpidos, sentados, de chapéu e casaca, em carruagens puxadas a quatro cavalos, em vitórias e landaus. Era como se um rio de ouro tivesse coagulado e se concentrado em blocos dourados ao longo da Park Lane. As damas seguravam estojos de cartões de visita entre os dedos; os cavalheiros equilibravam bengalas com castão de ouro entre os joelhos. Ela ficou ali olhando, admirando, impressionada. Um único pensamento a perturbava, um pensamento familiar a todos que observam elefantes enormes ou baleias de tamanho incrível, ou seja: como esses leviatãs, para os quais esforço, mudança e ação são repugnantes, propagam a sua espécie? Talvez, pensou Orlando, observando os rostos imponentes, impassíveis, o período de sua propagação tenha passado; este é o fruto; esta é a consumação. O que ela agora via era o triunfo de uma época. Ali se sentavam, majestosos e esplêndidos. Mas agora, o guarda baixou o braço; a corrente se tornou líquida; o massivo conglomerado de esplêndidos objetos se mexeu, se dispersou, desaparecendo na direção de Piccadilly.

Atravessou, assim, a Park Lane e foi para sua casa, na Curzon Street, onde, quando a rainha-dos-prados floria, podia se recordar de um maçarico-real piando e de um homem muito velho com uma espingarda.

PODIA SE RECORDAR, PENSOU, PASSANDO pela soleira de sua casa, que lorde Chesterfield dissera que... mas a memória falhava-lhe. Seu discreto vestíbulo do século dezoito, onde podia ver lorde Chesterfield deixando o chapéu aqui e o casaco ali, com uns modos elegantes que eram uma delícia de se ver, estava agora completamente atulhado de pacotes. Enquanto estivera sentada em Hyde Park, o livreiro tinha entregado sua encomenda,

e a casa estava agora abarrotada – havia pacotes caindo pelas escadas – com toda a literatura vitoriana embrulhada em papel pardo e cuidadosamente amarrada com barbante. Levou tantos pacotes quanto pôde para seu quarto, mandou os lacaios trazerem os outros e, rapidamente cortando uma quantidade enorme de barbantes, logo se viu rodeada por uma quantidade enorme de livros.

Acostumada às minguadas literaturas dos séculos dezesseis, dezessete e dezoito, Orlando estava estarrecida com as consequências de sua encomenda. Pois, naturalmente, aos olhos dos próprios vitorianos, a literatura vitoriana significava não simplesmente quatro grandes nomes separados e distintos, mas quatro grandes nomes afundados e imersos numa massa de Alexander Smiths, Dixons, Blacks, Milmans, Buckles, Taines, Paynes, Tupperts, Jamesons – todos incisivos, ruidosos, proeminentes e exigindo tanta atenção quanto qualquer outro. A reverência de Orlando pela letra de fôrma tinha uma árdua tarefa a enfrentar, mas puxando a cadeira para perto da janela para tirar proveito de qualquer réstea de luz que pudesse passar por entre as altas casas de Mayfair, tentou chegar a uma conclusão.

E agora estava claro que havia apenas duas maneiras de se registrar sua conclusão sobre a literatura vitoriana – uma consiste em estendê-la por sessenta volumes in-oitavo; a outra, em espremê-la para caber em seis linhas do tamanho desta. Naturalmente, dos dois caminhos, como o tempo escasseia, a economia nos leva a escolher o segundo; e assim procedemos. Orlando chegou, pois, à conclusão (abrindo meia dúzia de livros) de que era muito estranho não haver neles uma só dedicatória a alguém da nobreza; depois (folheando uma enorme pilha de memórias), que vários desses escritores tinham uma árvore genealógica com a metade do tamanho da sua; depois, que seria uma enorme falta de tato enrolar uma nota de dez libras na pinça do açúcar quando a srta. Christina Rossetti viesse para o chá; depois (havia aqui uma meia dúzia de convites para comparecer a jantares de comemoração de centenários), que, como consumia todos esses jantares, a literatura devia estar ficando muito corpulenta; depois (ela era convidada para uma série de palestras sobre a influência disso sobre aquilo; a renascença clássica; a sobrevivência romântica, e outros títulos igualmente envolventes), que, como assistia a todas essas palestras, a literatura devia estar ficando muito árida; depois

(aqui, ela foi a uma recepção dada por uma senhora da nobreza), que, como vestia todas essas estolas de peles, a literatura devia estar ficando muito respeitável; depois (aqui ela visitou, em Chelsea, o quarto à prova de som de Carlyle), que, como precisava de todo esse afago, o gênio devia estar ficando muito frágil; e, assim, acabou por chegar à sua conclusão final, que era da mais alta importância, mas que, como já ultrapassamos em muito nosso limite de seis linhas, devemos omitir.

Tendo chegado a essa conclusão, Orlando ficou olhando pela janela por um considerável espaço de tempo. Pois, quando alguém chega a uma conclusão é como se tivesse arremessado a bola por cima da rede e devesse ficar esperando que o invisível adversário a devolvesse. O que, perguntou-se, lhe seria, agora, remetido do descolorido céu que pairava sobre a Chesterfield House? E, os punhos cerrados, ficou ali conjecturando por um considerável espaço de tempo. De repente, teve um sobressalto – e aqui só podíamos desejar que, tal como em ocasião anterior, a Pureza, a Castidade e a Modéstia empurrassem a porta, abrindo-a de par em par, permitindo-nos, ao menos, um respiro durante o qual pudéssemos pensar em como resumir o que agora, como é dever do biógrafo, precisa ser contado com toda a delicadeza. Mas não! Após terem jogado suas vestimentas brancas em cima da nudez de Orlando e tendo errado o alvo por alguns centímetros, essas senhoras tinham desistido de qualquer comunicação com ela por todos esses anos; e estavam agora envolvidas com outras coisas. Será, então, que não vai acontecer nada nessa pálida manhã de março para abrandar, velar, encobrir, esconder, tapar esse inegável evento, qualquer que seja ele? Pois, após aquele repentino e violento sobressalto, Orlando... mas, os céus sejam louvados, nesse mesmo momento ressoou lá fora um desses frágeis, estridentes, aflautados, espasmódicos e velhos realejos que às vezes ainda são postos em movimento, em becos e vielas, por tocadores italianos. Aceitemos sua intervenção, ainda que humilde, como se fosse a música das esferas, permitindo-lhe, com todos os seus engasgos e gemidos, preencher esta página com som até que se torne impossível negar que o evento está chegando; um evento que o laçao e a copeira viam chegando e o leitor também verá; pois a própria Orlando claramente não consegue mais ignorá-lo – deixemos que o som do realejo nos leve em pensamento, que, quando a música soa, não é mais que um barquinho, balançando sobre as

ondas; nos leve em pensamento, que, de todos os meios de transporte, é o mais tosco, o mais errático, por sobre os telhados e os quintais, onde há roupa pendurada para... que lugar é esse? Você reconhece o Green e no meio o campanário, e o portão com um leão deitado de cada lado? Ah, sim, é Kew! Bem, que seja para Kew, então. Assim, aqui estamos em Kew, e lhe mostrarei hoje (dois de março), debaixo da ameixeira, um jacinto-das-searas e um açafraão, e também um broto de amendoeira; caminhar por ali significa, pois, pensar em bulbos, peludos e vermelhos, enfiados na terra em outubro e agora já em flor; e sonhar com mais do que pode ser dito com exatidão, e tirar do estojo um cigarro ou mesmo um charuto, e jogar um agasalho debaixo de (como exige a rima) um carvalho, e ficar ali sentado, à espera do martim-pescador, que, ao que dizem, foi visto uma vez, à noitinha, voando, num relâmpago, de uma margem à outra.

Espere! Espere! Aí vem o martim-pescador; não, o martim-pescador não vem.

Contemple, enquanto isso, as chaminés das fábricas e sua fumaça; contemple os escriturários da cidade passando faceiros em sua roupa esportiva. Contemple a velha senhora levando o cachorro para um passeio e a criadinha exibindo, um tanto torto, seu chapéu novo pela primeira vez. Contemple-os a todos. Ainda que os céus tenham misericordiosamente decretado que os segredos de todos os corações permaneçam ocultos, de maneira que somos sempre tentados a imaginar algo que talvez não exista; ainda assim, vemos, através da fumaça de nosso cigarro, irromper em chamas, saudando-a, a esplêndida realização de naturais desejos por um chapéu, por um barco, por um rato numa vala; tal como uma vez vimos arder – a mente dá esses pulos e saltos bobos quando se derrama toda desse jeito e o realejo toca – tal como uma vez vimos arder uma fogueira, os minaretes ao fundo, num campo, perto de Constantinopla.

Salve! natural desejo! Salve! felicidade! divina felicidade! e os prazeres de todos os tipos, flores e vinho, embora uma murche e o outro inebrie; e bilhetes de trem de meia coroa para fugir de Londres no domingo, e entoar numa capela escura cânticos sobre a morte, e qualquer coisa, qualquer coisa, que interrompa e desconcerte o martelar das máquinas de escrever e a azáfama do arquivar de cartas nos escritórios e a labuta de forjar correntes e correias que mantêm o Império em pé. Salve até mesmo os toscos e rubros arcos nos lábios das balconistas (como se

Cupido, muito desastradamente, tivesse mergulhado o polegar em tinta vermelha e garatujado um símbolo ao passar). Salve, felicidade! martim-pescador voando, num relâmpago, de uma margem à outra, e todas as realizações do natural desejo, quer seja aquilo que o romancista homem diz ser; quer seja prece ou recusa; salve! em qualquer forma que venha, e que possa haver mais formas, e formas mais estranhas. Pois o regato corre tristonho – quem dera fosse verdade, já que a rima sugere a continuação: “como um sonho” – porém mais sombrio e pior que isso é nosso normal destino; sem sonhos, mas vivo, presunçoso, falante, corriqueiro, debaixo de árvores cuja sombra de um tom verde-oliva inunda o azul das asas do evanescente pássaro quando de repente ele vai como uma flecha de uma margem à outra.

Salve, pois, felicidade e, depois da felicidade, salve não aqueles sonhos que, tal como fazem com o rosto os espelhos mosqueados da recepção de uma estalagem do interior, inflam uma imagem nítida; não aqueles sonhos que fragmentam o todo e nos fazem em pedaços e nos machucam e nos desmembram durante a noite quando deveríamos estar dormindo; mas o sono, o sono, tão profundo que todas as formas se desfazem em pó de infinita maciez, em água de opacidade inescrutável, e ali, dobrados, enfaixados como uma múmia, como uma crisálida, deitemos de bruços sobre a areia, no fundo do sono.

Mas esperem! mas esperem! não iremos, desta vez, visitar a terra cega. Azul, como um fósforo riscado bem no centro do mais recôndito dos olhos, ele dribla, queima, rompe o selo do sono; o martim-pescador; de maneira que agora de novo se retrai, refluxo como uma maré, a rubra, espessa corrente da vida; borbulhante, gotejante; e nos levantamos devagar, enquanto nosso olhar (pois como é conveniente uma rima para nos ajudar a empreender a salvo a adversa transição da morte para a vida) recai sobre... (aqui o realejo abruptamente para de tocar.)

“É um lindo menino, minha senhora”, disse a sra. Banting, a parteira, pondo nos braços de Orlando seu primogênito. Em outras palavras, Orlando dera à luz, sem complicações, um filho, numa quinta-feira, 20 de março, às três horas da manhã.

UMA VEZ MAIS ORLANDO POSTOU-SE à janela, mas o leitor deve criar coragem; nada do mesmo tipo vai acontecer hoje, que não é, de modo algum, o mesmo dia. Não; pois se olharmos pela janela, como fazia

Orlando no momento, veremos que a própria Park Lane mudara consideravelmente. Na verdade, podia-se ficar ali por dez minutos ou mais, como fazia Orlando agora, sem ver um único landau. “Olhe só aquilo!”, exclamou alguns dias depois, quando uma incrível carruagem, desmembrada e sem cavalos, começou a rodar sozinha. Uma carruagem sem cavalos, só faltava essa! Foi chamada assim que disse isso, mas voltou depois de um tempo, dando mais uma olhada pela janela. O tempo andava meio estranho atualmente. O próprio céu, não podia deixar de pensar, havia mudado. Não era mais tão espesso, tão encharcado de umidade, tão prismático, agora que o rei Edward – veja, ali está ele, desembarcando de seu elegante cupê para visitar uma certa dama do outro lado da rua – sucedera à rainha Vitória. As nuvens tinham se reduzido a uma tênue gaze; o céu, em dias de calor, se manchava de tons de azinhavre, de cobre ou laranja, feito metal exposto à neblina. Era um pouco alarmante esse encolhimento. Tudo parecia ter encolhido. Passando de carro pelo Palácio de Buckingham na última noite, não viu um único traço daquela vasta edificação que ela julgava eterna; cartolas, vestidos de luto de viúvas, cornetas, telescópios, coroas fúnebres, tudo tinha desaparecido sem deixar marca, nem sequer uma poça, na calçada. Mas era agora – após outro intervalo ela tinha voltado de novo ao seu posto predileto junto à janela – agora, à boca da noite, que a mudança era mais notável. Veja as luzes nas casas! Com um toque, um aposento inteiro se iluminava; centenas de aposentos se iluminavam; e um era exatamente como o outro. Podia-se enxergar tudo nesses caixotes quadrados; não havia privacidade alguma; nenhuma daquelas constantes sombras e estranhas quinas que havia antes; nenhuma daquelas mulheres de avental carregando lamparinas bruxuleantes que punham cuidadosamente sobre esta e aquela mesa. Com um toque, o aposento inteiro se iluminava. E o céu era claro a noite inteira; e as calçadas eram claras; tudo era claro. Ela voltou ao seu posto ao meio-dia. Como as mulheres tinham se afinado ultimamente! Pareciam espigas de milho, retas, reluzentes, idênticas. E os rostos dos homens eram lisos como a palma de nossa mão. A aridez da atmosfera salientava a cor de tudo e parecia enrijecer os músculos das faces. Era agora mais difícil chorar. A água esquentava em dois segundos. A hera morrera ou fora eliminada das casas. As hortaliças eram menos férteis; as famílias, muito menores. As cortinas e as capas encolheram e as

paredes ficaram vazias, de maneira que novas imagens, brilhantemente coloridas, de coisas reais como ruas, guarda-chuvas, foram postas em quadros e penduradas, ou foram pintadas sobre a madeira. Havia na época atual algo de definido e distintivo, que lhe lembrava o século dezoito, exceto que havia um desespero, uma desesperança... enquanto pensava nisso, o túnel imensamente longo pelo qual parecia ter estado viajando por centenas de anos se alargava; a luz entrava em jorros; seus pensamentos se tornavam misteriosamente premidos e retesados como se um afinador de piano lhe tivesse posto a chave nas costas, torcendo-lhe os nervos ao máximo; ao mesmo tempo, sua audição se tornava mais apurada; conseguia ouvir cada murmúrio e estalido na sala, de maneira que o tique-taque do relógio em cima da lareira soava como um martelo. E, assim, por alguns segundos, a luz se tornava mais e mais brilhante, e ela via tudo mais e mais claramente, e o relógio batia mais e mais alto até que houve uma terrível explosão junto ao seu ouvido. Orlando saltou como se tivesse sido violentamente golpeada na cabeça. Dez vezes foi golpeada. Na verdade, eram dez horas da manhã. Era onze de outubro. Era 1928. Era o momento presente.

Não é de se estranhar que Orlando tenha tido um sobressalto, levado a mão ao peito e empalidecido. Pois pode haver revelação mais aterradora do que esta? Que este é o momento presente. Que, de alguma maneira, só conseguimos sobreviver ao choque porque o passado nos protege de um lado e o futuro do outro. Mas não temos tempo agora para reflexões; Orlando já estava terrivelmente atrasada. Correu escada abaixo, saltou no carro a motor, apertou o botão de arranque e se foi. Imensos blocos azuis de edifícios erguiam-se no ar; capelos vermelhos de chaminés, delineados contra o céu, eram vistos aqui e ali; a estrada brilhava como pregos de cabeça prateada; os ônibus, com motoristas de esculturais rostos brancos ao volante, a pressionavam; vislumbrava esponjas, gaiolas de pássaros, caixas de pano verde americano. Mas não deixou que essas imagens, à medida que percorria a estreita tábua do presente, submergissem em sua mente nem mesmo uma fração de centímetro, para não se deixar cair na furiosa torrente que corria por debaixo. “Por que não olha para onde vai?... Não consegue botar a mão para fora?” – foi tudo o que conseguiu dizer, rispidamente, como se as palavras lhe saltassem da boca. Pois as ruas estavam incrivelmente cheias; as pessoas atravessavam sem olhar para

onde iam. As pessoas zuniam e zumbiam, como se fossem abelhas, em volta das vitrines, dentro das quais se podia ver um clarão de vermelho, uma faísca de amarelo, pensou Orlando – mas o pensamento de que pareciam abelhas foi violentamente interrompido e ela viu, recobrando a perspectiva com uma olhadela, que eram corpos humanos. “Por que não olham para onde vão?”, reclamou.

Por fim, entretanto, estacionou em frente à Marshall & Snelgrove e entrou na loja. Foi envolvida por sombra e perfume. O presente vertia dela como gotas de água escaldante. A luz oscilava para cima e para baixo como panos vaporosos soprados por uma brisa de verão. Tirou uma lista da bolsa e começou a ler, a princípio numa voz curiosamente tensa, como se estivesse segurando as palavras – botas de menino, saís de banho, sardinhas – sob uma torneira de água multicolorida. Via como mudavam à medida que a luz incidia sobre elas. “Banho” e “botas” botavam-se embotadas, obtusas; “sardinhas” serrava-se sozinha como um serrote. Ficou, assim, no departamento do andar térreo da Marshall & Snelgrove; olhava para um lado e para o outro; provava um perfume e depois outro, gastando nisso alguns segundos. Entrou, depois, no elevador, pela única razão de que a porta estava aberta; e foi suavemente arremessada para cima. Agora o próprio tecido da vida, pensou enquanto subia, é mágico. No século dezoito, sabíamos como tudo era feito; mas agora subo pelo ar; ouço vozes vindas da América; vejo homens voando – mas como tudo isso é feito não posso nem imaginar. Assim, minha crença na magia está de regresso. Agora, o elevador deu um ligeiro solavanco ao parar no primeiro andar; e ela teve a visão de inúmeros panos coloridos ondulando sob uma brisa da qual saíam perfumes distintos, estranhos; e cada vez que o elevador parava e as portas se abriam, outra fatia do mundo, ainda impregnada de todos os perfumes desse mundo, se revelava. Isso a fazia recordar-se da extensão de rio ao longo de Wapping, no tempo de Elizabeth, onde os navios mercantes e os navios carregados de tesouros costumavam ancorar. Como cheiravam a riqueza e novidade! Como se lembrava bem do toque das pedras brutas de rubi rolando-lhe por entre os dedos quando os mergulhava numa saca de tesouros! E, depois, de estar no chão com Sukey – ou seja lá qual fosse o nome dela – e de serem surpreendidos pela luz da lanterna de Cumberland lançada sobre eles! Os Cumberlands tinham agora uma casa na Portland Place e ela almoçara com

eles o outro dia, arriscando-se até a fazer um leve gracejo com o velho homem a respeito de asilos para pobres na Sheen Road. Ele piscara o olho. Mas agora, como o elevador não podia subir mais do que isso, ela devia saltar – só os céus sabem em qual “departamento”, que era o nome que lhe davam. Parou para consultar a lista de compras, mas seria muita sorte se conseguisse encontrar, como exigia a lista, saís de banho ou botas de menino em qualquer lugar à sua volta. E, na verdade, já estava pronta para descer de novo, sem comprar nada, mas foi poupada dessa vergonha ao ler em voz alta e automaticamente o último item da lista, que por acaso era “lençóis para cama de casal”.



Orlando na época atual

“Lençóis para cama de casal”, disse para um homem atrás de um balcão e, por um desígnio da Providência, eram exatamente lençóis que o homem atrás daquele exato balcão vendia. Pois Grimsditch, não, Grimsditch estava morta; Bartholomew, não, Bartholomew estava morta; pois, Louise, então – Louise a procurara, muito nervosa, no outro dia,

porque tinha encontrado um furo na ponta do lençol do leito real. Muitos reis e rainhas tinham dormido ali – Elizabeth; James; Charles; George; Vitória; Edward; não era de se estranhar que o lençol tivesse um furo. Mas Louise estava segura de saber quem o fizera. Fora o príncipe consorte.

“*Sale boche!*”, disse ela (pois tinha havido outra guerra; dessa vez contra os alemães.)

“Lençóis para uma cama de casal”, repetiu Orlando, sonhadoramente, para uma cama de casal com uma colcha prateada, num quarto decorado com um gosto que ela agora achava talvez um pouco vulgar – todo em prata; mas ela o mobiliara quando tinha paixão por aquele metal. Enquanto o homem foi atrás dos lençóis de casal, ela tirou da bolsa um espelhinho e um pompom de pó de arroz. As mulheres de agora eram muito menos cheias de rodeios em seus modos, pensou, empoando-se com a maior despreocupação, que as do tempo em que ela própria se tornara mulher e se estendia no convés do Enamoured Lady. Deu, com toda a calma, o tom desejado ao seu nariz. Nunca retocava as faces. Honestamente, embora tivesse agora trinta e seis anos, com certeza não aparentava ser nem um dia mais velha. Parecia tão desdenhosa, tão altiva, tão bonita, tão rosada (como uma árvore de natal com um milhão de velinhas, dissera Sasha) quanto naquele dia sobre o gelo, quando o Tâmis congelara e eles foram patinar...

“Do melhor linho irlandês, minha senhora”, disse o vendedor, estendendo os lençóis em cima do balcão... e encontraram uma velha catando gravetos. Nesse momento, enquanto ela explorava, distraidamente, o linho com os dedos, uma das portas de vaivém que separava os departamentos se abriu, deixando passar, vindo talvez da seção de artigos de luxo, um sopro de perfume, rescendendo a cera, colorido, como que de velas cor-de-rosa, que envolvia, como uma concha, uma figura (seria um rapaz, seria uma moça?) de aspecto jovem, esguio, sedutor; uma moça, oh, céus! coberta de peles, enrolada em pérolas, em calças russas; mas, infiel, infiel!

“Infiel!”, gritou Orlando (o homem tinha desaparecido), e toda a loja parecia corcovear e cabriolar em águas amareladas; ela viu, ao longe, os mastros do navio russo se afastando da praia, e então, milagrosamente (talvez a porta tivesse se aberto de novo), a concha que o perfume formara tornou-se uma plataforma, um estrado, do qual desceu uma mulher gorda,

envolvida em peles, maravilhosamente bem conservada, sedutora, um diadema na cabeça, amante de um grão-duque; ela que, debruçada sobre as margens do Volga, comendo sanduíches, vira homens se afogarem; e começou a caminhar pela loja, vindo em sua direção.

“Ah, Sasha!”, exclamou Orlando. Realmente, estava chocada que ela tivesse chegado a isso; tinha ficado tão gorda; tão letárgica; e baixou a cabeça sobre as roupas de cama, de modo que essa aparição – de uma mulher grisalha envolta em peles e de uma moça em calças russas – com todos esses cheiros de velas de cera, flores brancas e velhos navios que ela trazia consigo pudesse passar às suas costas sem ser vista.

“Alguma coisa, hoje, de guardanapos, toalhas, panos para tirar o pó, minha senhora?”, insistiu o vendedor. E foi em grande parte graças à lista de compras, que Orlando agora consultava, que ela foi capaz de responder, aparentando a maior compostura, que havia apenas uma coisa no mundo que ela precisava e eram sais de banho; que ficavam noutra departamento.

Mas tão insidiosa é a repetição de qualquer cena que, descendo outra vez pelo elevador, mergulhou de novo muito abaixo da camada do momento presente; e quando o elevador bateu no térreo pensou ter ouvido um pote sendo quebrado contra uma margem de rio. Quanto a encontrar o departamento certo, qualquer que fosse, ficou ali parada, absorta em meio às bolsas, surda às sugestões de todos os atenciosos, bem penteados e joviais vendedores vestidos de preto, que vindo, como ela, de locais inclusive tão profundos do passado quanto ela, e alguns deles talvez igualmente orgulhosos, preferiam baixar a impermeável cortina do presente, de maneira que hoje se apresentavam simplesmente como vendedores da Marshall & Snelgrove. Orlando ficou ali, hesitante. Podia ver, pelas grandes portas de vidro, o trânsito na Oxford Street. Ônibus pareciam subir em cima uns dos outros e depois se desgrudarem aos arrancos. Era assim que os blocos de gelo corcoveavam e cabriolavam naquele dia sobre o Tâmis. Um nobre idoso, em chinelos de pele, sentara, como quem monta a cavalo, em cima de um deles. Lá ia ele – ainda podia vê-lo agora – praguejando contra os rebeldes irlandeses. Afundara ali, onde seu carro estava agora estacionado.

“O tempo me atropelou”, refletiu, tentando se recompor; “é a investida da meia-idade. Como isso é estranho! Nada é mais uma única coisa. Pego uma bolsa e penso numa velha congelada dentro de um barco. Alguém

acende uma vela cor-de-rosa e vejo uma moça em calças russas. Quando saio para a rua, como faço agora”, aqui ela pôs os pés na calçada da Oxford Street, “que gosto sinto? Gosto de delicadas ervas. Ouço sinetas de cabras. Vejo montanhas. Turquia? Índia? Pérsia?” Seus olhos se encheram de lágrimas.

Talvez o leitor, que a vê agora se preparando para entrar em seu carro, com os olhos cheios de lágrimas e de visões das montanhas da Pérsia, considere que Orlando tenha se afastado um pouco demais do momento presente. E, de fato, não se pode negar que os mais bem-sucedidos praticantes da arte da vida, pessoas, aliás, com frequência desconhecidas, conseguem, de alguma forma, sincronizar as sessenta ou setenta diferentes horas que batem simultaneamente em todo sistema humano normal, de maneira que, quando batem as onze horas, todas as outras soam em uníssono e o presente não é um violento corte no passado nem é inteiramente esquecido nele. Deles só podemos dizer com justiça que vivem precisamente os sessenta e oito ou setenta e dois anos a eles atribuído na lápide. Do resto, alguns sabemos estarem mortos, embora andem entre nós; alguns ainda não nasceram, embora experimentem formas de vida; outros têm centenas de anos, embora proclamem ter trinta e seis. A verdadeira duração da vida de uma pessoa, não importa o que possa dizer o *Dicionário da biografia nacional*, é sempre uma questão controversa. Pois se trata de uma tarefa difícil, essa de cronometrar o tempo; nada a desconcerta mais rapidamente do que o contato com qualquer das artes; e talvez a culpa por Orlando ter perdido a lista de compras e se dirigido para casa sem as sardinhas, os sais de banho ou as botas deva ser atribuída ao seu amor pela poesia. Agora, ali em pé com a mão na porta do carro, o presente golpeou-lhe de novo a cabeça. Onze vezes foi violentamente atacada.

“Maldição!”, exclamou, pois é um grande choque para o sistema nervoso ouvir um relógio soar as horas – tanto que agora, por algum tempo, não há nada a dizer sobre ela, exceto que franziu levemente a testa, passou as marchas admiravelmente e gritou, como antes, “Por que não olha para onde vai?”, “Não sabe o que quer?”, “Então, por que não disse antes?”, enquanto o automóvel disparava, serpenteava, se enfiava e deslizava por entre os outros carros, pois ela era uma exímia motorista, descendo a Regent Street, a Haymarket, a Northumberland Avenue e,

depois, atravessando a ponte de Westminster, para a esquerda, para a frente, para a direita, para a frente de novo...

A Old Kent Road estava muito movimentada nesta quinta, onze de outubro de 1928. As calçadas transbordavam de tanta gente. Havia mulheres com sacolas de compra. Crianças corriam de um lado para o outro. Os armarinhos faziam queima de saldos. As ruas se alargavam e se estreitavam. Paisagens amplas e abertas se tornavam diminutas e cerradas a olhos vistos. Aqui via-se um mercado. Ali, um cortejo fúnebre. Acolá, uma manifestação com faixas nas quais se lia “Ma... Des...”, mas o que mais? A carne era muito vermelha. Açougueiros se postavam à porta. As mulheres quase tinham seus calcanhares arrancados. Amor Vin – estava escrito em cima de uma porta. Uma mulher olhava pela janela de um quarto de dormir, muito imóvel e profundamente contemplativa. Applejohn & Applebed, Ag... Funer... Nada podia ser visto por inteiro ou ser lido do começo ao fim. O que se via começar – como dois amigos, cada um de um lado da rua, começando a atravessá-la para se encontrarem – nunca se via terminar. Depois de vinte minutos, o corpo e a mente eram como pedaços de papel picado transbordando de um saco, e, de fato, o processo de sair de automóvel rapidamente de Londres se assemelha tanto ao da fragmentação da identidade que antecede o estado de inconsciência e talvez a própria morte, que saber em que sentido se pode dizer que Orlando existia no presente momento constitui uma questão em aberto. Na verdade, deveríamos considerá-la uma pessoa inteiramente desmantelada não fosse pelo fato de que agora, por fim, uma pequena tela verde, contra a qual os pedacinhos de papel caíam mais devagar, fora estendida à direita; e, depois, outra fora estendida à esquerda, de modo que agora era possível ver papeizinhos separados darem voltas sozinhos no ar; e, depois, telas verdes foram estendidas em fileira em ambos os lados, de modo que sua mente readquiriu a ilusão de manter as coisas dentro de si, vendo, então, uma casinhola, um terreiro e quatro vacas, tudo exatamente em tamanho natural.

Quando isso aconteceu, Orlando deu um suspiro de alívio, acendeu um cigarro e fumou em silêncio por um ou dois minutos. Depois, chamou, hesitante, como se a pessoa que procurava pudesse não estar ali: “Orlando?” Pois se há (arrisquemos) setenta e seis diferentes horas, todas batendo dentro da mente ao mesmo tempo, quantas pessoas diferentes não

haverá – que os céus nos protejam – todas alojadas num momento ou noutro no espírito humano? Alguns dizem que duas mil e cinquenta e duas. De modo que é a coisa mais corriqueira do mundo uma pessoa chamar, assim que se vê a sós, Orlando? (caso seja esse o seu nome), querendo com isso dizer: Vem, vem! Não aguento mais esse eu de agora. Quero outro. Daí as espantosas mudanças que vemos em nossos amigos. Mas também não é tão simples assim, pois embora possamos dizer, como Orlando disse (estando fora, no campo, e, aparentemente, precisando de um outro eu): Orlando?, ainda assim o Orlando de que ela precisa pode não vir; esses eus de que somos constituídos, um em cima do outro, como pratos se empilhando nas mãos de um garçom, têm afeições em outros lugares, simpatias, certas exigências e direitos próprios, dê-se a isso o nome que se queira (e para muitas dessas coisas não existe nenhum nome), de maneira que um virá apenas se estiver chovendo, um outro se o quarto tiver cortinas verdes, um outro ainda se a sra. Jones não estiver ali, e um outro mais se lhe for prometido um cálice de vinho... e assim por diante; pois cada um pode, com base em sua própria experiência, ampliar a lista, enumerando as diferentes condições que foram acordadas com seus diferentes eus – e algumas são tão incrivelmente ridículas que não podem, de modo algum, ser mencionadas em letra de fôrma.

Assim, Orlando, ao fazer a volta, perto do celeiro, chamou “Orlando?” com um tom de dúvida na voz e esperou. Orlando não veio.

“Tudo bem, então”, disse Orlando, com o bom humor que as pessoas exercitam nessas ocasiões; e tentou um outro. Pois tinha uma grande variedade de eus para convocar, ultrapassando em muito o espaço que conseguimos arranjar para alojá-los, uma vez que uma biografia é considerada completa se consegue dar conta de meros seis ou sete eus, enquanto uma pessoa pode facilmente chegar a ter muitos milhares deles. Escolhendo, pois, apenas aqueles eus para os quais encontramos espaço, Orlando pode agora ter convocado o menino que decepara a cabeça do negro; o menino que voltara a pendurá-la; o menino que ficara sentado no alto da colina; o menino que vira o poeta; o menino que oferecera à rainha a tigela de água de rosas; ou podia ter convocado o rapaz que se apaixonara por Sasha; ou o cortesão; ou o embaixador; ou o soldado; ou o viajante; ou podia ter querido que a mulher viesse até ela; a cigana; a requintada dama; a eremita; a moça apaixonada pela vida; a patronesse das

letras; a mulher que chamava Mar (significando banhos quentes e fogueiras à noite) ou Shelmerdine (significando flores de açafão nos bosques outonais) ou Bonthrop (significando a morte que morremos a cada dia) ou todas as três juntas – o que significava mais coisas do que o espaço que temos à disposição para registrá-las – eram todos diferentes e ela podia ter convocado qualquer um deles.

Talvez; mas o que parecia certo (pois estamos agora na região do “talvez” e do “parece”) é que o eu de que ela mais precisava mostrava-se arredo, pois, a julgar pelo jeito como falava, ela mudava os seus tão rapidamente quanto dirigia (havia um novo a cada esquina), o que acontece quando, por alguma inexplicável razão, o eu consciente, que é o eu supremo e tem a capacidade de desejar, não deseja nada mais do que ser ele mesmo. É o que as pessoas chamam de eu verdadeiro, que é, ao que dizem, a condensação de todos os eus que temos a capacidade de ser, comandado e mantido sob prisão pelo eu-capitão, o eu-chave, que funde e controla todos eles. Orlando certamente buscava esse eu, como o leitor pode julgar ao ouvi-la falar enquanto dirigia (e se sua fala é confusa, desconexa, trivial, enfadonha e às vezes ininteligível, a culpa é do leitor por ficar ouvindo uma dama falando sozinha; limitamo-nos a transcrever suas palavras à medida que as pronunciava, acrescentando, entre parênteses, qual eu, em nossa opinião, detinha a fala, mas é muito possível que estejamos errados quanto a isso).

“O quê, então? Quem, então?”, disse ela. “Trinta e seis anos; num automóvel; uma mulher. Sim, mas também um milhão de outras coisas. Sou uma esnobe? A jarreteira no salão? Os leopardos? Meus ancestrais? Orgulhosa deles? Sim! Ávida, lasciva, perversa? Sou? (Aqui um novo eu se introduziu). Pouco estou ligando se sou ou não. Confiável? Acho que sim. Generosa? Ah, mas isso não conta (aqui um novo eu se introduziu.) Ficar na cama a manhã toda, em meio a lençóis de fino linho, ouvindo os pombos; baixelas de prata; vinho; camareiras; lacaios. Mimada? Talvez. Coisas demais para nada. Para fora! meus livros (aqui ela mencionou cinquenta títulos clássicos; que representavam, assim acreditamos, as obras do primeiro período do romantismo que ela havia rasgado.) Superficial, prolixa, romântica. Mas (aqui outro eu se introduziu) uma desajeitada, uma desastrada. Não podia ser mais estabonada. E... e... (aqui hesitou em busca de uma palavra e, se sugerimos “amor”, talvez seja um

engano de nossa parte, mas ela com certeza riu e corou e então gritou...) Um sapo engastado em esmeraldas. Harry, o arquiduque! Varejeiras azuis no teto. (Aqui outro eu se introduziu.) Mas Nell, Kit, Sasha? (ela estava mergulhada em tristeza: lágrimas começaram, na verdade, a se formar, mas ela havia muito não chorava mais). Árvores, disse. (Aqui outro eu se introduziu). Adoro árvores (passava por um bosque), ali crescendo por centenas de anos. E celeiros (passava por um celeiro em ruínas na beira da estrada.) E cães pastores (aqui vinha um atravessando a estrada. Evitou-o cuidadosamente). E a noite. Mas pessoas (aqui outro eu se introduziu). Pessoas? (Repetiu em forma de pergunta.) Não sei. Tagarelas, maldosas, sempre contando mentiras. (Aqui mudou de direção, entrando na rua mais importante de sua vila natal, que estava cheia – pois era dia de mercado – de agricultores e pastores e velhas com galinhas em cestas.) Gosto de camponeses. Entendo de lavoura. Mas (aqui vinha outro eu, saltando, como o raio de um farol, por sobre o topo de sua mente). Fama! (Deu uma risada.) Fama! Sete edições. Um prêmio. Fotografias nos vespertinos (aqui ela aludia a “O carvalho” e ao Prêmio Memorial Burdett Coutts que havia conquistado; e somos obrigados a roubar algum espaço para comentar o quanto é desconcertante para seu biógrafo que este clímax para o qual o livro inteiro se encaminhava, esta peroração com a qual o livro deveria terminar nos sejam surripiados por uma risada fortuita como essa; mas a verdade é que, quando escrevemos sobre uma mulher, tudo está fora de lugar – clímax e perorações; a ênfase nunca cai onde cairia no caso de um homem). Fama! repetiu. Uma poeta – uma charlatã; ambas toda manhã, tão regular quanto a entrega do correio. Jantares, encontros; encontros, jantares; fama – fama! (Aqui foi obrigada a diminuir a velocidade para passar pelo meio da multidão de gente do mercado. Mas ninguém a notou. Um golfinho numa banca de peixe atraía mais a atenção que uma dama que ganhara um prêmio e podia, se quisesse, usar três diademas, um em cima do outro, na testa.) Dirigindo muito devagar, ela agora cantarolava, quase sussurrando, como se fosse o pedaço de uma canção antiga: “Com meus guinéus comprarei árvores em flor, árvores em flor, árvores em flor, e caminharei por entre as árvores em flor e cantarei aos meus filhos da fama o valor”. Assim cantarolava, e agora todas as suas palavras começavam a ruir aqui e ali, como um colar primitivo de pesadas contas. “E caminharei por entre as árvores em flor”, cantarolava, marcando

fortemente as palavras, “e verei a lua surgir devagar, e verei o vagão passar...” Aqui parou abruptamente e olhou, concentrada, para o capô do carro, em profunda meditação.

“Ele estava sentado à mesa de Twitchett”, disse sonhadoramente, “com uma gola de tufo suja... Era o velho sr. Baker, que viera medir a madeira? Ou era Sh...p...re? (pois quando pronunciamos nomes pelos quais temos profunda reverência, nunca os pronunciamos por inteiro). Ficou olhando fixamente para a frente por dez minutos, com o carro quase parado.

“Maldição!”, exclamou, de repente pisando fundo no acelerador. “Maldição! desde que eu era uma criança. Lá vai, voando, o ganso selvagem. Passa voando pela janela em direção ao mar. Pulei (segurei o volante com mais força), me esticando para alcançá-lo. Mas o ganso voava ligeiro demais. Eu o vi, aqui... ali.. acolá... Inglaterra, Pérsia, Itália. Ele sempre voa ligeiro em direção ao mar e eu sempre atiro-lhe palavras como se fossem redes (aqui ela atirou a mão para fora) que murcham como as que vi amontoadas no convés só com algas dentro; e às vezes há uns três centímetros de prata – seis palavras – bem no fundo da nossa rede. Mas nunca o peixe que vive nas colônias de coral.” Aqui ela baixou a cabeça, em meditação profunda.

E foi nesse momento, quando tinha parado de chamar “Orlando” e estava mergulhada em pensamentos de outra ordem, que a variante de Orlando que ela convocara veio por iniciativa própria; como ficou provado pela mudança que agora lhe sobrevinha (tinha passado pelos portões de entrada e estava atravessando o parque).

Todo o seu ser se obscureceu e se assentou, como quando se acrescenta uma ogiveta a uma superfície para dar-lhe arredondamento e solidez e o raso se torna fundo, e o próximo, distante; e tudo fica contido, tal como a água é contida pelos lados de um poço. Assim, ela estava agora obscurecida, aquietada, tornando-se, com a adição dessa variante de Orlando, o que é chamado, certa ou erradamente, de eu único, de eu real. E se calou. Pois é provável que, quando as pessoas falam sozinhas, os eus (dos quais pode haver mais de dois mil) estão conscientes da divisão e estão tentando se comunicar, mas quando a comunicação é estabelecida, se calam.

Habilmente, velozmente, ela conduziu o carro pela sinuosa aleia entre os olmos e os carvalhos, seguindo depois pela arqueada relva do parque,

que se curvava num ângulo tão suave que se fosse água teria coberto a praia com uma delicada maré verde. Erguiam-se aqui, em solenes grupos, faias e carvalhos. Os cervos andavam por entre elas: um, branco como a neve; outro, com a cabeça de lado, pois uma rede de arame se enredara nos seus chifres. Tudo isso, as árvores, os cervos, a relva, ela observava com a maior das alegrias, como se sua mente tivesse se tornado um fluido e fluísse em volta das coisas, envolvendo-as inteiramente. No minuto seguinte, estacionava no pátio, ao qual, durante séculos, tinha chegado, em montaria ou numa carruagem de seis cavalos, com homens cavalgando à frente ou atrás; no qual plumagens tinham sido agitadas, tochas tinham sido acesas, e as mesmas árvores floridas que agora deixavam cair suas folhas tinham perdido suas flores. Agora estava só. As folhas de outono não paravam de cair. O porteiro abriu os portões. “Bom dia, James”, disse ela, “há algumas coisas no carro. Pode trazê-las para dentro?”, palavras, em si mesmas, sem nenhuma beleza, interesse ou importância, deve-se admitir, mas agora tão plenas de significado que caíam como nozes maduras caem de uma árvore, provando que, quando a pele murcha do ordinário está recheada de significado, ela satisfaz maravilhosamente os sentidos. De fato, isso era agora verdadeiro a respeito de cada movimento e ação, por mais corriqueiros que fossem; de modo que ver Orlando trocar a saia por um par de calças listradas e uma jaqueta de couro, o que ela fez em menos de três minutos, significava encantar-se com a beleza dos movimentos, como se madame Lopokova estivesse exercitando seus supremos talentos artísticos. Entrou, então, a passos largos, na sala de jantar, onde seus velhos amigos Dryden, Pope, Swift, Addison a olharam reservadamente a princípio, como quem dissesse “eis aqui a vencedora do prêmio!”, mas quando se deram conta de que estavam em jogo duzentos guinéus, balançaram a cabeça em aprovação. Duzentos guinéus, pareciam dizer; duzentos guinéus não é coisa para a qual se deva torcer o nariz. Ela cortou para si mesma uma fatia de pão e uma de presunto, juntou as duas e começou a comer, andando a passos largos de uma ponta à outra da sala, deixando, assim, de lado, em um segundo, sem pensar, suas graças sociais. Depois de cinco ou seis voltas dessas, sorveu, de um gole, um cálice inteiro de vinho tinto espanhol e, enchendo outro, que pegou na mão, caminhou pelo longo corredor, passando por uma dúzia de salas de estar e

dando início, assim, a uma ronda de inspeção pela casa, escoltada pelos elkhounds e spaniels que se mostraram dispostos a acompanhá-la.

Isso tudo fazia parte, igualmente, de sua rotina diária. Antes chegar em casa e deixar a avó sem um beijo do que voltar para casa sem inspecioná-la. Tinha a ilusão de que os aposentos se iluminavam quando ela chegava; se remexiam, abriam os olhos como se tivessem cochilado durante sua ausência. Tinha também a ilusão de que, ainda que os tivesse visto centenas e milhares de vezes, eles nunca pareciam os mesmos, como se uma vida tão longa quanto a deles os tivesse imbuído de uma miríade de estados de humor, que mudavam com o inverno e o verão, com o céu claro e o céu encoberto, e com as venturas ou as desventuras dela e com a personalidade das pessoas que os visitavam. Eram sempre amáveis com os estranhos, mas um pouco aborrecidos: com ela, eram inteiramente francos e se sentiam à vontade. Na verdade, por que não? Conheciam-se por quase quatro séculos agora. Não tinham nada a esconder. Ela conhecia suas tristezas e alegrias. Sabia a idade de cada parte deles e conhecia seus pequenos segredos – uma gaveta secreta, um armário escondido, ou algum defeito, talvez, como uma parte remendada ou acrescentada depois. Eles também a conheciam, em todos os seus humores e mudanças. Não escondera nada deles; tinha vindo até eles quando menino e quando mulher, chorando e dançando, melancólica e radiante. Neste banco junto à janela, escrevera seus primeiros versos; naquela capela, se casara. E aqui seria enterrada, refletiu, ajoelhando-se diante do peitoril da janela da longa galeria e bebericando seu vinho espanhol. Embora ela mal conseguisse imaginá-lo, o corpo do leopardo heráldico projetaria poças amarelas no chão no dia em que a baixassem para ficar junto a seus ancestrais. Ela, que não acreditava em nenhuma imortalidade, não podia deixar de sentir que sua alma, junto com os vermelhos do revestimento das portas e os verdes do sofá, estaria indo e vindo para sempre. Pois o quarto – tinha entrado no quarto do embaixador – brilhava como uma concha que, tendo jazido durante séculos no fundo do mar, se cobrira de crostas e fora pintada pela água em um milhão de matizes; era cor-de-rosa e amarelo, verde e cor-de-areia. Era frágil como uma concha e, como ela, iridescente e vazio. Nunca mais nenhum embaixador dormiria ali. Ah, mas ela sabia onde o coração da casa ainda batia. Abrindo suavemente uma porta, parou na soleira, de modo que (assim imaginava) o quarto não pudesse vê-la, e ficou olhando a

tapeçaria subir e descer, sob a ação da eterna e suave brisa que nunca deixava de agitá-la. O caçador ainda cavalgava; Dafne ainda fugia. O coração ainda batia, pensou, embora debilmente, embora muito distante; o frágil e indomável coração do imenso edifício.

Agora, chamando sua tropa de cães para junto de si, desceu pela galeria, cujo chão era assoalhado com toras inteiras de carvalho serradas ao meio e assentadas com a parte plana para cima. Fileiras de poltronas, com o veludo todo desbotado, estavam alinhadas contra a parede, os braços abertos para Elizabeth, para James, para Shakespeare talvez, para Cecil, que nunca vieram. O cenário a deixava triste. Desatou a corda que as cercava. Sentou-se na poltrona da rainha; abriu um livro manuscrito que estava em cima da mesa de lady Betty; agitou as velhas pétalas de rosa com os dedos; penteou o cabelo curto com a escova de prata do rei James; deu saltos na cama dele (mas nenhum rei dormiria mais ali, apesar dos novos lençóis de Louise) e pressionou o rosto contra a gasta colcha prateada que o cobria. Mas por toda parte havia saquinhos de alfazema para afastar as traças e avisos impressos, “Roga-se não tocar”, que, embora afixados por ela própria, pareciam repreendê-la. A casa não era mais inteiramente sua, suspirou. Pertencia agora ao tempo; à história, fugia à intervenção e ao controle dos vivos. Nunca mais se derramaria cerveja aqui, pensou (estava no quarto que tinha sido do velho Nick Greene), nem haveria marcas de queimadura no tapete. Nunca mais duzentos criados viriam correndo e brigando pelos corredores, com braseiros para aquecer as camas e toras de lenha para alimentar as enormes lareiras. Nunca mais se fermentaria cerveja, se fabricariam velas, se moldariam selas ou se talhariam pedras nas oficinas da propriedade. Martelos e marretas estavam agora silenciosos. Sofás e camas estavam vazios; canecos de cerveja estavam trancados em caixas de vidro. As grandes asas do silêncio adejavam pela casa vazia.

Sentou-se, assim, no fim da galeria, na poltrona dura da rainha Elizabeth, com os cães deitados à sua volta. A galeria se prolongava por uma boa distância antes de chegar a um ponto que a luz mal alcançava. Era como um túnel cavado fundo no passado. À medida que seus olhos a percorriam, ela podia ver pessoas rindo e falando; os grandes homens que conhecera; Dryden, Swift e Pope; e estadistas em sérias discussões; e amantes namorando nos bancos sob a janela; e gente comendo e bebendo

em compridas mesas; e a fumaça da lenha se enroscando em volta de suas cabeças, fazendo-os espirrar e tossir. Mais adiante, viu conjuntos de esplêndidos dançarinos alinhados para a quadrilha. Uma música frágil, aflautada, mas ainda assim imponente, começou a tocar. Um órgão ribombou. Um ataúde era carregado para a capela. Um cortejo nupcial saía dela. Homens armados e com capacetes na cabeça partiam para a guerra. Traziam de volta estandartes de Flodden e Poitiers e penduravam-nos na parede. A longa galeria ficava, assim, com a parede toda coberta, e olhando ainda mais para a frente, julgou entrever, bem no fundo, para além dos elisabetanos e dos Tudors, alguém mais velho, mais distante, mais sombrio, um vulto encapuzado, monástico, severo, um monge, que caminhava carregando um livro nas mãos juntas, murmurando...

Como um trovão, o relógio do estábulo soou as quatro horas. Nunca terremoto algum pôs abaixo uma vila inteira assim. A galeria e seus ocupantes foram reduzidos a pó. Seu próprio rosto, que estivera escuro e sombrio enquanto percorria a galeria com os olhos, iluminou-se como que por uma explosão de pólvora. Tudo que estava perto dela mostrou-se, sob essa mesma luz, com extrema nitidez. Viu duas moscas voando ao redor e notou o brilho azulado que havia nos seus corpos; viu um nó na tora de madeira onde seu pé pisava e a orelha de seu cão se contraindo. Ao mesmo tempo, ouviu um galho estalando no jardim, uma ovelha balindo no parque, um gavião gritando para além da janela. Seu próprio corpo tremeu e se arrepiou como se de repente tivesse ficado nua em meio a uma rigorosa geada. Manteve, contudo, como não havia feito em Londres quando o relógio soou as dez horas, toda a compostura (pois era agora uma e inteira, expondo, talvez, uma superfície mais ampla ao choque do tempo). Ergueu-se, mas sem precipitação, chamou seus cães e desceu, firme mas com movimentos ágeis, as escadas, saindo para o jardim. Aqui, as sombras das plantas eram miraculosamente distintas entre si. Percebia cada grão de terra nos canteiros de flores como se tivesse um microscópio grudado no olho. Via os mínimos e intrincados detalhes dos gravetos de cada árvore. Cada fiapo de grama era diferente de outro, como era diferente de qualquer outro o feitio de cada nervura e de cada pétala. Viu Stubbs, o jardineiro, vindo pela trilha, e cada botão de sua perneira era perceptível; viu Betty e Prince, os cavalos de carga, e nunca reparara tão claramente na estrela branca na testa de Betty, nem nos três pelos mais

compridos que os outros no rabo de Prince. Lá fora, no pátio interno do quadrângulo, as velhas paredes cinzas da casa pareciam uma fotografia nova que sofrera um arranhão; ouviu o alto-falante destilando no terraço uma música de dança que as pessoas estavam ouvindo em Viena, na Ópera atapetada de vermelho. Revigorada e reanimada pelo presente momento, sentia-se também estranhamente temerosa, como se, sempre que o golfo do tempo se abrisse e deixasse passar um segundo, junto com ele pudesse vir algum perigo desconhecido. A tensão era por demais inexorável e por demais severa para ser suportada por muito tempo sem desconforto. Caminhava mais vigorosamente do que gostaria, como se suas pernas se movessem sozinhas, atravessando o jardim e saindo no parque. Aqui se obrigou, fazendo um grande esforço, a parar na carpintaria, e ficou ali quieta, vendo Joe Stubbs dar forma a uma roda de carroça. Estava ali, com os olhos fixados na mão dele, quando soou o quarto de hora, atingindo-a com a violência de um meteoro tão quente que não havia dedos que pudessem segurá-lo. Viu, com uma clareza chocante, que o polegar da mão direita de Joe não tinha unha e que, no seu lugar, havia um disco de carne rosada. A visão era tão repugnante que por um instante sentiu-se desfalecer, mas naquele momento de escuridão, quando suas pálpebras tremularam, viu-se aliviada da pressão do presente. Havia alguma coisa de estranho na sombra projetada pelo tremular de seus olhos, alguma coisa que (como qualquer um pode comprovar por conta própria olhando agora para o céu) está sempre ausente do presente – vem daí seu terror, seu caráter indefinido – alguma coisa na qual vacilamos em fincar um alfinete e rotulá-la com o nome de beleza, pois ela não tem nenhum corpo, é como uma sombra sem substância ou qualidade própria, mas com o poder de mudar qualquer coisa à qual se junta. Agora essa sombra, enquanto seus olhos tremulavam, ao desfalecer na carpintaria, esgueirou-se e, juntando-se às incontáveis vistas que ela estivera recebendo, compôs com elas algo mais tolerável, compreensível. Sua mente começou a agitar-se, como o mar. Sim, pensou, exalando um profundo suspiro de alívio ao dar as costas à carpintaria para subir a colina, posso começar a viver de novo. Estou às margens do lago Serpentine, pensou, o barquinho está transpondo o arco branco das mil mortes. Estou prestes a compreender...

Essas foram as palavras, pronunciadas muito distintamente, mas não podemos esconder o fato de que ela era agora uma testemunha bastante

indiferente à verdade do que estava diante de seus olhos e podia facilmente ter tomado uma ovelha por uma vaca, ou um velho chamado Smith por um chamado Jones e que não tinha nenhum parentesco com o primeiro. Pois a sombra do desmaio que o polegar sem a unha projetara tinha agora se assentado no fundo do seu cérebro (que é a parte mais distante da vista), transformando-se num poço onde as coisas vivem numa escuridão tão densa que quase não sabemos mais o que elas são. Ela agora olhou para dentro desse poço ou desse mar no qual tudo se reflete – e, na verdade, dizem alguns que nossas paixões mais violentas e a arte e a religião são os reflexos que vemos no sombrio buraco no fundo da nossa mente quando o mundo visível se torna momentaneamente obscurecido. Ela olhava para ali agora, longamente, profundamente, intensamente, e logo a trilha margeada de samambaias na subida da colina, ao longo da qual ela agora caminhava, não era mais apenas uma trilha, mas, em parte, também o lago Serpentine; os espinheiros eram, em parte, damas e cavalheiros sentados, com estojos de cartões de visita e bengalas com castão de ouro; as ovelhas eram, em parte, casas altas de Mayfair; tudo era, em parte, alguma outra coisa, como se sua mente tivesse se tornado uma floresta com clareiras se bifurcando aqui e ali; as coisas se tornavam mais próximas, e mais distantes, e se misturavam e se separavam e faziam as mais estranhas alianças e combinações, num interminável tabuleiro de xadrez feito de luz e sombra. Exceto quando Canute, o elkhound, foi atrás de um coelho, fazendo-a lembrar-se de que deviam ser mais ou menos quatro e meia – faltavam, na verdade, vinte e três minutos para as seis – ela se esquecera da hora.

A trilha de samambaias levava, com muitos meandros e curvas, cada vez mais para o alto, em direção ao carvalho, que ficava no topo. Ele tinha ficado mais alto, mais forte e mais cheio de nós desde que o vira pela primeira vez, em algum momento por volta do ano de 1588, mas ainda conservava todo o vigor. As pequenas folhas, acentuadamente franzidas, ainda tremulavam, vacilantes, nos galhos. Jogando-se no chão, sentiu os ossos da árvore irradiando-se por debaixo do corpo para todos os lados, como costelas saindo da espinha dorsal. Gostava de pensar que estava montada nas costas do mundo. Gostava de se encostar nalguma coisa dura. Ao se atirar ao chão, um livrinho quadrado, encadernado em tecido vermelho, caiu do bolso da frente de sua jaqueta de couro – seu poema “O

carvalho”. “Deveria ter trazido uma pazinha de jardinagem”, pensou. Havia tão pouca terra cobrindo as raízes que parecia duvidoso que ela conseguisse fazer o que pretendia, enterrar o livro aqui. Além disso, os cães o desenterrariam. Essas celebrações simbólicas nunca funcionam, pensou. Talvez fosse melhor, então, passar sem elas. Tinha um breve discurso na ponta da língua, que pretendia pronunciar ao enterrá-lo. (Era um exemplar da primeira edição, assinado pela autora e pelo ilustrador.) “Enterro isto como um tributo”, ia dizer, “um retorno à terra daquilo que a terra me deu”, mas, meu Deus!, assim que começou a pronunciar as palavras em voz alta, como elas pareciam bobas! Isso a fez lembrar-se do velho Greene subindo num estrado no outro dia, comparando-a a Milton (exceto pela cegueira) e entregando-lhe um cheque de duzentos guinéus. Pensara, pois, no carvalho, aqui em sua colina, perguntando-se o que tinha uma coisa a ver com a outra. O que o louvor e a fama tinham a ver com a poesia? O que sete edições (o livro já tinha chegado a não menos que isso) tinham a ver com o valor do livro? Escrever poesia não era uma conversa secreta, uma voz respondendo a outra? De modo que toda essa tagarelice e louvores e críticas e encontrar gente que nos admirava e encontrar gente que não nos admirava era o que poderia haver de mais incoerente com a coisa em si – uma voz respondendo a outra. O que poderia haver de mais secreto, pensou, mais lento e mais parecido com a conversa de amantes do que a gaguejante resposta que dera ao longo de todos esses anos à velha e sussurrante cantiga dos bosques, e às lavouras e aos cavalos pardos parados à porteira, pescoço com pescoço, e à ferraria e à cozinha, e aos campos, tão laboriosamente produzindo trigo, nabos, capim, e ao jardim exibindo suas íris e fritilárias floridas?

Deixando, assim, o livro, sem enterrá-lo, jogado de qualquer jeito no chão, contemplou o amplo panorama, variado como o fundo do oceano neste fim de tarde, com o sol a iluminá-lo e as sombras obscurecendo-o. Havia um vilarejo com um campanário por entre os olmos; uma mansão cinzenta, encimada por uma cúpula, no meio de uma enorme área verde; um fiapo de luz brilhava nalguma estufa; um terreiro com uma pilha de espigas amarelas. Os campos estavam pontilhados de arvoredos escuros, e para além dos campos se estendiam imensas florestas, e havia um rio cintilando e, então, de novo, as colinas. Muito ao longe, os penhascos de Snowdon despontavam, brancos, por entre as nuvens; viu as longínquas

colinas escocesas e as bravias ondas que se moviam em redemoinho ao redor das Hébridas. Esticou os ouvidos para escutar o som de canhões em alto-mar. Não... só se ouvia o vento soprando. Não havia nenhuma guerra hoje. Drake se fora; Nelson se fora. “E aquilo ali”, pensou, deixando os olhos, que estiveram contemplando aqueles pontos longínquos, cair uma vez mais na terra aos seus pés, “foi um dia a minha terra: foi meu aquele castelo entre as colinas; e foi minha toda aquela charneca que se estende quase até o mar.” Aqui, a paisagem (devia ser algum efeito da luz crepuscular) se sacudiu, formando um monte, por cujas encostas deslizou todo aquele estorvo de casas, castelos e bosques. As despidas montanhas da Turquia estavam diante dela. Era meio-dia com sol a pleno. Concentrou o olhar na calcinada encosta. Cabras roíam, a seus pés, os tufos de capim cobertos de areia. Uma águia planava no alto. A voz roufenha do velho Rustum, o cigano, crocitava-lhe ao ouvido: “O que significam a sua ancestralidade e a sua estirpe e os seus bens em comparação com isso? Qual a necessidade de quatrocentos dormitórios e de tampas de prata em todas as travessas e de criadas tirando o pó?”

Neste momento, o relógio de alguma igreja soou no vale. O monte em que a paisagem tinha se transformado desmanchou-se, desabando. O presente de novo caía-lhe como chuva sobre a cabeça, mas agora que a luz se extinguia mais suavemente que antes, sem ressaltar nada de detalhado, nada de pequeno, mas apenas campos enevoados, cabanas com janelas iluminadas, o sonolento volume de um bosque e uma luz em leque empurrando, ao longo de alguma viela, a escuridão à sua frente. Se o relógio dera as nove, as dez ou as onze horas, ela não saberia dizer. A noite chegara – a noite, que era a hora de que mais gostava, a noite, na qual os reflexos no poço escuro da mente brilham mais claramente do que durante o dia. Agora não era preciso desfalecer para inspecionar em profundidade a escuridão onde as coisas se moldam e para ver, no poço da mente, ora Shakespeare, ora uma garota em calças russas, ora um barquinho de brinquedo no lago Serpentine e, então, o próprio Atlântico, onde as tempestades levantam ondas imensas ao longo do cabo Horn. Inspecionou a escuridão. Ali estava o brigue do marido, subindo até a crista da onda! Para o alto ele ia, cada vez mais para o alto. O arco branco das mil mortes ergueu-se à sua frente. Oh, temerário, ridículo homem, sempre velejando,

tão inutilmente, em volta do cabo Horn, no olho de uma tempestade! Mas o brigue transpôs o arco, saindo do outro lado; estava, finalmente, a salvo!

“Êxtase!”, exclamou, “êxtase!” E, então, o vento amainou, as águas se acalmaram; e ela viu as ondas balançando serenamente sob a luz do luar.

“Marmaduke Bonthrop Shelmerdine!”, gritou, de pé junto ao carvalho.

O belo, cintilante nome caiu do céu como uma pluma de um colorido azul metálico. Observou-a cair, revirando-se e retorcendo-se como uma flecha em queda lenta que rasga lindamente o vasto ar. Ele estava chegando, como sempre chegava, em momentos de total calmaria; quando a onda balançava suavemente e as folhas sarapintadas caíam devagar sobre os seus pés nos bosques outonais; quando o leopardo estava imóvel; quando a lua estava sobre as águas e nada se mexia entre o céu e o mar. Então ele chegava.

E tudo estava calmo agora. Era perto da meia-noite. A lua subia devagar por sobre o arvoredor. Sua luz fez surgir um castelo fantasma sobre a terra. Ali estava a grande mansão com todas as janelas enroupadas de prata. De parede ou substância não havia nada. Tudo era fantasmagórico. Tudo estava imóvel. Tudo estava iluminado como que à espera da visita de uma rainha morta. Olhando para baixo, Orlando viu plumas negras se agitando no pátio, e tochas bruxuleando e sombras se ajoelhando. Uma vez mais, uma rainha descia de sua carruagem triunfal.

“A casa está a seu serviço, majestade”, exclamou, fazendo uma profunda vênia. “Nada mudou. O falecido lorde, meu pai, a conduzirá para dentro.”

Enquanto falava, soou a primeira badalada da meia-noite. A fria brisa do presente roçou-lhe o rosto com seu leve hálito de medo. Olhou ansiosamente para o céu. Estava escuro agora, com o céu coberto de nuvens. O vento rugia em seus ouvidos. Mas no rugido do vento ela ouviu o rugido de um aeroplano chegando cada vez mais perto.

“Aqui! Shel, aqui!”, gritou, desnudando o seio para a lua (que agora se revelava em todo o seu brilho), o que fez suas pérolas reluzirem – como os ovos de alguma imensa aranha lunar. O aeroplano irrompeu por entre as nuvens, ficando sobre sua cabeça. Ele pairava sobre ela. Suas pérolas cintilavam como uma luz fosforescente na escuridão.

E quando Shelmerdine, agora transformado num belo comandante dos mares, robusto, saudável, alerta, saltou para o chão, por sobre sua cabeça

surgiu um solitário pássaro selvagem.

“É o ganso!”, gritou Orlando. “O ganso selvagem...”

E soou a duodécima badalada da meia-noite; a duodécima badalada da meia-noite de quinta-feira, onze de outubro de mil e novecentos e vinte e oito.

Índice

- A., lorde, 128
Addison, Joseph, 112, 130, 137
Alexandra, rainha, 53
Anne, rainha, 128
Arlington House, 129
arquiduque Harry, 161
arquiduquesa Harriet de Finster-Aarhorn, 76, 118, 119
- Bartholomew**, viúva, 153, 154, 156
Bartolus, capitão Nicholas Benedict, 104, 108, 130
Basket, o mordomo, 155
Boswell, James, 146
Brigge, John Fenner, 86, 90
Browne, sir Thomas, 49, 52, 59, 60
Browning, Robert, 182
C., marquês de 128, 161
Canute, o elkhound, 162
Carlyle, Thomas, 182, 190
Carpenter, a ama, 48
carvalho, O, 53, 181, 183, 204, 211
Charles II, rei, 79
Chesterfield, lady, 127
Chesterfield, lorde, 140, 144, 189
Chubb, Eusebius, 151
Cícero, 63
Clorinda, 22, 23
consorte, o príncipe, 198
Cumberland, conde de 21, 197
Deffand, madame du, 131, 132
Donne, John, 60, 186
Drake, 40, 212
Dryden, John, 112, 130, 208
Dupper, sr., 47, 48, 51, 56, 114, 172
- Elizabeth**, rainha, 15-20, 67
Eufrosina, 23
Favila, 23
Field, sra., 48
Gead, a Grande, 23, 24
Gladstone, sra., 168
Leicester Square, 142
Lopokova, madame, 9, 206
Louise, 198
M., sr., 128, 161
madeixa, O rapto da, 137, 138
Marlowe, 59, 60
Nelson, 213, 163
Orlando, aparência quando menino, 12; escreve a primeira peça, 13; visita a rainha em Whitehall, 18; nomeado tesoureiro e mordomo-mor, 18; seus amores, 19; e a princesa russa, 26-39; seu primeiro transe, 45; recolhe-se à solidão, 47; a paixão da leitura, 50; suas peças românticas, ambições literárias, 52, 55, 56, 68-70; e Greene, 57, 61, 63; sua bisavó Moll, 58; compra elkounds, 64; e seu poema “O carvalho”, 65, 75, 97, 115, 155; e sua casa, 70-74; e a arquiduquesa Harriet, 75-79; embaixador em Constantinopla, 81-94; feito duque, 85; segundo transe, 88; casamento com Rosina Pepita, uma cigana, 89; torna-se mulher, 92; com os ciganos, 94-101; retorna à Inglaterra, 103; processos judiciais, 113; e o arquiduque Harry, 119; na sociedade londrina, 127; entretém os homens de espírito, 137; e o sr. Pope, 140; e Nell, 143; confundido com o primo, 145; volta à sua casa de campo, 153; torce o tomozelo, 163; declarada mulher, 168; noivado, 164; casamento, 172; nascimento do primeiro filho, 193
Otelo, 39
Palmerston, lorde, 176
Pippin, o spaniel, 129
Pope, Alexander, 112, 130, 133-144, 208
R., condessa de, 130, 168,
R., lady, 131-133, 179
Robinson, Grace, 48
Rossetti, srta. Christina, 190
russa, a princesa, 26-39, 54, 108, 117, 198, 199
Rustum el Sadi, 95-99, 116, 213
St. Paul, Catedral de, 35, 37, 38
Salisbury, lady, 127
Scrope, sir Adrian, 85, 88
Shakespeare, William, 16, 59, 205

Greene, Nicholas (mais tarde, sir), 57-65, 68, 181-184, 212
 Greenwich, 24, 58
 Grimsditch, sra., 47, 48, 50, 51, 72 114, 153, 198
 Gwyn, Nell, 79
 Hall, o fálcoeiro, 51
 Hartopp, srta. Penelope, 87
 Hércules, A morte de, tragédia, por Orlando, 63, 64
 Isham, sr., 56, 57
 James I, rei, 22, 25, 67
 Johnson, Samuel, 146
 Jonson, Ben, 60
 Kew Gardens 191
 Keynes, sra. J. M. (v. Lopokova, madame)
 Shelmerdine, Marmaduke Bonthrop, 164-172, 214
 Smiles, 187
Spectator, The, 137, 138
 Spenser, 185
 Stewkley, sra., 16, 48
 Stubbs, Joe, 13, 209, 210
 Suffolk, lady, 127
 Swift, Jonathan, 208
 Tavistock, lady, 127
 Tennyson, o finado lorde, 136, 182
 Trem, 179
 Tupper, 187
 Tyrconnel, lady Margaret, 30
 Vere, lorde Francis, 27
Viagens de Gulliver, 137, 138
 Vitória, rainha, 155, 157, 161,
 Westminster, Abadia de, 111, 146
 Williams, sra., 146
 Wren, Christopher, 111, 142

FIM

Notas

Virginia Woolf escreveu *Orlando* em apenas seis meses. Começou a escrevê-lo no dia 9 de outubro de 1927, terminando o primeiro rascunho na terceira semana de março de 1928. Após vinte dias de férias na França, começou o árduo trabalho de revisão. A primeira versão datilografada estava pronta no final de maio.

A ideia para o romance parece ter-lhe ocorrido por volta de 5 de outubro de 1927: “E, de repente, os mecanismos estimuladores de sempre tomam conta da minha mente: uma biografia começando no ano 1.500 & continuando até os dias de hoje, com o título Orlando: Vita; e com uma mudança, de um sexo para o outro. Acho que, para me divertir, vou me deixar envolver por isso durante uma semana” (*Diários*, 5 de outubro de 1927).

Menos de uma semana depois, no dia 9 de outubro, ela já estava trabalhando no novo livro. Mas precisa ter o consentimento de Vita antes de usá-la como modelo: “Não conseguia extrair uma palavra de mim mesma [para uma coletânea de ensaios]; e, finalmente, baixei a cabeça, mergulhei a pena no tinteiro e escrevi estas palavras, como que automaticamente, numa folha em branco: Orlando: Uma biografia. Assim que fiz isso, meu corpo foi tomado por uma sensação de arrebatamento e meu cérebro por ideias. [...] Suponha que Orlando acabe por ser Vita; e é tudo sobre você e os desejos de sua carne e o feitiço de sua mente [...]. Você se importaria? Diga sim ou não. [...] E também, como lhe disse, de repente ocorreu-me que posso revolucionar a biografia numa única noite e, assim, se a ideia lhe agrada, gostaria de jogá-la para o ar para ver o que acontece” (carta a Vita, 9 de outubro de 1927).

Ao começar a escrita de *Orlando*, Virginia esperava terminar o livro até o Natal. Mas em 11 de fevereiro do ano seguinte, ela ainda estava

patinando no último capítulo: “Por alguma razão, fico remexendo sem muita atenção no último capítulo de Orlando, que era para ser o melhor. Sempre, sempre, o último capítulo me foge das mãos” (*Diários*, 11 de fevereiro de 1928). Uma semana depois, o último capítulo é ainda um problema: “A mente é o mais caprichoso dos insetos – esvoaçando, volteando. Pensava escrever as mais ágeis e brilhantes páginas de Orlando ontem – não saiu uma gota, tudo, na verdade, pelas razões físicas de sempre [...]” (*Diários*, 18 de fevereiro de 1928).

Um mês depois ela podia dizer, aliviada, que tinha posto um ponto final no livro: “Só escrevo agora para dizer que Orlando foi concluído ontem quando o relógio assinalava 1 hora da tarde. [...] Serão necessários três meses de trabalho sério, obrigatoriamente, antes que possa ser levado à impressão [...]. Mas é uma sensação serena, de trabalho cumprido, poder escrever, ainda que provisoriamente, Fim [...]” (*Diários*, 18 de março de 1928).

Um dia antes da publicação, em 10 de outubro de 1928, Virginia enviou um exemplar especialmente encadernado de *Orlando* para a inspiradora do livro (dois meses depois, em 6 de dezembro, Virginia presentearia Vita com o manuscrito). No dia seguinte, Vita, desfazendo todos os temores de Virginia, escrevia, ainda sem ter terminado de ler o romance, cheia de amor e admiração: “Por enquanto não consigo dizer nada a não ser que estou completamente deslumbrada, extasiada, encantada, enfeitiçada. Parece-me o livro mais adorável, mais inteligente, mais rico que já li na minha vida. [...] Sinto-me como uma daquelas figuras de cera numa vitrina, sobre a qual penduram um casaco bordado de pérolas. É como estar sozinha num quarto escuro com uma arca do tesouro cheia de rubis e pepitas de ouro e brocados. [...] Você inventou uma nova forma de narcisismo e, devo confessar, estou apaixonada por Orlando”. Virginia tinha agora não apenas a aprovação de sua musa, mas também a sua mais absoluta admiração.

Orlando teve publicação simultânea na Inglaterra (Hogarth Press) e nos Estados Unidos (Harcourt), no dia 11 de outubro de 1928, a data em que também termina, explicitamente, a ação do romance (última frase do livro). Há diferenças, nenhuma essencial, entre a edição da Hogarth e a edição da Harcourt. Na tradução, segui, em geral, o texto da primeira delas.

Quando Virginia começou a escrever *Orlando*, seu namoro com Vita Sackville-West, já dava sinais de estar esfriando (ver nota ao verbete “Orlando”, abaixo). O romance é várias coisas ao mesmo tempo: uma homenagem a Vita; uma pequena vingança por Vita tê-la deixado por outro amor; uma forma de “restituir” a Vita a mansão Knole, que, com a morte do pai, lhe tinha sido subtraída por imposição dos dispositivos legais que favoreciam a linha masculina de sucessão em detrimento da linha feminina (ver nota ao verbete “mansão monástica”, abaixo); e, literariamente, uma paródia dos cânones do gênero biográfico vitoriano, do qual o próprio pai de Virginia, Leslie Stephen, tinha sido um dos expoentes.

Orlando, um arremedo de biografia, descreve a vida do personagem homônimo, descendente de uma ancestral família aristocrática inglesa, que, no começo da narrativa, vive no século XVI, é homem e tem 16 anos. Acompanhamos sua vida por cerca de quatro séculos, na maior parte dos quais se mantém com a idade de 30 anos. No meio da narrativa, enviado pelo rei Charles II, como embaixador da Inglaterra, a Constantinopla, ele se transforma, num passe mágica, em mulher.

Além de homenagear Vita Sackville-West, a aristocrata que serviu de modelo para a figura de Orlando, e de jogar com as convenções da biografia tradicional, Virginia explora aqui alguns dos seus temas preferidos: a incongruência entre, de um lado, o tempo do relógio e do calendário e, de outro, o tempo vivido, subjetivo; o caráter fragmentado, múltiplo e incerto da subjetividade; e, sobretudo, a instabilidade e a artificialidade da identidade sexual (tema explorado com mais detalhes no posfácio de Silviano Santiago).

Há, nas primeiras edições de *Orlando*, oito imagens cuidadosamente escolhidas por Virginia como parte de sua estratégia para mimetizar os elementos que caracterizavam o gênero biográfico sobre o qual ela lançava o seu irônico olhar. A presente edição não apenas traz essas imagens, como também reproduz quatro delas a cores, característica ausente, pelas limitações técnicas da época, das edições de 1928. Para isso foi importante o exemplo pioneiro da recente edição de *Orlando* publicada pela editora britânica Folio (foliosociety.com), no qual nos inspiramos. Nossos agradecimentos não apenas à editora, mas também, e especialmente, a Laura Canter, sua editora de imagens, que generosamente nos guiou no

difícil processo de obtenção dos direitos de imagens e de propriedade das obras de arte.

Nas notas que se seguem, procurei fornecer informações que julguei serem de possível ajuda para a leitura de *Orlando*. Como de costume, as notas do tradutor não têm chamada (em forma de números sobrescritos) no interior do livro, sendo assinaladas aqui apenas pela página em que ocorrem as palavras ou frases anotadas.

Prefácio

O prefácio (na verdade, mais uma página de “agradecimentos”), incomum em livros de ficção, tal como o índice ao final e as duas notas de rodapé do capítulo IV, faz parte do aparato cênico montado por Virginia para desdobrar sua paródia do gênero biográfico vitoriano. Mas, aqui, à diferença de um livro qualquer, o leitor que resolvesse simplesmente passar por cima do “prefácio” estaria perdendo uma parte essencial do espetáculo.

A monótona e extensa lista de nomes está cheia de insinuações, de alfinetadas, de mensagens, de recados, em que reais manifestações de gratidão se misturam a críticas, recriminações e até certas maldades.

Virginia expõe aqui suas dívidas, tanto as de ordem literária quanto as de ordem afetiva. Entre as primeiras, ela destaca alguns dos autores de sua preferência (Defoe, Sterne, Scott). Entre as segundas, os objetos de sua gratidão vão desde amigos próximos e membros da família (Lytton Strachey, Roger Fry, T. S. Eliot, os irmãos, os sobrinhos) a pessoas que, indireta e mais humildemente, contribuíram de alguma forma, para a criação do livro, ao lhe propiciarem alguma espécie de apoio físico e material (a cozinheira, Nellie Boxall; os seus auxiliares da Hogarth Press, como Angus Davidson, G. H. Rylands e a sra. Cartwright, cujo primeiro nome nem ela nem a história registraram).

À imitação das biografias “verdadeiras”, para engrossar a lista de nomes, Virginia inclui pessoas que pouco ou nada tiveram a ver com o livro. Entram nesse rol a própria sogra (quem ela não tinha em alta conta), e Margaret Kemplay Snowdon, a quem Virginia, um tanto maldosamente, atribui uma frustrada ajuda, obviamente fictícia.

Observamos também, talvez no extremo do esforço paródico, a inclusão do nome de desafetos, rivais (ainda que amigáveis), de críticos hostis à sua produção literária e ao Grupo de Bloomsbury em geral. Entre esses nomes estão Osbert Sitwell e Hugh Walpole.

Virginia tinha aguda consciência da extensa rede de relações sociais da qual a literatura dependia: mecenas, animadoras de saraus artísticos e literários, patronesses, mecanismos de dependência extensamente ridicularizados nas páginas de *Orlando*, o que explica a grande lista de personalidades ligadas a essa linha auxiliar do mundo artístico e literário.

O prefácio, assim como o índice, contribui para borrar as conhecidas fronteiras entre autor e narrador (neste caso, biógrafo). O prefácio, tal como o índice, é, ao mesmo tempo, textual e extratextual. Está fora do romance-biografia. Mas também está dentro. Está fora porque, de certa maneira, separa a autora do narrador. Está dentro porque acrescenta uma mais-valia de sentido à paródia que é o romance. Confundem-se, embora não coincidam. Cortam-se, embora não se sobreponham. Esse efeito de embaralhamento entre vida (a matéria-prima da biografia) e ficção, esse efeito de ofuscamento, esse efeito de truque e lance de mão atinge seu auge na última frase do livro, na qual a data em que se conclui a ação do romance é a mesma da publicação.

Defoe – Daniel Defoe (1660-1731), mais conhecido pelo romance *Robinson Crusoe*.

sir Thomas Browne – ver nota do capítulo II.

Sterne – Laurence Sterne (1713-1768), escritor inglês, mais conhecido pelo romance *A vida e as opiniões de Tristram Shandy*. Ao deixar, quase ao final do capítulo V, talvez para prestar-lhe uma homenagem, um enorme espaço em branco na página, Virginia imita, ainda que timidamente, as ousadas experiências tipográficas de Sterne naquele livro.

sir Walter Scott – Walter Scott (1771-1832), escritor escocês.

lorde Macaulay – Thomas Babington Macaulay, 1º barão de Macaulay (1800-1859), historiador e político inglês.

Emily Brontë – Emily Jane Brontë (1818-1848), poeta e romancista inglesa, mais conhecida pelo romance *Wuthering Heights* (comumente traduzido por *O morro dos ventos uivantes*).

De Quincey – Thomas de Quincey (1785-1859), ensaísta inglês, conhecido pelo livro *Confissões de um comedor de ópio inglês*, entre muitos outros.

Walter Pater – Walter Horatio Pater (1839-1894), ensaísta e crítico inglês. Suas ideias estéticas influenciaram uma geração inteira de escritores e artistas do final do século dezenove e início do século vinte, incluindo o chamado Grupo de Bloomsbury, do qual Virginia fazia parte.

C. P. Sanger – amigo de Virginia, Charles Percy Sanger (1871-1930) foi escritor, economista e advogado. Discípulo de Alfred Marshall (1842-1924), o célebre economista, Sanger pertenceu ao famoso grupo dos Apóstolos, uma sociedade secreta de alunos e ex-alunos da Universidade de Cambridge, à qual também pertenceram vários membros do Grupo de Bloomsbury (Lytton Strachey, John Maynard Keynes, E. M. Forster).

sr. Sydney-Turner – Saxon Sydney-Turner (1880-1962), membro do Grupo de Bloomsbury, frequentava as reuniões na casa das irmãs Stephen (Virginia e Vanessa), nas quais pouco falava, apesar de sua conhecida erudição. Contrariamente à maioria dos bloomsburianos, não teve carreira intelectual ou artística, tendo trabalhado a vida inteira como funcionário público.

Arthur Waley – Arthur David Waley (1889-1966), orientalista e sinologista inglês, conhecido por suas traduções de poesia chinesa e japonesa. O “agradecimento” de Virginia (“Aproveitei-me – o quanto, só eu posso avaliar – do conhecimento de chinês do sr. Arthur Waley.”) está imbuído de alguma ironia, pois, obviamente, não é possível perceber qualquer ligação do conhecimento de chinês com o conteúdo do livro.

Madame Lopokova – ver nota do capítulo VI.

sr. Roger Fry – Roger Eliot Fry (1866-1934), artista e crítico de arte inglês, amigo de Virginia Woolf. Curiosamente, quase ao fim da vida, Virginia escreveu, num estilo bastante tradicional, uma biografia do amigo (*Roger Fry: A Biography*, publicada em 1940 pela Hogarth Press).

sr. Julian Bell – Julian Heward Bell (1908-1937), poeta inglês, filho de Clive Bell (1881-1964) e Vanessa Bell (1879-1961), irmã de Virginia.

srt. M. K. Snowdon – uma das melhores amigas de Vanessa Bell, a irmã de Virginia, Margaret (Margery) Kemplay Snowdon (1878-1965) era, como Vanessa, pintora. Virginia, que não gostava de Margery, tendo várias vezes, nas cartas e diários, manifestado opiniões negativas a seu respeito, está, aqui, possivelmente, apenas fazendo pouco caso das origens nada nobres de Margery, em comparação com as de Vita e de Orlando. Obviamente, Snowdon não foi, na realidade, encarregada de fazer quaisquer pesquisas em nenhuma das duas cidades, mesmo porque elas nada têm a ver com o conteúdo do livro.

sr. Angus Davidson – Angus Davidson (1898-1980), tradutor premiado, trabalhou como assistente na Hogarth Press, a editora de propriedade de Leonard e Virginia Woolf, entre 1924 e 1927.

sra. Cartwright – encarregada, entre 1925 e 1930, da administração do escritório da Hogarth Press. Trata-se, nesse caso, como em alguns outros, de um **não-agradecimento**, pois nos diários e nas cartas Virginia sempre se refere a ela de maneira negativa.

srt. Janet Case – Janet Elizabeth Case (1864-1937) foi tutora de grego de Virginia Woolf, entre 1902 e 1907, tornando-se uma das grandes amigas da escritora.

lorde Berners – Gerald Hugh Tyrwhitt-Wilson Berners (1833-1950), compositor, romancista e pintor britânico.

Francis Birrell – Francis Frederick Locker Birrell (1889-1935), escritor inglês. Próximo do Grupo de Bloomsbury, teve alguns de seus livros publicados pela Hogarth Press.

dr. Adrian Stephen – Adrian Stephen (1883-1948), irmão de Virginia Woolf. Ele e a mulher, Karin Stephen, interessados no trabalho de Sigmund Freud, foram dois dos primeiros psicanalistas britânicos.

sr. F. L. Lucas – Frank Laurence Lucas (1894-1967), poeta, romancista e crítico literário inglês, teve vários de seus livros publicado pela Hogarth Press.

sr. e sra. Desmond MacCarthy – Charles Otto Desmond MacCarthy (1877-1952) e Mary MacCarthy (1882-1953), membros do núcleo do Grupo de Bloomsbury, ambos escritores.

sr. Clive Bell – Arthur Clive Heward Bell (1881-1964), ensaísta e crítico de arte inglês, ligado ao Grupo de Bloomsbury. Foi casado com Virginia Bell, irmã de Virginia Woolf.

G. H. Rylands – George Humphrey Wolferstan Rylands (1902-1999), conhecido como Dadie Rylands, diretor de teatro e escritor inglês. Trabalhou por alguns meses, em 1924, na Hogarth Press.

lady Colefax – Sibyl Colefax (1874-1950), promotora de reuniões de artistas e literatos em sua casa. Virginia manteve com ela uma longa, estreita e contraditória relação.

srta. Nellie Boxall – Nellie Boxall (1890-1965) trabalhou como empregada doméstica da família Woolf, entre 1912 e 1934. As complicadas relações de Virginia com suas empregadas domésticas é descrita e analisada no livro *Mrs. Woolf and the Servants*, de Alison Light.

sr. J. M. Keynes – John Maynard Keynes (1883-1946), o conhecido economista britânico e um dos mais ativos membros do Grupo de Bloomsbury.

sr. Hugh Walpole – Hugh Seymour Walpole (1884-1941), romancista inglês. Walpole e Virginia, embora tenham se tornado amigos, nutriam uma animosidade mútua, fazendo crer que o agradecimento a Walpole é mais uma das menções irônicas do prefácio.

srta. Violet Dickinson – Violet Dickinson (1865-1948), amiga da família Stephen, nutria especial afeto por Virginia. Violet, por sua vez, era admirada por Virginia e talvez possa ser considerada seu primeiro amor. A amizade entre as duas durou até a morte de Virginia, em 1941. Segundo Vanessa Curtis (*As mulheres de Virginia Woolf*), “não há dúvida de que Violet foi o primeiro e verdadeiro amor emocional e físico da vida adulta de Virginia”.

honorável Edward Sackville West – Edward Charles Sackville-West (1901-1965), primo de Vita, foi um romancista e crítico musical inglês.

sr. e sra. St. John Hutchinson – St. John Hutchinson (1884-1942), advogado e político britânico; e Mary Hutchinson (1889-1977), célebre pelos saraus promovidos em sua casa para o entretenimento de pessoas importantes do mundo artístico e social.

sr. Duncan Grant – Duncan James Corrowr Grant (1885-1978), pertencente ao Grupo de Bloomsbury, foi um pintor inglês. Embora suas relações amorosas fossem predominantemente homossexuais, teve um caso com Vanessa Bell, irmã de Virginia, com quem teve uma filha, Angelica Bell (1918-2012).

sr. e a sra. Stephen Tomlin – Stephen Tomlin (1901-1931), artista ligado ao Grupo de Bloomsbury; e Julia Strachey (1901-1979), escritora.

lady Ottoline Morrell e o marido – Ottoline Morrell (1873-1938), promotora de saraus litero-sociais em sua casa e patronesse de artistas e escritores (T. S. Eliot e D. H. Lawrence, entre outros); e Philip Morrell (1870-1943), político e estadista britânico.

sra. Sidney Woolf – mãe de Leonard Woolf, Marie de Jongh (1848-1939), casada com Sidney Woolf (1844-1892).

sr. Osbert Sitwell – Francis Osbert Sacheverell Sitwell (1892-1969), escritor britânico. Ele e a irmã, Edith Sitwell, eram tidos como hostis ao Grupo de Bloomsbury, mas Osbert mantinha uma forte amizade com Virginia Woolf.

madame Jacques Raverat – Gwen Mary Darwin (1885-1957), pintora e gravadora inglesa, neta de Charles Darwin. Jacques Raverat (1885-1925), seu marido, era um pintor francês por quem Virginia tinha grande apreço e respeito.

coronel Cory Bell – William Cory Heward Bell (1875-1961), militar e político inglês, irmão de Clive Bell, marido de Vanessa, irmã de Virginia.

srta. Valerie Taylor – Valerie Taylor (1902-1988), atriz e roteirista de cinema.

sr. J. T. Sheppard – John Tresidder Sheppard (1881-1968), estudioso da literatura clássica grega e romana e tradutor de muitos dos clássicos gregos.

sr. e sra. T. S. Eliot – Thomas Stearns Eliot (1888-1965), o conhecido poeta e ensaísta americano que passou a maior parte da vida na Inglaterra; e Vivienne Haigh-Wood (1888-1947), uma governanta inglesa que se casou com Eliot em 1915, numa união que se mostrou infeliz e desastrosa.

srta. Ethel Sands – Ethel Sands (1873-1962), artista nascida nos Estados Unidos, mas que viveu desde criança na Inglaterra. Conhecida também pelas festas que dava em sua casa para receber a elite cultural da época.

srta. Nan Hudson – Anna Hope Hudson (1869-1957), artista, nascida nos Estados Unidos, onde viveu até os 24 anos, idade em que se mudou para a Europa, vivendo entre a Inglaterra e a França. Foi companheira de Ethel Sands.

sr. Quentin Bell – Quentin Claudian Stephen Bell (1910-1996), escritor, filho de Vanessa Bell, irmã de Virginia. Escreveu uma importante biografia de Virginia, publicada no Brasil pela editora Guanabara, com tradução de Lya Luft (a edição original é de 1972).

sr. Raymond Mortimer – Charles Raymond Bell Mortimer (1895-1980), escritor e crítico literário inglês. Envolveu-se numa duradoura relação amorosa com Harold Nicolson, marido de Vita Sackville-West, a inspiradora de *Orlando*.

lady Gerald Wellesley – Dorothy (Dottie) Violet Wellesley, duquesa de Wellington (1889-1956), poetisa inglesa, coordenou uma série de livros de poesia para a Hogarth Press. O nome “social” lady Gerald Wellesley vem de um breve casamento com lorde Gerald Wellesley, 7º duque de Wellington (1885-1972). Foi uma das amantes de Vita Sackville-West.

sr. Lytton Strachey – Giles Lytton Strachey (1880-1932), escritor e crítico literário britânico e um dos mais notáveis membros do Grupo de Bloomsbury. Um dos responsáveis pelo gênero conhecido como “nova biografia”, para o qual contribuiu com as biografias *Eminent Victorians* e *Queen Victoria*. Homossexual assumido, teve uma relação de conveniência com a pintora Dora Carrington, com quem viveu de 1917 até sua morte. Dora amava Lytton, que, por sua vez, amava Ralph Partridge (1894-1960), com quem Dora se casou para poder acomodar a tríplice relação (tema do filme *Carrington*, de 1995).

viscondessa Cecil – lady Eleanor (Nelly) Lambton (1868-1959), mulher de Robert Cecil, 1º visconde Cecil de Chelwood (1864-1958), foi grande amiga de Virginia, com quem chegou a colaborar numa coluna escrita para uma revista inglesa.

srta. Hope Mirrlees – Hope Mirrlees (1887-1978) foi uma poeta, romancista e tradutora britânica. Um de seus mais conhecidos poemas, “Paris: A Poem”, foi publicado em livro homônimo pela Hogarth Press, em 1919.

sr. E. M. Forster – Edward Morgan Forster (1879-1970), romancista inglês ligado ao Grupo de Bloomsbury, conhecido por romances tais como *A Room with a View* [*Um quarto com vista*], *A*

Passage to India [Uma passagem para a Índia] e *Howards End*, entre outros.

honorável Harold Nicolson – Harold George Nicolson (1886-1968), diplomata e escritor inglês, foi casado com Vita Sackville-West, com quem teve dois filhos. Nicolson também arriscou a mão na tendência da “nova biografia” com o livro *Some People* [Algumas pessoas], sobre Tennyson e Byron, resenhado por Virginia no ensaio “The New Biography” [A nova biografia].

Vanessa Bell – Vanessa Bell (1879-1961), pintora inglesa, irmã de Virginia Woolf. Foi responsável pela ilustração das capas de muitos dos livros de Virginia.

meu marido – Leonard Woolf (1880-1969), ativista político e também escritor.

cavalheiro da América – Em carta à irmã, Vanessa Bell, de 22 de maio de 1927, Virginia registra que recebeu uma carta de lorde Olivier, Sydney Haldane Olivier, 1º barão Olivier (1859-1943), pessoa de sua relação (com livro publicado pela Hogarth Press), contendo críticas a certas informações sobre as ilhas Hébridais, local onde se passa a ação de *Ao Farol*: “Lorde Olivier escreve dizendo que minha horticultura e minha história natural estão inteiramente erradas: não há gralhas, olmos ou dalias nas Hébridais; meus pardais estão errados, assim como meus cravos”. Christina Alt, em *Virginia Woolf and the Study of Nature*, sugere que o alvo da ironia de Virginia na última frase de seu heterodoxo prefácio é justamente lorde Olivier.

Capítulo I

Quando *Orlando* começa, estamos no século XVI. É o narrador-biógrafo quem nos informa: “o século dezesseis ainda tinha alguns anos pela frente”. E o ano é 1586, mas só ficaremos sabendo disso no capítulo V: “Voltou à primeira página e leu a data, 1586, escrita em sua letra de menino”. E Orlando tem, então, dezesseis anos: “ainda não tinha chegado aos dezessete”. Estamos sob o reinado da rainha Elizabeth I (1533-1603), que durou de 1558 até a data de sua morte. E assim vai vivendo Orlando, com seus poemas e seus amores, até que, de repente, sem mais aviso, estamos no século XVII: “com a surpresa e o rigor que então caracterizavam o clima inglês, sobreveio a Grande Geada”. Estamos, pois, no ano de 1608, ao fim do qual ocorreu o curioso fenômeno, e no começo do reinado de James I (1566-1625), que durou de 1603 até a data de sua morte. Seremos novamente informados sobre a idade de Orlando no capítulo II, agora já com trinta anos (“quando um homem atinge a idade de trinta anos, como é o caso de Orlando agora”), idade que permanecerá fixa por muitíssimos anos até se tornar mulher (capítulo III). Depois, sua idade será novamente mencionada apenas no capítulo V, já com trinta e seis anos, em plena era vitoriana (“embora tivesse agora trinta e seis anos”), idade que manterá até o início do século XX (“Trinta e seis anos; num automóvel; uma mulher...”), quando se encerra o livro e a narrativa de sua vida. Orlando vive, pois, vinte anos ao longo de pouco mais de três séculos.

mouro – *Moor*, no original. Na era elisabetana, as pessoas originárias da África se distinguiam entre *Moors* (Marrocos e outras partes do norte da África), *Ethiops* (costa leste) e *Blackamoors* (costa oeste), esta última também utilizada, mais adiante, em *Orlando* e igualmente traduzida por “mouro”. Todas essas palavras estavam fortemente associadas a pessoas de cor negra, como é o caso nessa passagem (mas, aqui, claro, não se trata de alguém que tenha vindo vivo da África.)

Orlando – A figura de Orlando é claramente inspirada em Vita Sackville-West (1892-1962), a nobre inglesa com a qual Virginia teve um caso amoroso em meados da década de 1920. Quando se conheceram, em 14 de dezembro de 1922, num jantar na casa de Clive Bell, cunhado de Virginia, Vita estava casada com Harold Nicolson, e Virginia com Leonard Woolf. Não podiam ser mais diferentes. A origem de Virginia estava na classe média intelectualizada: o pai, Leslie Stephen, escritor, era um dos editores da importante publicação *Dicionário da Biografia Nacional*. A de Vita, numa destacada família da nobreza britânica, os Sackville-West: Thomas Sackville, um remoto ancestral do século XVI, exercia um importante cargo na corte de

Elizabeth I. Virginia tinha uma vida sexual recatada: suspeita-se que o casamento com Leonard jamais tenha sido consumado, e, excetuando-se uma ou outra paixão feminina de juventude ou alguma amizade mais próxima na vida adulta, com uma ou outra mulher, não se tem notícia, além do que manteve com Vita, de qualquer caso mais sério. Vita, pelo contrário, tinha uma intensa vida sexual: casara-se com Harold, de inclinações homossexuais (isso ela só soube mais tarde, depois de casada), mas sua paixão por mulheres vinha de longe, e teve muitos casos, sucessivos e simultâneos, ao longo da vida. Em comum, tinham a vida de escritora. Quando se conheceram, ambas já haviam publicado alguns livros e gozavam de razoável fama. Na verdade, Vita foi mais prolífica e fez mais sucesso no tempo delas do que Virginia. Mas faltava-lhe aquilo que mais admirava em Virginia: o talento. O que Vita escrevia não podia ser mais tradicional. Virginia, por sua vez, não parou de experimentar. No começo, a estranheza foi mútua. Um dia após conhecê-la, Virginia registra no diário: “Estou com a cabeça muito confusa para compreender qualquer coisa. É, em parte, resultado de ter ido jantar, ontem à noite, na casa de Clive, para conhecer a adorável e talentosa aristocrata Sackville West. Não muito do meu gosto [...] – enfeitada, uma penugem acima dos lábios, colorida como um periquito, com todo o condescendente desembaraço da aristocracia, mas sem a espirituosidade do artista. [...] O jeito aristocrático é como nas atrizes – nenhuma falsa timidez ou modéstia: [...] – tem tudo sob controle – me fez sentir virgem, acanhada, & colegial. Mas depois do jantar soltei o verbo. Ela é um granadeiro; dura; bonita, masculina [...]”. A fama de Vita como mulher que gosta de mulheres já era bem conhecida. Em 19 de dezembro, Virginia é convidada por Vita a visitá-la. Em carta ao marido, Vita fala sobre o encontro: “A sra. Woolf é tão simples: ela dá a impressão de algo grande. Não tem qualquer afetação: não usa qualquer tipo de enfeite – veste-se de maneira atroz. No começo, você pensa que ela é sem graça; e então uma espécie de beleza espiritual se impõe sobre você e é fascinante observá-la. [...] Ela é, ao mesmo tempo, desligada e humana, calada até o momento em que quer dizer alguma coisa, e então o diz de uma maneira maravilhosa. É um pouco velha (quarenta anos). Raramente gostei tanto de alguém, e acho que ela gosta de mim. Ao menos, ela me convidou para visitá-la em Richmond, onde mora. Meu querido, estou bastante apaixonada”. Em fevereiro de 1923, Vita e o marido fazem uma visita aos Woolf. Virginia registrou-a no diário. Apesar de também ser uma mulher que gostava de mulheres (visível em muitas das passagens de suas cartas e diários e também em romances como *Mrs. Dalloway* e *Ao Farol*), Virginia não deixa de encarar com certa desconfiança as inclinações lésbicas da nova amiga, mas também já mostrando a atração que a origem nobre de Vita exercia sobre ela: “Tivemos uma visita de surpresa dos Nicolson. Ela é, nitidamente, uma safista e pode estar, apesar de eu ser velha como sou, de olho em mim. A natureza deve ter-lhe aguçado as faculdades. Esnobe como sou, remonto suas paixões a 500 anos atrás e, como vinho velho, elas se tornam românticas para mim”. A aproximação continua por mais de dois anos, com intensidade crescente. Numa carta ao amigo Jacques Raverat, em 26 de dezembro de 1924, Virginia expressa sua atração por Vita em termos explicitamente físicos: “De quem mais posso falar? Bem, apenas de uma aristocrata chamada Vita Sackville-West, filha de lorde Sackville, filha de Knole, mulher de Harold Nicolson e romancista, mas seu real direito a ser levada em consideração está, se posso ser tão vulgar, em suas pernas. Oh, elas são maravilhosas – subindo como esguios pilares até o tronco [...], mas tudo nela é tão virginal, selvagem, nobre; e por qual razão ela escreve, o que ela faz com total competência [...], é um enigma para mim. Se fosse ela, eu simplesmente marcharia, com 11 elkhounds me seguindo, por meus bosques ancestrais”. Mas é apenas em dezembro do ano seguinte, três anos após o primeiro encontro, que o caso entre as duas escritoras se torna realmente sério. Com Harold ausente, tendo viajado para a Pérsia (atual Irã) em função de suas obrigações como diplomata, Virginia chega numa

quarta, dia 18 de dezembro, para passar três dias na casa de Vita, em Long Barn. Em carta à amiga prestes a se tornar amante, em 29 de dezembro, Virginia descreve o episódio como se ela tivesse sido a sedutora: “A noite em que você foi enredada, naquele inverno, em Long Barn [...]”. Em carta ao marido, em 25 de abril de 1926, Vita refere-se indiretamente ao que teria se passado na ocasião: “O amor que se sente por Virginia é uma coisa muito diferente: uma coisa mental, espiritual, [...] intelectual, e ela me inspira um sentimento de ternura [...]. Ela me causa um sentimento de proteção. [...] Tenho medo mortal de despertar sentimentos físicos nela [...]. Mas, meu querido, Virginia não é o tipo de pessoa em quem a gente pense desse jeito [...]. Fui para a cama (duas vezes) com ela, mas isso é tudo [...]. Agora você sabe tudo; e espero não tê-lo chocado”. Ao seu diário (21 de dezembro), Virginia confidencia: “Com Vita por três dias em Long Barn, de onde Leonard [que fora buscá-la] e eu retornamos ontem. Essas safistas gostam de mulheres; a amizade nunca está isenta de amorosidade. [...] Gosto dela & de estar com ela, & do esplendor – ela resplandece na mercearia em Sevenoaks [o vilarejo próximo à casa de Vita] com um brilho de vela acesa, pisando o chão sobre pernas que são como faias, rutilante num jérsei rosa, cabelos encaracolados, em pérolas enrolada. Esse é o segredo de seu *glamour*, suponho. [...] Depois há nela alguma voluptuosidade; as uvas estão maduras [...]”. Dois anos depois, Vita relembra o mágico momento: “Como eu estava certa em ter pressionado você em Richmond e, assim, ter instalado o rastilho para a explosão que aconteceu no sofá em meu quarto quando você se comportou tão desavergonhadamente e me conquistou para sempre”. Em 21 de janeiro de 1926, a caminho de sua viagem à Pérsia, para ficar junto ao marido, Vita escreve a Virginia, em carta postada em Milão: “Estou reduzida a uma coisa que deseja Virginia. [...] Simplesmente sinto falta de você, de um jeito humano, simples e desesperado. [...] Sinto falta de você até mesmo mais do que eu podia acreditar [...]. Assim, esta carta é apenas, na verdade, um grito de dor. É incrível como você se tornou essencial para mim”. Em maio, Vita estava de volta à Inglaterra. Em junho, passou duas noites com Virginia, em Rodmell, na casa de campo dos Woolf. Numa carta ao marido, em 28 de junho de 1926, em que admite ter dormido mais uma vez com Virginia, ela faz questão de diferenciar a paixão por Virginia de suas outras “complicações” (*muddles*, em inglês, palavra-código utilizada pelo casal para se referir aos casos “arriscados” de Vita): “Não, não estou envolvida em nenhuma complicação. [...] [Virginia] não é exatamente uma complicação, ela é uma mulher ocupada e sensível. Mas ela realmente me ama e eu realmente dormi com ela em Rodmell”. Mas Vita já estava envolvida com a também escritora Dorothy Wellesley, com quem viajara para Teerã em janeiro. Em maio de 1927, Vita conhece a poetisa Mary Campbell, com quem começa um caso em outubro do mesmo ano. Com uma nova paixão na vida de Vita, a relação com Virginia já não é mais a mesma. É nesse mesmo ano que tem início o projeto de *Orlando*. O livro é, de alguma forma, uma espécie de sutil vingança contra Vita por sua infidelidade. Mas é também uma homenagem à mulher que tanto amou. E, ao fazer com que, no romance, Orlando fique na posse da mansão ancestral da família, Virginia, de certa forma, restitui a Vita a mansão ancestral de sua própria família que, com a morte do pai, passara ao varão mais velho da família, um tio de Vita. Mas a paixão das duas tinha chegado ao fim. Em 24 de maio de 1928, fazem juntas uma viagem de uma semana à França. Parecem ter se divertido, mas ocupam quartos separados nos hotéis e passam boa parte do tempo escrevendo cartas para os respectivos maridos. Na entrada do diário relativa ao último dia da viagem, Vita registra: “V. me contou a história de seus primeiros amores, como Madge Symonds, que é Sally em *Mrs. Dalloway*”. Mas a amizade permanecerá, ainda que com contatos cada vez mais esparsos, até a morte de Virginia, em 28 de março de 1941.

parque – *park*, no original. Aqui, como em outros locais do livro em que está associada à mansão em que Orlando mora, a palavra se refere a um extenso gramado em torno das grandes mansões senhoriais inglesas, de caráter ornamental e recreativo, mas também compreendendo bosques e pastagens, onde, com frequência, vacas, ovelhas e cervos circulavam livremente.

podia-se ver o Canal da Mancha – impossível avistá-lo desse ponto. Trata-se de licença poética da parte de Virginia.

Snowdon – a montanha mais alta do País de Gales. Tal como o Canal da Mancha, é impossível avistá-la da região (perto de Londres) onde, supostamente, Orlando está situado nessa passagem. De novo, trata-se de uma licença poética de Virginia, que se repete no sexto capítulo, em cujo final Virginia faz Orlando regressar à cena do início do primeiro.

um homem bastante gordo e maltrapilho – Shakespeare, como indica a própria Virginia, no seu índice, ao final do livro.

grande rainha – trata-se, como é explicitado mais adiante, da rainha Elizabeth (1533-1603), que reinou de 1558 até a morte. É sob o seu reinado que se passa a ação dessa primeira parte do primeiro capítulo do livro.

Abadia – Abadia de Westminster, igreja em estilo gótico localizada no bairro de Westminster, a oeste do Palácio de Westminster, em Londres. Local onde se realiza a coroação dos monarcas britânicos. Aí também repousam os restos dos monarcas mortos e se exibem efígies em cera de soberanos e outras personalidades importantes.

mansão monástica – a mansão onde Orlando vive é inspirada naquela onde nasceu e viveu até a mocidade Vita Sackville-West, a nobre que serviu de inspiração à Virginia para a figura de Orlando. A mansão chamada Knole, segundo a tradição britânica de dar nome às casas importantes, pertence à família Sackville-West desde 1566, quando foi doada a Thomas Sackville pela rainha Elizabeth, tendo antes pertencido ao arcebispado de Canterbury. Ficcionalmente, Virginia transformou-a, de simples residência de arcebispos, em monastério, o que ela nunca foi. Curiosamente, no romance, Virginia não lhe confere nenhum nome. É possível que, em vez de dar-lhe um nome fictício, Virginia tenha preferido não nomeá-la, deixando ao leitor a tarefa de preencher o vazio com o nome “Knole”, restituindo assim à Vita, como era um de seus propósitos ao escrever o romance, a mansão que, quando da morte do pai, passara às mãos do parente masculino mais velho na ordem de sucessão. Knole está situada no vilarejo de Sevenoaks, no condado de Kent, a cerca de 40 km de Londres. Curiosamente, em 1813, a linha masculina de herança foi interrompida com a morte do último Sackville ainda vivo na época, sendo a sucessão transmitida, pela linha feminina, a Elizabeth Sackville, que se casou com George John West, o qual acrescentou ao seu sobrenome o da mulher, passando a se chamar George Sackville-West. Foi assim que a família Sackville transformou-se em Sackville-West e, ao mesmo tempo, teve restabelecida a linha masculina de sucessão.

Whitehall – isto é, o Palácio de Whitehall. Localizado em Londres, era a principal residência dos monarcas britânicos de 1530 a 1698, quando foi destruído por um incêndio.

Ordem da Jarreteira – *Order of the Garter*, no original. Honraria concedida pelo soberano britânico a um número muito restrito de membros, que formam uma espécie de confraria. A jarreteira nada mais é do que uma liga utilizada para segurar as meias. O distintivo concedido aos privilegiados membros consiste numa fita de veludo azul escuro com bordas douradas e

fivela de ouro, trazendo inscrita na parte superior, também em dourado, o lema da Ordem: *Honi soit qui mal y pense* [Envergonhe-se quem vê mal nisso]. É presa abaixo do joelho esquerdo.

numa triste missão diplomática junto à desditosa rainha – de fato, o antepassado de Vita, Thomas Sackville, primo da rainha Elizabeth e detentor, tal como Orlando, de importantes cargos na corte, foi enviado à Escócia para notificar Mary, rainha da Escócia (1542-1587), de sua iminente execução.

guerras polonesas – não há registro de “guerras polonesas”, durante o reinado de Elizabeth I, em que a Inglaterra estivesse envolvida.

quando os canhões ribombavam na Torre – isto é, na Torre de Londres, o castelo histórico situado na margem norte do Tâmsa, no centro de Londres. Tendo antes servido como residência real, funcionou como prisão de 1100 a 1952. Nessa passagem, os canhões ribombavam, pode-se supor, em comemoração da vitória dos ingleses sobre a Invencível Armada espanhola em 1588.

Richmond – cidade a sudoeste de Londres, onde se situava o Palácio Richmond, residência da rainha Elizabeth.

Wapping Old Stairs – isto é, as antigas escadarias de Wapping. O acesso às águas do Tâmsa, para várias finalidades (principalmente o acesso aos veículos de transporte fluvial e o trânsito de pescadores), era feito por um sistema de escadarias. Wapping, área a leste de Londres, ficava num desses conjuntos de escadarias, nas proximidades das quais se situavam, em virtude da intensa circulação de viajantes, várias tabernas e cervejarias, constituindo-se num local identificado com o lazer e a diversão.

gramados do jogo de bola de pau – *bowling greens*, no original. Refere-se ao jogo chamado *bowls* ou *lawn bowls*, que guarda alguma semelhança com o jogo italiano da *boccia* (conhecido como “bocha” no Brasil).

conde de Cumberland - sir George Clifford, 3º conde de Cumberland (1558-1605), cortesão da corte da rainha Elizabeth I, comandou um navio na guerra entre Espanha e Inglaterra.

rei James – James I (1566-1625). Sucedeu à rainha Elizabeth, reinando de 1603 até a data de sua morte.

família irlandesa dos Desmond – uma das tradicionais famílias da nobreza da Irlanda que, no século XV, teve papel ativo nas Guerras das Rosas (1455-1487), uma série de batalhas dinásticas pelo controle do trono da Inglaterra.

Grande Geada – refere-se à Grande Geada de 1608 (ocorreram outras ao longo dos séculos). A geada que congelou as águas do Tâmsa foi descrita, no mesmo ano, por Thomas Dekker (1570-1632), poeta e dramaturgo, num panfleto intitulado “The Great Frost”.

passagem do noroeste – refere-se às tentativas de exploradores ingleses da era elisabetana para encontrar uma rota marítima que, passando pela costa norte da América do Norte, servisse de ligação entre os oceanos Atlântico e Pacífico.

Invencível Armada – frota espanhola constituída de 130 navios, reunida pelo rei Felipe II da Espanha, para transportar soldados que deveriam invadir a Inglaterra, derrubando a rainha Elizabeth. Partindo da Espanha em julho de 1588, a frota se envolveu em várias escaramuças

com a marinha inglesa, das quais saiu bastante enfraquecida, sendo forçada a retornar à Espanha com cerca de metade dos navios que ainda lhe restavam.

coranto... lavolta... quadrilha... minueto – danças de salão.

Marousha Stanilovska Dagmar Natasha Iliana Romanovitch – personagem inspirada em Violet Trefusis (1894-1972), filha de Alice Keppel, amante do rei Edward VII. Violet foi o caso amoroso mais tórrido e turbulento da agitada vida sexual de Vita Sackville-West. O livro *Portrait of a Marriage*, organizado e comentado por seu filho, Nigel Nicolson, transcreve as páginas de um longo relato de Vita sobre a paixão por Violet (no Brasil, foi publicado com o título *Retrato de um casamento*, trad. José Alberto Leite Gueirós, Nova Fronteira, 1976).

“Je crois avoir fait...” – “Creio ter conhecido na Polônia, no verão passado, um cavalheiro que seria vosso parente.” A tradução para o francês desta frase e da seguinte foram fornecidas por Vita, que era bilíngue em francês e inglês. Vita as transmitiu a Virginia em carta de 26 de abril de 1928. Sabe-se, por essa carta, que a versão inglesa era: *“I think I met a gentleman of your family in Poland last summer”*.

“La beauté des dames...” – “A beleza das damas da corte da Inglaterra me enche de encantamento. Não se conhece uma dama mais graciosa que a vossa rainha, nem um toucado mais bonito que o dela.” No inglês de Virginia, a frase, traduzida por Vita, era: *“The ladies of the English Court ravish me with their beauty. Never have I seen so graceful a lady as your Queen or so fine a head dress as she wears”*.

como um pau de fita – no original, *rigged up like a Maypole*, que foi a frase que Virginia passou a Vita para ser traduzida ao francês.

George Villiers – George Villiers (1592-1628), 1º duque de Buckingham, era o cortesão favorito do rei James I.

as cabeças no Temple Bar – literalmente, Barreira do Templo. O nome remonta à Idade Média, quando era necessário montar barreiras em pontos distantes do principal portão de acesso à cidade de Londres, como forma de controle alfandegário. O nome vem de uma igreja próxima ao local em que se erigia essa barreira, a Temple Church, nome que se estendeu à própria região. O portão de entrada, uma arcada em madeira, resistiu ao grande incêndio de 1666, mas o rei Charles II resolveu encomendar ao arquiteto Christopher Wren (1632-1723) uma estrutura em pedra para substituí-lo, a qual foi demolida em 1874 para permitir o alargamento da rua em que estava situada. A área conhecida como Temple situa-se no centro da cidade, entre a Fleet Street e o rio Tâmesa. O que Orlando vê nessa passagem é, portanto, a construção original. Era costume exibir as cabeças decepadas de supostos traidores em cima da paliçada que formava a barreira de Temple Bar.

Pois o filósofo... – pelo tema, parece ser uma referência a Robert Burton (1577-1640), autor do livro *The Anatomy of Melancholy* [*A anatomia da melancolia*]. Entretanto, as formulações aqui atribuídas ao inominado filósofo não estão no livro de Burton, pelo menos não nos termos em que são apresentadas nessa passagem. Além disso, Burton não poderia ser caracterizado como “anabatista”.

Catedral de St. Paul – famosa e antiga catedral de Londres, localizada no topo de Ludgate Hill, o ponto mais alto de Londres. A atual construção, concebida por sir Christopher Wren, foi

erigida no século dezessete, após o Grande Incêndio de 1666, que destruiu a anterior. A catedral aludida nessa passagem, situada no período 1603-1625 é, portanto, a antiga.

Aqui, em Charing, estava a capelinha com entalhes em relevo – Charing refere-se à junção entre as ruas Strand, Whitehall e Cockspur, ao sul da Trafalgar Square, em Londres. O nome atual, Charing Cross, faz alusão ao fato de que, no local onde existe hoje uma estátua equestre do rei Charles I, erigida em 1675, havia uma espécie de monumento construído em forma de capelinha, encimado por várias cruzes, que fora erguido por ordem do rei Edward I, entre 1291 e 1294.

domo da Catedral de St. Paul – a catedral existente antes do Grande Incêndio de 1666 não tinha domo. Mais do que um cochilo de Virginia, trata-se talvez de uma licença poética, pois, mais adiante, no capítulo quatro, já em pleno século dezoito, ela alude claramente ao domo da nova e atual catedral: “Aquele, então, era o domo da Catedral de St. Paul, que o sr. Wren tinha erguido durante sua ausência”.

Punch e Judy dos dias de hoje – espetáculo de marionetes, popular no século dezessete. Trata-se de uma encenação de *Otelo*, de Shakespeare, tal como indicado no próprio índice do livro (v. o verbete “Otelo”).

Parece-me haver agora um grande eclipse – No original, “*Methinks it should be now a huge eclipse/ Of sun and moon, and that the affrighted globe/ Should yawn [at alteration.]*” (Shakespeare, *Otelo*, ato V, cena 2). A tradução inteira dos três versos (Virginia suprimiu o final do terceiro, assinalado acima entre colchetes) seria: Parece-me haver agora um grande eclipse/ Do sol e da lua e o globo/ Parece assustado [com a mudança.]” Podem-se ouvir aqui, talvez, ecos da expedição de Virginia, em 29 de junho de 1927, para contemplar um eclipse total do sol, experiência narrada na crônica “O sol e o peixe” (reproduzida na coletânea *O sol e o peixe. Prosas poéticas*, Belo Horizonte: Autêntica, 2015).

Jour de ma vie! – em francês no original: “Dia de minha vida!” Lema da família Sackville, faz referência ao dia em que um antepassado da família, sir Roger de La Warr, fez o rei da França prisioneiro, na Batalha de Poitiers, em 1356.

Blackfriars – área da região central de Londres. O nome é uma referência ao hábito negro dos frades dominicanos que estabeleceram uma comunidade aí em 1276. Blackfriars é também o nome de uma rua situada nessa área, mas a rua só passou a ter esse nome em 1829.

Drake, Hawkins e Grenville – Francis Drake (1540-1596), John Hawkins (1532-1595), Richard Grenville (1542-1591), todos personagens importantes das batalhas navais elisabetanas contra os espanhóis.

rebeldes irlandeses – refere-se a uma rebelião de um grupo irlandês contra os ingleses, iniciada no norte da Irlanda em 1608, o ano da Grande Geada.

Capítulo II

A primeira parte da ação do capítulo II se passa, ainda, durante o reinado (1603-1625) de James I. A lista dos escritores mencionados por Orlando (“Shakespeare, Marlowe, Ben Jonson, Browne, Donne”) o confirma. No meio do capítulo, sem maiores indicações, passamos ao período da Restauração e ao reinado (1660-1685) de Charles II, pulando, assim, o intervalo republicano (1649-1660) (“mas os odiosos dias do Parlamento tinham chegado ao fim e de novo havia agora uma coroa na Inglaterra”). Orlando tem, então, trinta anos (“Assim, aos trinta, ou por volta disso, esse jovem nobre...”).

Casa Irlandesa dos Desmond – v. nota do capítulo I.

Thomas Browne – Thomas Browne (1605-1682), escritor e médico inglês, escreveu sobre os mais variados assuntos, da medicina à religião. Entre seus trabalhos destaca-se *Religio Medici* [*A religião de um médico*], frequentemente citada por Virginia em sua obra ensaística, como, por exemplo, no ensaio sobre Montaigne (ver *O sol e o peixe*, Autêntica, 2015). Nessa passagem, a alusão é, possivelmente, a um de seus últimos escritos, *A Brief Discourse of the Sepulchral Urns Lately Found in Norfolk* [*Um breve discurso sobre as urnas sepulcrais recentemente encontradas em Norfolk*], uma meditação sobre a morte, o caráter passageiro da vida e a inutilidade da fama. Observe-se que Browne é um dos escritores citados logo no início do prefácio de *Orlando*.

esconderijos subterrâneos – no original, *priest's holes*, esconderijos para abrigar padres católicos que fugiam à perseguição protestante.

o arco-íris e o granito – a metáfora, cunhada por Virginia, aparece com frequência em sua obra. É significativo que a utilize em *Orlando*, pois ela desenvolve a oposição justamente para ressaltar o contraste entre, de um lado, o objetivo, o verdadeiro, o externo, e, de outro, o subjetivo, o imaginativo, o interno na vida das pessoas. É justamente no ensaio “A nova biografia”, estreitamente relacionado com as estratégias experimentais utilizadas em *Orlando*, que ela se estende a respeito da metáfora: “‘O objetivo da biografia’, disse sir Sydney Lee, ‘é a verdadeira transmissão da personalidade’, e nenhuma outra frase consegue, como essa, dividir mais nitidamente em duas partes todo o problema da biografia tal como hoje se nos apresenta. De um lado, há a verdade; do outro, a personalidade. E se pensamos na verdade como algo que tem a solidez do granito e na personalidade como algo que tem a intangibilidade do arco-íris, e refletimos que o objetivo da biografia é fundir essas duas partes num todo inteiriço, devemos admitir que o problema é complicado e não devemos nos espantar que os biógrafos, em sua grande maioria, tenham fracassado em resolvê-lo.”

rainha Alexandra – rainha Alexandra (1844-1925), esposa do rei Edward VII, que reinou de 1901 a 1910.

rainha Bess – refere-se a Elizabeth I (1533-1603), rainha da Inglaterra e da Irlanda de 1558 até a sua morte. No livro, é a soberana reinante durante a infância e a adolescência de Orlando (capítulo I).

vales de Tempe – localizados no norte da Grécia, próximo ao monte Olimpo. Celebrado, na Antiguidade, como a morada de Apolo e das Musas.

lady Winchilsea – Ann Finch, condessa de Winchilsea (1661-1720), poetisa inglesa.

Flodden – refere-se à Batalha de Flodden, travada, em 1513, em Flodden Hill, uma colina no norte da Inglaterra, perto da fronteira com a Escócia, entre os reinos desses dois países, com vitória da Inglaterra.

Agincourt – uma das batalhas da Guerra dos Cem Anos, travada entre a Inglaterra e a França, em outubro de 1415, e da qual a primeira saiu vencedora.

Shakespeare, Marlowe, Ben Jonson, Browne, Donne – William Shakespeare (b. 1564-1616), Christopher Marlowe (c. 1564-1593), Ben Jonson (1572-1637), todos dramaturgos e poetas; Thomas Browne (1605-1682), escritor e médico; John Donne (1572-1631), poeta.

Harwich – cidade portuária situada no condado de Sussex.

elkhounds – raça de cães de origem norueguesa.

volutevolteante – *scrolloping*, no original. Palavra-valise criada por Virginia e apenas recentemente dicionarizada pelo *Oxford English Dictionary*. Segundo o OED seria uma composição de *scroll* (voluta, arabesco) e *lollop* (arrastar-se, caminhar indolentemente). Como adjetivo, se aplicaria a algo exageradamente ornamentado, floreado. Como verbo, a movimentos tortuosos, confusos, complicados. A tradução junta “voluta” e “voltar”. A palavra aparece de novo, desta vez como verbo, no capítulo V, onde é traduzida por “volutevolteando”.

um muro onde os pêssegos amadurecem – frutas exóticas, tais como pêssego e damasco, eram plantadas contra os muros de tijolo, que refletiam e armazenavam o calor do sol, necessário para fazê-las frutificar.

odiosos dias do Parlamento – refere-se ao período entre 1649 e 1660, em que a Inglaterra (juntamente com a Irlanda) foi governada por um sistema republicano. Em 1660, após um breve período de incerteza, a monarquia, sob Charles II, foi finalmente restaurada.

arquiduquesa Harriet Griselda – personagem baseado em Henry (Harry) George Charles Lascelles, 6º conde de Harewood (1882-1947), um dos pretendentes à mão de Vita Sackville-West, que acabou se casando com o diplomata Harold Nicolson.

rei Charles – Charles II (1630-1685), reinou desde a Restauração (1660) até sua morte.

Constantinopla – atual Istambul, capital da Turquia.

Nell Gwyn – Eleanor Gwyn (1650-1687), atriz inglesa, foi amante de Charles II.

Capítulo III

No capítulo III, a ação se desloca de Londres e de seus arredores (onde, supostamente, está localizada a mansão) para Constantinopla (atual Istambul), para onde Orlando é enviado como embaixador por Charles II (1630-1685). É na metade desse capítulo que Orlando, em meio a uma revolta local, se transforma em mulher. Sua idade continua inalterável: “Basta-nos estabelecer o simples fato de que Orlando foi homem até os trinta anos, ocasião em que se tornou mulher, assim permanecendo desde então”.

Ordem Militar do Banho – ordem instituída pelo rei George I (1660-1727). O nome deriva do banho a que eram submetidos os membros quando de sua admissão à ordem.

domos de Santa Sofia – refere-se às cúpulas (dentre elas, a cúpula central) da Basílica de Santa Sofia, na antiga Constantinopla (hoje, Istambul), mais tarde transformada em museu. Santa Sofia, que Virginia visitou em 1906, é evocada também em *Ao Farol* (Autêntica, 2013).

ponte Gálata – ponte que se estende sobre o estuário Corno de Ouro, ligando as duas partes europeias de Istambul (antiga Constantinopla). Gálata (o nome atual é Karakoy) refere-se ao bairro que fica a norte do Corno de Ouro.

Pera – bairro localizado na parte europeia de Istambul.

Tunbridge Wells – cidade do condado de Kent, Inglaterra, antigamente conhecida por seus banhos de água de fonte.

Pantiles – rua da cidade de Royal Tunbridge Wells, no condado de Kent, Inglaterra, conhecida por ser marginada por uma colunata.

Rosina Pepita – alusão à avó materna de Vita Sackville-West, Josefa de Oliva (1830-1871), famosa dançarina espanhola conhecida como “Pepita”. Separada do marido, Juan Antonio de Oliva, ela viveu maritalmente com Lionel Sackville-West (1827-1908), político e diplomata, com quem teve cinco filhos, dentre os quais, Victoria, a mãe de Vita.

Eu (diz a Pureza) ao poleiro das galinhas. Eu (diz a Castidade)... – as três irmãs se retiram (ou melhor, são retiradas), sugere Claudia Heuer no ensaio “Aphra Ben and Virginia Woolf’s Concept of the Female Writer”, para locais associados ao conservador cenário rural da Inglaterra, hostil à espécie de transformação de sexo que se opera em Orlando.

Bursa – uma das maiores cidades da Turquia, situada na região de Mármara.

o Embaixador da Grã-Bretanha – *the Ambassador of Great Britain*, no original. Ainda que a narrativa passe a usar o pronome pessoal feminino para se referir a Orlando, a tradução utiliza a forma masculina para nomear o cargo diplomático exercido pela personagem. A forma feminina *ambadress* remonta, na língua inglesa, ao século XVI, mas era utilizada exclusivamente para se referir à esposa de um embaixador. Foi apenas em 1976 que a primeira

mulher assumiu a chefia de uma embaixada britânica: Anne Marion Warburton (1927-2015) (Helen McCarthy, *Women of the World. The Rise of the Female Diplomat*, p. 390).

Tessália – região administrativa situada no centro da Grécia.

mar de Mármara – canal, na Turquia, que liga o mar Negro ao mar Egeu, separando a parte asiática da parte europeia do país.

Howards – família da tradicional aristocracia inglesa, remontando a John Howard, 1º duque de Norfolk (1425-1485).

Plantagenetas – família real de origem francesa que deteve o trono inglês de 1154 a 1485.

Talbots – família da tradicional aristocracia inglesa, remontando a John Talbot, conde de Shrewsbury (1384-1453).

Monte Atos – elevação do norte da Grécia. A península em que o monte se situa é sede de vinte mosteiros da igreja ortodoxa grega, nos quais é estritamente proibida a presença de mulheres.

Capítulo IV

Após a tumultuada revolta na embaixada na Turquia, sua mudança de sexo e sua convivência com os ciganos, Orlando volta à Inglaterra, no *Enamoured Lady*, comandado pelo capitão Bartolus. Não nos é dada qualquer indicação do tempo passado entre sua chegada à Turquia e seu retorno à Inglaterra. Mais adiante, entretanto, ficamos sabendo que estamos no reinado (1702-1714) da rainha Anne, pulando, assim, três reinados, o de James II (1685-1688), o de Mary II (1688-1694) e o de William III (1688-1702). Orlando vive agora, portanto, no início do século XVIII, o que é confirmado pela lista de literatos que viveram entre o final do século XVII e meados do século XVIII: Addison, Dryden, Pope, Johnson, Boswell, Williams. Excetuando-se a data em que se encerra a ação, no final do livro (mesma data em que o livro foi publicado), o biógrafo-narrador registra nesse capítulo uma data precisa da vida de Orlando: “A data era 16 de junho de 1712, uma terça-feira [...]”. No final do capítulo, somos informados de que um século se acabava e outro começava: “O século dezoito chegara ao fim; o dezenove começava”. Apenas o reinado de Anne é mencionado, mas depois dela e antes de chegarmos ao reinado da rainha Vitória, no qual se passa boa parte do próximo capítulo, temos os reinados de George I (1714-1727), George II (1727-1760), George III (1760-1820), George IV (1820-1830) e William IV (1830-1837).

Qual êxtase é maior? – alusão significativa à figura de Tirésias, profeta cego que, segundo a mitologia grega, por ter batido num casal de cobras que copulavam, foi, como castigo, transformado por Hera (irmã e esposa de Zeus) em mulher. A referência, aqui, é a um episódio em que Tirésias teria sido convocado para dirimir uma disputa entre Zeus e Hera sobre quem teria mais prazer no sexo: o homem, como argumentava Hera, ou a mulher, como queria Zeus, uma vez que Tirésias tivera ambas as experiências. A resposta de Tirésias dava razão a Zeus, motivo pelo qual foi castigado por Hera com a cegueira.

Guy Fawkes – Guy Fawkes (1570-1606) fazia parte de um grupo que planejava assassinar o rei James I para reinstaurar um monarca católico no trono da Inglaterra. Encontrado, em 5 de novembro, na guarda dos explosivos que seriam usados no atentado, foi preso e condenado à morte. Desde então, o fracasso do golpe que ficou conhecido como a “Conspiração da Pólvora” é comemorado por um desfile, no dia 5 de novembro, com os participantes vestindo-se à esfarrapada maneira de Fawkes e portando máscaras imitando-lhe o rosto, com as quais se faz depois uma fogueira. Nessa passagem, entretanto, sugere-se que o esmero das fantasias poderia ser objeto da admiração feminina.

Damas da Espanha – *Ladies of Spain*, no original. Canção tradicional dos marinheiros britânicos: “Até a vista e *adieu* para vocês, damas espanholas/ Pois recebemos ordens/ Para navegar de volta à velha Inglaterra/ Mas esperamos revê-las em breve”.

Milton – John Milton (1608-1674), poeta, conhecido pelo poema “O paraíso perdido”.

sr. Wren – Christopher Wren (1632-1723), arquiteto inglês conhecido pela reconstrução de muitas das igrejas de Londres após o incêndio de 1666, incluindo a mais famosa delas, a Catedral de St. Paul.

Monumento – trata-se do Monumento ao Grande Incêndio de Londres, construído entre 1671 e 1677, próximo ao lado norte da Ponte de Londres. Tem a forma de uma coluna dórica, no topo da qual repousa uma pira dourada (daí o “tufo de cabelo dourado” avistado por Orlando nessa passagem).

uma peste – a Grande Peste, que, entre 1664 e 1666, matou cerca de 100 mil pessoas (quase um quarto da população de Londres).

um incêndio – o Grande Incêndio de Londres, que, entre 2 e 5 de setembro de 1666, devastou a região central da cidade.

Cocoa Tree – como sugere o nome, um estabelecimento onde se servia o chocolate como bebida, situado, durante muito tempo, possivelmente a partir de 1692, na Pall Mall Street, em Westminster. Jonathan Swift (1667-1745) era, sabidamente, um de seus habituais clientes. A se crer no que diz o biógrafo-narrador, era o local preferido de reunião de outros escritores.

Addison – Joseph Addison (1672-1719), escritor, dramaturgo e político. Fundou, juntamente com Richard Steele (1672-1729), o jornal diário *The Spectator*, citado mais adiante nesse capítulo.

Dryden – John Dryden (1631-1700), poeta e dramaturgo inglês.

Pope – Alexander Pope (1688-1744), poeta inglês.

Bow Street – rua de Londres situada em Covent Garden, na região de Westminster, na qual funcionava, desde 1739, um tribunal de justiça.

lorde-guardião... lorde-camareiro – *Lord Keeper... Lord Chamberlain*, no original. O primeiro refere-se ao cargo, conferido a um nobre, cuja tarefa consiste em se responsabilizar pela guarda do Sinete Real da Inglaterra, que servia de molde para o lacre utilizado para assinalar a aprovação, pelo soberano, de importantes documentos oficiais. O segundo refere-se ao posto, também preenchido por um membro da nobreza, que detém a responsabilidade de supervisionar todas as atividades protocolares e administrativas da Casa Real.

Conquistador – William I ou William, O Conquistador (c. 1028-1087), líder da conquista normanda da Inglaterra. Seu reinado se estendeu de 1066 até a data de sua morte.

Mary, rainha da Escócia – também conhecida como Mary Stuart ou Mary I da Escócia (1542-1587). Governou a Escócia de 1542 (como única herdeira, acedeu ao trono, com a morte do pai, James V da Escócia, seis dias após o nascimento) a 1567, quando foi forçada a abdicar. Após uma tentativa fracassada de reaver o trono, fugiu para a Inglaterra, buscando a proteção de sua prima, Elizabeth I, que, entretanto, vendo-a como uma ameaça (ela havia, anteriormente,

reivindicado o trono da Inglaterra), manteve-a confinada em vários locais durante dezoito anos, terminando por decretar sua execução à morte.

Strand – rua que começa na Trafalgar Square e vai até o Temple Bar (linha divisória entre a City of Westminster e a City of London), a oeste, na altura da Chancery Lane, ponto em que passa a se chamar Fleet Street.

Se comparamos o retrato de Orlando como homem – provavelmente refere-se à imagem da página 4.

Mall – conhecida simplesmente como The Mall, é a rua que vai do Palácio de Buckingham, na sua extremidade oeste, até o Admiralty Arch (Arco do Almirantado) e a Trafalgar Square, na sua extremidade leste.

heroína do famoso processo judicial – faz alusão ao processo judicial em que esteve envolvida Victoria Sackville-West, a mãe de Vita, referente à herança que lhe fora deixada por sir John Murray Scott (1847-1912), considerado seu amante. Ao morrer, Murray lhe deixara uma considerável soma em dinheiro, além do mobiliário e das obras de arte de sua casa em Paris, mas o testamento foi contestado pela família. Em julho de 1913, entretanto, o juiz encarregado do caso pronunciou sentença favorável a Victoria.

Southwark – distrito localizado na margem sul do Tâmisa.

rainha Anne – a rainha Anne (1665-1714) reinou de 1702 até a data de sua morte.

humor negro – também conhecido como “bílis negra” ou “melancolia” (algo próximo do que hoje entendemos por “depressão”), um dos quatro humores da medicina e da psicologia pré-moderna. Os “humores” seriam fluidos corporais e que influenciariam a disposição, o temperamento e a saúde. Os quatro humores seriam a bÍlis negra, a bÍlis amarela, a fleuma e o sangue, correspondendo, respectivamente, aos temperamentos melancólico, colérico, fleumático e sanguíneo.

Arlington House – era uma das mansões situadas no terreno onde atualmente está o Palácio de Buckingham, residência da família real. Erguida em 1675, foi reconstruída em 1703 pelo duque de Buckingham, passando a se chamar Buckingham House. Em 1712, portanto, contrariamente ao que dá a entender o biógrafo-narrador, a Arlington House já não existia.

madame du Deffand – Marie de Vichy, marquesa du Deffand (1697-1780), nobre francesa, famosa por promover saraus artísticos e literários em sua casa, bem como por seus cáusticos e espirituosos comentários.

tirada de São Dionísio – em francês no original, *le mot de Saint Denis*. Reza a lenda que São Dionísio (Saint Denis de Paris), ao ser decapitado em Montmartre (Paris), ainda conseguira caminhar, com a cabeça decepada nas mãos, até um pequeno santuário, por uma distância de 10 quilômetros. Foi ao ouvir essa história que madame du Deffand teria pronunciado a famosa tirada: “*La distance n’y fait rien; il n’y a que le premier pas qui coute.*” [“A distância pouco importa; é o primeiro passo que conta.”]. Não se sabe exatamente em que período viveu, mas calcula-se que foi entre os séculos I e III de nossa era.

Park Lane... Tottenham Court Road – ruas da área central de Londres.

não me ofereceste uma imagem tua – Pope estimulava a disseminação do próprio retrato, com frequência presenteando-o a amigos e admiradores.

Piccadilly Circus – praça circular situada em Westminster, no cruzamento de quatro importantes ruas: Regent's Street, Shaftesbury Avenue, Piccadilly e Haymarket.

lord Tennyson – Alfred Tennyson (1809-1892), poeta inglês.

Swift – Jonathan Swift (1667-1745), poeta e romancista irlandês.

O rapto da madeixa – *Rape of the Lock*, no original. Poema de Alexander Pope (1688-1744), poeta inglês.

The Spectator – jornal de curta existência (1711-1712), fundado por Joseph Addison (1672-1719) e Richard Steele (1672-1729).

Quer a Ninfa... – versos de *O rapto da madeixa*, de Alexander Pope (canto II, versos 105-109). No original: “*Whether the Nymph shall break Diana's Law,/ Or some frail China Jar receive a Flaw,/ Or stain her Honour; or her new Brocade,/ Forget her Pray'rs or miss a Masquerade,/ Or lose her Heart, or Necklace, at a Ball.*”

a seguinte passagem de *The Spectator* – na verdade, a passagem é do jornal *Tatler*, n.º 116, de 5 de janeiro de 1710. A descoberta é de Rachel Bowlby, na edição de *Orlando* da Oxford University Press.

lord Chesterfield – Philip Dormer Stanhope, 4º conde de Chesterfield (1694-1773). A citação é extraída de *Letters to His Son. On the Fine Art of Becoming a Man of the World and a Gentleman* [Cartas ao filho. Sobre a refinada arte de se tornar um homem de sociedade e um cavalheiro], livro publicado, postumamente, em 1774. A passagem citada é da carta 49, de 5 de setembro de 1748.

Sobre as características das mulheres – Alexander Pope (1688-1744) publicou, ao longo de sua carreira, várias epístolas satíricas em versos, entre elas a intitulada *Epistle to a Lady. Of the Characters of Women* [Carta a uma dama. Sobre as características das mulheres] (1735), que começa com os versos: “*Nothing so true as what you once let fall,/ 'Most women have no Characters at all:*”]. [Nada parece mais verdadeiro assim que se o pronuncia: ‘A maioria das mulheres não tem característica alguma.’”].

dr. Johnson – dr. Samuel Johnson (1709-1784), poeta e lexicógrafo.

sr. Boswell – James Boswell (1749-1795), advogado e escritor escocês.

sra. Williams – Anna Williams (1706-1783), poeta inglesa.

Capítulo V

O final do capítulo IV já anunciara que o século XVIII se acabava e o XIX começava. E estamos no primeiro dia do novo século: “A grande nuvem que se estendia não apenas sobre Londres, mas também sobre a totalidade das Ilhas Britânicas no primeiro dia do século dezenove [...]”. O biógrafo aproveita para recapitular os séculos em que Orlando vivera até então: “Orlando se inclinara naturalmente ao espírito elisabetano, ao espírito da Restauração, ao espírito do século dezoito e, em consequência, quase não se dera conta da mudança de uma época para a outra”.

irmãos Adam – John (1721-1792), Robert (1728-1792) e James (1732-1794), arquitetos escoceses. Robert, juntamente com o irmão James, se estabeleceu em Londres, sendo um dos principais responsáveis pela volta do classicismo na arquitetura e na decoração de interiores na Inglaterra.

muffin... crumpet – não se trata dos conhecidos *muffins* americanos. O *muffin* inglês (conhecido nos Estados Unidos como *English muffins*), assim como o *crumpet*, assemelha-se mais à panqueca. Ambos são feitos sobre uma chapa colocada em cima do fogão. O *muffin*, de massa mais dura, é colocado diretamente sobre a chapa, enquanto o *crumpet*, de massa mais mole, é cozido dentro de moldes redondos (v. Elizabeth David. *English Bread and Yeast Cookery*. Londres: Penguin, 1979, p. 341-361).

viveiros de plantas exibidos em redomas de vidro – *glass cases*, no original. Na era vitoriana, tornara-se moda cultivar plantas dentro de casa, especialmente em redomas de vidro de formato cúbico. O biógrafo-narrador sugere aqui uma escalada na prática de se adotar elementos cada vez mais artificiais na decoração de interiores.

verde ofuscado – *obfusc green*, no original. *Obfusc* é neologismo criado por Virginia.

Eusebius Chubb – nome fictício. Segundo Grace Moore (*The Victorian Novel in Context*. Londres: Continuum, 2012, p. 137), Virginia ridiculariza aqui, na figura de Eusebius Chubb, o estilo de romancistas dos anos intermediários do período vitoriano, tais como Charles Dickens (1812-1870) e Anthony Trollope (1815-1882).

volteando – v. nota do capítulo II.

St. James's Park – o mais antigo dos parques reais, situado a leste do Palácio de Buckingham, em Westminster.

onde fica hoje a estátua da rainha Vitória – o Memorial à Rainha Vitória, localizado em frente ao Palácio de Buckingham, em Londres, foi erigido e inaugurado em 1911. Orlando tem, aqui, uma espécie de antevisão do monumento, só que, no lugar onde ele estaria no futuro, ela imagina uma coleção heterogênea de objetos ligados, de alguma forma, à futura rainha, à consolidação do império britânico sob seu reinado e aos costumes restritivos ligados à era vitoriana, sobretudo os que pesavam sobre a sorte das mulheres.

Palácio de Buckingham – localizado em Westminster, é a residência da família real britânica.

“Os muffins ainda estão quentinhos na biblioteca” – no original, “*The muffins is keepin’ ‘ot in the liberry*”. O biógrafo reproduz aqui, foneticamente, o sotaque *cockney* da criada numa frase repetida mais adiante por Orlando. *Cockney* é o dialeto falado por pessoas das classes populares de Londres.

lorde Burghley – William Cecil, 1º barão de Burghley (1520-1598), um dos principais conselheiros da rainha Elizabeth I.

Sou apenas um elo de nada... – os versos são extraídos do poema “Lines of Life” [Linhas de vida], da poetisa inglesa Letitia Elizabeth Landon (1802-1838): “*I am myself but a vile link/ Amid life’s weary chain;/ But I have spoken hallowed words,/O do not say in vain!!! Will the young maiden, when her tears/ Alone in moonlight shine,/Tears for the absent and the loved, Murmur [some song of mine?]*”. Virginia suprime, aqui, as últimas palavras [“alguma canção minha?”] do último verso.

Estava tão mudada... – esses versos também são de Letitia Elizabeth Landon, desta vez extraídos do poema “Sketch” [Esboço]: “*She was so changed, the soft carnation cloud,/ Once mantling o’er her cheek like that which eve/ Hangs o’er the sky, glowing with roseate hue,/ Had faded into paleness, broken by/ Bright burning blushes—torches of the tomb,*”.

lorde Melbourne – William Lamb (1779-1848), 2º visconde de Melbourne. Exerceu o cargo de primeiro ministro, por três períodos sucessivos, de 1834 a 1841.

Restauração – momento da história britânica em que a monarquia foi restaurada, com o retorno de Charles II (1630-1685) ao trono em 1660, após um breve período de regime republicano. O termo aplica-se também ao período que então se iniciava, estendendo-se até o fim do reinado de James II (1633-1701), que durou de 1685 a 1688.

Botany Bay – baía localizada em Sydney, na Austrália. Dizer que alguém fora enviado para Botany Bay significava dizer, de forma geral, que fora enviado para alguma das colônias penais na Austrália.

sir Bedivere – na lenda do rei Artur, é o cavaleiro da Távola Redonda que retorna a espada do rei, após a sua morte na última batalha, ao lago de onde ela viera.

South Downs – cadeia de montanhas calcárias localizada no sul da Inglaterra.

Armada – a Invencível Armada espanhola.

Nelson – lorde Horatio Nelson (1758-1805), oficial da marinha britânica.

Marmaduke Bonthrop Shelmerdine – personagem inspirado no marido de Vita Sackville West, Harold Nicolson (1886-1968), diplomata e escritor.

Esquire – título atribuído a membros da pequena nobreza.

ilhas Hébridas – arquipélago localizado na costa oeste da Escócia. É o cenário onde se passa a ação do romance *Ao Farol* (Autêntica, 2013).

Falmouth – cidade portuária localizada na Cornualha, no sudoeste da Inglaterra.

cabo Horn – um dos pontos mais meridionais da América do Sul. Localiza-se na ilha de Hornos, na Terra do Fogo.

Após mais alguns dias desse tipo de conversa - o espaço em branco que se segue a essa frase, tal como o que a precede, foi propositalmente deixado pela autora.

“Os processos legais foram resolvidos” – a passagem faz alusão ao processo judicial movido contra Victoria Sackville-West (1862-1936), a mãe de Vita, por um de seus irmãos. O diplomata inglês Lionel Sackville-West, 2º barão Sackville (1827-1908), em sua passagem como embaixador britânico na Espanha, conheceu, em 1852, em Paris, a dançarina espanhola Josefa de Oliva (ou Pepita, seu nome artístico), com quem teve seis filhos, considerados ilegítimos, pois Lionel nunca oficializou a ligação com a dançarina: Max, Victoria, Flora, Amalia, Henry e Frederic (a mãe morreu poucos dias após dar à luz esse último, que teve vida curta). Em 1865, Lionel instalou Pepita e os filhos numa casa em Arcachon, no sudoeste da França. Após a morte de Pepita, assolado por crescentes dívidas, Lionel buscou refúgio, em 1873, no cargo de embaixador britânico na Argentina, deixando os filhos aos cuidados da família Béon. Victoria foi enviada a um convento em Paris, de onde saiu, após sete anos, com a qualificação de governanta. Em 1880, Lionel pediu a uma senhora de suas relações que conduzisse Victoria à Inglaterra, para ser apresentada à família. Foi essa senhora que, pouco antes da chegada à Inglaterra, deu a Victoria a notícia de sua situação de filha ilegítima. No ano seguinte, os outros filhos, com exceção de Max, que foi mandado para a África do Sul, também foram enviados à Inglaterra. Embora tivessem sido recebidos pela família com clara desaprovação, uma das tias tomou Victoria sob sua proteção e providenciou para que ela fosse enviada a Washington para servir como anfitriã da casa do pai, que fora nomeado embaixador britânico nos Estados Unidos em 1881. Victoria cumpriu seu papel com grande brilhantismo, até que o pai, devido a uma indiscrição política, foi removido do cargo, tendo que regressar à Inglaterra. Por sorte, Lionel acabara de herdar Knole, a mansão ancestral da família Sackville-West. Era mais do que natural que Victoria assumisse o papel de dona de casa da mansão que era agora propriedade do pai solteiro, o que ela fez com graça e competência. Um penoso destino pendia, entretanto, sobre o futuro de Victoria e sua “posse” de Knole. Como mulher e, ainda por cima, filha ilegítima, ela não poderia herdar a propriedade da mansão. Por amor ou conveniência, ou pelos dois, entretanto, ela se casou, em 17 de junho de 1890, com um primo também chamado Lionel Sackville-West, que estava destinado, com a morte do velho Lionel, a ser o herdeiro de Knole. Victoria era, finalmente, a verdadeira dona de Knole. Mas os fantasmas de Victoria não tinham simplesmente desaparecido. Restava o empecilho dos irmãos. Max estava na África do Sul e, embora vivesse pedindo dinheiro ao pai para sustentar seus empreendimentos agrícolas, não causava grandes problemas. Das irmãs, Flora mudara-se para Paris e casara-se com um francês. Amalia morou por um tempo com o casal Sackville-West e o velho Lionel, em Knole, mas acabou indo embora para morar sozinha, sempre sustentada pelo pai. Mas foi Henry, que vivia então em Paris, que se tornou a grande dor de cabeça de Victoria. Em outubro de 1896, Henry escreveu ao pai, exigindo seus direitos de herdeiro, com base na alegação de que o pai, na verdade, se casara legalmente com Pepita, que, por sua vez, nunca fora realmente casada com Juan de Oliva, o que o tornaria um legítimo pretendente à posse de Knole. Após várias tentativas de negociação, primeiro com o pai, depois com Victoria (o velho Lionel morrera em 3 de setembro de 1908), Henry, finalmente, inicia um processo legal para obter o direito à sucessão de Knole. Em 1º de fevereiro de 1910, o caso foi levado à apreciação da Suprema

Corte, em Londres. Após várias manobras por parte do advogado de Henry e dele próprio, que dispensara o advogado para defender pessoalmente a sua causa, o caso foi finalmente julgado a favor de Victoria. Em 16 de fevereiro, Lionel e Victoria voltaram triunfantes a Knole. O casal teve uma recepção semelhante à que tem Orlando no capítulo V, quando a população da vila em que se localiza sua mansão fica sabendo que ela havia saído vencedora do processo relativo à sua herança: “Quando o resultado do processo se tornou conhecido (e o rumor fez a notícia se espalhar muito mais rapidamente do que o telégrafo que o suplantou), a vila inteira comemorou”. A história da filha ilegítima que se saiu bem e dos irmãos que se deram mal é contada em dois livros recentes, de autoria do atual ocupante de Knole, lorde Robert Sackville-West: *Inheritance* [Herança], Bloomsbury, 2010 e *The disinherited* [Os deserdados], Bloomsbury, 2014.

lorde Palmerston – Henry John Temple, 3º visconde de Palmerston (1784-1865), foi primeiro ministro da Inglaterra entre 1855 e 1865.

Estojos de ouro... Moedas... – supostamente, em ocasiões como essa, as pessoas tinham mais cuidado em manter a salvo seus bens preciosos do que em dias normais (mas sem deixar de exibi-los, como no caso dos estojos de ouro).

lady Palmerston – Emily Mary Temple, viscondessa de Palmerston (1787-1869), mulher de lorde Palmerston (1784-1865).

sra. W. E. Gladstone – Catherine Gladstone (1812-1900), mulher de William Ewert Gladstone (1809-1898), primeiro ministro da Inglaterra, em vários períodos, entre 1868 e 1894.

Pascal – Blaise Pascal (1623-1662), filósofo e matemático francês.

bispo Berkeley – George Berkeley (1685-1753), filósofo irlandês.

Derby – Mary Catherine Stanley, condessa de Derby (1824-1900), mulher de James Gascoyne-Cecil, 2º marquês de Salysbury (1791-1868), casando-se, após a morte desse último, com Edward Henry Stanley, 15º conde de Derby (1826-1893).

“Tem certeza de que você não é homem?” – O diálogo repete, interrogativa e negativamente, o da p. 166, em que cada um intui a “real” sexualidade do outro. A situação replica a do casal Vita e Harold (inspiradores das figuras de Orlando e Shelmerdine) que, sob a “proteção” do casamento, viviam vidas sexuais alternativas.

Shelley – Percy Bysshe Shelley (1792-1822), um dos grandes poetas românticos ingleses.

Capítulo VI

Quando termina o capítulo V, Orlando ainda vive no século XIX. Aparentemente, estamos ainda nesse século quando começa o capítulo VI. Quando o século se inaugura, estamos sob o reinado de George III (1760-1820), não explicitamente mencionado pelo biógrafo-narrador, que destaca, em vez disso, o reinado da rainha Vitória (1837-1901), sob o qual se passa a primeira parte desse capítulo. A entrada em cena de novos nomes da literatura é um dos índices da nova mudança de século: Tennyson, Browning, Carlyle, Tupper, Smiles, Christina Rossetti, todos escritores ativos durante boa parte do período vitoriano. Mas logo após a cena do parto, quando Orlando dá à luz um “lindo menino”, somos jogados no torvelinho do século XX, mais especificamente, nos anos passados sob o reinado (1901-1910) de Edward: “agora que o rei Edward [...] sucedera à rainha Vitória”. Os veículos de tração a cavalo, ainda sobreviventes, agora disputavam o espaço com o carro a motor. A eletricidade chegava às casas. Mas a passagem pelo período eduardiano é breve, pois logo somos transportados ao tempo presente da narração, na verdade, ao dia mesmo da publicação da “biografia”: “Orlando saltou como se tivesse sido violentamente golpeada na cabeça. Dez vezes foi golpeada. Na verdade, eram dez horas da manhã. Era onze de outubro. Era 1928. Era o momento presente”. É o dia em que o presente do biógrafo se encontra com o da personagem biografada, fechando a narrativa e concluindo o livro: “E soou a duodécima badalada da meia-noite; a duodécima badalada da meia-noite de quinta-feira, onze de outubro de mil e novecentos e vinte e oito.”

E então cheguei a um campo... – os versos são do longo poema de Vita Sackville-West, “The Land” [“A terra”], publicado, em 1926, no livro de mesmo título e pelo qual lhe foi atribuído o prestigioso prêmio Hawthorden Prize no ano seguinte. Dividido em quatro seções, correspondentes às estações do ano, é uma celebração dos prazeres da vida rural e da natureza do país. A passagem aqui citada pertence à seção “Primavera”. O conjunto de estrofes do qual a citação foi extraída é revelador da atração que os prazeres e os riscos do amor sáfico ou lésbico exerciam sobre Vita Sackville-West (ou sobre Orlando-mulher): “*And then I came to a field where the springing grass/ Was dulled by the hanging cups of fritillaries,/ Sullen and foreign-looking, the snaky flower,/ Scarfed in dull purple, like Egyptian girls/ Camping among the furze, staining the waste/ With foreign colour, sulky-dark and quaint,/ Dangerous too, as a girl might sidle up,/ An Egyptian girl, with an ancient snaring spell,/ Throwing a net, soft round the limbs and heart,/ Captivity soft and abhorrent, a close-meshed net,/ – See the square web*

on the murrey flesh of the flower –/ Holding her captive close with her bare brown arms./ Close to her little breast beneath the silk./ A gipsy Judith, witch of a ragged tent./ And I shrank from the English field of fritillaries/ Before it should be too late, before I forgot/ The cherry white in the woods, and the curdled clouds./ And the lapwings crying free above the plough.” [“E então cheguei a um campo onde a viçosa relva/ Era ofuscada pelas pendentes corolas de fritilárias,/ A flor com véu roxo escuro na cabeça de serpente,/ Desoladas e com ar de forasteiras, parecendo garotas egípcias/ Acampadas no meio do tojo, manchando o ermo/ Com cores estrangeiras, distantes, sombrias, e exóticas,/ E perigosas também, pois uma garota podia se insinuar,/ Um garota egípcia, com um feitiço antigo e ardiloso,/ Lançando uma macia rede ao redor dos membros e do coração,/ Cativo doce e repulsivo, uma rede de malhas cerradas,/ – Olha a teia quadrada na polpa roxa da flor –/ Mantendo-a bem presa com seus braços nus e morenos./ Perto de seus pequenos seios por sob a seda,/ Uma Judite cigana, feiticeira de tenda rota,/ E escapei do campo inglês de fritilárias/ Antes que fosse tarde demais, antes que esquecesse/ As cerejas ainda brancas nos bosques, e as nuvens leitosas,/ E as ventoinhas grasnando livres por sobre o lavrado.”].

fritilária – planta nativa das regiões temperadas no hemisfério norte. A capa da presente edição reproduz uma estampa de sua flor. A associação que Vita faz, no poema (ver nota acima), entre a flor e a serpente (*the snaky flower*) se deve ao nome vulgar da flor, em inglês: *snake’s head*, “cabeça de serpente”, sem falar, é claro, das evidentes ressonâncias entre uma flor com tal nome e “garotas egípcias”. Além disso, a flor carrega, na sabedoria popular, conotações de engano e traição.

egípcias – embora o exotismo de “egípcias” tenha a sua própria carga erótica, a palavra ainda remete a “cigana” (explicitamente evocada mais adiante no poema, no trecho não citado por Virginia), que tem ressonâncias biográficas e sexuais para Vita Sackville-West, autora do poema e inspiradora de *Orlando*. Embora se orgulhasse de suas origens nobres, não deixava de cultivar sua suposta ancestralidade cigana – sua avó materna, Josefa de Oliva (1830-1871), teria tido um pai cigano. Por outro lado, influenciada por uma curiosidade crescente, na época, pelo exotismo e pela suposta sexualidade livre dos ciganos, Violet Trefusis (1894-1972), a mais tempestuosa das paixões de Vita, tinha uma especial atração pelo mundo e pela vida cigana, reforçando, assim, a da própria Vita. Acrescente-se ainda que a sobreposição entre “egípcia” e “cigana”, nessa passagem do poema, remete à origem da palavra *gypsy* [cigano], uma corruptela de *egyptian* (acreditava-se, erroneamente, que os ciganos seriam originários do Egito).

Wordsworth – William Wordsworth (1770-1850), poeta romântico inglês.

Hogarth Press – editora fundada e administrada por Virginia e Leonardo Woolf e, que, evidentemente, iria publicar o livro que Virginia estava escrevendo.

O amor, disse o poeta, é toda a existência de uma mulher. – o poeta é lord Byron. A citação é da estrofe 194 do canto I de *Don Juan*: “*Man’s love is of his life a thing apart,/ ’Tis woman’s whole existence.*” [“Na vida do homem, o amor é uma coisa à parte,/ Na da mulher, toda a existência.”].

Vida, Vida, Vida! – muitos comentaristas veem aqui, tal como em passagens similares, uma alusão ao nome da inspiradora de *Orlando*, Vita.

vendo um trem pela primeira vez – foi por volta de 1830 que começou a operar, na Inglaterra, a primeira linha ferroviária para transporte de passageiros com locomotiva movida a vapor.

Browning – Robert Browning (1812-1899), poeta inglês.

Carlyle – Thomas Carlyle (1795-1881), escritor e historiador escocês.

Catão – tragédia de autoria de Joseph Addison (1672-1719).

Thomson – James Thomson (1700-1748), poeta escocês. *As estações* é um poema dividido em 4 partes, segundo as estações de ano (tal como, bem mais tarde, o livro de Vita Sackville-West, *The Land*.)

St. James's Street – rua do centro de Londres, estendendo-se na direção sul-norte da Pall Mall à Piccadilly.

Spenser – Edmund Spenser (1552-1599), poeta inglês, conhecido pelo poema “The Faerie Queen” [“A rainha do país das fadas”].

in-quartos e in-fólios – in-quarto, in-fólio e in-oitavo (este último é encontrado mais adiante no texto) são termos técnicos da tipografia tradicional. Referem-se aos cadernos que resultam da dobragem da folha básica usada no processo de impressão de um livro. Dependendo de quantas vezes essa folha é dobrada (uma, duas ou três vezes), obtém-se, respectivamente, um caderno com duas, quatro ou oito folhas, que recebem os nomes respectivos de in-fólio, in-quarto e in-oitavo. A dimensão do livro resultante da montagem desses cadernos é tanto maior quanto menor for o número de dobras.

Hyde Park – um dos maiores parques da zona central de Londres.

duque de Hamilton... lorde Mohun – James Hamilton, 4º duque de Hamilton (1658-1712); Charles Mohun, 4º barão Mohun (1675-1712). Morreram ambos num duelo no Hyde Park, em 15 de novembro de 1712. Após ter ferido mortalmente Mohun durante o duelo, Hamilton foi morto pelo padrinho do primeiro.

lago Serpentine – lago artificial no interior do Hyde Park, formado em 1730 pela barragem do rio Westbourne.

Lamb – Charles Lamb (1775-1834), escritor e ensaísta inglês, conhecido pela adaptação para crianças, feita em colaboração com a irmã, Mary Lamb (1764-1847), das comédias e tragédias de Shakespeare.

Tupper – Martin Farquhar Tupper (1810-1889), escritor inglês, autor do livro *Proverbial Philosophy* [*Filosofia proverbial*], uma coleção de máximas didáticas e moralizantes.

Smiles – Samuel Smiles (1812-1904), escritor escocês, conhecido pelo livro *Self-Help* (Autoajuda).

Curzon Street – rua em Mayfair, distrito de Londres, onde Orlando agora morava (“Comprara outra em Mayfair, que era bem ventilada, cômoda, e ficava no coração do mundo da última moda [...]”, lemos alguns parágrafos antes).

Alexander Smiths, Dixons, Blacks, Milmans, Buckles, Taines, Paynes, Tuppers, Jamesons – todos conhecidos escritores vitorianos: Alexander Smith; Richard Watson Dixon; Adam Black ou, talvez, William Black; Henry Hart Milman; Henry Thomas Buckle; Hippolyte Adolphe Taine; Edward John Payne ou, talvez, James Payne; Anna Brownell Jameson.

sessenta volumes in-oitavo – v., acima, nota ao verbete “in-quartos e in-fólios”.

Christina Rossetti – Christina Georgina Rossetti (1830-1894), poetisa inglesa.

em Chelsea, o quarto à prova de som de Carlyle – em 1853, o escritor Thomas Carlyle, não suportando mais os ruídos de todos os tipos que assolavam as ruas e as casas de Londres (galos cantando, sons de realejos, vizinhos tocando piano), mandou construir um estúdio à prova de som no segundo andar de sua casa, na Cheyne Row, em Chelsea (área da zona central de Londres), permitindo-lhe, assim, trabalhar e descansar em paz.

Chesterfield House – grandiosa mansão construída em 1747 por Philip Stanhope, 4º conde de Chesterfield. Localizava-se em Mayfair, na região central de Londres, tendo sido demolida em 1937.

Green – área verde adjacente ao Kew Gardens.

Kew – Kew é a localidade, na região londrina de Richmond upon Thames, em que está localizado o Kew Gardens, considerado o maior jardim botânico do mundo.

roupa esportiva – *outrigger*, no original. Rachel Bowlby, na edição de 1992 de *Orlando*, da Oxford University Press, observa que *outrigger* tem aqui o significado de *outdoor clothing* (roupa esportiva), embora essa acepção não esteja registrada no *Oxford English Dictionary*. Seria outra das invenções léxicas de Virginia Woolf, feita a partir do verbo *to rig out*, “vestir-se para sair” (acepção 3ª de *rig*, verbo 2, do *Oxford English Dictionary*), com o mesmo significado de *outriggering*. Curiosamente, entretanto, uma edição posterior de *Orlando*, também da Oxford University Press, anotada por Michael Whitworth, dá a *outrigger* o significado mais usual de “barco a remo”, que combinaria com o fato de que o Kew Gardens margeia o Tâmesa. Minha tradução segue a interpretação de Bowlby.

Mas esperem!... – uma das passagens mais enigmáticas e misteriosas do livro. No original: “*But wait! but wait! we are not going, this time, visiting the blind land. Blue, like a match struck right in the ball of the innermost eye, he flies, burns, bursts the seal of sleep; the kingfisher; so that now floods back refluxant like a tide, the red, thick stream of life again; bubbling, dripping; and we rise, and our eyes (for how handy a rhyme is to pass us safe over the awkward transition from death to life) fall on—(here the barrel-organ stops playing abruptly).*” As imagens todas descrevem, é claro, a passagem de uma criatura do mundo da escuridão (mas não a “terra cega” do mundo dos mortos) ao mundo da luz, um parto, enfim. É fácil ver a que correspondem as imagens de “selo”, “rubra, espessa corrente da vida” e “martim-pescador”. Parece evidente que o “fósforo riscado” (“azul”) é a própria criatura que sai à luz. Mas o “mais recôndito dos olhos”? Em geral, o “olho interior”, aqui aludido, é o “olho da mente”. Mas no contexto do parto, a imagem parece remeter a algo mais propriamente físico, justamente o receptáculo onde se acende o fósforo com sua luz azulada. Resta observar que, no original, além da rima final entre *rise* e *eyes*, há toda uma iteração de sílabas rimando com *eye* e *I*,

sugerindo talvez uma conexão entre o olho e o eu, entre a visão e a subjetividade, presente também em outros textos de Virginia (v. *O sol e o peixe*, Autêntica, 2015).

rei Edward – Edward VIII (1842-1910), reinou de 1901 até a data de sua morte.

uma certa dama do outro lado da rua – alusão a Alice Frederica Keppel (1868-1947), amante do rei Edward VII e mãe de Violet Trefusis (1894-1972), pivô do mais rumoroso dos casos de Vita Sackville-West.

Marshall & Snelgrove – realmente existiu, no n.º 334 da Oxford Street, uma loja de departamentos com esse nome.

príncipe consorte – príncipe Albert (1819-1861), marido da rainha Vitória (1819-1901), nascido na Alemanha.

Sale boche! – em francês, no original: “alemão sujo”.

outra guerra – a de 1914-1918.

trinta e seis anos – era também a idade de Vita Sackville-West (1892-1962) em 1928, data em que se passa a ação dessa parte do romance.

Dicionário da biografia nacional – obra em vários volumes, com dados biográficos de ilustres nome da história britânica, escrita sob a direção de Leslie Stephen (1832-1904), pai de Virginia Woolf. O primeiro volume foi publicado em 1885. O olhar irônico de Virginia dirigido ao gênero biográfico em *Orlando* estende-se ao trabalho do próprio pai.

nesta quinta, onze de outubro de 1928 – data da publicação de *Orlando*.

Ma...Des... – Ra...Un..., no original. Com essa inscrição incompleta, Virginia descreve talvez a visão fragmentária que se tem da poluição visual da cidade moderna, sobretudo se vista do interior de um automóvel. Sandra Gilbert, em edição recente da Penguin, sugere que a inscrição completa poderia ser *Rally of the Unemployed* ou *Rally against Unemployment* [“Manifestação dos Desempregados” ou “Manifestação contra o Desemprego”].

Amor Vin – letras iniciais, em latim, da inscrição *Amor Vincit Omnia* [O amor Vence Tudo], indicação, ainda segundo Sandra Gilbert, de que se trata da fachada de um bordel.

Applejohn & Applebed, Ag... Funer... – no original, *Applejohn & Applebed, Undert...*. Ainda segundo Sandra Gilbert, a palavra incompleta seria *Undertakers* [Agentes Funerários].

Pois tinha uma grande variedade de eus para convocar – Virginia se derrama aqui numa ampla digressão sobre a multiplicidade e a fragmentação da identidade, um de seus temas preferidos, tratado também em outros escritos, especialmente na crônica “Anoitecer sobre Sussex” (incluída na coletânea *O sol e o peixe*, Autêntica, 2015).

Prêmio Memorial Burdett Coutts – o prêmio é fictício, mas faz referência a Angela Burdett-Coutts (1814-1906), filantropa e mecenas inglesa. A alusão é ao Hawthorden Prize, obtido por Vita Sackville em 1927, pela publicação do livro *The Land*.

Um golfinho numa banca de peixe – a mercearia em que Virginia teve a visão de Vita que registrou no diário em 21 de dezembro (“Gosto dela & de estar com ela, & do esplendor – ela resplandece na mercearia em Sevenoaks [o vilarejo próximo à casa de Vita] com um brilho de

vela acesa, pisando o chão sobre pernas que são como faias, rutilante num jérsei rosa, cabelos encaracolados, em pérolas enrolada.”) transforma-se, em registros posteriores, em “peixaria” e ela associa aquela visão a um golfinho que teria visto aí naquele dia. Numa carta a Vita, escrita em 25 de dezembro, por exemplo, ela diz, comparando a visão de Vita com a das árvores de Natal que ela via naquela data: “Não vejo, entretanto, nada daquela luz festiva que se postava à porta da peixaria em Sevenoaks”. Noutra carta, de 6 de março de 1968, ela escreve: “Sem você não há peixaria nem golfinho em minha vida”.

ganso selvagem – o “ganso selvagem”, que reaparece ao final do romance, tem sido objeto das mais variadas interpretações. Sandra Gilbert (na recente edição de *Orlando* da Penguin): “o inalcançável ganso selvagem pode simbolizar a intervenção sobrenatural; ou então a busca pelo eu ou por uma realidade inapreensível”. Victoria Smith (em *Finding the Missing Goods in Virginia Woolf's Orlando*): “Em Orlando, Woolf utiliza a imagem do ganso selvagem para indicar o talento literário que está sempre além das capacidades de Orlando. Orlando, a despeito do amor, da riqueza e do renome literário devido a ‘O carvalho’, nunca consegue pegar o ‘peixão’ do gênio, da escrita extraordinária e original”. É também essa a interpretação de Victoria Glendinning, em sua biografia de Vita: “Se deve ser interpretado, devemos lê-lo, talvez, como a outra coisa inominável, além de Knole, que Vita mais desejava. Não fama, não amor, mas gênio ou grandeza, a verdadeira arte da expressão e do sentimento que estava sempre para além de seu alcance, o elemento que Virginia via como estando ausente da escrita de Vita. Virginia, de maneira totalmente afetiva, brincalhona, queria, em Orlando, dar tudo a Vita”. Steve Ellis (em *Virginia Woolf and the Victorians*) sugere que o ganso representa a capacidade criativa da escritora: “O ganso selvagem que salta desse rito de união da meia-noite representa a própria capacidade criativa da escritora ou o trabalho de arte já concluído”. Floriane Reviron (em “The Nature of Things in *Orlando*”): “Inúmeros críticos têm tentado definir qual o significado exato do ganso selvagem. É, na verdade, uma caça ao ganso selvagem, similar, sob muitos aspectos, à tentativa de Orlando de expressar o significado verdadeiro das coisas, uma tentativa que é também espelhada na luta de Virginia Woolf com as palavras ao longo de toda a sua vida.” Christopher Piazzola (em “*Orlando* as a Quest for Incandescence”): “A passagem que conclui o livro afirma a importância da relação de Orlando com seu marido e sua musa. A fantástica aparição de Shelmerdine e do ganso selvagem representa uma realização parcial da busca de Orlando pela escrita. Essa passagem relembra um momento anterior no qual Orlando reflete sobre o fantasmático ganso selvagem. Nessa passagem, Orlando toma consciência de que sua crise de identidade se deve ao fato de ela ser ‘assombrada’ pelo ganso selvagem, ‘desde que era uma criança’. Orlando reclama que o ganso ‘voava ligeiro demais’, de modo que ela é forçada a atirar-lhe palavras ‘como se fossem redes’. Orlando vê, assim, o inalcançável ganso selvagem como sua musa, a ser capturada apenas pela escrita”. Leslie K. Hankins, num longo e elaborado texto “A Precipice Marked V”), interpreta o ganso selvagem como um símbolo do amor lésbico. Como se sabe, dois meses depois da publicação de *Orlando*, Virginia Woolf presenteou Vita Sackville-West com o manuscrito do livro, que difere consideravelmente, em muitas passagens, do texto publicado. A interpretação de Hankins baseia-se numa das passagens do manuscrito que não passou para o livro publicado: “Ela olhou agora para o ar cinza; & ali vinham voando, na forma de um V, cada um com um longo pescoço estendido, gansos selvagens. Enquanto passavam por sobre ela, ela [...] ouvia suas asas estalarem melodiosamente; asperamente, mas, ainda assim, com uma música

selvagem, & eles voavam muito ligeiro, muito alto... Eles se foram”. Segundo Hankins, a inicial V, do nome de ambas, tinha para as amantes uma forte carga simbólica, representando, especialmente para Virginia, o amor sáfico. O voo dos gansos selvagens (no manuscrito está no plural) caracteriza-se por uma formação em V (como se fosse um V deitado, com a ponta voltada para a esquerda). O voo da cena final simbolizaria, assim, o triunfo do amor lésbico de *Orlando* sobre o amor heterossexual (representado pelo aeroplano) implicado no casamento com Sheldine. Tal como havia cortado, na versão final, outras passagens claramente “lésbicas”, como maneira de driblar a censura, Virginia cortou também essa, deixando uma espécie de mensagem cifrada para Vita Sackville-West, muito menos disposta a assumir o seu lesbianismo, com seu casamento de conveniência com Harold Nicolson, do que Virginia. Vita, entretanto, ainda que tendo em mãos o manuscrito que continha a chave do código, não parece ter captado a mensagem, pois numa carta ao marido, datada de 12 de outubro de 1928, escreveu: “Quanto mais penso, mais fraco me parece o final. Simplesmente não posso compreender o que ela tinha em mente. Qual o significado do ganso selvagem? Fama? Amor? Morte? Casamento? Obviamente, uma pessoa com o intelecto de Virginia tinha algum significado em vista, mas qual? O simbolismo não se revela”. Finalmente, Rachel Bowlby, numa das notas da edição de *Orlando* da Oxford University Press sugere, sem dizê-lo, aquilo que Max Saunders, no livro *Self Impression*, diz explicitamente: “O ‘ganso selvagem’ do final dá a entender que a biografia é sempre uma caça ao ganso selvagem”. A ser assim, a “biografia” de Orlando por Virginia dá, ao final, uma volta sobre si mesma e proclama a sua própria impossibilidade. Mas a busca de críticos e comentaristas por um significado fixo e preciso, embora divertida, tem pouco a ver com a literatura. Em carta a Vita, de 15 de setembro de 1924, referindo-se ao livro *Seducers in Ecuador* [*Sedutores no Equador*], de autoria da amiga, Virginia escreve: “[...] gosto de sua obscuridade, de modo que podemos jogar com ela, interpretá-la de diferentes maneiras [...]”.

ogiveta – *foil*, no original. Segundo a Enciclopédia Britânica, “em arquitetura, espaços endentados, em forma de folha, que, combinados com cúspides, são encontrados especialmente nos arabescos decorativos de janelas góticas”. Ou, mais simplesmente, “ornamento em forma de folha” (*Dicionário Michaelis*).

madame Lopokova – Lydia Lopokova (1892-1981), bailarina russa. Era casada com um dos mais eminentes membros do Grupo de Bloomsbury, o economista Maynard Keynes (1883-1946).

Cecil – William Cecil, 1º barão de Burghley (1520-1598), um dos principais conselheiros da rainha Elizabeth I.

Poitiers – refere-se à Batalha de Poitiers, travada em 1356, próximo à cidade de Poitiers, França, durante a Guerra dos Cem Anos, entre a França e a Inglaterra.

Tudors – famílias real dos Tudors que ocupou o trono da Inglaterra entre 1485 e 1603, começando com Henry VII (1475-1509) e terminando com Elizabeth I (1533-1603).

por volta do ano de 1588 – a informação fornece uma pista para o ano em que começa o romance, quando Orlando teria, então, 16 anos.

onze de outubro de mil e novecentos e vinte e oito – data de publicação de *Orlando*, pela Hogarth Press, na Inglaterra, e pela Harcourt, nos Estados Unidos.

Índice

Virginia mantém aqui o tom jocoso do prefácio e, na verdade, do livro inteiro. Com o índice, ela coroa a paródia do gênero biográfico iniciada com o prefácio. Sem ele, a diversão estaria incompleta.

É de se notar que estão indexadas todas as pessoas que são mencionadas no interior do livro apenas com as iniciais de seus nomes, quer dizer, praticamente anônimas; todos os criados e outras pessoas de ocupação subalterna; os cães de Orlando, Canute e Pippin. No verbete “Orlando”, além de acontecimentos importantes da vida de Orlando, são listados eventos triviais como a fratura do tornozelo e a compra de cães da raça elkhound, bem como figuras secundárias em sua vida, como sua bisavó. Sem deixar de fora, é claro, o cigano que abrigara Orlando na Turquia (Rustum el Sadi).

Em carta a Vita, datada de 25 de julho de 1928, quatro meses antes da publicação do livro, Virginia “ameaça” (mas não cumpre, afinal) incluir no índice um item que denunciaria o envolvimento, sucessivo e simultâneo, de Vita com outras mulheres:

“Pois promíscua é o que você é, e isso é tudo que pode ser dito a seu respeito. Dê uma olhada no índice de *Orlando*; vê o que vem depois de Pippin: Promiscuidade *passim* [palavra latina, significando que o verbete em questão é aludido em diversas páginas do livro].”

Sobre as ilustrações

Das quatro imagens reproduzidas de pinturas a óleo, três delas, as de número 1, 4 e 7, foram fotografadas por Alex Saunderson especialmente para a edição de *Orlando* publicada pela editora britânica Folio (www.foliosociety.com). A de número 3, por estar em restauração à época, foi, provavelmente, fotografada pelo próprio restaurador. Das fotos em branco e preto (incluindo a de número 2, que é, na verdade, uma fotomontagem feita por Vanessa Bell) não existem originais. As imagens em preto e branco, escaneadas da primeira edição de *Orlando* pela Hogarth Press, nos foram gentilmente cedidas pela editora Folio.

A inclusão de imagens estava nos planos de Virginia desde o começo da concepção do livro. Nem bem tinha começado a escrevê-lo e já recrutava Vita para guiá-la na escolha de pinturas do acervo de Knole que pudessem compor o conjunto de imagens que projetava usar em *Orlando*: “Tenho que ir vê-la, nem que seja apenas para escolher pinturas. Preciso de uma pintura de um ancestral jovem dos Sackville... e outra, de uma ancestral jovem. Por favor, ponha seus préstimos a serviço de meus planos” (carta a Vita, 14 de outubro de 1927).

A visita a Knole para a escolha das pinturas deu-se em 28 de outubro de 1927. Vita mostra-se orgulhosa de participar da aventura, envolvendo-se inteiramente na tarefa: “Virginia esteve aqui o dia todo e foi embora há pouco. Foi uma manhã divertida. Fomos a Knole e escolhemos pinturas para Orlando. Escolhemos pinturas obscuras, das quais aproveitaremos certas partes.” (em carta ao marido nesse mesmo dia).

Em 2 de novembro de 1927, Virginia levou Vita ao estúdio fotográfico Lenare (fundado em 1924 por Leonard Green) para uma sessão de fotos destinadas a *Orlando* (a foto escolhida foi a de número 5). “Senti-me horrível”, diz Vita em carta ao marido, “vestida numa peça inadequada de cetim rosa, com todas as minhas roupas caindo... mas V. estava feliz, o

tempo todo se metendo embaixo do pano escuro da câmera para conferir o resultado” (citada em Victoria Glendinning, *Virginia*).

Com receio de que as fotografias feitas no estúdio Lenare pudessem não ser aproveitadas, Virginia, para garantir, marcou uma outra sessão de fotos, desta vez a cargo de Vanessa, a irmã, e Duncan Grant (então vivendo com Vanessa): “Você almoçará aqui às treze em ponto, na segunda [14 de novembro], não? Traga seus cacheados e suas roupas. Vanessa quer fotografá-la às 14, isto é, se ela achar que a foto de Lenare ficou muito ruim. Não estou certa. Pode ser divertido” (carta a Vita, 11 de novembro de 1927). E, realmente, parece ter sido divertido, mais para Virginia do que para Vita, que se sentiu uma “infeliz vítima”: “Fizeram-me sentar dentro de uma imensa moldura enquanto não paravam de tirar fotografias e Virginia ficava sentada lendo e comentando todas as notas de falecimento no *Times* daquele dia e fazendo todo mundo rir.” (carta de Vita a Harold, 16 de novembro de 1927, citada por Hermione Lee, *Virginia*). Dessa sessão, Virginia aproveitou a foto que veio a ser a sexta do livro.

Em 27 de abril de 1928, Virginia escreve a Vita para dizer que precisava de mais uma fotografia dela para o livro (a última imagem do livro): “Queria perguntar se seria conveniente para você se passássemos por sua casa no domingo [29 de abril] na nossa viagem de volta; em Long Barn [a casa de Vita em Sevenoaks]. Tornou-se agora essencial ter uma fotografia de Orlando em roupas rurais, num bosque, para a imagem final. Se você tiver filmes e uma câmera, acho que Leonard pode fotografá-la”.

Vanessa, a irmã de Virginia, se encarregara de fotografar a filha, Angelica, para uma das imagens do livro. Em 12 de maio de 1928, Virginia recebe as fotos (das quais ela aproveitou a de número 2): “As fotografias estão adoráveis e não posso agradecê-la o suficiente pelo trabalho que te deram; acho que com um pequeno rearranjo, uma ou duas delas servirão: um pouquinho jovem, só isso, mas vou mostrá-las a Vita, que não quer ser acusada de estuprar uma menor”.

Créditos das ilustrações

1. Honrável Edward Sackville. Pintura a óleo (detalhe), por Cornelius Nuie, 1637. (Com autorização de lorde Robert Sackville-West. Fotografia © Alex Saunderson). Esta pintura, tal como as de número 3 e 4, está na mansão Knole, atualmente administrada pelo órgão governamental de preservação do patrimônio histórico britânico, o National Trust. P. 4.
2. Angelica Bell (então com 9 anos, filha de Vanessa Bell, irmã de Virginia). Fotografada e montada por Vanessa Bell, c. 1928 (escaneada da primeira edição de *Orlando*, Hogarth Press, 1928. © Tate, London, 2012). P. 28.
3. Mary Curzon. Pintura a óleo por Marcus Gheeraerts, o Jovem, c. 1605 (com autorização de lorde Robert Sackville-West). P. 77.
4. Richard Sackville, 5º conde de Dorset. Pintura a óleo por Robert Walker, 1552-1559 (com autorização de lorde Robert Sackville-West e do National Trust. Fotografia © Alex Saunderson). P. 80.
5. Vita Sackville-West. Fotografada por Lenare, 2 de novembro de 1927 (escaneada da primeira edição de *Orlando*, Hogarth Press, 1928). P. 110.
6. Vita Sackville-West. Fotografada por Vanessa Bell e Duncan Grant, 14 de novembro de 1927 (escaneada da primeira edição de *Orlando*, Hogarth Press, 1928. © Tate, London, 2012). P. 158.
7. Homem desconhecido. Pintura a óleo por artista desconhecido, c. 1820 (com autorização de Adam Nicolson. Fotografia © Alex Saunderson). P. 165.
8. Vita Sackville-West em Long Barn. Fotografia atribuída a Leonard Woolf, 29 abril de 1928 (escaneada da primeira edição de *Orlando*, Hogarth Press, 1928). P. 196.

Posfácio

Entre a flexibilidade e o rigor

Silviano Santiago

Uma hora, uma vez alojada no estranho elemento do espírito humano, pode ter sua duração tal como assinalada pelo relógio aumentada cinquenta ou cem vezes; por outro lado, uma hora pode ser acuradamente representada no cronômetro da mente por um segundo. Essa extraordinária discrepância entre o tempo do relógio e o tempo da mente é menos conhecida do que deveria e merece uma investigação mais aprofundada.

(Virginia Woolf, *Orlando*, p. 66)

Quero soltar as amarras & sair da linha.

(Virginia Woolf, *Diários*, 14 de março de 1927)

Quando publicado em 1928, o romance *Orlando*, de Virginia Woolf, tornou-se inesperado sucesso de venda e é hoje um dos clássicos insubstituíveis da moderna literatura universal. Sua leitura tornou-se indispensável por dramatizar as dimensões de tempo e de espaço com trama romanesca que escapa às coordenadas lógicas estabelecidas pela História e pela Geografia. E ainda por narrar experiências de vida e por expor o ritmo vital dos personagens em sequências que entram em conflito com a norma determinada pelas ciências biológicas.

Orlando, protagonista do romance, não só oscila entre os gêneros masculino e feminino, ou seja, é *ele* e é *ela* física, fraseológica e pronominalmente falando, como também experimenta e põe à prova – em corpo masculino e em corpo feminino – três séculos gloriosos da irrequieta e trepidante história ocidental nos **36** anos de vida inquieta. O curtíssimo arco em anos da longuíssima vida em séculos do jovem nobre Orlando se inicia na época elisabetana, quando a Inglaterra ingressa na idade moderna. Percorre, de modo arbitrário ou paradoxal, os reinados de Elizabeth I (1533-1603) e de Charles II (1630-1685), passa em seguida pela vida diplomática inglesa na Turquia, época em que *ele* se torna *ela*, e avança finalmente pelos séculos XVIII e XIX na pele de escritora aristocrata. A vida romanesca de Orlando termina abruptamente

em 11 de outubro de 1928, dia também em que Virginia publica o romance.

A grafia de vida de Orlando não se confunde com sua biografia se limitada por dia, mês e ano do nascimento e por dia, mês e ano da morte; confunde-se, antes, com a *durée* (duração) do romance. Ela é afetada por experiências vividas durante os períodos elisabetano, romântico, vitoriano e contemporâneo.

No final da década de 1920, a carreira literária de Virginia Woolf já estava bem estabelecida, e a nova e ousada aventura pela ficção lhe serve para fugir das formas variadas de normalização ou de padronização da existência humana que, em família e na escola, são impostas à criança e ao adolescente como verdades naturais ou científicas. Se, nos vários e pioneiros livros de ficção científica, de que é exemplo o romancista H. G. Wells, autor de *A máquina do tempo*, a imaginação artística ousou arremessar o ser humano e suas verdades insofismáveis para além do tempo e do espaço mapeados e conhecidos pelo homem e pela ciência; já no seu romance, Virginia Woolf embaralha de maneira amorosa, engenhosa e anárquica isso a que podemos chamar de fichas do arquivo da história moderna do ser humano no Ocidente. *Orlando* é um romance histórico sem o ser segundo o modelo convencional.

Ao embaralhar as fichas do arquivo, a intenção de Virginia é a de mapear o passado recente da humanidade a fim de criar uma narrativa ficcional autônoma para o protagonista, intencional e astuciosamente inventado, e outras semiautônomas para os demais personagens, narrativas que extrapolam a costumeira representação realista proposta pelo bom senso letrado.

Como se estivesse a jogar pôquer com a sorte de Orlando, Virginia Woolf transforma em curingas as fichas anotadas e coletadas pelo “profundo conhecimento” da História, que conquista a duras penas, e as manipula na ficção com doses da fina ironia e da paródia burlesca que permeiam a atividade artística moderna. Virginia banca as mais arrojadas e jocosas apostas com a tradição literária e científica do Ocidente. Não é, pois, destituído de escárnio o agradecimento que a romancista estende, no prefácio de *Orlando*, ao “cavalheiro da América, que generosa e gratuitamente corrigiu a [sua] pontuação, a botânica, a entomologia, a geografia e a cronologia de algumas de [suas] obras anteriores e, assim

[espera], não poupará seus préstimos na presente ocasião” (p. 10). Que o bom leitor brasileiro não cometa equívoco semelhante ao do sisudo cavalheiro da América.

Apesar de a autora dizer, no já citado prefácio, que diversos escritores, amigos mortos e vivos, ajudaram-na a escrever *Orlando*, tendo por isso contraído “perpétua dívida” com seus livros e com seu saber, é inegável também que o novo romance escapa aos modelos originais da prosa de ficção. Com desenvoltura, audácia e originalidade, *Orlando* não só propõe trama romanesca desenhada com insolência e risco, como também programa inúmeros personagens caracterizados sem referência às normas da narrativa setecentista inglesa, amadurecida criticamente ao longo do século XIX europeu por romancistas como Stendhal, Gustave Flaubert e Émile Zola. Assim sendo, trama, protagonista e personagens de *Orlando* ganham *status* alternativo em relação ao realismo romanesco e aos princípios estéticos julgados pelos historiadores da literatura comparada como tendo sido os responsáveis pelo nascimento e a evolução do gênero romance (*novel*, para usar a terminologia britânica) entre nós.

Recorrer ao conhecimento da historiografia literária canônica – cujos exemplos são levantados à exaustão no Prefácio pela romancista – poderá levar o leitor e o crítico a desfeitas injustas à romancista, a assombro gratuito diante da matéria artística exposta à sua frente e, finalmente, a evidentes equívocos interpretativos na análise dos propósitos do romance. Lembre-se, leitor, do recado dado por Oswald de Andrade: “ver com os olhos livres”.

Por terem sido desatrelados do tempo cronometrado pelo relógio, os 36 anos da vida privada e pública de Orlando são soltos, flexíveis e elásticos. Serão esticados em termos cronológicos e espaciais por três séculos da vida sociopolítica europeia, com incursões pelo Império Otomano, o mundo cigano e a contemporaneidade britânica. Avessa à lógica vigente na cultura letrada ocidental, a assimetria transgressora inventada pela romancista irrompe com tal força na História oficial europeia que o peso dos valores de cada um dos três séculos vividos por Orlando será inventariado por sucessivas e complexas equações que orientam a variável existencial do/da protagonista pelo espírito e pelos costumes das sucessivas épocas que lhe tocou gozar. Orlando não é normal nem natural; tampouco é homossexual, andrógino ou gay, no sentido corriqueiro das

palavras.¹ É *queer* – se me permitem avançar desde já a categoria crítica e comportamental que orienta a leitura de *Orlando* pelo modo como a expõe nos anos atuais Judith Halberstam, em “Queer Temporality and Postmodern Geographies” [Temporalidade *queer* e geografias pós-modernas]. Ela escreve que “o que, em parte, fez o ‘ser *queer*’ se impor como forma de autodescrição, nos últimos anos, tem a ver com a maneira como essa concepção torna acessíveis à época e ao espaço novas narrativas de vida e relações alternativas”.²

A volubilidade de Orlando se radicaliza na ficção para se transformar no ponto forte dos 36 anos vividos em **mais de 300** anos – também caprichosos – de vida do mundo. Ou melhor: o embate do mundo em rápida transformação com a inconstância da curta e longuíssima biografia de Orlando será mais bem apreendido pelo leitor se ele compreender o/a protagonista no elaborado “modo de vida” (Michel Foucault) que Virginia dramatiza no romance. É seu corpo múltiplo e aparentemente imortal que está sempre exposto aos amores, às alegrias e aos desastres da vida em sociedade e serve de cobaia no insolente experimento ficcional. Nessa condição, mas em perfeito paralelismo com os acontecimentos narrados, Orlando experimenta lascivamente ou sofre orgulhosamente tudo o que o “corpo do mundo” (para retomar gênero de metáfora cara a Virginia) experimenta e sofre desde o século XVI até os fins da década de 1920.

Os dois corpos – o dele/dela e o do mundo – estão imbricados no *corpus* do texto de Virginia de maneira tão excepcional e excedente que a fala de um se intercambia com a fala do outro. Lemos que Orlando viu-se “forçada [*sic*], por fim, a considerar o mais desesperado dos remédios, o de se render completa e resignadamente, arranjando um marido, ao espírito da época” (p. 160). E ainda: “Não era Orlando que falava, mas o espírito da época” (p. 161).

Não é por acaso que *Uma biografia* seja o subtítulo de *Orlando*. O gênero biográfico e autobiográfico – ainda que vazado na forma *romance* que lhes vem sendo proposta como semelhante e paralela pelos autores ingleses desde o século XVIII³ – possibilita que a vida amorosa do/da protagonista e sua vida política e pública se embaralhem na fabulação ficcional, criando ininterruptas zonas de sobreposição de um plano sobre o outro. Os jogos de sobreimpressão – para usar a linguagem da montagem

cinematográfica – dos corpos serão constantemente ativados pela escrita *contraditoriamente convencional* de que se vale o Narrador idealizado por Virginia para conduzir a trama romanesca.

Não é por acaso que há discordância ou incompatibilidade entre o Narrador anônimo e prosaico, seu modo de viver e de pensar, e o/a protagonista Orlando, seu modo *queer* de vida. O conservadorismo de um e a audácia do outro digladiam necessariamente. Segundo sua própria denominação, o Narrador é um “biógrafo” que é sensível ao sentido inflexível e único da flecha do tempo. Assim sendo, é ele quem controla como autocrata a evolução linear da narrativa do romance, que, no entanto, tem de se apresentar de forma exaustivamente enviesada. O Narrador acredita ser também o responsável pelo que chama de busca da Verdade. Reconhece, porém, seus limites em matéria de saber e trabalha no modo de carência ou de privação de dados. Já o/a protagonista, como salientamos, é inventado/a pela romancista no modo da multiplicidade superabundante, que se eleva do alicerce das incongruências ou dos paradoxos existenciais.

O Narrador e biógrafo faz questão de marcar distância do/a biografado/a. Ele pouco ou nada tem a ver com as flexionáveis e rigorosas experiências de vida de Orlando, tanto na dimensão amorosa quanto na dimensão pública e política. Imune aos abusos cometidos pelas invenções de Virginia Woolf, o biógrafo é, no entanto, respeitador dos exageros e, na verdade, quer ser tão fiel às peripécias fantásticas de Orlando quanto um narrador realista canônico pode ser. Se, por um lado, ele fracassa ao narrar na contramão da proposta revolucionária da romancista, pelo outro, só ele é quem poderá levar a cabo e apresentar de maneira vitoriosa o intrincado e complexo “livro” inventado por Virginia. Apesar de todas as bizarrices da trama e do/da protagonista, o romance foi escrito e publicado. O Narrador *domou* os exageros da ficcionista.

Contraído embora responsável, o Narrador acaba por se apresentar ao leitor como terceira pessoa objetiva e tolerante, que desfruta “da imunidade de todos os biógrafos e historiadores relativamente a não importa qual dos sexos” (p. 144). Mesmo quando sua escrita tem dificuldade em avançar por falta de dados concretos, ou não quer ou não pode avançar, ele rejeita “invocar a ajuda de romancista ou poeta”.⁴ Não

lhe compete, pois, recorrer à “memória”, como sói acontecer com o/a protagonista e escritor Orlando e todos os demais criadores literários. Não sem certo desprezo, o biógrafo anota: “A Memória é uma costureira e, não bastasse isso, das cheias de capricho. A Memória conduz sua agulha para fora e para dentro, para cima e para baixo, para cá e para lá. Não sabemos o que vem em seguida nem o que virá depois” (p. 53). Ao interditar por vontade própria o recurso à memória, resta ao Narrador escalonar sua figura pouco singular no time a que pertence todo e qualquer historiador acadêmico, anônimo, objetivo e mortal, cujos limites no conhecimento do outro nunca os deixa abraçar e narrar o que, na vida do biografado, é “obscuro, misterioso e sem registro oficial” (p. 45).

A fronteira estabelecida pelo que se nos afigura como mistério⁵ leva constantemente o Narrador a recorrer ao modo de historiar que se funda na subtração e na lacuna (p. 87). Para saná-las, muitas vezes se vale de documentos e de fontes escritas, como no capítulo III, cuja ação se passa na distante e exótica Constantinopla (p. 81). No entanto, na hora de elucidar um mistério que tinha deixado perplexos os historiadores, o manuscrito encontrado e consultado se apresenta chamuscado e praticamente ilegível. Para maior infelicidade do Narrador, esse documento pode ainda apresentar “um buraco grande o suficiente para se poder enfiar o dedo” (p. 81). Portanto, o Narrador de *Orlando* confessa que nem sempre chega a bom resultado ao nível do conhecimento da ação que deve narrar. Recorre, então, ao estilo da subtração e da lacuna.

Como figura da narrativa realista, a insegurança – também inspiradora de alguns dos narradores de Machado de Assis – é a principal razão que leva o biógrafo de Orlando a estabelecer, desde as palavras iniciais do segundo capítulo, indispensável cumplicidade com o leitor do romance, cuja assistência é e passará a ser requisitada por todos os capítulos. O biógrafo dirige-se de maneira explícita a ele, acatando a soberania da voz alheia quando no exercício mental de compreensão do que lê. O Narrador tem de contar com a ajuda do leitor para que o sentido seja dado ao que *não* é passível de ser documentado e historiado: “Nosso único dever [de biógrafo] consiste em apresentar os fatos tal como são conhecidos e deixar, assim, o leitor fazer com eles o que quiser” (p. 45). Pouco adiante, dedica-se a caracterizar o leitor para quem biógrafos semelhantes a ele

escrevem. Salienta que seus leitores podem “deduzir, de simples pistas deixadas aqui e ali, todo o limite e o contorno de uma pessoa viva” e podem ainda “ouvir, naquilo que apenas murmuramos, uma voz viva”. Podem também “ver, quando, com frequência, nada dizemos a respeito, exatamente como ele é”; afinal, eles sabem “sem uma palavra para guiá-los, precisamente o que ele pensava” (p. 50).

Em suma, o Narrador/biógrafo de Orlando – apesar de convencional ou por sê-lo – convida o leitor a arregaçar as mangas e a trabalhar com a imaginação paranoica de artista da palavra. Ponto a favor da romancista Virginia Woolf.

Porque o romance se escreve de modo paralelo à narrativa biográfica clássica e porque seu/sua protagonista, Orlando, é também escritor/a,⁶ há que destacar o fato de que se misturam nele duas concepções de texto, duas formas de escrita e dois resultados diversos em termos de livro. Também desequilibrada, a mistura de escritas recompõe no plano da realização romanesca a relação entre o Narrador e o/a biografado/a, já exposta. Nesse particular, um paralelo poderá ser estabelecido entre *Les Faux-monnayeurs* (*Os moedeiros falsos*, 1926), de André Gide, em que o protagonista e escritor Edouard gostaria de escrever o romance que nunca consegue escrever, e que será escrito e publicado pelo autor, André Gide; e *Orlando*, em que o biógrafo anônimo escreve com desenvoltura a biografia que se propõe escrever e se refere aos muitos textos que o protagonista biografado escreve e quase nunca os publica, já que muitas vezes os destrói. O exemplo a ser privilegiado no momento é o poema “O carvalho”, que percorre toda a narrativa e que, nas páginas finais, a ela retorna com constância. Orlando quis ainda enterrar o escrito na terra que deu origem à árvore mítica (o carvalho) que o tinha inspirado por séculos.

Em resumo: em ambos os romances existe um escritor-dentro-da-ação (em Gide, Edouard; em Woolf, Orlando) e um escritor-fora-da-ação (em Gide, o próprio Gide; em Woolf, o Narrador). O conflito entre a timidez encolhida da realização e o projeto ficcional irrealizável, ou seja, a duplicidade antagônica comum aos dois romances, reforça o fato de que se chega a uma obra que tem existência concreta e é entregue ao leitor, e outra obra, fracassada, que pouco vai além de projetos e de infinitos acréscimos ou correções, acabando por não encontrar abrigo em livraria ou

em biblioteca. Se graças ao Narrador a obra de Virginia é o romance *Orlando*, a do próprio Orlando será o sempiterno caderno onde escreve “O carvalho. Um poema”. Informa o Narrador: Orlando “escrevia [no velho caderno] até soar a meia-noite e nisso ficava noite adentro. Mas como riscava versos na mesma proporção em que os acrescentava, o resultado era, muitas vezes, no final do ano, bem menor que no começo, e era como se, enquanto escrevia, o poema fosse todo se apagando.” (p. 75).⁷

• • •

Apresentada até agora no modo objetivo, essa configuração crítica de *Orlando: Uma biografia* se obscurece parcialmente no momento em que qualquer leitor abre o livro e se dá conta de que ele se enriquece semanticamente por estar dedicado a V. [Victoria Mary, conhecida por Vita] Sackville-West (1892-1962), aristocrata sedutora que “pisa o chão sobre pernas que são como faias”, como Virginia as descreve no *Diário*, à espera de que o Narrador se delicie com elas durante a narrativa. Virginia conhece Vita em dezembro de 1922 e com ela mantém relações íntimas durante a década.⁸ Paisagista e escritora (publica o premiado livro de poemas *The land* em 1927, e a editora dos Woolfs edita seu romance *The Edwardians* em 1930), Vita é também conhecida por ser casada com Harold Nicolson, diplomata bissexual, e por ter sido amante de várias mulheres. Cite-se o sensível elogio da sua vida escrito pelo filho, Nigel Nicolson: “Lutou pelo direito de amar, homens e mulheres, rejeitando as convenções de que o casamento exige amor exclusivo e de que as mulheres devem amar apenas homens, e os homens, apenas mulheres. Por isso estava preparada para renunciar a tudo [...]” (*Portrait of a Marriage*, 1973). É ainda o filho Nigel quem define o romance *Orlando* como “a mais longa e mais encantadora carta de amor em toda a literatura”, acentuando não só a indecisão de gênero (*genre*) na construção da trama (é biografia e é ficção), como também a ambivalência no sentido da narrativa historiográfica (é romance histórico e é biografia amorosa), e, ainda, o diálogo levado a cabo pela sedução, que implica subterraneamente as duas mulheres.

A realçar e reafirmar essa leitura *à clef* de *Orlando*, biográfica e sentimentalmente codificada, recorde-se que grande parte da narrativa de

Virginia Woolf tem como cenário a aristocrática casa de campo de Vita Sackville-West, herdeira de direito, mas nunca proprietária (por ser mulher numa sociedade patriarcal), da imensa Knole House, no condado de Kent, onde nasceu e onde moraram seus ancestrais desde 1603. Aliás, a história fidalga que fascina Virginia Woolf respinga hoje na série televisiva britânica *Downton Abbey*, de grande sucesso junto ao público brasileiro.

Construída no século XV como palácio arcebispal, a Knole House – que “mais parecia uma vila do que uma casa” (p. 70) – está descrita em detalhes em várias passagens do romance. Por comodidade, destaco esta, na qual nenhuma particularidade é exagero: “Orlando deu início, assim, a uma série de esplêndidas festas para a alta e a pequena nobreza dos arredores. Os trezentos e sessenta e cinco quartos ficaram todos ocupados ao mesmo tempo durante um mês. Os convidados se esbarravam nas cinquenta e duas escadarias. Trezentos criados se esbarravam nas copas. Havia banquetes quase todas as noites” (p. 74)

Por outro lado, lembre-se que o diplomata sir Harold Nicolson, logo depois do casamento com Vita, foi designado para a Embaixada britânica em Constantinopla, onde transcorre a ação do terceiro e rocambolesco capítulo do romance, um dos mais desprovidos de documentação (para desespero do Narrador, lembremos). No romance, é Orlando o/a enviado/a pelo rei Charles II a Constantinopla como embaixador extraordinário. A falta de documentos invocada por todo o capítulo pode ser compensada por especulação sobre os antepassados recentes de Vita. Sua avó, chamada Pepita de Oliva, fora uma bailarina espanhola descendente de ciganos.⁹

Ainda no tocante à qualidade biográfica da ficção de Virginia Woolf, saliente-se que a presente edição de *Orlando* apresenta importantíssimo acréscimo no campo das ilustrações, que arremessa o texto para o terreno das famosas narrativas escandinavas. Devido ao privilégio concedido à figura sensual, camaleônica e metafórica da jovem e impetuosa Victoria Mary, aliás, Orlando,¹⁰ o romance narra – *in nuce* – a saga dos Sackville-West. Essa transformação da história tradicional de família, que comporta múltiplos e sucessivos heróis, numa narrativa com protagonista único e múltiplo relaciona *Orlando* a toda uma literatura posterior à AIDS, em que a sequência temporal passou a não mais ser “roteirizada pelas convenções

da Família, da herança e da criação de filhos”. Mais importante a notar é que o romance de Virginia libera o acesso do leitor às possibilidades de “temporalidades alternativas, ao possibilitar que quem faz parte dessas subculturas acredite que seus futuros possam ser imaginados de acordo com lógicas que se situam fora dos marcadores paradigmáticos da experiência de vida, ou seja, nascimento, matrimônio, reprodução e morte.”¹¹

O leitor brasileiro poderá também comprovar a postura épica do romance, já que terá acesso às oito imagens que ilustram a primeira edição de *Orlando: Uma biografia*, tal como publicada em 1928 pela Hogarth Press, pequena editora de propriedade de Virginia e seu marido Leonard.

Quatro das ilustrações (pela ordem: a primeira, a terceira, a quarta e a sétima) são pinturas que se encontram na já referida Knole House e reproduzem antigos retratos de grandes figuras da aristocracia britânica. Uma delas (pela ordem: a sétima) pertence à coleção particular de Nigel Nicolson e retrata um desconhecido, a quem a romancista empresta o nome de personagem menor do romance. As quatro ilustrações restantes (pela ordem: a segunda, a quinta, a sexta e a oitava) são fotografias clicadas especificamente para o romance.

A crítica tem chamado a atenção para a coincidência de Virginia ter publicado seu romance-com-ilustrações no mesmo ano em que André Breton lançou na França *Nadja*. Neste, “a abundante ilustração fotográfica [47 no total] tem como fim eliminar toda descrição” (para retomar as próprias palavras do poeta surrealista em 1962). A semelhança entre os dois romances não para aí, pois o francês pode ser também considerado como longa e encantadora carta de amor do surrealista à sua amiga Léona Delcourt,¹² que trabalhou em bares e cabarés, tendo chegado a traficar cocaína.

Ao lembrar o clima biográfico e amoroso de *Orlando*, há que se citar também um dos textos mais coruscentes da ficção lésbica anglo-saxã, que é *A autobiografia de Alice B. Toklas*, de Gertrude Stein. (Alice era a secretária californiana com quem Gertrude vive toda a vida.) Desrespeitando a regra básica do gênero de memórias, em que autor do livro, narrador e personagem têm de ser o mesmo, ao leitor é oferecida uma *autobiografia de Alice* escrita por Gertrude, projeto possivelmente

sugerido por *Orlando*, biografia de Vita escrita por Virginia, já que aquele fora publicado cinco anos depois do romance da britânica. Por ocasião do lançamento do livro de Gertrude, a jornalista Janet Gaynor esclarecerá que “sem dúvida, qualquer autobiografia de uma será, necessariamente, uma biografia da outra”. Frase que pode ser válida para *Orlando*, embora este – por ter-se inserido no gênero ficção – não tenha necessidade de obedecer à regra básica do gênero memórias. A autora do livro (Virginia) é diferente do Narrador (anônimo) que, por sua vez, é diferente do/da protagonista (Orlando/Vita).

Também curioso é o fato de que a relação entre as duas obras resvala para a figura pioneira de Daniel Defoe, citado pelas duas no momento da gênese das respectivas narrativas. Alice lembra conversa que Gertrude manteve com ela: “Cerca de seis meses atrás Gertrude Stein disse, me parece que você não vai nunca escrever essa autobiografia. Sabe o que eu vou fazer? Vou escrever para você. Vou escrever com a mesma simplicidade com que Defoe fez a autobiografia de *Robinson Crusoé*. E ela escreveu e aqui está”.

• • •

Se apreciado da perspectiva temporal e espacial encenada originalmente pelo romance e assinalada desde o parágrafo de abertura deste prefácio, aconselha-se que o romance seja analisado em vertical, e não em planos superpostos horizontalmente, ou seja, em capítulos, de que pode ser exemplo qualquer privilégio dado ao capítulo III, quando se opera de maneira definitiva a transformação do rapaz em moça. Analisado em vertical, repito, a grande qualidade e a atualidade de *Orlando*, sua originalidade não está na oscilação entre os pronomes *ele* e *ela*, “conforme a convenção” (alerta o Narrador à p. 94); está, antes, no fato de que – contrário à convenção, acrescento – a *identidade* do/da protagonista é paradoxalmente plural.¹³ Assim sendo, a complexa personalidade de Orlando só poderá ser recoberta – numa leitura crítica em vertical como a que está sendo proposta – não pela oscilação entre *ele* e *ela*, mas pelo pronome “*they*”, em inglês. Orlando é *they*. Do pronome em terceira pessoa plural, na língua inglesa, se subtraíram as marcas particulares e excludentes de gênero (*gender*), a fim de que todos os gêneros ali se confraternizassem (se realizassem) num processo de alongamento

permissivo da dimensão temporal pela contraditória contração da dimensão espacial. A apreensão do movimento amplo e em vertical do texto não visa a serenar o disparatado Orlando, equilibrando as forças opostas e contraditórias pela intuição redentora (“Era como se os confortos da ignorância lhe tivessem sido terminantemente negados”, lemos à p. 106); visa a acentuar a riqueza dramática duma vida submersa numa “experiência das mais desconcertantes e vertiginosas” (p. 106).

As dimensões de tempo e de espaço se desvencilham – pela invenção do protagonista Orlando – de todo e qualquer enquadramento imposto ao corpo humano pela mixagem do instante com o local e pelo cerceamento da cronologia pela cartografia. Através de Orlando, se sobrepõe à História oficial (ou seja, se sobrepõe à narrativa masculina do progresso nacional ou à recente narrativa feminina de mesmo fim) a invenção de uma História moderna do Ocidente completa na sua incompletude. O romance sobrepõe à História oficial a história do indivíduo *queer*, cortada em vertical e de viés, cuja feitura e leitura se dão pelo apego às particularidades revolucionárias propostas pelo percurso inédito do protagonista na modernidade ocidental.

A bizarrice (*queerness*) não está apenas na caracterização de Orlando, ou seja, ela não apreende apenas a identidade psicológica e múltipla do protagonista. A *queerness* também direciona o propósito estratégico do romance, que é o de fazer incidir sobre os 36 anos do corpo humano os mais de 300 anos do corpo do mundo. Elizabeth Freeman anota: “Mas a ideia mais interessante de *Orlando*, para os meus propósitos, é a de que a própria figura protagonica experimenta a mudança histórica como um conjunto de sensações diretamente corpóreas e, com frequência, sexuais”.¹⁴

A narrativa de Virginia quer sincronizar as mudanças históricas com as sensações corpóreas e sexuais do/da protagonista. Quer sincronizá-las pela assimetria, e não pela adaptabilidade aos modelos vigentes. A essa nova história, Freeman dá o nome de erotohistoriografia, ou seja, a que descreveria através do texto ficcional *queer* a possibilidade de um historicismo tátil. Daí a importância, no desenvolvimento dramático do tema da mão, que aparece logo nas páginas iniciais do romance. Orlando é apresentado à rainha Elizabeth: “Tão grande era a sua timidez que dela não via mais que as mãos cheias de anéis, imersas na água; mas era o bastante.

Era uma mão memorável; uma mão fina, com dedos longos, sempre se arqueando, como se em volta de orbe ou cetro; uma mão nervosa, retorcida, malsã; uma mão imperiosa também [...].” (p. 16-17). Se Orlando a reconhece pela mão, ela, por seu turno, o reconhecerá pela cabeça: “Mas se é possível de uma mão deduzir um corpo, conhecendo-se todos os atributos de uma grande rainha – irritabilidade, coragem, fragilidade e terror – uma cabeça observada, do alto do trono por uma dama [...] pode com certeza ser igualmente fértil” (p. 17).

Lembre-se que, em português, “bizarrice” é substantivo tão variado e rico semanticamente quanto Orlando. Ao adjetivar o modo de vida, a *bizarrice* soma coragem, elegância, excentricidade, fanfarrice e prodigalidade. Assim informa o dicionário e assim subscrevemos o significado do conceito com a intenção de melhor compreender as descontinuidades da História oficial tal como se encontram, tal como são inscritas no corpo bizarro de Orlando. Revelada a assincronicidade (ou a sincronização pela assimetria), a narrativa *queer* desterritorializa os fatos históricos. Destituídos da verdade cronológica e única que lhes foi imposta pela historiografia tradicional, eles perdem a consensualidade vitoriosa e unívoca e podem ser compreendidos pelo viés do sentimentalismo e da plena homossociabilidade.

Depois de se transformar em mulher, Orlando descobre o potencial infinito dos sentimentos ao amar não a um homem, mas a uma mulher (a cossaca Sasha). A experiência *queer* enriquece, e como! a vida sentimental do homem bronco que ele fora em passado não tão remoto. Leiamos: “embora ela própria [Orlando] fosse mulher, era ainda de mulher que ela gostava; e se a consciência de ser do mesmo sexo do objeto dessa preferência tinha qualquer efeito era o de reavivar e aprofundar aqueles sentimentos que tivera quando homem. Pois mil sinais e mistérios que lhe eram então obscuros agora se tornavam claros. Agora, a obscuridade, que divide os sexos e deixa pairar inumeráveis impurezas em suas trevas, fora afastada [...]” (p. 109).

• • •

Ser gay é, creio, não se identificar com os traços psicológicos e as máscaras visíveis do homossexual, mas buscar definir e desenvolver um modo de vida.¹⁵

Em conhecida entrevista concedida por Michel Foucault em 1981 aos redatores da revista mensal *Gai Pied*, de onde extraímos a citação acima, o pensador francês julgou que era chegado o momento de questionar os princípios hedonistas que fundamentavam o pensamento gay a fim de armar a discussão futura com base em novas propostas filosóficas e éticas. Estas, ao final, acabaram por sepultar o pensamento gay e a fundamentar a teoria *queer*, que será lenta e laboriosamente desenvolvida por estudiosos acadêmicos nas décadas seguintes. Se Foucault é quem dá o alerta, *Orlando* tornou-se o importante precursor e notável exemplo da teoria *queer*.

De início, Foucault questiona tanto a pergunta sobre a “identidade”, que então governava o programa político homossexual, como também outra, decorrente da primeira, que visava a revelar o “segredo” que explica a relação amorosa entre homens. Não questionava o rigor das perguntas sobre a identidade e o segredo, mas antes o equívoco de um “programa” que estava em vias de se transformar – graças ao papel desempenhado pela revista – em “lei”. E, na condição de lei, o programa impunha – no dizer de Foucault – “a proibição de inventar”. Se houvesse necessidade de estabelecer um programa, este deveria se propor a todos, indiscriminadamente, como “vazio”.

Vale dizer que uma publicação de vanguarda como *Gai pied* não deveria insistir numa política homossexual de jovens para jovens, de corpos belos para corpos belos, com exclusão de outras idades e de figuras menos apolíneas. Deveria “tornar possível uma cultura homossexual” que, ao fornecer as indispensáveis ferramentas para a discussão, arrolaria questões menos restritivas, mais generosas e, se couber o adjetivo, mais universais. Indaga Foucault: “Através da homossexualidade, que relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas?” A homossexualidade deixaria de ser pensada como forma de desejo para se transformar em algo de desejável. O que desconcerta as pessoas – continua Foucault – é menos o ato sexual em si e mais um “modo de vida” homossexual, que se exprime pelo afeto, pela ternura, pela camaradagem e pelo companheirismo, enfim, pela amizade, para retomar o conceito que se torna chave.

Notável é o modo como pouco a pouco *Orlando* – no processo de leitura – se desloca da guarda objetiva e anônima do Narrador e da

condição genérica de *biografia* para se tornar mais e mais a dramatização de um modo de vida *queer* que se evade tanto das muralhas defendidas pelos militantes da revista *Gai pied* quanto do cânone realista bem aparelhado para o romance ocidental desde o século XVIII. Ao escapar e se evadir de narrativas privilegiadas pelo *status quo* e pela baixa taxa de inventividade, o modo de vida descrito por Orlando ganha a proporção de investigação inédita da experiência contemporânea, que, talvez por ter sido considerada plena pelo hedonismo e, ao mesmo tempo, proibida pelo Estado, era pouco explorada pelo saber e, como tal, terra ignota. Trata-se de um modo de vida vazio de conteúdo epistemológico, embora – desde sempre – repleto de experiências concretas.

Faltava dar palavra a essas antigas experiências que, na atualidade das várias literaturas nacionais, se enriqueciam por novos projetos ficcionais multifacetados e bem modulados. Ao final do século XX e princípios do século XXI, essas invenções – literárias e artísticas, de que, repito, *Orlando* passou a ser exemplo – eclodem de maneira organizada e complementar, açulando – como alertava Foucault – os defensores da moralidade pública, já assumidos como politicamente corretos no tocante à tolerância do ato sexual dito *contra naturam*, se dado como consensual. É menos o ato sexual em si que passou a desconcertar as pessoas.

Mas existe outra obscuridade, diversa da que separa os sexos e os identifica isoladamente, e que também redonda em impurezas que perduram à sua sombra. A obscuridade que separa as classes sociais, acantonando-as. A zona de desconforto do bem-estar socioeconômico é trabalhada por *Orlando* com ferramentas idênticas às de que se vale para destrinchar a identidade sexual do/da protagonista. *Orlando* questiona outra forma de obscuridade para remover sua sombra do nosso horizonte.

Nesta análise, deu-se preferência à dimensão temporal. Agora, seria importante que nos detivéssemos na dimensão espacial tal como trabalhada no romance, orientando-nos para a análise do modo de vida bandoleiro que Orlando assume e experimenta, muitas vezes à noite. Orlando *descentra* a organização social proposta pelo mero relato histórico dos Sackville-West, família de aristocratas plantados desde os seiscentos na Knole House.

O protagonista Orlando invade território alheio ao seu e aos seus. Ao ritmo da comichão da sexualidade, as transgressões de território acabam

por ser desorientadoras do princípio de isolamento em classes, prevalente na sociedade inglesa, proporcionando uma quebra de fronteiras, ou seja, uma zona de *cruzamento* que escapa das análises clássicas de classe social. Se a desunião e a luta entre as classes fortalece o estudo meramente sociológico e marxista da literatura, sua desconstrução é tarefa assumida pela literatura *queer* e pela crítica dela derivada.

Orlando: Uma biografia abre “geografias de resistência”, para usar o termo de Judith Halberstam, que raramente são mapeadas pelos compêndios de Sociologia ou pela crítica marxista da literatura. Nesse sentido, é indispensável referir-se ao recente estudo de Samuel R. Delany, *Times Square Red, Times Square Blue* (New York/London: New York University Press, 1999), em que o acadêmico e escritor norte-americano descreve e analisa o modo como se comunicam as diferentes classes sociais e as diferentes etnias em estabelecimentos de entretenimento na famosa rua 42 de Manhattan, conhecida como Times Square. Observa Halberstam na sua leitura: “No livro de Delany, as práticas sexuais geoespecíficas que ele descreve pertencem às interações entre homens de diferentes classes e raças nas lojas e nos cinemas pornô de Nova York”.

No contexto levantado por Delany, torna-se indispensável valer-se do romance de Virginia, por ele propor – num universo totalmente diferente ao do pequeno-burguês urbano, norte-americano – um modo de comportamento sexual semelhante ao que é estudado sob a forma de “comunidades de contato” (*cross-class contact*). No tocante ao gosto de Orlando, o duque, está o bom exemplo da preferência dos aristocratas por estabelecimentos plebeus. Seria importante contrastar – e o contraste é proposto nas páginas iniciais do romance – o universo nobre da Knole House ao do mundo do trabalho e da festa popular que a rodeia, de que é exemplo a escadaria, conhecida como Wapping Old Stairs, com suas cervejarias.

O texto é explícito na caracterização das preferências de Orlando: “o rosto da filha de um estalajadeiro parecia mais fresco que o das damas da corte e a presença de espírito da sobrinha de um guarda-caça mais ágil que a delas” (p. 20-21). A valorização do sangue plebeu o leva “a ir com frequência, à noite, às Wapping Old Stairs e às cervejarias, envolto numa capa cinza para esconder a estrela pendurada no pescoço e a jarreteira em volta do joelho” (p. 21). A organização da sociedade inglesa pelo poder da

realiza e da aristocracia começa a despencar pelo modo de vida transgressor, assumido por Orlando. Na estalagem, o duque também se aproxima dos marinheiros rudes e se encanta com as histórias “de tribulação e horror e crueldade passadas no mar das Antilhas”, que narram “como alguns tinham perdido os dedos dos pés, outros, o nariz” (p. 21).¹⁶

A fala fácil e a lábia de marinheiros rudes continuam a transtornar os prazeres de Orlando e, se lhe causam ciúmes, não lhe causam temores. A bela russa Sasha, seu grande amor, escapa-lhe dos braços e foge para o navio moscovita que estava ancorado no Tâmis. Orlando corre-lhe atrás e vê que um rapaz da tripulação lhe oferece ajuda. Descem os dois para as partes inferiores da embarcação. Orlando espera em vão. Cansado de esperar a amada, continua a correr-lhe atrás e vê o que não quer: “Viu Sasha no colo do marinheiro; viu-a inclinando-se contra ele; viu-os se abraçarem antes de a luz ser obscurecida pela nuvem rubra de sua raiva” (p. 34). A figura do marinheiro é a de uma “peluda fera dos mares”, assim descrito pelo Narrador, se admirando ao lado de Sasha: “tinha, descalço, mais de um metro e oitenta de altura; usava argolas de arame nas orelhas; e parecia um cavalo de carga sobre o qual uma cambaxirra ou um tordo tivesse pousado” (p. 35).

Quando as informações biográficas escasseiam, como nos anos em que o duque Orlando viveu em Constantinopla, as histórias de *cross-class contact* crescem em número. Bom exemplo seria o já mencionado casamento do Cavaleiro da Ordem da Jarreteira com Rosina Pepita, “dançarina, pai desconhecido, mas tido como cigano, mãe também desconhecida, mas tida como vendedora de ferro velho no mercado em frente à ponte Gálata” (p. 89), ou ainda as suas mil e uma aventuras com a tribo de ciganos.

• • •

Sem dúvida, *Orlando: Uma biografia* causará ainda rebuliço nestes anos em que a sociedade é julgada permissiva pelos conservadores e os costumes se beneficiam da tolerância que só é invocada pelos bem-pensantes nos momentos de crise. O romance de Virginia Woolf convida o leitor a evitar o vocábulo “tolerância”. Este resguarda a ideia de desigualdade sob a forma de generosidade do privilegiado. A institucionalização dos direitos libertários e civis deve acentuar não a

tolerância, mas a pluralidade – de que o romance é exemplo maior. Pensar, por exemplo, que o corpo de Orlando se monta e se reinventa a cada dia, a cada ano, a cada século, como a série de esculturas *Bichos*, de Lygia Clark. No contato com as mãos do mundo, *Orlando*, o romance, se monta e se reinventa por um delicado e sutil sistema de dobradiças, que guardam as possibilidades infinitas do jogo entre a flexibilidade e o rigor.

¹ No mesmo ano, 1928, é publicado na Inglaterra o romance lésbico *O poço da solidão*, de Radclyffe Hall, que conhece grande sucesso na tradução ao português publicada pela Editora Globo (Porto Alegre).

² *In a Queer Time and Place: Transgender Bodies, Subcultural Lives*. Nova York: NYU Press, 2005. Agradeço as indicações de leitura feitas por Denilson Lopes.

³ Cf.: Ian Watt, *A ascensão do romance: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding* (São Paulo: Companhia das Letras, 2010): “[...] Defoe iniciou na ficção uma nova e importante tendência. Proposta por ele, a subordinação total da trama ao padrão da narrativa autobiográfica é afirmação tão desafiadora sobre a primazia da experiência individual no romance quanto o cogito ergo sum de Descartes o foi na filosofia”. Lembre-se que, em 1927, Virginia escreve no seu *Diário* que planeja escrever “uma narrativa no gênero de Defoe para se divertir”. *Orlando* era então apenas um desejo.

⁴ “Feliz a mãe que gera a vida de alguém assim; mais feliz ainda o biógrafo que a registra! Ela nunca precisará se atormentar; ele nunca sentirá a necessidade de invocar a ajuda de romancista ou poeta” (p. 12).

⁵ Cite-se ainda: “Mas o biógrafo, cujos interesses são, como dissemos, altamente restritos, deve se limitar a uma simples afirmação: quando um homem atinge a idade de trinta anos, como é o caso de Orlando agora, o tempo, quando ele está pensando, torna-se excessivamente longo; quando está agindo, excessivamente curto” (p. 66).

⁶ Cf.: “A verdade é que Orlando vinha sendo afligido pelo mal [de escrever] havia muitos anos. Nunca nenhum menino implorou tanto por maças quanto Orlando implorava por papel; nem por doces quanto ele por tinta” (p. 52).

⁷ O Narrador tem sua teoria sobre Orlando e o fracasso da escrita. Está expressa desde as páginas iniciais do romance. Diz ele: “O verde na natureza é uma coisa, o verde na literatura, outra. A natureza e as letras parecem nutrir uma mútua e instintiva antipatia; junte-as e uma destruirá a outra. O matiz de verde que Orlando via agora estragava-lhe a rima e quebrava-lhe o metro” (p. 13). Não é gratuito que o poema de Orlando seja sobre o carvalho, que domina a paisagem britânica, como o buriti a das Gerais de Guimarães Rosa.

⁸ Em 1925, Virginia escreve, no diário, palavras sobre sua relação com Vita que se tornaram clássicas: “Qual é o efeito de tudo isso em mim? Muito variado. Há a maturidade dela, seus seios fartos, o fato de enfrentar as marés com as velas enfunadas enquanto eu trafego lentamente junto à costa; sua capacidade de tomar a palavra em qualquer ambiente, de representar seu país, de visitar Chatsworth [palácio rural, propriedade dos Duques de

Devonshire], de controlar a prataria, os criados, os cachorros; o fato de ser mãe (embora algo fria e impaciente com os meninos), de ser realmente (o que nunca fui) uma mulher de verdade”.

9 Naquele capítulo, Virginia diverte-se com documentos esburacados, como já vimos, e com a avó de Vita. Leia-se o episódio do casamento de Orlando, Cavaleiro da Ordem da Jarreteira, com “Rosina Pepita, dançarina, pai desconhecido, mas tido como cigano” (p. 89).

10 Assinale-se que Vita publica em 1922 a saga familiar: *Knole and the Sackvilles* (New York: George H. Doran). No prefácio, datado de maio/julho de 1922, ela declara: “Os seguintes esboços de Knole e de seus proprietários não pretendem ser exaustivos nem detalhados. Não sou nenhuma erudita; tudo o que tenho é conhecimento pessoal”. A história da família em livro pode ser lida na internet (<<http://goo.gl/g7YVhK>>).

11 Ambas as citações foram retiradas do livro já citado de Judith Halberstam. Observar que a segunda citação precede uma reflexão da autora sobre Mrs Dalloway e sua reescrita por Michael Cunningham, o romance *As horas*.

12 Especialistas em Breton dão a fotografia “Seus olhos de avenca...” como retratando os de Léona. No século XXI, a crítica tem também aproximado *Nadja* – e acrescentemos, neste posfácio, *Orlando* – dos livros-com-fotos de G. W. Sebald, em particular *Austerlitz* (2001). Este, por sua vez, será citado por Patti Smith como tendo lhe inspirado o uso das fotos de Robert Mapplethorpe em *Só garotos* (2010). Contra todos esses inovadores há que lembrar as palavras de Alain Robbe-Grillet, romancista da *école du regard*, que desanca Breton e o uso de fotos. Seus livros, em particular o mais original deles, *O ciúme*, centram a análise psicológica da protagonista e dos personagens na descrição minuciosamente fotográfica do ambiente (v. *Pour un nouveau roman*, 1963).

13 Cf. “A mudança de sexo, embora lhe alterasse o futuro, em nada contribuiu para lhe alterar a identidade. O rosto, como provam seus retratos, continuava praticamente o mesmo” (p. 93). A identidade não se altera com a mudança de gênero. Não se redefine, pois, por meras “fantasias”. Redefine-se ao açambarcar o além das restrições impostas por distinções radicais. Traz em si a capacidade de desmanchar ou de apagar fronteiras comportamentais estreitas. A divertida passagem em que o Duque se traveste de Duquesa Harriet para se aproximar apaixonadamente de Orlando e se revelar homem (p. 76) é bom exemplo do que Orlando não é. Os meios justificam o fim: “para atingir seus objetivos, [o duque] se vestira de mulher” (p. 120).

14 *Times Binds: Queer Temporalities, Queer Histories* (Durham/Londres: Duke, 2010, p. 107). O menos desculpável dos defeitos do filme de Sally Potter baseado em *Orlando* é o de ter substituído a narrativa-do-corpo do protagonista por uma leitura psicológica da vida humana. O filme vem dividido em partes semiautônomas (morte, sexo, amor, etc.) e transporta a trama original de Virginia para o espaço do romance francês precioso, que se inspira na famosa *Carte du Tendre*, mapa na qual os sentimentos humanos são representados de maneira cartográfica e alegórica.

15 Michel Foucault, “De l’amitié comme mode de vie” (1981).

16 Evidentemente, o Narrador discorda do comportamento permissivo de Orlando. À semelhança do movimento de gentrificação que transforma Times Square em local de entretenimento para a família sadia, ele intervém no romance e conforma o transgressor Orlando ao *status quo*,

invocando como positivos os valores da pureza elisabetana: “é preciso lembrar que o crime e a pobreza não tinham, para os elisabetanos, nada da atração que têm para nós” (p. 22).

Copyright da tradução © 2015 Tomaz Tadeu Copyright © 2015 Autêntica Editora

Título original: Orlando: A Biography

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL

Rejane Dias

EDITORA ASSISTENTE

Cecília Martins

ASSISTENTE EDITORIAL

Rafaela Lamas

REVISÃO *Cecília Martins*

CAPA

Diogo Droschi (Sobre Fritillaria, 1915, aquarela, Charles Rennie Mackintosh. © The Hunterian, University of Glasgow 2015)

DIAGRAMAÇÃO

Christiane Morais Waldênia Alvarenga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Woolf, Virginia, 1882-1941.

Orlando : uma biografia / Virginia Woolf ; tradução e notas Tomaz Tadeu ; posfácio Silviano Santiago. -- 1. ed. --
Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2015.

Título original: Orlando: A Biography

ISBN 978-85-8217-628-3

1. Romance inglês I. Santiago, Silviano. II. Título.

15-05333 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura inglesa 823

[Grupo Autêntica](#)

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar Funcionários . 30140-071 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401

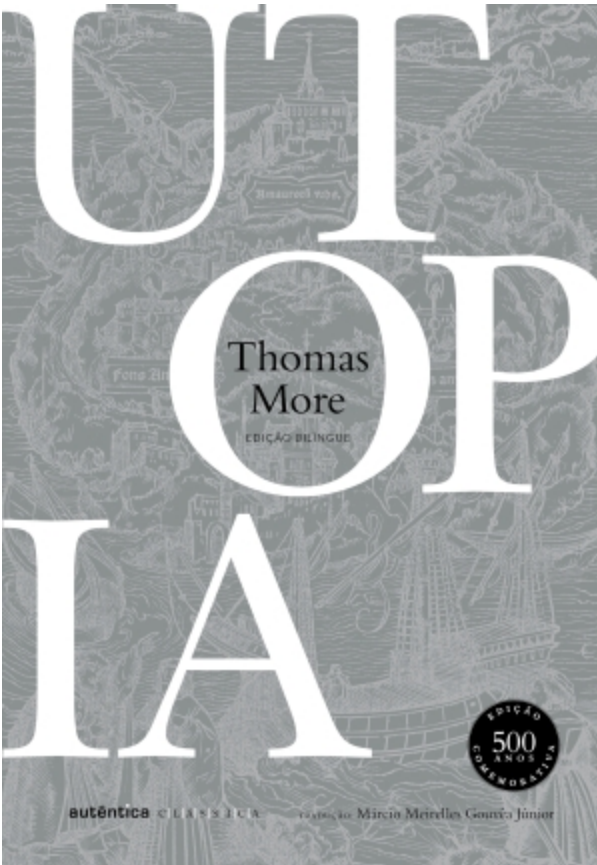
Centro . 20030-080

Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2301 . Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468



Utopia - Bilíngue (Latim-Português)

More, Thomas

9788551306253

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Edição comemorativa dos 500 anos da Utopia! Bilíngue e com capa dura, é a primeira tradução brasileira da obra feita diretamente do latim. Com a publicação da Utopia, em 1516, Thomas More criou uma das palavras mais ricas, debatidas e controversas de nosso vocabulário. Construído como uma narrativa de viagem, gênero de longa tradição literária, o livro dá voz ao navegante português Rafael Hitlodeu, que, em latim humanista, critica as instituições inglesas para, em seguida, descrever a ilha de Utopia, que conseguiu criar uma sociedade próxima do ideal, valendo-se do conhecimento existente na época, sem qualquer poder sobre-humano. A meio caminho entre a literatura e a filosofia, na zona de passagem entre um não lugar que nega nossas misérias e um bom lugar que as torna talvez mais insuportáveis, a utopia de More é um patrimônio cultural tão rico que não cabe apenas no espaço comprimido da tradição acadêmica que a quer domesticar. Ao pensar uma sociedade viável, cria um instrumento crítico com o qual

podemos medir nossa realidade. O posfácio não debate filosoficamente a construção de More, mas passeia de modo livre pelo passado, presente e futuro da utopia (e sua gêmea má, a distopia), demonstrando assim a potência que se gera quando nos deparamos com – ou criamos – o termo certo.

[Compre agora e leia](#)



REDISCUTINDO A MISTIÇAGEM NO BRASIL

Identidade nacional
versus
identidade negra

Kabengele Munanga



Ministério da Cultura
Negra e
Identidades

autêntica

Rediscutindo a mestiçagem no Brasil

Munanga, Kabengele

9788551306024

152 páginas

[Compre agora e leia](#)

É à luz do discurso pluralista emergente (multiculturalismo, pluriculturalismo) que a presente obra recoloca em discussão os verdadeiros fundamentos da identidade nacional brasileira, convidando pesquisadores da questão para rediscuti-la e melhor entender por que as chamadas minorias, que na realidade constituem maiorias silenciadas, não são capazes de construir identidades políticas verdadeiramente mobilizadoras. E essa discussão não pode ser sustentada sem que se coloque no bojo da questão o ideal do branqueamento, materializado pela mestiçagem e seus fantasmas.

[Compre agora e leia](#)

Marcelo de Carvalho Borba
Helber Rangel Formiga Leite de Almeida
Telma Aparecida de Souza Gracias

PESQUISA EM ENSINO E SALA DE AULA

DIFERENTES VOZES
EM UMA INVESTIGAÇÃO

Prefácio de Tania C. de Araújo-Jorge

COLEÇÃO TENDÊNCIAS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

autêntica

Pesquisa em ensino e sala de aula

de Borba, Marcelo Carvalho

9788551306130

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pesquisa em ensino e sala de aula: diferentes vozes em uma investigação não se trata apenas de uma obra sobre metodologia de pesquisa: neste livro, os autores abordam diversos aspectos da pesquisa em ensino e suas relações com a sala de aula. Motivados por uma pergunta provocadora, eles apontam que as pesquisas em ensino são instigadas pela vivência dos professores em suas salas de aula, e esse "cotidiano" desperta inquietações acerca de sua atuação, de sua formação, entre outras. Ainda, os autores lançam mão da metáfora das "vozes" para indicar que o pesquisador, seja iniciante, seja experiente, não está sozinho em uma pesquisa, uma vez que ele "escuta" a literatura e os referenciais teóricos, os entrelaçando com a metodologia e os dados produzidos.

[Compre agora e leia](#)



SEM PERDER A RAIZ

Corpo e cabelo como símbolos
da identidade negra

Nílma Lino Gomes



autêntica

Sem perder a raiz

Gomes, Nilma Lino

9788551306031

406 páginas

[Compre agora e leia](#)

O cabelo é analisado na obra de Nilma Lino Gomes não apenas como parte integrante do corpo individual e biológico, mas, sobretudo, como corpo social e linguagem, como veículo de expressão e símbolo de resistência cultural. É nessa direção que a autora interpreta as ações e atividades desenvolvidas nos salões étnicos de Belo Horizonte a partir da manipulação do cabelo crespo, baseando-se nos penteados de origem étnica africana, recriados e reinterpretados, como formas de expressão estética e identitária negra. A conscientização sobre as possibilidades positivas do próprio cabelo oferece uma notável contribuição no processo de reabilitação do corpo negro e na reversão das representações pejorativas presentes no imaginário herdado de uma cultura racista. Kabengele Munanga Professor titular do Departamento de Antropologia da USP

[Compre agora e leia](#)

João Pedro da Ponte
Joana Brocardo
Hélia Oliveira

INVESTIGAÇÕES MATEMÁTICAS NA SALA DE AULA

COLEÇÃO TENDÊNCIAS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

autêntica

Investigações matemáticas na sala de aula

da Ponte, João Pedro

9788551305867

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro, os autores – todos portugueses – analisam como práticas de investigação desenvolvidas por matemáticos podem ser trazidas para a sala de aula. Eles mostram resultados de pesquisas ilustrando as vantagens e dificuldades de se trabalhar com tal perspectiva em Educação Matemática. Geração de conjecturas, reflexão e formalização do conhecimento são aspectos discutidos pelos autores ao analisarem os papéis de alunos e professores em sala de aula quando lidam com problemas em áreas como geometria, estatística e aritmética.

[Compre agora e leia](#)